O FINDAR DO TEMPO

J. KRISHNAMURTI
DAVID BOHM

EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA DO LIVRO "O FIM DO TEMPO PSICOLÓGICO"

O Findar do Tempo

JIDDU KRISHNAMURTI
E DAVID BOHM

Originalmente publicado como
"O Fim do Tempo Psicológico"
sem os acréscimos desta edição.

Conteúdo

Estes diálogos entre Jiddu Krishnamurti e o físico teórico David Bohm começaram por abordar a origem do conflito humano. Ambos concordaram em atribuir isto à natureza separatista e presa ao tempo do "eu" e à forma com que ela nos condiciona a confiar erroneamente no pensamento, que está baseado na experiência passada inevitavelmente limitada. A possibilidade do insight que terminará com esta mentalidade defeituosa foi discutida em profundidade. O foco então mudou para uma investigação do significado da morte, e uma discussão investigando as razões do ser e o lugar da consciência no universo. Os diálogos finais revisam o vínculo profundo que Krishnamurti e Bohm viram entre estas questões essenciais e a vida do dia a dia, e o que podemos fazer sobre as barreiras que se encontram no caminho.

O background dos dois homens dificilmente poderiam ser mais diferentes. Nascido na Índia, Jiddu Krishnamurti, aos 13 anos, foi escolhido pela Sociedade Teosófica para ser um "veículo" para o Instrutor do Mundo, um papel que ele renunciou firmemente aos 34 anos. Sem nenhuma educação formal, ele então viajou pelo mundo dando palestras e entrevistas até os 90 anos. Rejeitando qualquer forma de título profissional para si mesmo, e até mesmo qualquer forma de descrição formal das suas palestras, ele falou para suas audiências "como um amigo" e rejeitou qualquer autoridade, urgindo aos ouvintes testar a verdade de suas palavras em suas vidas diárias. Meditação e seus insights eram para Krishnamurti o modo de viver.

Nascido nos Estados Unidos, David Bohm, um dos proeminentes físicos teóricos do século XX, graduou-se pela Faculdade Estadual da Pensilvânia e, obteve, aos 26 anos, seu doutorado em Física pela Universidade da Califórnia, Berkeley, sob a direção de Robert Oppenheimer. Ele, então, ensinou em Princeton, trabalhando próximo a Einstein. Por causa da

lista negra, no tempo da era de McCarthy, sob a alegação de simpatia pró-comunista, ele foi forçado a deixar os Estados Unidos e assumiu um posto na Universidade de São Paulo, no Brasil. Completou sua carreira como professor de Física Teórica na Faculdade de Birkbeck, Universidade de Londres. Foi um autor prolífico de trabalhos em Física e esteve engajado em pesquisa pioneira até sua morte.

Este livro foi preparado a partir dos diálogos que aconteceram entre Jiddu Krishnamurti e Professor David Bohm na América e na Inglaterra entre abril e setembro de 1980. Em certas ocasiões, outras pessoas estiveram presentes, e suas contribuições ocasionais às discussões, a menos que estejam discriminadas, estão especificadas como "Interrogante" e não aos indivíduos pelo nome.

O apêndice que forma a segunda parte do livro consiste de duas conversas, ocorridas em 1983, entre Bohm e Krishnamurti sobre o futuro da humanidade. Embora as conversas contenham este tópico novo e diferente, elas foram incluídas no livro porque exploram discussões que desenvolvem alguns pontos cruciais dos diálogos do "Findar do Tempo".

David Skitt, 2014

O Findar do Tempo

Prefácio

Em março de 2013 apareceu nas telas de TV do mundo, um notável mapa do estado do universo, 380.000 anos após o Big Bang. O interesse público por esta imagem "infantil" brilhou, mas rapidamente diminuiu, talvez porque após décadas de exploração humana do espaço, tomamos estas descobertas como rotineiras. O Telescópio Espacial Hubble por anos enviou fotografias impressionantes, muitas vezes fotos lindas de galáxias distantes, mostrando convulsões massivas de energia a bilhões de anos-luz de distância.

Agora que estas paisagens extraordinárias estão sendo reveladas para nós, talvez não seja surpresa que um número de filósofos e cientistas assumiram a questão essencial do lugar da consciência humana no universo. O que podemos ver e aprender a partir do cosmos claramente levanta questões desafiantes e perturbadoras. Há bastante tempo, Blaise Pascal, o cientista e escritor religioso francês, achava o espaço infinito "assustador", e no nosso tempo o biólogo evolucionista Richard Dawkins assegurou-nos que o universo "não se importa" com as preferências humanas – uma questão que Jiddu Krishnamurti e o físico David Bohm discutiram no O Findar do Tempo. A vasta extensão de tempo e distância do universo também parece tornar quase insignificante qualquer investigação profunda de sua dimensão por mentes de uma pequena "terceira rocha a partir do sol".

O filósofo Thomas Nagel resumiu bem, em seu livro Mente e Cosmos, a modéstia requisitada para lidar com esse

assunto, mas também os argumentos para uma continuidade da investigação:

> Eu gostaria de estender as fronteiras do que não é considerado como impensável, à luz do quão pouco realmente entendemos a respeito do mundo.... É perfeitamente possível que a verdade esteja além do nosso alcance, em virtude das nossas limitações cognitivas intrínsecas, e não apenas além de nossa compreensão no atual estágio de desenvolvimento intelectual da humanidade. Mas creio que não possamos saber isto, e isso é que dá sentido para continuar buscando um entendimento sistemático de como nós e outros seres vivos se encaixam no mundo.[1]

E o neurocientista Christof Koch, em seu livro Consciência: Confissões de um Reducionista Romântico, argumentou audaciosamente

> que o cosmos inteiro está permeado com senciência. Estamos rodeados e imersos em consciência; ela está no ar que respiramos, no solo que pisamos, nas bactérias que colonizam nossos intestinos, e no cérebro que nos possibilita pensar.[2]

1. Thomas Nagel, Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature Is Almost Certainly False (New York: Oxford University Press, 2012).

2. Christof Koch, Consciousness: Confessions of a Romantic Reductionist (Cambridge, MA: MIT Press, 2012).

Ambos, Thomas Nagel e Christof Koch refletiram em

suas perspectivas uma disposição de expandir, cada um a sua maneira, os horizontes da mente humana, e foi neste original clima de investigação inovadora que os diálogos do "Findar do Tempo" entre Jiddu Krishnamurti e David Bohm naturalmente se encaixaram. Krishnamurti, de sua parte, levantou os argumentos psicológicos da necessidade das ilusões separativas do eu extinguirem-se, antes da mente poder mergulhar profundamente em assuntos como o lugar do ser humano no cosmos. E ele e Bohm discutiram, em detalhes, a causa destas ilusões, e particularmente o conflito que elas engendram. Mas ele também continuou argumentando fortemente que o exame racional pode limpar o caminho para o insight profundo e transformador nesta questão. Esta exploração profunda tem implicações nas nossas vidas diárias? Krishnamurti afirmou que ela tem; o ser humano não tem que ser uma testemunha tímida, um exilado atemorizado ou perplexo no universo. O que o fim deste "exílio psicológico" pode significar para a humanidade foi investigado em profundidade.

Nesta nova edição ampliada, mais dois diálogos foram adicionados aos treze do livro anterior. Esta edição completa também contém, em um apêndice, dois diálogos posteriores em uma parte intitulada "O Futuro da Humanidade", a qual David Bohm descreveu em um prefácio tanto como uma ampliação quanto para servir possivelmente como uma introdução àqueles do O Findar do Tempo. No entanto, os editores sentiram que a distinção feita entre cérebro e mente no segundo destes diálogos poderia concluir mais produtivamente a série toda. Os leitores estão convidados a fazer sua própria escolha.

O estudo destes quinze diálogos, também será beneficiado pela combinação da leitura deste livro com a audição de suas gravações de áudio. Há frequentemente nestas gravações pausas que permitem ponderar sobre o que está sendo dito, algumas vezes também toques de humor, e uma investigação

cuidadosa e constante de ambos, Jiddu Krishnamurti e David Bohm, para encontrar as melhores palavras para as suas colocações. Por favor, visite www.jkrishnamurti.org para uma seleção de gravações de áudio disponíveis para download.

David Skitt

1

As Raízes do Conflito Psicológico

Ojai, Califórnia, 1° de abril de 1980.

KRISHNAMURTI: Como começaremos? Gostaria de perguntar se a humanidade tomou uma direção errada?

DAVID BOHM: Uma direção errada? Bem, ela deve ter feito isso há muito tempo, penso.

K: Isto é o que sinto. Há muito tempo atrás... Parece deste jeito. Por quê? Veja, ao olhar para isto, estou apenas investigando, a humanidade sempre tentou tornar-se algo.

DB: Bem, possivelmente. Fiquei chocado por algo que uma vez li sobre o homem ter se perdido há cinco ou seis mil anos atrás, quando ele começou a ser capaz de saquear e fazer escravos. Depois disso, seu principal propósito de existência foi apenas explorar e saquear.

K: Sim, mas há o senso de vir-a-ser interiormente.

DB: Bem, deveríamos esclarecer como isto está conectado. Que tipo de vir-a-ser estava envolvido em fazer isso? Ao invés de ser construtivo, e descobrir novas técnicas e ferramentas e assim por diante, o homem num certo momento achou mais fácil saquear os seus vizinhos. Ora, o que eles queriam se tornar?

K: O conflito tem sido a raiz de tudo isto.

DB: Mas qual era o conflito? Se pudéssemos nos colocar no lugar daquelas pessoas de muito tempo atrás, como você veria esse conflito?

K: Qual é a raiz do conflito? Não apenas exteriormente, mas também deste tremendo conflito interior da humanidade? Qual é a raiz dele?

DB: Bem, parece que são os desejos contraditórios.

K: Não. Não será porque em todas as religiões, você tem que se tornar alguma coisa? Você tem que alcançar algo?

DB: Então o que faz as pessoas quererem fazer isso? Por que elas não estavam satisfeitas em ser seja lá o que elas fossem? Veja, a religião não teria se tornado popular se as pessoas não sentissem que havia alguma atração em se tornarem algo mais.

K: Não seria uma fuga, ao não ser capaz de enfrentar o fato e mudá-lo, mas ao invés disso, nos voltarmos para alguma outra coisa – para mais e mais e mais?

DB: Qual seria, a seu ver, o fato com o qual as pessoas não podiam conviver?

K: Qual era o fato? Os cristãos disseram que foi o pecado original.

DB: Mas o passo errado aconteceu muito tempo antes disto.

K: Sim, muito tempo antes disso. Muito antes disso, os hindus tiveram esta ideia de karma. Assim, qual é a origem de tudo isto?

DB: Dissemos que havia o fato com o qual as pessoas não conseguiam conviver. Seja lá o que fosse, elas quiseram imaginar algo melhor.

K: Sim, algo melhor. Tornar-se mais e mais.

DB: E pode-se dizer que elas começaram a fazer coisas tecnologicamente melhores, então elas expandiram isto, e disseram: "Eu também devo me aperfeiçoar".

K: Sim, aperfeiçoar-se interiormente.

DB: Todos nós juntos devemos nos tornar melhores.

K: Está certo. Mas qual é a raiz de tudo isso?

DB: Bem, creio que é natural ao pensamento projetar este objetivo de se tornar melhor. Ou seja, isso é intrínseco à estrutura do pensamento.

K: Será que o princípio de tornar-se melhor externamente deslocou-se para o tornar-se melhor internamente?

DB: Se é bom tornar-se melhor externamente, então por que eu não deveria me tornar melhor internamente?

K: Essa é a causa disso?

DB: Isto é ir na direção dela. Está chegando mais perto.

K: Está chegando mais perto? O tempo é o fator? O tempo como em "preciso de conhecimento para fazer isto ou aquilo?" O mesmo princípio aplicado internamente? O tempo é o fator?

DB: Não creio que o tempo por si mesmo possa ser o único fator.

K: Não, não. O tempo. O vir-a-ser – o que implica tempo.

DB: Sim, mas não vemos como o tempo vai causar o problema. Temos que dizer que o tempo aplicado externamente não causa nenhuma dificuldade.

K: Ele cria um pouco – mas estamos discutindo a ideia do tempo internamente.

DB: Então temos que examinar por que o tempo é tão destrutivo internamente.

K: Porque estou tentando me tornar alguma coisa.

DB: Sim, mas a maioria das pessoas diria que isto é apenas natural. Você tem que explicar o que está errado sobre o transformar-se.

K: Obviamente, há conflito nisso, quando estou tentando me tornar alguma coisa, isso é uma batalha constante.

DB: Sim. Podemos entrar nisso: por que é uma batalha constante? Não é uma batalha se tento melhorar minha posição exteriormente.

K: Exteriormente, não. É mais ou menos certo exteriormente, mas quando esse mesmo princípio é aplicado internamente, ele produz uma contradição.

DB: E a contradição é... ?

K: Entre "o que é" e o "tornar-se o que deveria ser".

DB: A dificuldade é: por que é uma contradição internamente e não externamente?

K: Internamente constrói-se um centro, um centro egotista, não é?

DB: Sim, mas podemos encontrar alguma razão pela qual isso deveria ser assim? Isso acontece quando o fazemos externamente? Parece que não necessariamente.

K: Não necessariamente.

DB: Mas quando o estamos fazendo internamente, então estamos tentando nos forçar a ser algo que não somos. E isso é uma luta.

K: Sim. Esse é um fato. Será que o cérebro da pessoa está tão acostumado ao conflito que ela rejeita qualquer outra forma de viver?

DB: Depois de um tempo as pessoas chegaram à conclusão de que o conflito é inevitável e necessário.

K: Mas qual é a origem do conflito?

DB: Penso que tocamos nisso ao dizer que estamos tentando nos forçar. Quando somos alguma coisa que queremos ser, também queremos ser algo mais que seja diferente; e, portanto, queremos duas coisas diferentes ao mesmo tempo. Isso parece certo?

K: Entendo isso. Mas estou tentando descobrir a origem de toda esta miséria, essa confusão, esse conflito, essa luta – qual é o começo disso? É por isso que perguntei no início: a humanidade tomou a direção errada? A origem é o "eu" e o "não eu"?

DB: Penso que estamos chegando perto. A separação entre o "eu" e o "não eu".

K: Sim, é isso. E o "eu" – por que a humanidade criou este "eu", que deve, inevitavelmente, causar conflito? "Eu" e "você", e "eu" melhor que "você", e assim por diante.

DB: Penso que foi um erro cometido há muito tempo, ou como você diz, um passo na direção errada que, tendo introduzido a separação entre várias coisas externamente, nós então continuamos a fazê-lo – não devido à má vontade, mas simplesmente por não saber fazer melhor.

K: Exatamente.

DB: Não percebíamos o que estávamos fazendo.

K: Essa é a origem de tudo isto?

DB: Não estou certo de que essa é a origem. O que você sente?

K: Estou inclinado a dizer que a origem é o "ego", o "mim", o "eu".

DB: Sim.

K: Se não há ego, não há problema, não há conflito, não há tempo – tempo no sentido de vir-a-ser ou não vir-a-ser, ser ou não ser.

DB: Mas poderia ser que nós ainda escorregássemos em seja lá o que nos fez criar o ego em primeiro lugar.

K: Espere um minuto. Será que essa energia – sendo tão vasta, ilimitada – foi condensada ou estreitada na mente, e o próprio cérebro se estreitou porque ele não podia conter toda esta enorme energia? Você está seguindo o que estou dizendo?

DB: Sim.

K: E, portanto, o cérebro gradualmente se restringiu ao "mim", ao "eu".

DB: Não acompanho bem isso. Entendo que isso é o que aconteceu, mas não vejo todos os passos. Você diz que a energia era enorme e o cérebro não podia manipulá-la, ou decidiu que não podia manipulá-la?

K: Ele não podia manipulá-la.

DB: Mas se ele não pode manipulá-la, parece que não há saída.

K: Não, espere um minuto. Vá devagar. Quero apenas investigar, aprofundar um pouco a questão. Por que o cérebro, com todos os pensamentos, criou este senso de "mim", de "eu"? Por quê?

DB: Precisamos de um certo senso de identidade para funcionar. Externamente tem que ser desse jeito.

K: Sim, para ter uma função.

DB: Para sabermos qual é o nosso lugar.

K: Sim. E esse é o movimento que produziu o "mim"? O movimento do exterior? Onde tenho que me identificar com a família, a casa, o ofício ou profissão. Tudo isto gradualmente se tornou o "mim"?

DB: Penso que essa energia de que você está falando também entrou nisso.

K: Sim, mas quero chegar a isso devagar.

DB: Veja, o que você afirma está correto, de algum jeito este senso de "mim" gradualmente se fortaleceu, mas por si mesmo isso não explicaria a tremenda força que o ego tem. Seria então só um hábito. O ego tornando-se completamente dominante exigiu tornar-se o foco da maior energia; de toda a energia.

K: É isso? Que o cérebro não pode conter esta vasta energia?

DB: Vamos dizer que o cérebro está tentando controlar essa energia – ordená-la.

K: Energia não tem ordem.

DB: Mas se o cérebro sente que não pode controlar algo que está acontecendo interiormente, ele tentará estabelecer ordem.

K: Poderíamos dizer que o cérebro, o seu cérebro, o cérebro dele, o cérebro dela, não acabou de nascer; ele é muito, muito antigo?

DB: Em que sentido?

K: No sentido de que ele evoluiu.

DB: Evoluiu, sim, à partir do animal. E o animal evoluiu. Assim, vamos dizer que em um sentido esta evolução toda está de alguma forma contida no cérebro.

K: Quero questionar a evolução. Entendo, digamos, a evolução do carro de boi ao jato.

DB: Sim. Mas antes de você questionar, temos que considerar a evidência do homem se desenvolvendo através de uma série de estágios. Você não pode questionar isso, pode?

K: Não, claro que não.

DB: Quero dizer, fisicamente está claro que a evolução ocorreu de alguma forma.

K: Fisicamente, sim.

DB: E o cérebro ficou maior e mais complexo. Mas você pode questionar se mentalmente a evolução tem algum sentido.

K: Veja, quero abolir o tempo, psicologicamente. Entende?

DB: Sim, entendo.

K: Para mim, esse é o inimigo. E essa é a causa, a origem da miséria do homem?

DB: Este uso do tempo, certamente. O homem teve que usar o tempo para um certo propósito, mas ele o usou mal.

K: Entendo isso. Se tenho que aprender uma língua, tenho que ter tempo.

DB: Mas o mal uso do tempo ao prolongá-lo internamente...

K: Internamente. É disso que estou falando. Essa é a causa da confusão do homem – introduzir o tempo como um meio para vir-a-ser, e se tornar mais e mais perfeito, mais e mais evoluído, mais e mais amoroso? Você acompanha o que quero dizer?

DB: Sim, entendo. Certamente se não fizéssemos isso, a estrutura toda entraria em colapso.

K: É isso.

DB: Mas não sei se não há alguma outra causa.

K: Espere um minuto. Quero entrar nisso um pouco. Não estou falando teoricamente, pessoalmente. Mas, para mim, a ideia do amanhã não existe psicologicamente - ou seja, o tempo é um movimento, tanto interna quanto externamente.

DB: Você quer dizer o tempo psicológico?

K: Sim, o tempo psicológico, e o tempo externamente. Agora, se o tempo psicológico não existe, então não há conflito, não há o "mim", não há o "eu", que é a origem do conflito. Externamente, tecnologicamente, o homem avançou, evoluiu.

DB: E também na estrutura física interna.

K: A estrutura, tudo. Mas psicologicamente nós também nos movemos para o exterior.

DB: Sim, focamos nossa vida no exterior. É isso o que você está dizendo?

K: Sim. Expandimos nossas capacidades externamente. E internamente é o mesmo movimento como externamente. Agora, se não houver movimento interior como tempo, o mover-se, o tornar-se mais e mais, o que acontece? Entende o que estou tentando transmitir? O tempo termina. Veja, o movimento exterior é o mesmo que o movimento interior.

DB: Sim. Ele está dando voltas.

K: Envolvendo o tempo. Se o movimento cessa, então o que acontece? Será que estou transmitindo algo? Poderíamos colocar isso desta maneira? Nunca tocamos qualquer outro movimento que não fosse o movimento externo.

DB: De forma geral, de qualquer forma aplicamos a maior parte da nossa energia no movimento externo.

K: E o movimento psicológico é também externo.

DB: Bem, ele é o reflexo desse movimento externo.

K: Pensamos que ele é interno, mas na verdade ele é externo. Certo?

DB: Sim.

K: Agora, se esse movimento termina, como deve, então há um movimento realmente interno – um movimento não em termos de tempo?

DB: Você está perguntando: há algum outro tipo de movimento que ainda se move, mas não em termos de tempo?

K: Isso mesmo.

DB: Devemos entrar nisso. Você poderia continuar?

K: Veja, essa palavra movimento significa tempo.

DB: Bem, ela significa realmente mudar de um lugar para outro. Mas, de qualquer forma, há ainda a noção de algo que não é estático. Ao negar o tempo, você não quer voltar a algo estático, que é ainda tempo.

K: Digamos, por exemplo, que o cérebro de uma pessoa foi treinado, acostumado, por séculos, a ir para o Norte. E, de repente, percebe que ir para o norte significa conflito permanente. Ao perceber isso, o próprio cérebro muda – a qualidade do cérebro muda.

DB: Certo. Posso ver que ele despertará de alguma forma para um movimento diferente.

K: Sim, diferente.

DB: Talvez a palavra fluxo seja melhor.

K: Tenho ido para o norte durante toda a minha vida, e de repente paro de fazer isso. Mas o cérebro não está indo para leste ou sul ou oeste. Então o conflito cessa – certo? Porque ele não está se movendo em nenhuma direção.

DB: Assim, este é o ponto chave – a direção do movimento. Quando o movimento é fixo em uma direção, internamente, ele levará ao conflito. Mas externamente precisamos de uma direção fixa.

K: Claro que precisamos. Isso está entendido.

DB: Sim. Assim, se dizemos que o cérebro não tem direção fixa, então o que ele está fazendo? Está se movendo em todas as direções?

K: Estou um pouco hesitante em falar sobre isto. Pode-se dizer, quando se chega realmente a esse estado, que ele é a fonte de toda energia?

DB: Sim, à medida que se vai mais fundo e mais internamente.

K: Esta é a verdadeira interiorização; não o movimento externo se tornando movimento interno, mas quando não há movimento nem externo nem interno...

DB: Sim, podemos negar ambos, o externo e o interno, de forma que todo movimento pareceria parar.

K: Seria isso a fonte de toda energia?

DB: Sim, talvez pudéssemos dizer isso.

K: Posso falar um pouco sobre mim?

DB: Sim, vá em frente.

K: Primeiro sobre meditação. A meditação consciente não é meditação – certo?

DB: O que você quer dizer com meditação consciente?

K: Meditação deliberada, praticada, o que é realmente meditação premeditada. Existe uma meditação que não é premeditada – que não é o ego tentando se tornar algo – ou o ego não tentando negar, negativa ou positivamente?

DB: Antes de irmos em frente, poderíamos sugerir o que a meditação deveria ser. É uma observação da mente observando?

K: Não. Ela foi além disso tudo. Estou usando a palavra meditação no sentido em que não existe uma partícula de esforço, de qualquer senso de vir-a-ser, de alcançar conscientemente um nível.

DB: A mente está simplesmente consigo mesma, silenciosa.

K: É a isso que eu quero chegar.

DB: Ela não está procurando por coisa alguma.

K: Veja, eu não medito no sentido normal da palavra. O que acontece comigo é - não estou falando pessoalmente, por favor – que eu acordo meditando.

DB: Nesse estado.

K: Uma noite em Rishi Valley, na Índia, eu acordei. Uma série de incidentes tinha acontecido, por alguns dias havia ocorrido a meditação. Era meia-noite e quinze, olhei para o relógio. E - hesito em dizer isto, porque soa exagerado ou um tanto infantil – a fonte de toda energia tinha sido alcançada. E isso tinha um efeito extraordinário sobre o cérebro, e também fisicamente. Sinto muito falar

sobre mim, mas você entende literalmente um senso de... não sei como colocá-lo... nenhum senso do mundo e eu e aquilo – você acompanha? – não havia nenhuma divisão realmente. Apenas este sentido de uma tremenda fonte de energia.

DB: Então, o cérebro estava em contato com esta fonte de energia?

K: Sim. Agora, descendo à Terra, e como eu venho falando por sessenta anos, eu gostaria que outra pessoa alcançasse isto – não, não alcançasse. Você entende o que estou dizendo? Porque todos os nossos problemas políticos, religiosos, tudo está resolvido. Porque é energia pura desde o início dos tempos. Agora, como eu - por favor, não "eu", entende – como a pessoa não vai ensinar, não vai ajudar, ou motivar - mas como ela vai dizer: "Este caminho conduz a um senso completo de paz, de amor"? Sinto muito ter que usar todas estas palavras. Mas suponha que você tenha chegado àquele ponto e o seu próprio cérebro esteja palpitando com isto – como você ajudaria outra pessoa? Entende? Ajuda – não palavras. Como você ajudaria outra pessoa a chegar a isso? Entende o que estou tentando dizer?

DB: Sim.

K: Meu cérebro – não o meu cérebro – o cérebro evoluiu. Evolução implica tempo, e ele só pode pensar, viver no tempo. Agora, para o cérebro negar o tempo é uma atividade tremenda, de não ter problemas, pois qualquer problema que surge, qualquer questão, é imediatamente resolvida.

DB: Esta situação é mantida ou ela é apenas por um período?

K: Ela é mantida, obviamente, de outra forma não haveria sentido nisso. Não é esporádico ou intermitente. Agora, como você vai abrir a porta, como você vai ajudar outra pessoa e dizer: "Olhe, estivemos indo na direção errada, existe apenas o não-movimento; e, se o movimento parar, tudo estará correto"?

DB: Bem, é difícil saber de antemão se tudo estará correto.

K: Vamos voltar aonde começamos. Isto é, a humanidade tomou uma direção errada, psicologicamente, não fisicamente? Pode esta

direção ser completamente revertida? Ou interrompida? Meu cérebro está tão acostumado com essa ideia evolucionária de que eu irei me tornar algo, de que ganharei algo, de que tenho que ter mais conhecimento e assim por diante; este cérebro pode, de repente, perceber que não existe essa coisa de tempo? Entende o que estou tentando dizer?

DB: Sim.

K: Eu estava assistindo outro dia um debate na televisão sobre Darwin, a sua viagem e o que ele atingiu – toda a sua teoria da evolução. Isso me parece ser totalmente não verdadeiro psicologicamente.

DB: Parece que ele forneceu a evidência de que todas as espécies mudaram no tempo. Por que isso não é verdadeiro?

K: Sim, claro. Era óbvio.

DB: É verdadeiro neste aspecto. Penso que não seria verdadeiro dizer que a mente evoluiu no tempo.

K: Claro.

DB: Mas fisicamente parece claro que tem havido um processo de evolução, e que isso aumentou a capacidade do cérebro de fazer certas coisas. Por exemplo, não poderíamos estar discutindo isso se o cérebro não tivesse aumentado de tamanho.

K: Claro.

DB: Mas penso que você está sugerindo que a mente não se origina no cérebro. É assim? O cérebro é, talvez, um instrumento da mente?

K: E a mente não é tempo. Apenas veja o que isso significa.

DB: A mente não evolui com o cérebro.

K: A mente não sendo do tempo, e o cérebro sendo do tempo – isto é a origem do conflito?

DB: Bem, temos que examinar por que isso produz conflito. Não está claro dizer que o cérebro é do tempo, mas sim que ele se desenvolveu de uma tal forma que o tempo está nele.

K: Sim, isso é o que eu quis dizer.

DB: Mas não necessariamente assim.

K: Ele evoluiu.

DB: Ele evoluiu, assim ele tem o tempo dentro dele.

K: Sim, ele evoluiu, o tempo é parte dele.

DB: Ele se tornou parte de sua própria estrutura.

K: Sim.

DB: E isto foi necessário. Contudo, a mente opera sem o tempo, embora o cérebro não seja capaz de fazer isso.

K: Não. Isto significa que Deus está no homem, e Deus só pode operar se o cérebro está quieto, se o cérebro não está aprisionado no tempo.

DB: Bem, eu não estava querendo dizer isso. Entendo que o cérebro, tendo uma estrutura de tempo, não é capaz de responder de maneira apropriada à mente. Isso é realmente o que parece estar envolvido aqui.

K: Pode o próprio cérebro ver que está preso no tempo, e que enquanto estiver se movendo nessa direção, o conflito é eterno, interminável? Você está acompanhando o que estou dizendo?

DB: Sim. O cérebro vê isso?

K: O cérebro tem a capacidade de ver que o que ele está fazendo agora – estando preso no tempo - que neste processo não há fim para o conflito? Isto é, há uma parte do cérebro que não seja do tempo?

DB: Não presa ou funcionando no tempo?

K: Pode-se dizer isso?

DB: Não sei.

K: Isto significaria – voltamos à mesma coisa em palavras diferentes – que o cérebro não está sendo completamente condicionado pelo tempo, assim há uma parte do cérebro que é livre do tempo.

DB: Não uma parte, mas sim que o cérebro é principalmente dominado pelo tempo, embora isto não necessariamente signifique que ele não possa mudar.

K: Sim. Isto é: o cérebro, dominado pelo tempo, pode não ser subordinado a ele?

DB: Está certo. Nesse momento ele sai do tempo. Penso que posso ver isto – ele é dominado apenas quando lhe proporcionamos tempo. O pensamento que leva tempo é dominado, mas qualquer coisa suficientemente rápida não é dominada.

K: Sim, certo. Pode o cérebro – que está acostumado com o tempo – ver que nesse processo não há fim para o conflito? Ver, no sentido de perceber isto? Ele perceberá isso sob pressão? Certamente não. Ele perceberá sob coerção, recompensa ou punição? Ele não irá. Ele irá ou resistir ou escapar.

Assim, qual é o fator que fará com que o cérebro perceba que a maneira em que vem funcionando não é correta? Vamos usar a palavra correto no momento. E o que irá fazê-lo repentinamente perceber que isso é totalmente prejudicial? O que o fará? Certamente nenhuma droga ou algum tipo de química.

DB: Nenhuma destas coisas externas.

K: Então o que vai fazer o cérebro perceber isto?

DB: O que você quer dizer com perceber?

K: Perceber que o caminho ao longo do qual o cérebro tem se movimentado será sempre o caminho do conflito.

DB: Penso que isto levanta a questão de que o cérebro resiste a essa percepção.

K: Claro, claro. Porque ele está acostumado ao velho caminho, por séculos! Como você fará o cérebro perceber este fato? Se você puder fazê-lo perceber isso, o conflito está acabado.

Veja, as pessoas tentaram jejuar, não ter sexo, austeridade, pobreza, castidade no sentido verdadeiro, pureza, ter uma mente que é absolutamente correta; elas tentaram partir sozinhas; elas tentaram praticamente tudo que o homem inventou, mas nenhum destes caminhos foi bem sucedido.

DB: Bem, o que você diz? Está claro que as pessoas que perseguem estes objetivos externos ainda estão no vir-a-ser.

K: Sim, mas elas nunca percebem que estes são objetivos externos. O que significa negar tudo isso completamente.

DB: Veja, para ir mais adiante, penso que a pessoa tem que negar a própria noção do tempo no sentido de olhar para o futuro, e negar todo o passado.

K: É justamente isso.

DB: Ou seja, a totalidade do tempo.

K: O tempo é o inimigo. Encontre-o, e vá além dele.

DB: Negue que ele tenha uma existência independente. Veja, penso que temos a impressão de que o tempo existe independentemente de nós. Estamos na corrente do tempo e, portanto, seria absurdo para nós negá-lo porque isso é o que somos.

K: Sim, certo, certo. Assim, isso significa realmente se afastar – novamente isto são apenas palavras – de tudo o que o homem reuniu como um caminho para a atemporalidade.

DB: Podemos dizer que nenhum dos métodos que o homem usa externamente libertará a mente do tempo?

K: Com certeza.

DB: Todo método implica tempo.

K: Claro. É tão simples.

DB: Começamos imediatamente por montar toda a estrutura do tempo; toda a noção de tempo está pressuposta antes de começarmos.

K: Sim, certo. Mas como você vai transmitir isto para outra pessoa? Como vai você, eu ou "X" transmitir isto a um homem que está aprisionado no tempo e resistirá a isso, lutar contra isso, porque ele diz que não há outro modo? Como você vai transmitir isto a ele?

DB: Penso que você só pode transmitir isso a alguém que entrou nisso; é muito improvável que você o transmita realmente a alguém que você simplesmente escolha na rua!

K: Então, o que estamos fazendo? Como isso não pode ser transmitido por palavras, o que pode um homem fazer? Você diria que, para resolver um problema assim que ele surja, você tem que entrar nele imediatamente porque, de outra forma, você pode fazer a coisa mais tola e iludir-se que você o resolveu? Suponha que eu tenha um problema, qualquer problema psicológico – a mente pode percebê-lo, resolvê-lo imediatamente? Não se iludir, não resistir a ele – entende? Mas encará-lo, e terminar com ele.

DB: Bem, com um problema psicológico, esse é o único caminho. De outra forma, estaríamos aprisionados na própria fonte do problema.

K: Claro. Essa atividade terminaria com o tempo, o tempo psicológico de que estamos falando?

DB: Sim, se pudéssemos fazer com que esta ação imediata se envolvesse com o problema, que é o ego.

K: A pessoa é ambiciosa, ou invejosa. Acabar imediatamente com a ambição, o apego, etc., isso não dará uma pista para o fim do tempo?

DB: Sim, porque qualquer ação que não seja imediata já introduziu o tempo.

K: Sim, sim. Sei disso.

DB: O fim do tempo é imediato, certo?

K: Imediato, claro. Isso indicará a direção errada que a humanidade tomou?

DB: Sim, se o homem sente que algo está fora de ordem psicologicamente, ele então introduz a noção de tempo e o pensamento de vir-a-ser, e isso cria problemas intermináveis.

K: Isso abriria a porta para este senso do tempo não ter lugar internamente? O que significa que o pensamento não tem lugar, exceto externamente, não é?

DB: Você está dizendo que o pensamento é um processo que está envolvido no tempo.

K: Você não diria que o pensamento é o processo do tempo? Porque o pensamento está baseado na experiência, no conhecimento, na memória e na resposta, o que é a totalidade do tempo.

DB: Sim, mas ainda assim temos frequentemente discutido um tipo de pensamento que responde à inteligência. Vamos tentar colocar assim, que o pensamento, como geralmente o conhecemos, está no tempo.

K: O pensamento, como o conhecemos agora, pertence ao tempo.

DB: Sim. Eu concordaria, falando de uma maneira geral.

K: Falando de uma maneira geral, o pensamento é tempo.

DB: Ele está baseado na noção do tempo.

K: Sim, certo. Mas para mim, o próprio pensamento é o tempo.

DB: O próprio pensamento cria o tempo, certo.

K: Isso quer dizer que quando não existe tempo não existe pensamento?

DB: Bem, nenhum pensamento desse tipo.

K: Não. Não existe pensamento. Quero apenas prosseguir devagar.

DB: Poderíamos dizer que existe um tipo de pensamento no qual temos vivido e que vem sendo dominado pelo tempo?

K: Sim, mas isso chegou a um fim.

DB: Mas pode haver um outro tipo de pensamento que não é dominado pelo tempo... quero dizer, você falou que poderia ainda usar o pensamento para fazer algumas coisas.

K: Claro, externamente é assim.

DB: Temos que ser cuidadosos para não dizer que o pensamento é necessariamente dominado pelo tempo.

K: Sim. Tenho que ir daqui para lá, para minha casa; isso requer tempo, pensamento, mas não estou falando desse tipo de tempo.

DB: Assim, vamos esclarecer que você está falando do pensamento que está voltado para a mente, cujo conteúdo é da ordem da mente.

K: Sim. Você diria que conhecimento é tempo?

DB: Bem, sim...

K: Todo conhecimento é tempo.

DB: Sim, no sentido de que foi conhecido, e pode se projetar no futuro, e assim por diante.

K: Claro, o futuro, o passado. O conhecimento – ciência, matemática, seja lá o que for - é adquirido através de tempo. Leio filosofia, leio isto ou aquilo, e todo o movimento do conhecimento envolve tempo. Veja o que quero dizer!

DB: Penso que estamos dizendo que o homem tomou uma direção errada e ficou aprisionado neste tipo de conhecimento que é dominado pelo tempo, porque ele se tornou conhecimento psicológico.

K: Sim. Então ele vive no tempo.

DB: Ele vive no tempo porque ele tentou produzir conhecimento da natureza da mente. Você está dizendo que não há verdadeiro conhecimento da mente? Colocaria isso dessa forma?

K: No momento em que você usar a palavra conhecimento, ela implica tempo. Quando você acaba com o tempo, no sentido que estamos falando, não há conhecimento como experiência.

DB: Temos de examinar o que significa a palavra "experiência".

K: Experiência, memória.

DB: As pessoas dizem: "Eu aprendo através da experiência, eu passo por alguma coisa."

K: O que é vir-a-ser!

DB: Bem, vamos deixar isso claro. Veja, há um tipo de experiência, por exemplo, na profissão de alguém, que se torna habilidade e percepção.

K: Claro, mas isso é bem diferente.

DB: Estamos dizendo que não tem sentido ter uma experiência da mente, uma experiência psicológica.

K: Sim, vamos colocar isto dessa forma. A experiência psicológica está no tempo.

DB: Sim, e não tem sentido, porque você não pode dizer: "a medida em que me torno habilidoso em meu trabalho eu me tornarei habilidoso em operar minha mente, ou fundamentalmente habilidoso".

K: Sim. Assim, para onde isto nos leva? Percebo que o conhecimento é tempo; o cérebro percebe isso, e vê a importância do tempo numa certa direção, e que não existe realmente valor no tempo em outra direção. Isso não é uma contradição.

DB: Eu colocaria que o valor do tempo é limitado a uma certa direção ou área, e para além dela, ele não tem valor.

K: Sim. Assim, o que é a mente ou o cérebro sem o conhecimento? Você entende?

DB: Sem o conhecimento psicológico?

K: Sim, estou falando psicologicamente.

DB: Não é tanto por ele estar aprisionado no tempo, mas por estar sem o conhecimento psicológico para se organizar.

K: Sim.

DB: Assim, estamos dizendo que o cérebro sente que ele tem que se organizar conhecendo psicologicamente tudo sobre si mesmo.

K: Então a mente, o cérebro é desordem? Certamente que não.

DB: Não. Mas penso que as pessoas, ao se defrontarem com isto, poderiam sentir que se trataria de desordem.

K: Claro.

DB: Penso que o que você está dizendo é que a noção de controlar a si mesmo psicologicamente não tem sentido.

K: Assim, o conhecimento do "eu" – o conhecimento psicológico – é o tempo.

DB: Sim, entendo que a totalidade do conhecimento é o "eu", é o tempo.

K: Então, o que é a existência sem isto? Não existe o tempo, não existe o conhecimento no sentido psicológico, não existe sentido de "eu", então o que existe? Ao chegar a esse ponto a maioria das pessoas diria: "Isso é uma coisa horrível".

DB: Sim, porque parece que não haveria nada.

K: Nada. Você nos conduziu a uma parede branca.

DB: Seria um tanto maçante. Ou é assustador ou está tudo bem.

K: Mas se a pessoa chegou a esse ponto, o que existe ali? Você diria que, como não há nada, há tudo?

DB: Sim, eu aceitaria isso. Sei disso. É verdadeiro, contém tudo...

K: Não, é nada.

DB: Nenhuma coisa.

K: Nenhuma coisa, certo.

DB: Uma coisa é limitada, e isto não é uma coisa porque não existem limites... Pelo menos, ela tem tudo em potencial.

K: Espere senhor. Se não é nada, e portanto tudo, então tudo é energia.

DB: Sim. A base de tudo é energia.

K: Claro. Tudo é energia. E qual é a fonte desta coisa? Ou não há fonte de energia realmente? Há apenas energia?

DB: A energia apenas é. A energia é "o que é". Não há necessidade de uma fonte. Essa é uma abordagem, talvez?

K: Não. Se não existe nada, e, portanto tudo, e tudo é energia... Temos que tomar muito cuidado aqui, os hindus têm esta ideia também, de que Brahman é tudo. Entende? Mas isso se tornou uma ideia, um princípio, e é então realizada. Mas o fato, porém, é que não existe nada, consequentemente existe tudo, e tudo isso é energia cósmica. Mas o que iniciou esta energia?

DB: Essa é uma questão significativa? Não estamos falando do tempo.

K: Sei que não estamos falando do tempo, mas veja, os cristãos diriam: "Deus é energia e Ele é a fonte de toda a energia". Não?

DB: Bem, os cristãos têm uma ideia do que eles chamam de Divindade, que é a própria fonte de Deus também.

K: E também os hindus, o mundo árabe e judeu têm isto. Estamos indo contra tudo isso?

DB: Parece similar, em alguns aspectos.

K: E ainda assim não similar. Temos que ser realmente cuidadosos.

DB: Muitas coisas como esta foram ditas através dos tempos.

K: Então estamos apenas caminhando no vazio? Estamos vivendo no vazio?

DB: Bem, isso não está claro.

K: Não há nada, e tudo é energia. O que é isto? (apontando para o seu corpo).

DB: Bem, isto é uma forma dentro da energia.

K: Isto, o corpo, não é diferente da energia. Mas a coisa que está dentro diz: "eu sou totalmente diferente daquilo".

DB: O "eu" se fecha e diz: "eu sou diferente, eu sou eterno."

K: Agora, espere um minuto. Por que ele fez isto? Por que surgiu a separação? É porque externamente eu me identifico com uma casa e assim por diante, e essa identificação moveu-se para o interior?

DB: Sim. E o segundo ponto foi que uma vez que estabelecemos a noção de algo interno, então torna-se necessário proteger isso. E, portanto, isso constrói a separação.

K: Claro.

DB: O interior era, obviamente, a coisa mais preciosa, e teria que ser protegida com toda a nossa energia.

K: Isso significa então que existe apenas o organismo vivendo – que é parte da energia? Não há K, nenhum "mim" realmente, exceto o passaporte, o nome e forma, além disso, nada? E consequentemente existe tudo e, portanto tudo é energia?

DB: Sim, a forma não tem existência independente.

K: Sim. Não, o que estou dizendo é que existe apenas a forma. Isso é tudo.

DB: Há também a energia, veja.

K: Ela é parte da energia. Assim, há apenas isto, a concha externa.

DB: Há a forma externa na energia.

K: Você percebe o que dissemos, senhor? Isto é o fim da jornada?

DB: Bem, não, eu não pensaria.

K: A humanidade fez uma jornada por milênios para chegar a isso? Que sou nada e, portanto sou tudo, e toda a energia?

DB: Bem, não pode ser o fim, no sentido que poderia ser o começo.

K: Espere. É com isso que eu queria que vocês começassem. O fim é o começo, certo? Agora quero investigar isto. Veja, no final disso tudo - o fim do tempo, chamaremos resumidamente assim - há um novo início. O que é isso? Porque de outro modo isto parece tão completamente fútil. Eu sou todo energia e somente a casca existe, e o tempo acabou. Parece tão fútil.

DB: Sim, se paramos aí...

K: Isso é tudo.

DB: Penso que isso é realmente limpar o chão de todo o entulho, de toda a confusão.

K: Sim. Assim, o fim é um começo. Mas o que é isso? Começo também implica tempo.

DB: Não necessariamente. Penso que dissemos que poderia haver um movimento que não tem o tempo.

K: Essa é a razão pela qual quero deixar isso claro.

DB: Sim, mas é difícil de expressar. Não é uma questão de ser estático, mas em algum sentido o movimento não tem a ordem do tempo. Penso que teríamos que dizer isso agora.

K: Sim. Assim, vamos usar a palavra começo e destituí-la do tempo.

DB: Porque fim e começo não são um tempo especial. Na verdade eles podem ser qualquer tempo ou tempo nenhum.

K: Tempo nenhum. Então o que ocorre? O que está acontecendo? Não comigo, não com meu cérebro. O que está acontecendo? Dissemos que quando a pessoa nega o tempo, não há nada. Após esta longa conversa, nada significa tudo. Tudo é energia. E paramos aí. Mas isso não é o fim.

DB: Não.

K: Isso não é o fim. Então o que está ocorrendo? Isso é criação?

DB: Sim, algo assim.

K: Mas não a arte de criar como escrever e pintar.

DB: Talvez mais tarde possamos discutir o que queremos dizer com criação.

2

Limpando a Mente do Acúmulo do Tempo

Ojai, Califórnia, 2 de abril de 1980.

KRISHNAMURTI: Estávamos dizendo que o tempo psicológico é um conflito, que o tempo é o inimigo do homem; e que esse inimigo existe desde o início do homem. Perguntamos ainda: por que o homem, desde o início, deu "um passo errado", seguiu "um caminho errado?" E, se foi assim, é possível ao homem voltar-se para outra direção, na qual ele possa viver sem conflito? Porque, como dissemos ontem, o movimento exterior é também a mesma coisa que o movimento interior. Não existe separação entre o interno e o externo. É o mesmo movimento. Perguntamos também se estávamos profundamente e passionalmente preocupados com que o homem voltasse para outra direção, para que não vivesse no tempo, apenas com o conhecimento das coisas externas. As religiões, os políticos e os educadores falharam: eles nunca se preocuparam com isso. Você concorda?

DAVID BOHM: Sim. Penso que as religiões tentaram discutir os valores eternos que transcendem o tempo, mas elas não parecem ter sido bem sucedidas.

K: É aí que quero chegar. Para eles isso foi uma ideia, um ideal, um princípio, um valor, mas não uma realidade, e a maioria das pessoas religiosas estão ancoradas numa crença, num princípio, numa imagem, no conhecimento, em Jesus, ou em alguma outra coisa.

DB: Sim, mas se considerarmos todas as religiões, digamos as diversas formas do budismo, elas tentam dizer exatamente, até certo ponto, o que você está dizendo.

K: Até certo ponto, mas estou tentando chegar ao seguinte: por que o homem nunca enfrentou esse problema? Por que não dissemos: "Vamos acabar com o conflito?" Em vez disso fomos encorajados, porque através do conflito achamos que há progresso.

DB: Tentar superar a oposição pode representar certa fonte de estímulo.

K: Sim, mas se você e eu enxergarmos a verdade disso, não numa abstração e sim de modo efetivo e profundo, poderemos atuar de um modo tal que todos os assuntos sejam resolvidos instantaneamente, imediatamente, de forma que o tempo psicológico seja abolido? E como indagamos ontem, quando chegamos ao ponto em que não existe nada e existe tudo, onde tudo isso é energia — quando o tempo finda, há o início de algo totalmente novo? Existe um início que não esteja enredado no tempo? Contudo, como vamos descobrir isso? As palavras são necessárias para que nos comuniquemos, mas a palavra não é essa coisa. Então o que há quando todo o tempo termina? O tempo psicológico, não o tempo do...

DB: ...tempo do dia.

K: Sim. Tempo como o "eu", o ego, e quando isso chega completamente ao fim, o que é que começa? Poderíamos dizer que das cinzas do tempo ocorre um novo crescimento? O que é que começa — não, essa palavra "começa" também subentende o tempo.

DB: Qualquer coisa a que nos refiramos, aquilo que surge.

K: Aquilo que surge. O que é isso?

DB. Bem, como dissemos ontem, é essencialmente a criação, a possibilidade da criação.

K: Sim, criação. É isso? É algo novo que nasce?

DB: Não é o processo de vir a ser.

K: Ah, não, isso está terminado. O vir a ser é o pior, é tempo, é a verdadeira raiz de todo esse conflito. Estamos tentando descobrir o que acontece quando o "eu", que é tempo, chega completamente

ao fim. Creio que Buda supostamente disse "Nirvana". E os hindus o chamam de "Moksha". Não sei se os cristãos o chamam de Céu...

DB: Os místicos cristãos tinham um estado semelhante...

K: Semelhante, sim. Mas veja bem, os místicos cristãos, até onde eu entendo, estão enraizados em Jesus, na Igreja, em toda a crença. Eles nunca foram além disso.

DB: Sim, parece ser assim. Pelo menos até onde eu sei.

K: Mas já dissemos que a crença, o apego a tudo isso, estão eliminados, terminados. Tudo isso é parte do "eu". Agora, quando ocorre essa limpeza absoluta da mente com relação ao acúmulo do tempo, qual é a essência do "eu", o que acontece? Por que devemos perguntar o que acontece?

DB: Você quer dizer que essa não é uma boa pergunta?

K: Estou apenas me perguntando: por que deveríamos perguntar isso? Existe por trás disso uma forma sutil de esperança? Uma forma sutil de dizer: eu atingi aquele ponto, não existe nada? Nesse caso é uma pergunta errada. Você não consideraria assim?

DB: Bem, ela nos convida a procurar um resultado promissor.

K: Se todo o empenho está voltado para encontrar algo além do "eu", esse empenho e a coisa que eu possa vir a encontrar ainda estão dentro da órbita do "eu". Assim, não tenho esperança. Não há nenhum sentido de esperança, nenhum sentido de querer encontrar algo.

DB: O que é, então, que o está levando a indagar?

K: Minha indagação foi para terminar o conflito.

DB: Sim, temos então que ter cuidado. Corremos o risco de criar a esperança de terminar o conflito.

K: Não, não; não há esperança. Eu acabo com ela. No momento em que introduzo a palavra "esperança" há um sentimento de futuro.

DB: Sim, isso é o desejo.

K: Desejo — e consequentemente ele pertence ao tempo. Assim eu - a mente - coloca tudo isso completamente de lado; é isso realmente o que quero dizer: completamente. Então, qual é a essência de tudo isso? Minha mente ainda está procurando ou tentando alcançar alguma coisa intangível que ela possa capturar e prender? Se for assim, isso ainda é parte do tempo.

DB: Bem, isso ainda é desejo.

K: Desejo e uma forma sutil de vaidade.

DB: Por que vaidade?

K: Vaidade no sentido de "eu alcancei".

DB: Autoengano.

K: O engano e todas as formas de ilusão surgem daí. Então não é isso. Estou preparando o terreno ao longo do processo.

DB: Essencialmente, parece que você está eliminando o movimento do desejo nas suas formas sutis.

K: Nas suas formas sutis. Desse modo, o desejo também foi afastado. Há então apenas a mente — certo?

DB: Sim, mas temos então que indagar o significado da natureza, se tudo é mente, porque a natureza parece ser um tanto independente.

K: Mas também dissemos que todo o universo é a mente.

DB: Você quer dizer que a natureza é a mente?

K: Parte da mente.

DB: A mente universal?

K: Sim.

DB: Não uma mente particular?

K: A mente particular então é separada, mas estamos falando da mente.

DB: Veja bem, temos que esclarecer isso porque você está dizendo que a natureza é criação da mente universal, embora, não obstante, a natureza possua certa realidade.

K: Isso está bem entendido.

DB: Mas é quase como se a natureza fosse o pensamento da mente universal.

K: Ela é uma parte dela. Estou tentando alcançar o particular e chegar ao fim; então há apenas a mente, a mente universal, certo?

DB: Sim. Estivemos examinando a mente particular, tentando alcançar através do desejo, e dissemos que se tudo isso parasse...

K: Meu ponto é exatamente esse. Se tudo isso estiver completamente terminado, qual é o passo seguinte? Existe um seguinte? Dissemos ontem que há um início, mas essa palavra implica parte do tempo.

DB: Não diremos tanto o início, talvez o fim.

K: O fim, nós dissemos isso.

DB: Mas, agora, existe alguma coisa nova?

K: Há alguma coisa que a mente não possa capturar?

DB: Qual mente, a particular ou a universal?

K: A particular acabou.

DB: Sim. Você está dizendo que a mente universal não pode, tampouco, capturá-la?

K: É isso que estamos averiguando.

DB: Você está dizendo que existe uma realidade — ou alguma coisa —além da mente universal?

K: Estamos participando de um jogo em que descascamos uma coisa depois da outra, como uma casca de cebola, e no final há apenas lágrimas e nada mais?

DB: Bem, eu não sei.

K: Porque dissemos que existe o final, depois o cósmico, a mente universal; e além disso, há algo mais?

DB: Bem, você diria que esse "mais" é energia? Que a energia está além da mente universal?

K: Eu diria que sim, porque a mente universal é parte dessa energia.

DB: Isso é compreensível. De certo modo a energia está viva, não é isso que você está dizendo?

K: Sim, sim.

DB: E é também inteligente?

K: Espere um pouco.

DB: De certo modo... na medida em que é mente.

K: Ora, se essa energia é inteligente, por que permitiu que o homem se voltasse para a direção errada?

DB: Acho que isso pode fazer parte de um processo, algo que é inevitável na natureza do pensamento. Veja, se o pensamento vai se desenvolver, essa possibilidade tem de existir. Para causar o pensamento no homem...

K: É essa a liberdade original do homem? Escolher?

DB: Não, quer dizer, o pensamento tem de possuir a capacidade de cometer esse erro.

K: Mas se essa inteligência estava atuando, por que ela permitiu que ocorresse esse erro?

DB: Bem, podemos sugerir que existe uma ordem universal, uma lei.

K: Certamente. O universo funciona ordenadamente.

DB: Sim, e faz parte da ordem do universo que esse mecanismo particular possa fracassar. Se uma máquina é avariada, isso não representa desordem no universo; faz parte da ordem universal.

K: Sim. Na ordem universal há a desordem, no que diz respeito ao homem.

DB: Não é desordem no nível do universo.

K: Não. Num nível bem inferior.

DB: No nível do homem é desordem.

K: E por que o homem tem vivido desde o início nessa desordem?

DB: Porque ele ainda é ignorante, ele ainda não entendeu a questão.

K: Mas ele é parte do todo e, contudo, num pequeno recanto, o homem existe, e tem vivido na desordem; e essa enorme inteligência não...

DB: Sim, você poderia dizer que a possibilidade de criação é também a possibilidade da desordem; que se o homem teve a possibilidade de ser criativo, haveria também a possibilidade de um erro. Ele não poderia ter sido consertado, como uma máquina, para operar sempre em perfeita ordem. A inteligência não o transformaria numa máquina que fosse incapaz da desordem.

K: Não, claro que não. Então existe alguma coisa além da ordem cósmica? Mente?

DB: Você está dizendo que o universo, que essa mente, criou a natureza que possui uma ordem, que não está meramente dando voltas mecanicamente? Ela possui um significado mais profundo?

K: É isso que estamos tentando descobrir.

DB: Você está introduzindo todo o universo, bem como a humanidade. O que o leva a fazer isso? Qual é a fonte dessa percepção?

K: Vamos começar novamente: existe o fim do "eu", como tempo, e então não há esperança; tudo isso está acabado, terminado. No final, há aquela sensação do nada. E o nada é todo esse universo.

DB: Sim, a mente universal, a matéria universal.

K: Todo o universo.

DB: Mas o que o levou a dizer isso?

K: Ah, eu sei. Para colocar as coisas de modo bem simples: a divisão terminou. Certo? A divisão criada pelo tempo, criada pelo pensamento, criada por essa educação, e assim por diante — tudo isso. Como isso terminou, o outro é óbvio.

DB: Você quer dizer que sem a separação o outro está aí para ser percebido?

K: Não para ser percebido, ele está aí.

DB: Como, então, ficamos conscientes de que ele está aí?

K: Não creio que fiquemos conscientes disso.

DB: Então o que o leva a dizer isso?

K: Você diria que ele é? Não, eu o percebo, ou ele é percebido.

DB: Sim. Ele é.

K: Ele é.

DB: Você quase poderia dizer que ele o está dizendo. Em certo sentido, você parece sugerir que ele é o que está dizendo.

K: Sim. Eu não queria colocar — estou satisfeito porque você colocou as coisas assim! Onde estamos agora?

DB: Estamos dizendo que o universo está vivo, por assim dizer, que ele é mente, e que nós somos parte dele.

K: Só podemos dizer que somos parte dele quando não existe o "eu".

DB: Nenhuma separação.

K: Nenhuma separação. Eu gostaria de ir um pouco mais além; existe alguma coisa além disso tudo?

DB: Além da energia, você quer dizer?

K: Sim. Nós dissemos que é o nada, que o nada é tudo, e assim também o é aquilo que é energia total. Ela é energia não diluída, pura, não corrompida. Existe algo além disso? Por que perguntamos isso?

DB: Não sei.

K: Sinto que não tocamos isso — sinto que existe algo mais.

DB: Poderíamos dizer que esse algo mais é a base do todo? Você está dizendo que tudo isso emerge de uma base interna?

K: Sim, existe outro. Tenho que ser extremamente cuidadoso aqui. Veja bem, temos que ser bastante cautelosos para não sermos românticos, para não termos ilusões, não termos desejo, nem mesmo procurar. Tem de acontecer. Você está acompanhando o que estou dizendo?

DB: Estamos dizendo que a coisa deve vir daquilo. Seja o que for que você diga deve vir daquilo.

K: Daquilo. É isso. Soa bastante presunçoso.

DB: Sem que você o veja realmente. Não se trata de observá-lo e dizer: é isso que eu vi.

K: Ah, não. Nesse caso está errado.

DB: Já existe a divisão. Naturalmente, é fácil nos iludirmos com esse tipo de coisa.

K: Sim, mas dissemos que a ilusão existe enquanto houver desejo e pensamento. Isso é simples. E o desejo e o pensamento são partes do "eu", que é tempo. Quando desejo e tempo terminam completamente, então não há absolutamente nada, e consequentemente isso é o universo, esse vazio, que está cheio de energia. Podemos colocar uma parada ali...

DB: Porque não vimos ainda a necessidade de irmos além da energia. Temos que encarar isso como necessário.

K: Penso que é necessário.

DB: Sim, mas isso tem de ser examinado. Temos de evidenciar porque é necessário.

K: Por que é necessário? A título de especulação, porque há algo mais dentro de nós que está atuando, há algo muito – muito – não sei como colocá-lo — muito maior. Estou indo bem devagar. O que estou tentando dizer é que eu acho que existe alguma coisa além daquilo. Quando eu digo "eu acho", você sabe o que quero dizer.

DB: Eu compreendo, sim.

K: Existe algo além daquilo. Como podemos falar a respeito? Veja, a energia existe somente quando há o vazio. Eles caminham juntos.

DB: Essa energia pura a que você se refere é o vazio. Você está sugerindo que existe algo que está além do vazio, a base do vazio?

K: Sim.

DB: Seria algo como a natureza de uma substância? Você entende, a pergunta é: se não é o vazio, então o que é?

K: Não entendo bem a sua pergunta.

DB: Bem, você se referiu a alguma coisa além do vazio, diferente do vazio. Creio que podemos compreender até a energia e o vazio. Todavia, se sugerimos alguma coisa diferente disso, do vazio...

K: Ah, sim, há outra coisa.

DB: Sim, então essa outra coisa tem que ser diferente do vazio. Alguma coisa diferente do vazio, que portanto não é o vazio. Isso faz sentido?

K: Então ela é substância.

DB: Sim, é isso que está implícito: se não é o vazio, é substância.

K: Substância é matéria, não é?

DB: Não necessariamente, mas tem a qualidade da substância.

K: O que você quer dizer com isso?

DB: A matéria é uma forma de substância no sentido de que é energia, mas também tem a forma da substância, porque ela tem uma forma constante e resiste à mudança. Ela é estável, sustenta a si própria.

K: Sim, mas quando você usa a palavra "substância", referindo-se a além do vazio, essa palavra transmite esse significado?

DB: Bem, estamos explorando o possível significado daquilo que você deseja dizer. Se você está dizendo que não é o vazio, então não seria substância como a conhecemos na matéria. Podemos perceber, porém, uma certa qualidade que pertence à substância em geral; se isso possui essa qualidade, poderíamos empregar a palavra substância, ampliando o significado dessa palavra.

K: Entendo. Então poderíamos usar a palavra "qualidade"?

DB: Veja bem, a palavra "qualidade" não é necessariamente o vazio, a energia poderia ter a qualidade do vazio e, portanto, é outra coisa. Alguma coisa diferente poderia ter a qualidade da substância. É assim que vejo a coisa. E é isso o que você está tentando dizer?

K: Existe algo além do vazio. Como abordaremos isso?

DB: Em primeiro lugar, o que o leva a dizer isso?

K: Simplesmente o fato de que existe. Temos sido bastante lógicos todo o tempo; não fomos apanhados em quaisquer ilusões até aqui.

Podemos, então, manter esse mesmo tipo de vigilância, na qual não há ilusão, para descobrir — não descobrir — para que o que está além do vazio desça à Terra? Descer à Terra no sentido de ser comunicado. Você está acompanhando o que estou dizendo?

DB: Sim. Poderíamos voltar à pergunta anterior: por que não desceu?

K: Por que não desceu? O homem alguma vez ficou livre do "eu"?

DB: Não. Não de um modo geral.

K: Não. E isso requer que o "eu" acabe.

DB: Acho que poderíamos encarar a coisa dessa maneira: que o ego se transforma numa ilusão dessa substância. Você sente que o ego é uma substância também, em certo sentido.

K: Sim, o ego é substância.

DB: E portanto essa substância parece ser...

K: ...intocável.

DB: Mas esse ego é uma ilusão da verdadeira substância; pode ser que a mente tente criar uma espécie de ilusão dessa substância.

K: Isso é uma ilusão. Por que você a relaciona com a outra?

DB: No sentido de que se a mente pensar que já possui esta substância, então não se abrirá...

K: Naturalmente que não. Será que essa coisa jamais poderá ser colocada em palavras? Não se trata de evitar alguma coisa, ou de tentar fugir de alguma conclusão. Veja bem: até agora colocamos tudo em palavras.

DB: Bem, penso que uma vez que uma coisa é adequadamente percebida, depois de algum tempo as palavras chegam para comunicá-la.

K: Sim, mas aquilo pode ser percebido? E, portanto ser comunicável?

DB: Essa coisa além, você diria que ela também está viva? A vida além do vazio ainda é vida? Viva?

K: Viva, sim. Oh, sim.

DB: E inteligente?

K: Não quero usar essas palavras.

DB: Elas são excessivamente limitadas?

K: Vida, inteligência, amor, compaixão; elas são todas muito limitadas. Você e eu estamos sentados aqui. Atingimos um ponto e há essa coisa que talvez mais tarde possa ser colocada em palavras sem qualquer sentido de pressão, e portanto, sem nenhuma ilusão. Você não sente - não sente - você não enxerga além da parede – entendeu o que quis dizer? Chegamos a um certo ponto, e estamos dizendo que há ainda algo mais, você compreende? Há alguma coisa além disso tudo. Ela é palpável? Podemos tocá-la? É alguma coisa que a mente possa capturar? Você me acompanha?

DB: Sim. Você está dizendo que não é?

K: Não creio que a mente possa capturá-la...

DB: Ou apreendê-la...?

K. Apreendê-la, compreenda... até para a mente olhar para ela. Você é um cientista, examinou o átomo, e assim por diante. Não sente, depois de examinar tudo isso, que existe algo que é muito mais do que isso, além disso tudo?

DB: Podemos sempre sentir que há mais além disso, mas isso não nos diz o que é. Está claro que, seja o que for que saibamos, é limitado.

K: Sim.

DB: E tem de haver mais além disso.

K: Como pode aquilo se comunicar com você, de forma que, você, com o seu conhecimento científico, com sua capacidade cerebral, possa apreendê-lo?

DB: Você está dizendo que ele não pode ser apreendido?

K: Não. Como você pode apreendê-lo? Eu não digo que não possa apreendê-lo. Você pode apreendê-lo?

DB. Olhe, não está claro. Você estava dizendo antes que isso não pode ser apreendido pelo...

K: Apreender, no sentido de que a sua mente pode ir além das teorias? O que estou querendo dizer é: você pode seguir nesta direção? Não é seguir, no sentido do tempo e tudo mais. Você pode entrar nele? Não, essas são apenas palavras. O que está além do vazio? É o silêncio?

DB: Isso não é parecido com o vazio?

K: Sim, é aí que quero chegar. Vamos passo a passo. É o silêncio? Ou o silêncio é parte do vazio?

DB: Sim, eu diria isso.

K: Eu também diria isso. Se não é o silêncio, poderíamos — estou apenas perguntando — poderíamos dizer que é algo absoluto? Você compreende?

DB: Bem, poderíamos considerar o absoluto. Teria que ser uma coisa totalmente independente; esse é o significado real de "absoluto". Não depende de nada.

K: Sim. Você está chegando perto.

DB: É inteiramente auto propulsor, por assim dizer, auto ativo.

K: Sim. Você diria que tudo tem uma causa, e que aquilo não tem nenhuma causa?

DB: Veja bem, essa noção já é antiga. Essa noção foi desenvolvida por Aristóteles, a de que esse absoluto é a causa de si próprio.

K: Sim.

DB: Ele não possui nenhuma causa, num certo sentido. É a mesma coisa.

K: Veja, no momento que você disse Aristóteles... não é isso. Como chegaremos a isso? O vazio é energia, e o vazio existe no silêncio, ou ao contrário, não importa — certo? Oh, sim, existe alguma coisa além disso tudo. Provavelmente nunca poderá ser colocada em palavras; mas ela tem de ser colocada em palavras. Você está acompanhando?

DB: Você está dizendo que o absoluto deve ser colocado em palavras, mas sentimos que isso não é possível? Qualquer tentativa de colocá-lo em palavras torna-o relativo.

K: Sim. Não sei como colocar tudo isso.

DB: Creio que temos uma longa história de perigo com o absoluto. As pessoas o colocaram em palavras, e ele se tomou muito opressivo.

K: Abandone tudo isso. Veja bem, ignorar o que outras pessoas disseram, Aristóteles, Buda, e outros, tem uma vantagem. Entende o que quero dizer? Uma vantagem no sentido de que a mente não está influenciada pelas ideias de outras pessoas, nem presa às afirmações de outras pessoas. Tudo isso faz parte do nosso condicionamento. Agora, para ir além de tudo isso! O que estamos tentando fazer?

DB: Acho que estamos tentando nos comunicar com relação a esse absoluto, esse além.

K: Eu retirei imediatamente essa palavra "absoluto".

DB: Então seja lá o que for; o que está além do vazio e do silêncio.

K: Além disso tudo. Existe o além disso tudo. Tudo isso é alguma coisa, parte de uma imensidão.

DB: Sim, mesmo o vazio e o silêncio são uma imensidão, não são? A energia em si é uma imensidão.

K: Sim, eu compreendo isso. Porém existe uma coisa muito mais imensa do que isso. O vazio, o silêncio e a energia são imensos, realmente imensuráveis. Mas existe uma coisa que é — estou usando a palavra "maior" - do que isso. Por que você aceita tudo isso?

DB: Estou apenas ponderando. Estou observando. Podemos ver que não importa o que digamos sobre o vazio, ou sobre qualquer outra coisa, existe algo além.

K: Não, como um cientista, por que você aceita — aceita não, perdoe-me por usar essa palavra — por que você acompanha isso?

DB: Porque nós chegamos aqui passo a passo, percebendo a necessidade de cada passo.

K: Você percebe que tudo isso é muito lógico, razoável, sensato.

DB: Além disso, podemos perceber que é assim, certo?

K: Sim. Assim, se eu disser que existe uma coisa maior do que todo esse silêncio, essa energia — você aceitaria isso? Aceitaria no sentido de que até agora temos sido lógicos.

DB: Digamos que certamente há algo além de qualquer coisa a que você se refira. Silêncio, energia, seja o que for, então sempre há, logicamente, espaço para alguma coisa além. Porém o ponto é o seguinte: mesmo que você diga que há algo além disso, logicamente ainda deixa espaço para irmos novamente além disso.

K: Não.

DB: Bem, por que não? Veja, qualquer coisa que você diga, sempre existe espaço para algo além.

K: Não há nada além.

DB: Bem, esse ponto não está claro, percebe?

K: Não existe nada além. Eu me mantenho fiel a isso. Não de forma dogmática ou obstinada. Sinto que isso é o começo e o final de tudo. O fim e o início são a mesma coisa — certo?

DB: Em que sentido? No sentido de que você está usando o início de tudo como o final?

K: Sim. Certo? Você diria isso?

DB: Sim. Se tomarmos a base de onde isso vem, deve ser a base aonde isso cai.

K: Está correto. Essa é a base sobre a qual tudo existe, espaço...

DB: ...energia...

K: ...energia, vazio, silêncio, tudo que é. Tudo isso. Não a base, você compreende?

DB: Não, isso é apenas uma metáfora.

K: Não há nada além disso. Nenhuma causa. Se você tem uma causa então você tem uma base.

DB: Você tem outra base.

K: Não. Isso é o começo e o fim.

DB: Está se tornando mais claro.

K: É verdade. Isso transmite alguma coisa a você?

DB: Sim, acho que transmite alguma coisa.

K: Alguma coisa. Você diria ainda que não há começo e nem fim?

DB: Sim. Isso vem da base, vai para a base, mas não começa nem termina.

K: Sim. Não existe início nem fim. As implicações são enormes. Isso é a morte? Morte não no sentido de eu vou morrer, mas o término completo de tudo?

DB: Veja bem, primeiro você disse que o vazio é o final de tudo, então em que sentido é esse mais, agora? O vazio é o fim das coisas, não é?

K: Sim, sim. É isso morte, esse vazio? A morte de tudo que a mente cultivou. Esse vazio não é o produto da mente, da mente particular.

DB: Não, é a mente universal.

K: Esse vazio é isso.

DB: Sim.

K: Esse vazio só pode existir quando há morte — a morte total — do particular.

DB: Sim.

K: Não sei se estou conseguindo transmitir isso.

DB: Sim, isso é o vazio. Mas então você está dizendo que, nessa base, a morte vai mais adiante?

K: Oh, sim.

DB: Então estamos dizendo que o final do particular, a morte do particular, é o vazio, que é o universal. Você vai dizer agora que o universal também morre?

K: Sim, é isso que estou tentando dizer.

DB: Na base.

K: Isso transmite alguma coisa?

DB: Possivelmente, sim.

K: Espere um minuto. Vejamos. Creio que isso transmita algo, não é?

DB: Sim. Ora, se o particular e o universal morrem, então isso é a morte?

K: Sim. Afinal de contas, um astrônomo diz que tudo no universo está morrendo, explodindo, morrendo.

DB: Mas, naturalmente, poderíamos supor que havia algo além.

K: Sim, é exatamente isso.

DB: Acho que estamos avançando. O universal e o particular. Primeiro o particular morre no vazio, e depois vem o universal.

K: E isso morre também.

DB: Na base, certo?

K: Sim.

DB: Então poderíamos dizer que a base não nasce e nem morre.

K: Está correto.

DB: Bem, eu acho que se torna quase inexprimível se você diz que o universal se foi, porque a expressão é o universal.

K: Veja — estou apenas explicando: tudo está morrendo, a não ser aquilo. Isso transmite alguma coisa?

DB: Sim. Bem, é a partir daquilo que tudo surge, e naquilo que tudo morre.

K: Então aquilo não tem começo nem fim.

DB: O que significaria falar sobre o término do universal? O que significaria termos o fim do universal?

K: Nada. Por que isso deveria ter um significado se está acontecendo? Qual é a relação disso com o homem? Você está acompanhando o que quero dizer? O homem está passando por uma época terrível. Qual é a relação disso com o homem?

DB: Digamos que o homem sente que ele tem de ter algum contato com a base suprema em sua vida, caso contrário não há significado.

K: Mas não há. A base não possui qualquer relacionamento com o homem. Ele está se matando, ele está fazendo tudo em oposição à base.

DB: Sim, é por isso que a vida não tem qualquer significado para o homem.

K: Sou um homem comum; eu digo, está bem, você falou maravilhosamente, mas o que tem isso a ver comigo? Isso ou o que você está falando vai me ajudar a superar minha feiura? Minhas brigas com minha mulher ou seja lá o que for?

DB: Creio que eu voltaria, e diria que entramos nisso começando logicamente com o sofrimento da humanidade, mostrando que ele se origina de um passo errado, que conduz inevitavelmente...

K: Sim, mas o homem pede: ajude-me a superar o passo errado. Coloque-me de volta no caminho certo. E a isso respondemos: por favor, não se transforme em nada.

DB: Certo. Qual é o problema então?

K: Ele nem escutará.

DB: Parece-me, então, que a pessoa que percebe isso precisa descobrir qual é a barreira para escutar.

K: Obviamente você pode ver qual é a barreira.

DB: Qual é a barreira?

K: O "eu".

DB: Sim, mas eu quis dizer mais profundamente.

K: Mais profundamente, todos os seus pensamentos, apegos profundos — tudo isto está no seu caminho. Se não pudermos abandonar essas coisas, então não teremos qualquer relação com aquilo. O homem, porém, não deseja abandoná-las.

DB: Sim, eu entendo. O que ele quer é o resultado da maneira como ele está pensando.

K: O que ele quer é um modo confortável, fácil, de viver, sem qualquer problema, e ele não pode ter isso.

DB: Não. Somente se abandonar tudo isso.

K:. Tem de haver uma ligação. Deve existir alguma relação com a base e com isso, alguma conexão com o homem comum; caso contrário, qual é o significado de vivermos?

DB: É isso que eu estava tentando dizer antes. Sem essa relação...

K: ...não há significado.

DB: E então as pessoas inventam o significado.

K: Naturalmente.

DB: Mesmo se voltarmos atrás, veremos que as antigas religiões disseram coisas parecidas, que Deus é a base, e, portanto, elas procuram Deus.

K: Ah, não, isso não é Deus.

DB: Não, não é Deus, mas está dizendo a mesma coisa. Poderíamos dizer que "Deus" é uma tentativa de colocar essa noção de um modo um tanto pessoal demais, talvez.

K: Sim. Dê-lhes esperança, dê-lhes fé, entende? Torne a vida um pouco mais confortável de ser vivida.

DB: Bem, você está querendo saber neste ponto: como isso poderá ser transmitido ao homem comum? É essa a sua pergunta?

K: Mais ou menos. E também é importante que ele escute isso. Você é um cientista. É bom o bastante para escutar porque somos amigos. Quem escutará, porém, entre os seus outros amigos? Sinto que se nos dedicarmos a isso, teremos um mundo maravilhosamente bem organizado.

DB: Sim. E o que faremos nesse mundo?

K: Viveremos.

DB: Mas, quero dizer, falamos alguma coisa a respeito da criatividade...

K: Sim; e então, se não temos conflito, se não há nenhum "eu", há outra coisa atuando.

DB: Sim, é importante dizer isso, porque a ideia cristã de perfeição parece ser bastante maçante, porque não há nada a fazer!

K: Isso me lembra duma boa piada! Vocês estão esperando pela piada? (Risos) Um homem morre e vai até São Pedro, e São Pedro diz: 'Você viveu uma boa vida, você não trapaceou muito, mas antes de entrar no pa-

raíso devo dizer-lhe algo. Aqui estamos todos entediados. Somos todos terrivelmente sérios, Deus nunca ri. E todo anjo é ranzinza, deprimido. A menos que queira entrar neste mundo, hesite. Então antes de vir, talvez você prefira ir lá embaixo e ver como são as coisas. A escolha é sua. Toque aquela companhia, o elevador virá. Você entra e desce. Então o cara toca a campainha, desce e o portão abre. E ele é recebido por moças lindíssimas. E ele diz: nossa, está é minha vida. Posso subir e falar com São Pedro? E ele entra no elevador, sobe e diz: ' Senhor, foi muito bom você me oferecer uma escolha. Prefiro lá embaixo'. E Pedro diz: 'Imaginava isso!' Então o homem toca a campainha e desce novamente. O portão abre e ele é recebido por duas pessoas que batem nele, empurram-no de um lado para outro e assim por diante. Ele protesta. 'Só um minuto. Um minuto atrás vim aqui, vocês me trataram como um rei!' Ah, na ocasião você era um turista!'. Desculpe. Do sublime ao ridículo, o que é bom também. (Risos)

Devemos continuar essa conversa em outra ocasião, porque isso é algo que tem que ser colocado em órbita.

DB: Parece impossível.

K: Veremos. Fomos bastante longe.

3

Por Que o Homem Deu Suprema Importância ao Pensamento

Ojai, Califórnia, 8 de abril de 1980.

KRISHNAMURTI: Sobre o que falaremos?

DAVID BOHM: Tocarei num ponto que está relacionado com o que abordamos anteriormente; li em algum lugar que um importante físico disse que quanto mais entendemos o universo, mais sem sentido ele parece, menos significado ele tem. Ocorreu-me, também, que pode haver na ciência uma tentativa de tornar o universo material a base da nossa existência, de modo que fisicamente ele tenha significado, mas não...

K: ...qualquer outro significado. Exatamente.

DB: E o assunto que podemos discutir é essa base sobre a qual estávamos falando outro dia. As coisas são diferentes para a humanidade assim como o universo físico parece ser?

K: Tornemos a pergunta mais clara.

DB: Não apenas os físicos, como também os geneticistas, os biólogos, tentaram reduzir tudo ao comportamento do homem — átomos, genes, moléculas de DNA, e assim por diante; e quanto mais eles o estudam, mais eles sentem que isso não tem significado, que está apenas passando. Embora isso tenha fisicamente um significado, no sentido de que podemos entendê-lo cientificamente, não tem um significado mais profundo do que esse.

K: Entendo.

DB: Além disso, naturalmente, talvez essa noção tenha se introduzida porque no passado as pessoas eram mais religiosas e sentiam que a base da sua existência estava em alguma coisa além da matéria — Deus, ou seja como for que a quisessem chamar. Isso lhes proporcionava um sentido de profundo significado às suas existências como um todo, que agora desapareceu. Essa é uma das dificuldades da vida moderna, o sentido de que ela não significa nada.

K: As pessoas religiosas, então, inventaram alguma coisa que possui um significado?

DB: É bem possível que elas o tenham feito. Veja, por sentirem que a vida não tinha significado, elas podem ter inventado alguma coisa que está além do ordinário. Algo que é eterno...

K: ...intemporal, inominável.

DB: ...e independente, absoluto, como eles chamam.

K: Percebendo que o modo como vivemos, geneticamente e das outras maneiras, não possui significado, algumas pessoas espertas e eruditas disseram: "Daremos um significado a isso".

DB: Bem, acho que aconteceu antes disso. No passado, as pessoas, de algum modo, deram sentido à vida, sob a forma da religião, bem antes da ciência ser tão desenvolvida. Depois surgiu a ciência e começou a negar essa religião.

K: Perfeitamente. Entendo isso.

DB: Portanto, as pessoas não acreditam mais no significado religioso. Talvez, de qualquer modo, elas nunca tenham sido capazes de acreditar nele inteiramente.

K: Então, como descobriremos se a vida tem um significado além desse? Como descobriremos? As pessoas tentaram a meditação: tentaram todas as formas de auto tortura, de isolamento, tornaram-se monges, sannyasis, e assim por diante. Mas elas podem estar também se iludindo completamente.

DB: Sim; e é inclusive por isso que os cientistas negaram todas essas coisas, porque a história contada pelas pessoas religiosas não é mais plausível. Você entende?

K: Perfeitamente. Então, como se pode saber se existe algo além do que é meramente físico? Como começaríamos?

DB: Estivemos discutindo a noção de uma base que está além da matéria, além do vazio.

K: Suponha, porém, que você concorde com o fato de que essa base existe, e eu diga que isso é outra ilusão.

DB: O primeiro ponto é, talvez, esclarecermos isso: Veja, se essa base é indiferente aos seres humanos, então ela seria a mesma base da matéria dos cientistas.

K: Sim. Qual é a pergunta?

DB: A base é indiferente à espécie humana? Veja, o universo parece ser totalmente indiferente ao gênero humano. Ele é uma vastidão imensa, não presta atenção em nada, pode causar terremotos e catástrofes, pode exterminar coisas, ele não está essencialmente interessado na humanidade.

K: Entendo o que quer dizer.

DB: É indiferente para ele se o homem vai sobreviver ou não — se quiser colocar as coisas nesses termos.

K: Certo. Compreendo a pergunta.

DB: Contudo, penso que as pessoas achavam que Deus era uma base que não era indiferente à humanidade. Veja, elas podem tê-la inventado, mas era nisso que elas acreditavam; e era isso que lhes proporcionava possivelmente...

K: ...uma tremenda energia. Possivelmente.

DB: No momento, creio que a questão é a seguinte: seria essa base indiferente ao gênero humano?

K: Como descobriríamos isso? Qual é a relação dessa base com o homem e a relação do homem com ela?

DB: Sim, essa é a pergunta. O homem tem alguma importância para ela? E ela tem significado para o homem? Posso acrescentar mais um item? Conversava com uma pessoa familiarizada com o Oriente Médio e as tradições de misticismo; ela me disse que essas tradições não apenas afirmam que isso que nós chamamos de base, esse infinito, tem alguma importância, como também que tudo o que o homem faz tem fundamentalmente algum significado.

K: Perfeitamente. Suponha que alguém diga que isso é um fato — caso contrário, a vida não teria significado, nada teria significado — como descobriríamos isso? Suponha que você diga que essa base existe, como eu disse no outro dia. Então a próxima pergunta é: Qual a relação que ela tem com o homem? E o homem com ela? Como nós a descobriríamos ou tocaríamos nela — se é que a base existe de fato? Se ela não existe, então realmente o homem não tem qualquer significado. Quero dizer, eu morro, você morre, todos nós morremos, e qual o sentido de sermos virtuosos, sermos felizes ou infelizes, de simplesmente prosseguirmos? Como poderíamos mostrar que a base existe? Em termos científicos, bem como na sensação que temos em relação a ela, na comunicação não verbal com ela?

DB: Quando você diz científico, quer dizer racional?

K: Sim, racional.

DB: Então, uma coisa que efetivamente podemos tocar.

K: Sentir — melhor do que tocar — sentir. Muitos podem chegar a isso.

DB: Sim, É para todos.

K: Não é apenas a afirmação de um só homem. Isso seria científico. Acho que pode ser mostrado, mas temos de fazê-lo e não apenas falar a respeito. Eu posso — ou você pode — dizer que a base existe? A base tem certas exigências, que são: deve haver silêncio absoluto, um vazio absoluto, o que quer dizer nenhum sentimento

de egoísmo — certo? Você me diria isso? Estou disposto a abandonar todo o meu egoísmo, porque quero prová-lo, quero mostrá-lo, quero descobrir se o que você está dizendo é realmente verdadeiro? Portanto, estou disposto a dizer: "Veja, a completa erradicação do ego". Será que todos nós, dez entre nós, estaríamos dispostos a fazer isso?

DB: Creio que posso dizer que, talvez, num certo sentido, as pessoas estejam dispostas, mas pode haver um outro sentido no qual a disposição não esteja sujeita ao esforço consciente ou à determinação das pessoas.

K: Não, espere. Então vamos ter que passar por tudo isso.

DB: Temos de ver que...

K: Não é vontade, não é desejo, não é esforço.

DB: Sim, mas quando você menciona a palavra disposição, ela contém a palavra "vontade", por exemplo.

K: Disposição, no sentido de: atravesse aquela porta; ou, estou, estamos dispostos a atravessar essa porta específica para descobrir que a grande base existe? Você me pergunta isso. Eu respondo que sim, que estou. Estou disposto não no sentido de exercitar a vontade e coisas desse tipo. Quais são as facetas, as qualidades ou a natureza do ego? Investiguemos isso. Você me diz: "Está bem" — podemos, dez entre nós, fazê-lo? Não termos apego, não termos medo — você me entende? — tudo que está envolvido nisso. Nenhuma crença, racionalidade absoluta - observação. Acho que se dez pessoas o fizerem, qualquer cientista o aceitará. Mas, não há essas dez pessoas.

DB: Entendo. A coisa deve ser feita juntos, abertamente...

K: ...é isso...

DB: ...para que ela se torne um fato real.

K: Um fato real, no sentido de que as pessoas a aceitem, e não uma coisa baseada na ilusão, na crença, e em todas essas coisas.

DB: Um fato; aquilo que é efetivamente realizado.

K: Contudo, quem fará isso? Os cientistas querem dizer que a coisa é toda ilusória, sem sentido. Existem outros, porém, que dizem: "não é sem sentido, existe uma base, e se fizermos essas coisas ela estará ali".

DB: Sim, mas eu acho que algumas das coisas que dissermos poderão não fazer sentido completamente, no início, para a pessoa com quem estivermos falando.

K: Sim, sem dúvida, porque ela não está nem mesmo querendo ouvir.

DB: Além disso, toda a sua experiência é contra isso. Veja, os antecedentes da pessoa fornecem a ela a noção do que faz sentido e do que não faz. Ora, quando dizemos, por exemplo, que um dos passos é não incluir o tempo...

K: Ah, isso é muito difícil.

DB: Sim, mas é bastante crucial.

K: Espere. Eu não começaria com o tempo, eu começaria no nível do colegial.

DB: Mas você vai, eventualmente, chegar nos pontos mais difíceis.

K: Sim, mas comecemos no nível do colegial e digamos: "Olhem, façam essas coisas".

DB: Bem, que coisas são essas? Vamos examiná-las.

K: Nenhuma crença.

DB: Uma pessoa poderá não ser capaz de controlar as suas crenças, poderá não saber em que acredita.

K: Não, não controle nada. Observe, você tem uma crença, você se agarra à crença, a crença nos dá uma sensação de segurança e assim por diante. Essa crença, contudo, é uma ilusão, não é real.

DB: Veja, acho que se fôssemos falar assim a cientistas, poderiam dizer que não se sentem seguros, porque acreditam na existência do mundo material.

K: Você não acredita que o Sol se levanta e se põe. Isso é um fato.

DB: Sim, mas o cientista acredita. Veja, houve longas discussões a esse respeito, não há como provar que isso existe fora da minha mente, mas acredito nisso de qualquer modo. Esse é um dos problemas que surgem. Os cientistas efetivamente possuem crenças. Um acreditará que determinada teoria está correta, e outro acreditará numa diferente.

K: Não. Eu não tenho teorias. Não possuo nenhuma teoria. Eu começo no nível do colegial dizendo: "Olhem, não aceitem teorias, conclusões, não se prendam aos seus preconceitos". Este é o ponto de partida.

DB: Talvez devêssemos dizer: não se agarrem às suas teorias, porque alguém poderia indagar se vocês estão afirmando que não possuem teorias. As pessoas imediatamente ficariam em dúvida, compreende?

K: Não tenho teorias. Por que eu deveria ter teorias?

INTERROGANTE: Se eu fosse um cientista, eu também diria que não tenho teorias. Não encararia o mundo que eu construo para minhas teorias científicas como sendo também teórico. Eu o consideraria um fato.

K: Temos então que analisar o que são fatos. Certo? Eu diria que fato é aquilo que está acontecendo, realmente acontecendo. Você concorda com isso?

DB: Sim.

K: Os cientistas concordariam com isso?

DB: Sim. Bem, acho que os cientistas diriam que o que está acontecendo é compreendido através das teorias. Veja, na ciência não entendemos o que está ocorrendo, a não ser com a ajuda de ferramentas e teorias.

K: Agora, espere, espere. O que está acontecendo lá fora, o que está ocorrendo aqui?

DB: Vamos devagar. Em primeiro lugar, o que está acontecendo lá fora. As ferramentas e teorias são necessárias até para...

K: Não.

DB: ...termos os fatos sobre o que está lá fora...

K: Quais são os fatos lá fora?

DB: Não podemos descobri-lo sem algum tipo de teoria.

K: Os fatos ali são conflitos, então por que eu deveria ter uma teoria a respeito disso?

DB: Eu não estava discutindo isso. Estava examinando os fatos sobre a matéria, com os quais o cientista está envolvido. Ele não pode estabelecer esses fatos sem uma certa teoria, porque a teoria organiza os fatos para ele.

K: Sim, eu entendo. Isso pode ser um fato. Você talvez tenha teorias a esse respeito.

DB: Sim, a respeito da gravitação, dos átomos — todas essas coisas dependem de teorias para poder produzir os fatos certos.

K: Os fatos certos. Então você começa com uma teoria.

DB: Uma mistura de teoria e fato. É sempre uma combinação de teoria e fato.

K: Está bem. Uma combinação de teoria e fato.

DB: Contudo, se disser que temos uma área onde não existe tal combinação...

K: Exatamente. Ou seja, psicologicamente, não possuo nenhuma teoria sobre mim mesmo, sobre o universo, sobre o meu relacionamento com outro ser. Não tenho teorias. Por que eu deveria ter?

O único fato é: a humanidade sofre, é miserável, está confusa, está em conflito. Isso é um fato. Por que eu deveria ter uma teoria a esse respeito?

DB: Você tem que ir devagar. Veja bem, se pretende sensibilizar os cientistas, isso terá que ser científico...

K: ...irei bem devagar...

DB: ...para que não deixemos os cientistas para trás!

K: Perfeitamente. Deixe-me para trás!

DB: Bem, vamos "nos separar" — certo? Os cientistas poderão dizer: sim, a psicologia é a ciência através da qual olhamos interiormente, para investigar a mente. Além disso, eles dirão que várias pessoas — como Freud, Jung, e outros — tiveram teorias. Agora teremos de tornar claro porque não há sentido em formularmos essas teorias.

K: Porque a teoria impede a observação do que está efetivamente ocorrendo.

DB: Sim, mas exteriormente parecia que a teoria estava ajudando a observação. Por que essa diferença?

K: A diferença? Você pode descobri-la, é simples.

DB: Vamos examinar isso detalhadamente, pois, se pretende convencer os cientistas, você tem de responder a essa pergunta.

K: Nós a responderemos. Qual é a pergunta?

DB: Por que é que as teorias são aparentemente necessárias e úteis na organização dos fatos a respeito da matéria e, contudo, internamente, psicologicamente elas atrapalham, não servem pra nada.

K: Sim. O que é teoria? O significado da palavra teoria?

DB: Teoria significa ver, observar, uma espécie de insight.

K: Observar? É isso. Um modo de olhar.

DB: A teoria, inclusive, ajuda-nos a observar a matéria exterior.

K: Teoria significa observar.

DB: É uma maneira de observar.

K: Você pode observar psicologicamente o que está acontecendo?

DB: Digamos que quando olhamos para a matéria externamente, até certo ponto nós fazemos a observação.

K: Ou seja, o observador é diferente do observado.

DB: Não apenas diferente, mas a sua relação é fixa, relativamente estável, pelo menos durante algum tempo.

K: Podemos, então, avançar agora, um pouco.

DB: Isso parece ser necessário para podermos estudar a matéria. A matéria não muda tão depressa, e pode ser separada até certo ponto. Podemos, então, elaborar um modo de observação razoavelmente constante. Ela muda, mas não instantaneamente; pode ser mantida constante, por algum tempo.

K: Sim.

DB: Chamamos a isso de teoria.

K: Como você disse, teoria significa uma maneira de observar.

DB: É a mesma coisa que "teatro" em grego.

K: Teatro, sim, isso mesmo. É uma maneira de olhar. Por onde começamos, então? Por um modo comum de olhar, por um modo trivial de olhar, por um modo de olhar que depende do ponto de vista de cada pessoa — da esposa, do marido? O que você entende por maneira de olhar?

DB: O mesmo problema surgiu no decorrer do desenvolvimento da ciência. Começamos com o que era chamado de senso comum, uma maneira comum de observar. Os cientistas descobriram então que isso era inadequado.

K: Eles se afastaram disso.

DB: Eles se afastaram, abandonaram algumas partes.

K: É aí que eu quero chegar. A maneira comum de observar é extremamente preconceituosa.

DB: Sim, ela é arbitrária, e depende da nossa experiência anterior.

K: Sim, de tudo isso. Podemos, contudo, nos livrar da nossa experiência anterior, do nosso preconceito? Eu acho que sim.

DB: A questão é se uma teoria psicológica nos ajudaria a conseguir isso. O perigo está em que a própria teoria possa ser preconceituosa. Se tentássemos elaborar uma teoria...

K: É isso que estou dizendo. Isso se transformaria num preconceito.

DB: Isso se transformaria num preconceito porque não temos nada — ainda não observamos nada que possa servir de alicerce.

K: O fator comum, então, é que o homem sofre — certo? Esse é o fator comum; e a maneira de observar as coisas.

DB: Sim. Eu me pergunto se os cientistas aceitariam isso como fator essencial do homem.

K: Está bem. O conflito?

DB: Bem, eles discutiram sobre isso.

K: Tome qualquer coisa, não importa o quê. Apego, prazer, medo.

DB: Acho que as pessoas poderão contestar, alegando que deveríamos assumir algo mais positivo.

K: Como o quê?

DB: Simplesmente, por exemplo, algumas pessoas poderão ter dito que a racionalidade é um fator comum.

K: Não, não, não! Não chamarei a racionalidade de um fator comum. Se as pessoas fossem racionais, não brigariam umas com as outras.

DB: Temos que tornar isso claro. Digamos que no passado, alguém como Aristóteles possa ter dito que a racionalidade é o fator comum do homem. Agora, o seu argumento contra isso é que os homens não são, geralmente, racionais.

K: Não, eles não são.

DB: Embora pudessem ser, normalmente não são. Você está dizendo, então, que isso não é um fato.

K: Exatamente.

I: Acho que, normalmente, os cientistas diriam que existem muitos tipos diferentes de seres humanos e que o fator comum da humanidade é que todos estão lutando pela felicidade.

K: É esse o fator comum? Não. Não aceitarei isso — que muitos seres humanos estão tentando ser felizes.

I: Não. Os seres humanos são todos diferentes.

K: Concordo. Fique aí.

I: O que estou dizendo é que essa é a teoria comum, que as pessoas acreditam ser um fato.

K: Ou seja, cada pessoa acha que é completamente diferente das outras.

I: Sim. E que estão todas lutando, independentemente, pela felicidade.

K: Estão todas procurando alguma forma de gratificação. Concordaria com isso?

DB: Esse é um fator comum. A razão, contudo, pela qual eu trouxe a racionalidade foi que a própria existência da ciência está baseada na noção de que a racionalidade é comum ao homem.

K: No entanto, cada pessoa está procurando sua própria individualidade.

DB: Mas, veja bem, a ciência seria impossível se isso fosse inteiramente verdadeiro.

K: Perfeitamente.

I: Por quê?

DB: Porque todo mundo não estaria interessado na verdade. A própria possibilidade da descoberta científica depende das pessoas sentirem que essa meta comum de descobrir a verdade está além da satisfação pessoal, pois, mesmo que a nossa teoria esteja errada, temos de aceitar que ela está errada, embora isso não seja gratificante. Ou seja, é muito desapontador para as pessoas, mas elas aceitam isso, e dizem: bem, isso está errado.

K: Eu não estou procurando gratificação. Sou um homem comum. Você trouxe à tona que os cientistas consideram um fato que os seres humanos são racionais.

DB: Pelo menos quando fazem ciência. Eles podem concordar que não são muito racionais na vida privada, mas eles dizem que pelo menos são capazes de ser racionais, quando estão executando o trabalho científico. De outra maneira, seria impossível começar.

K: Então, aparentemente, quando lidam com a matéria, eles são racionais.

DB: Pelo menos, tentam ser, e são até certo ponto.

K: Tentam ser, mas tornam-se irracionais nos seus relacionamentos com outras pessoas.

DB: Sim. Não conseguem manter a racionalidade.

K: Então esse é o fator comum.

DB: Sim. É importante levantar esse ponto — que a racionalidade é limitada, e, como você diz, o fato fundamental é que não podem ser racionais de uma maneira mais geral. Poderão ter sucesso em alguma área limitada.

K: É verdade. Isso é um fato.

DB: Isso é um fato, embora não digamos que é inevitável, ou que não pode ser mudado.

K: Não. Isso é um fato.

DB: É um fato que foi, aconteceu, está acontecendo.

K: Sim. Eu, como um ser humano comum, tendo sido irracional; e minha vida tem sido totalmente contraditória, e assim por diante, o que é irracional. Como ser humano, contudo, como posso mudar isso?

DB: Vejamos como procederíamos a partir do ponto de vista científico. Isso levantaria a questão: por que todo mundo é irracional?

K: Porque fomos condicionados dessa forma. Nossa educação, nossa religião, tudo nos conduziu a isso.

DB: Isso, porém, não nos levará a nenhum lugar, porque conduz a mais perguntas: como nos tornamos condicionados e assim por diante.

K: Podemos examinar tudo isso.

DB: O que eu quis dizer é que, se seguirmos essa linha de raciocínio, não chegaremos à resposta.

K: Correto. Por que ficamos condicionados assim?

DB: Por exemplo, dissemos outro dia que talvez o homem tenha dado um passo errado, tenha estabelecido um condicionamento errado.

K: O condicionamento errado desde o início; ou talvez a procura pela segurança — a segurança pessoal, para a família, para o grupo, para a tribo — tenha acarretado essa divisão.

DB: Mesmo nesse caso temos que perguntar por que o homem procurou essa segurança da forma errada. Veja, se tivesse havido qualquer inteligência, teria ficado claro que tudo isso não tem significado.

K: Naturalmente, você está voltando ao passo errado. Como pretende me mostrar que demos um passo na direção errada?

DB: Está dizendo que queremos demonstrar isso cientificamente?

K: Sim. Acho que o passo errado foi dado quando o pensamento se tornou extremamente importante.

DB: O que fez com que ele se tornasse muito importante?

K: Bem, vamos chegar a uma conclusão. O que fez com que os seres humanos endeusassem o pensamento como o único meio de atuação?

DB: Também devemos tornar claro o motivo pelo qual, se o pensamento é tão importante, ele causa todas as dificuldades. Essas são as duas perguntas.

K: Isso é bastante simples. O pensamento se tornou rei, supremo; e esse pode ser o passo errado dos seres humanos.

DB: Veja, acho que o pensamento se transformou no equivalente da verdade. As pessoas consideraram que o pensamento fornece a verdade, fornece o que é sempre verdadeiro. Existe a noção de que temos conhecimento — que pode se manter em alguns casos por certo tempo — mas os homens generalizam, porque o conhecimento está sempre se generalizando. Quando as pessoas alcançaram a noção de que seria sempre assim, isso cristalizou o pensamento do que é verdadeiro. Isso deu ao pensamento uma importância suprema.

K: Você está perguntando, não está, por que o homem deu tanta importância ao pensamento?

DB: Acho que ele resvalou.

K: Por quê?

DB: Porque ele não percebeu o que estava fazendo. Veja, no início ele não viu o perigo...

I: Há pouco tempo atrás, você disse que a base comum para o homem é a razão...

K: Os cientistas dizem isso.

I: Se pudermos mostrar a uma pessoa que algo é verdadeiro...

K: Mostre-me isso. É verdade que sou irracional. Isso é um fato, isso é verdadeiro.

I: Você não precisa de razão para isso. A observação é suficiente.

K: Não. As pessoas brigam. As pessoas falam sobre a paz. As pessoas são irracionais. O Dr. Bohm assinalou que os cientistas dizem que o homem é racional, mas o fato é que a vida do dia-a-dia é irracional. Agora, estamos pedindo: mostre-nos cientificamente por que isso é irracional; isto é, mostre de que maneira o homem resvalou nessa irracionalidade; por que os seres humanos aceitaram isso. Podemos dizer que é hábito, tradição, religião. Além disso, os cientistas também são muito racionais no seu campo específico, mas irracionais nas suas vidas.

I: Você afirma, então, que a principal irracionalidade foi ter tornado rei o pensamento?

K: Isso mesmo. Chegamos aonde queríamos.

DB: Mas como resvalamos no sentido de fazer o pensamento tão importante?

K: Por que o homem considerou o pensamento como sendo a coisa mais importante? Acho que isso é muito fácil de responder. Porque isso é a única coisa que ele conhece.

DB: Isso não implica que o homem lhe dê uma importância tão grande.

K: Porque as coisas que conheço — as coisas que o pensamento criou, as imagens, e todo o resto — são mais importantes do que as coisas que não conheço.

DB: Mas veja, se a inteligência estivesse atuando, ele não teria chegado a essa conclusão. Não é racional dizer que tudo o que sei é importante.

K: Concordo, mas o homem é irracional.

DB: Ele escorregou na irracionalidade e disse: tudo o que sei é importante. Mas por que teria o homem feito isso?

K: Você diria que o erro foi cometido porque ele se agarra ao conhecido e rejeita qualquer coisa desconhecida?

DB: Isso é um fato, mas não está claro porque ele o faz.

K: Porque é a única coisa que ele tem.

DB: Estou perguntando, porém, por que ele não foi inteligente o suficiente para perceber isso?

K: Porque ele é irracional.

DB: Bem, estamos dando voltas!

K: Não acho.

DB: Veja bem, cada uma das razões que apresentou são apenas um outro exemplo da irracionalidade do homem.

K: Isso é tudo que estou dizendo. Somos basicamente irracionais, porque demos ao pensamento uma importância suprema.

DB: O passo anterior, porém, não era o de que o pensamento construiu a ideia de que eu existo?

K: Ah, isso vem um pouco mais tarde; temos de caminhar passo a passo.

I: Certamente para o "eu", a única coisa que existe é o pensamento.

K: Os cientistas aceitariam isso?

DB: O cientista acha que está investigando a verdadeira natureza da matéria, independente do pensamento, basicamente independente, de qualquer modo. Ele quer saber como é o universo. Ele pode estar se enganando, mas sente que não valeria a pena fazer isso a não ser que acredite que está descobrindo um fato objetivo.

K: Você Diria, então, que através da investigação da matéria ele está tentando achar alguma coisa, tentando descobrir a base?

DB: É exatamente isso.

K: Mas espere! É isso?

DB: Precisamente, sim.

K: O homem religioso diz que não podemos descobri-la tornando-nos terrivelmente racionais nas nossas vidas. Ele não aceita que é racional, mas diz que é irracional em contradição, e assim por diante. Então, ou ele terá que resolver isso primeiro — passo a passo, ou ele poderá fazer tudo de uma vez só. Correto? Ele aceita que é irracional.

DB: Mas existe uma dificuldade. Se você aceita que é irracional, você para, porque diz: como posso começar?

K: Sim, mas se eu aceitar completamente que sou irracional — espere um instante — então eu sou racional!

DB: Você terá que tornar isso mais claro. Você poderia dizer que o homem tem estado se iludindo por acreditar que já é racional.

K: Não aceito isso.

DB: Se não aceita essa ilusão, então você está afirmando que a racionalidade estará presente.

K: Não, não a aceito. O fato é, eu sou irracional e, para descobrir a base, tenho de me tornar extremamente racional na minha vida. Isso é tudo. A irracionalidade foi causada pelo pensamento que criou a ideia de que eu sou separado de todas as outras pessoas. Posso eu, então, sendo irracional, descobrir a causa da irracionalidade e eliminá-la? Se eu não puder fazer isso, não poderei alcançar a base que é a mais racional. Um cientista que estivesse investigando a matéria aceitaria que essa base existe?

DB: Bem, ele está implicitamente aceitando que ela existe.

K: Ela existe. O Sr. X se aproxima e diz que ela efetivamente existe. E vocês, os cientistas, dizem: "Mostre". O Sr. X diz, "Eu vou mostrar pra você. Primeiro torne-se racional em sua vida. Um cientista se encontra com outros cientistas, realiza experiências e é racional naquela área, embora seja irracional na sua vida particular. Torne-se, em primeiro lugar, racional na sua vida, comece aqui, e não ali. O que você diria a tudo isso? Isso deve ser feito sem esforço, sem desejo, sem vontade, sem qualquer sentido de persuasão, caso contrário você estaria de volta ao jogo.

DB: Bem, vamos colocar as coisas assim: mesmo no que diz respeito à ciência, não poderíamos nos dedicar completamente a ela a não ser que fôssemos racionais.

K: Um pouco racionais.

DB: Um pouco racionais, mas, eventualmente, o fracasso da racionalidade bloqueia a ciência de qualquer modo. Os cientistas se agarram a suas teorias, tornam-se ciumentos e assim por diante.

K: Exatamente, isso é tudo. A irracionalidade os domina.

DB: Poderíamos então dizer que seríamos também capazes de observar a fonte de toda irracionalidade.

K: É isso que estou dizendo.

DB: Agora, porém, você tem de tornar claro que isso realmente pode ser feito.

K: Oh, sim, é o que estou mostrando a você. Eu digo: primeiro reconheça, veja, observe, perceba que você é totalmente irracional.

DB: A palavra "totalmente" causará problemas, porque se você fosse totalmente irracional, não poderia nem começar a falar.

K: Não, isso é que estou discutindo. Digo que somos totalmente irracionais. Em primeiro lugar, reconheça isso. Observe. No momento em que você admitir que existe uma parte de mim que é racional, que deseja eliminar a irracionalidade...

DB: ...Não é isso, mas tem de haver suficiente racionalidade para que eu compreenda o que você está falando.

K: Sim, naturalmente.

DB: Na verdade, eu preferiria declarar que estamos dominados pela nossa irracionalidade, embora exista racionalidade suficiente para discutirmos o assunto.

K: Questiono isso.

DB: Veja bem, de outra maneira não poderíamos começar a falar.

K: Escute. Nós começamos a falar. Alguns de nós começamos a conversar porque queremos ouvir uns aos outros, estamos dispostos a dizer: colocaremos de lado quaisquer conclusões a que tenhamos chegado, estamos dispostos a nos escutar mutuamente.

DB: Isso faz parte da racionalidade.

K: No que diz respeito a alguns de nós, talvez, mas a grande maioria não deseja nos ouvir, porque estamos preocupados, sérios o bastante em descobrir se a base existe. Isso nos proporciona racionalidade para que ouçamos uns aos outros.

DB: Ouvir é necessário para a racionalidade.

K: Naturalmente. Estamos falando a mesma coisa?

DB: Sim.

K: O cientista, através da investigação da matéria, espera alcançar a base. Nós e "X" e "Y" dizemos: vamos nos tornar racionais em nossas vidas; isso quer dizer que você e eu, e "X" e "Y", estamos dispostos a nos ouvir mutuamente. Isso é tudo. O próprio ato de ouvir representa o início da racionalidade. Algumas pessoas não ouvirão nem a nós nem a ninguém. Podemos, então, nós que estamos ouvindo, ser um pouco racionais, e começar? É aí que eu quero chegar. Isso significa ser terrivelmente lógico, não é? Podemos então prosseguir daí?

Por que o homem criou essa irracionalidade na sua vida? Alguns de nós podemos, aparentemente, jogar fora uma parte da irracionalidade, nos tornar um tanto racionais e dizer, agora, vamos começar. Vamos começar a descobrir porque o homem vive dessa maneira. Qual é, contudo, o fator comum dominante em todas as nossas vidas? Evidentemente é o pensamento.

DB: Sim, de fato. Naturalmente muitas pessoas poderão negá-lo, dizer que o principal fator é o sentimento ou outra coisa qualquer.

K: Muitas pessoas poderão dizer isso, mas o pensamento faz parte do sentimento.

DB: Sim, mas isso não é normalmente compreendido.

K: Nós explicaremos isso. Se não houvesse pensamento por trás do sentimento, seríamos capazes de reconhecê-lo?

DB: Sim, acho que essa é uma das principais dificuldades na comunicação com algumas pessoas.

K: Começamos então. Pode ser que haja pessoas que não vejam isso, mas quero que os três "X", "Y" e "Z", que são livres, vejam-no, porque eles se tornaram um pouco racionais, e portanto estão escutando um ao outro. Eles podem dizer que o pensamento é a principal fonte dessa corrente.

DB: Então temos de dizer: o que é pensamento?

K: Acho isso bastante simples. Pensamento acarreta irracionalidade.

DB: Sim, mas o que é isso? Como sabemos que estamos pensando? O que você quer dizer quando se refere a pensamento?

K: Pensamento é o movimento da memória, que é experiência, conhecimento armazenado no cérebro.

DB: Suponha que queiramos ter a racionalidade que inclui o pensamento racional. Pensamento racional é somente memória?

K: Espere um minuto. Sejamos cuidadosos. Se formos completamente racionais, existirá um insight total. Esse insight usa o pensamento, e portanto ele é racional.

DB: Pensamento, então, não é apenas memória?

K: Não, não.

DB: Bem, eu quero dizer que, como ele está sendo usado pelo insight...

K: Não, o insight é que usa o pensamento.

DB: Sim, mas o que o pensamento faz não é apenas devido à memória.

K: Espere um instante.

DB: Normalmente, o pensamento corre sozinho, ele corre autonomamente, como uma máquina, e não é racional.

K: Exatamente.

DB: Porém, quando o pensamento é o instrumento do insight...

K: Então pensamento não é memória.

DB: Não está baseado na memória.

K: Não, não está baseado na memória.

DB: A memória é usada, mas ele não está baseado na memória.

K: Então o quê? O pensamento, por ser limitado, divisível, incompleto, nunca poderá ser racional...

DB: Sem o insight.

K: Exatamente. Contudo, como vamos ter um insight que é totalmente racional? Não estou me referindo à racionalidade do pensamento.

DB: Eu a chamaria de racionalidade da percepção.

K: Sim, a racionalidade da percepção.

DB: O pensamento torna-se então o instrumento disso, de modo que ele tem a mesma ordem.

K: Agora, como posso ter esse insight? Essa é a próxima pergunta, não é? O que devo fazer, ou não fazer, para ter esse insight instantâneo, que não pertence ao tempo, que não pertence à memória, que não possui nenhuma causa, que não está baseado na recompensa ou no castigo? Ele é livre com relação a isso tudo. Portanto, como a mente tem esse insight? Quando eu digo, eu possuo o insight, isso está errado. Obviamente. Então como é possível que uma mente, que tenha sido irracional, e que tenha se tornado um pouco racional tenha esse insight? Esse insight torna-se possível se a sua mente estiver liberta do tempo.

DB: Correto. Vamos devagar porque, veja bem, se voltarmos ao ponto de vista científico, ou até do bom senso, o tempo é implicitamente tomado como a base de tudo no trabalho científico. Na verdade, até na mitologia grega antiga, Cronos, o deus do tempo, cria seus filhos e os engole. Isso é exatamente o que dissemos a respeito da base; tudo vem da base e morre na base. Assim, de certa maneira, a humanidade, já há muito tempo, começou a tomar o tempo como a base.

K: Sim, e então alguém se aproxima e diz que o tempo não é a base.

DB: Exatamente. De modo que, até agora, mesmo os cientistas têm procurado pela base no tempo — e todas as outras pessoas também!

K: Eis toda a questão.

DB: Contudo, você diz que o tempo não é a base. Alguém poderá dizer que isso é tolice, nós, entretanto, dizemos que ficaremos abertos a isso, embora algumas pessoas possam descartar essa hipótese imediatamente. Agora, se você diz que o tempo não é a base, não saberemos onde estamos.

K: Eu sei onde estou. Vamos investigar isso.

I: É o tempo o mesmo movimento que esse pensamento que descrevemos em primeiro lugar?

K: Sim, o tempo é isso. O tempo é pensamento.

DB: Gostaria de ir devagar também com relação a isso, pois como dissemos muitas vezes, há o tempo cronológico.

K: Naturalmente, isso é simples.

DB: Sim, mas além disso estamos pensando. Veja bem, pensar requer cronologicamente o tempo, mas além disso projeta uma espécie de tempo imaginário...

K. ...que é o futuro.

DB: Que é o futuro e o passado como os vivenciamos.

K: Sim, exatamente.

DB: Esse tempo, que é imaginado, também é uma espécie de processo real de pensamento.

K: Isso é um fato.

DB: Pensar é um fato que fisicamente requer tempo, mas também estamos envolvidos com o tempo quando podemos imaginar todo o passado e o futuro.

K: Sim, o que são fatos.

DB: Digamos, então, que esse tempo não é a base, talvez nem mesmo fisicamente.

K: Isso é o que vamos descobrir.

DB: Sim, mas sentimos que ele é a base, porque sentimos que nós, como o eu, existimos no tempo. Sem o tempo não poderia haver nenhum "mim".

K: Correto.

DB: O "eu" tem de existir no tempo.

K: Naturalmente, naturalmente.

DB: Sendo eternamente alguma coisa, ou se transformando em alguma coisa.

K: Ser e se transformar estão na esfera do tempo. A mente, contudo, que evoluiu através do tempo, pode...

I: Então, o que você entende por mente?

K: A mente — o cérebro, meus sentidos, meus sentimentos, tudo isso é a mente.

DB: A mente particular, você quer dizer.

K: A mente particular, certamente; estou falando da mente que evoluiu com o tempo.

DB: Até a sua particularidade depende do tempo.

K: Do tempo, certamente, e de todo o resto. Estamos perguntando agora se essa mente pode ficar livre do tempo, se pode ter um insight que seja totalmente racional, e depois, então, atuar sobre o pensamento. Esse pensamento é totalmente racional, não está baseado na memória. Certo?

DB: Sim.

K: Contudo, de que maneira eu — "X" — posso me libertar do tempo? Eu sei que preciso de tempo para ir daqui para ali, para aprender uma lição, uma técnica, etc. Compreendo isso perfeitamente, de forma que não estou me referindo a esse tempo. Estou falando do tempo no sentido de vir a ser.

DB: No sentido de ser.

K: Naturalmente, vir a ser é ser. Começo sendo para vir a ser.

DB: E sendo alguma coisa em mim mesmo. Sendo melhor, sendo mais feliz.

K: Sim, a coisa toda — tudo. Entretanto, posso eu, pode o meu cérebro que investiga se a base existe, pode toda minha mente se libertar do tempo? Nós, agora, separamos o tempo: o tempo que é necessário, e o tempo que não é necessário. Ou seja, pode o meu cérebro não funcionar como sempre o fez, no tempo, enquanto pensamento? O que significa: o pensamento pode chegar a um fim? Você aceitaria isso?

DB: Sim, mas poderia tornar isso mais claro? Podemos perceber que a primeira pergunta é: o meu cérebro pode não ser dominado pela função do pensamento?

K: Sim, que é o tempo.

DB: E depois, se você diz que o pensamento chega a um fim...

K: Não! O tempo enquanto pensamento pode vir a parar?

DB: Psicologicamente, o tempo para?

K: Sim, estou falando sobre isso.

DB: Mas ainda temos o pensamento racional.

K: Certamente. Isso está entendido. Já dissemos isso.

DB: Estamos discutindo o pensamento da experiência consciente.

I: De ser e de vir a ser...

K: E da retenção da memória; você sabe, o passado, como conhecimento. Oh, sim, isso pode ser feito.

DB: Quer realmente se referir à lembrança de experiências?

K: A lembrança de experiências, a mágoas, a apegos, a tudo isso. Ora, isso pode ter um fim? Naturalmente que sim. Eis a questão: isso pode ter um fim quando a própria percepção indaga, o que é isso? O que é a mágoa? O que é o dano psicológico? A percepção disso é o seu fim; é não o levarmos adiante, que é o tempo. O seu próprio final representa o término do tempo. Acho que isso está claro. "X" está magoado, ferido, desde a infância; e ele, ao escutar, falar, discutir, percebe que a continuação da mágoa é tempo, e para que a base seja encontrada, o tempo tem de findar. Diz então: minha mágoa pode terminar instantaneamente, imediatamente?

DB: Sim, creio que há certas etapas aí. Você diz que ele descobre que mágoa é tempo, mas a experiência imediata disso é que ela existe por si só.

K: Sei disso, é claro. Podemos nos aprofundar nisso.

DB: Isso, simplesmente, é algo em si mesmo.

K: O que quer dizer que eu criei uma imagem de mim mesmo e que a imagem está magoada, e não eu.

DB: O que você entende por isso?

K: Está bem. Na transformação, que é o tempo, eu criei uma imagem a meu respeito.

DB: Bem, o pensamento criou essa imagem.

K: O pensamento criou uma imagem através da experiência, através da educação, através do condicionamento, e tornou essa imagem separada de mim. Essa imagem, porém, é na verdade "mim", embora tenhamos separado a imagem e o "mim", o que é irracional. Assim, ao perceber que a imagem é "mim", tornei-me um pouco racional.

DB: Acho que isso não ficará claro — porque quando estou magoado, sinto que a imagem é "mim".

K: A imagem é você.

DB: A pessoa que está magoada se sente assim, entende?

K: Está bem; mas no momento em que você atua sobre a imagem, você a separa de você mesmo.

DB: Eis a questão. O primeiro sentimento é o da imagem do "mim" magoado, e o segundo, é o do "eu" me afastando da imagem para poder atuar sobre ela...

K: ...o que é a irracionalidade.

DB: ...porque não está correto.

K: Exatamente.

DB: E isso introduz o tempo, porque eu digo que levará tempo para fazer isso.

K: Certo. Então, percebendo isso, torno-me racional, e ajo. O ato é ficar livre disso imediatamente.

DB: Vamos nos aprofundar nisso. A primeira coisa é que houve uma mágoa. Essa é a imagem, mas inicialmente não a separo de mim; sinto-me identificado com ela.

K: Eu sou ela.

DB: Eu sou ela. Depois, porém, eu recuo, e digo que acho que deve haver um "mim" que pode fazer algo.

K: Sim, que pode atuar sobre ela.

DB: Porém, isso leva tempo.

K: Isso é tempo.

DB: Isso é tempo, isto é, estou pensando que isso leva tempo. Tenho que ir devagar agora. Se eu não fizer isso, essa mágoa não poderá existir.

K: Exatamente.

DB: Mas não está óbvio na experiência que isso é assim.

K: Em primeiro lugar, abordemos isso vagarosamente. Estou magoado. Isso é um fato. Depois, então, eu me separo de mim mesmo — ocorre uma separação — e digo: farei alguma coisa a esse respeito.

DB: O "mim" que fará alguma coisa é diferente.

K: Diferente, certamente.

DB: E ele pensa a respeito do que deverá fazer.

K: O "mim" é diferente porque está se transformando.

DB: Ele projeta no futuro um estado diferente.

K: Sim. Estou magoado. Há uma separação, uma divisão. O "mim", que está sempre procurando se transformar, diz: tenho que controlar isso, tenho que eliminá-la, tenho que atuar sobre ela, caso contrário, eu me tornarei vingativo e pernicioso. Esse movimento de separação é tempo.

DB: Podemos perceber isso agora. A questão, porém, é que há algo que não está claro. Uma pessoa pensa que a mágoa existe independentemente do "mim", e que deve fazer alguma coisa a respeito. Eu projeto então no futuro o estado mais benéfico e o que farei. Vamos tentar esclarecer bem isso, porque você afirmou que não há separação.

K: Minha racionalidade descobre que não há separação.

DB: Não há separação, mas a ilusão de que ela existe ajuda a manter a mágoa.

K: Exatamente, porque a ilusão é: estou me transformando.

DB: Sim. Eu sou isso e me transformarei naquilo. Estou magoado e passarei a ficar não magoado; esse próprio pensamento sustenta a mágoa.

K: Correto.

I: A separação já não está presente quando me torno consciente e digo que estou magoado?

K: Estou magoado. Digo então que vou atacá-lo porque você me feriu, ou digo que devo reprimir isso — ou crio o medo, e assim por diante.

I: Esse sentimento de separação não está presente desde o momento que digo que estou ferido?

K: Isso é irracionalidade.

I: Isso já é irracional?

K: Sim, quando você pergunta se a separação já não ocorre quando digo: "estou magoado".

DB: Ela existe, mas acho que antes disso acontecer sentimos uma espécie de choque. A primeira coisa que ocorre é um choque suave, uma dor, ou seja lá o que for, que identificamos com esse choque. Explicamos isso dizendo que estamos feridos, e isso implica imediatamente a separação de querermos fazer alguma coisa a respeito.

K: Certamente. Se eu não estiver ferido, não saberei nada a respeito da separação ou da não separação. Se eu estiver ferido, serei irracional enquanto mantiver essa mágoa e fizer alguma coisa a respeito dela, o que significa transformar-me. Então, surge depois a irracionalidade. Acho que está certo.

DB: Mas, se você não a sustentar, o que acontecerá? Suponha que diga que não prosseguirá com essa transformação.

K: Ah, isso é um assunto completamente diferente. Significa que não estou mais pensando, não estou mais observando, ou usando o tempo como uma observação.

DB: Você poderia dizer que essa não é sua maneira de olhar, não é mais sua teoria.

K: Exatamente.

DB: Porque você poderia dizer que o tempo é uma teoria que todo mundo adota com objetivos psicológicos.

K: Sim. Esse é o fator comum; o tempo é o fator comum do homem; e estamos mostrando que o tempo é uma ilusão...

DB: O tempo psicológico.

K: Naturalmente, isso já está entendido.

DB: Você está dizendo que, quando não mais nos aproximamos disso através do tempo, a mágoa não continua?

K: Ela não continua, ela termina — porque não estamos nos transformando em nada.

DB: Ao nos transformarmos, estamos sempre continuando o que somos.

K: Exatamente. Continuando o que somos, modificados...

DB: É por isso que lutamos por nos transformar.

K: Nós estamos falando a respeito do insight, ou seja, que o insight não tem tempo. O insight não é o produto do tempo, sendo o tempo a memória, etc. Existe então o insight; esse insight, por estar livre do tempo, atua sobre a memória, age sobre o pensamento. Ou seja, o insight torna o pensamento racional, mas não o pensamento que está baseado na memória. Então, que diabo é esse pensamento?

Não. Espere um minuto. Não creio absolutamente que o pensamento apareça. Dissemos que o insight passa a existir quando não existe o tempo. O pensamento — que está baseado na memó-

ria, na experiência e no conhecimento — é o movimento do tempo no aspecto da transformação. Estamos nos referindo ao tempo psicológico e não ao tempo cronológico. Estamos dizendo que ficar livre do tempo implica o insight. O insight, por estar livre do tempo, não possui pensamento.

DB: Dissemos que ele poderá usar o pensamento.

K: Espere, não tenho certeza. Vá devagar. Ele poderá usar o pensamento para dar explicações, mas ele age. Antes, a ação estava baseada no pensamento. Agora, quando existe insight, há somente ação. Por que queremos o pensamento? Porque o insight é racional, a ação é racional. A ação se torna irracional quando ela está atuando a partir do pensamento. Portanto, o insight não usa o pensamento.

DB: Bem, temos que tornar isso claro porque numa certa área o insight tem que usar o pensamento. Se, por exemplo, você quisesse construir alguma coisa, usaria o pensamento referente à sua execução que está disponível.

K: Isso, porém, não é insight.

DB: Mas mesmo assim, talvez você tenha que ter um insight nessa área.

K: Um insight parcial. Os cientistas, os pintores, os arquitetos, os médicos, os artistas e outros têm um insight parcial. Estamos falando, porém, de "X" de "Y" e de "Z", que estão procurando a base; estão se tornando racionais, e estamos dizendo que o insight não possui tempo, e, portanto não possui pensamentos, e esse insight é ação. Como esse insight é racional, a ação é racional. Desculpe-me, não estou fazendo de mim um exemplo; estou falando com toda humildade. Aquele menino, aquele rapaz dissolveu em 1929 a Ordem da Estrela. Não houve pensamento. As pessoas disseram: "Faça isso", "Não faça aquilo", "Mantenha-a", "Não a mantenha". Ele teve um insight; dissolveu-a. Acabou! Por que precisamos do pensamento?

DB: Mas depois você usou algum pensamento, quando dissolveu a Ordem para dizer quando fazê-lo e como fazê-lo.

K: Essa palavra é usada por mera conveniência, por outras pessoas.

DB: Ainda assim, foi necessário algum pensamento.

K: A decisão age.

DB: Não estava me referindo à decisão. A ação original não exigiu o pensamento; somente a que veio depois.

K: Isso não é nada. É como levar uma almofada daqui para ali.

DB: Sim, eu entendo. Então a fonte original da ação não envolve o pensamento.

K: Isso é tudo que eu queria dizer.

DB: Mas de certo modo ela se infiltra no...

K: ...é como uma onda.

I: Todos os pensamentos não passam por uma transformação nesse processo?

K: Sim, certamente. Como o insight não possui tempo, consequentemente o próprio cérebro passou por uma mudança.

DB: Sim, mas poderíamos falar sobre o que você quer dizer com isso?

K: Isso quer dizer que todas as respostas humanas devem ser percebidas pelo insight ou devem penetrá-la? Eu lhe direi o que quero dizer com isso. Sou ciumento. Existe um insight que cobrirá todo o campo do ciúme e desse modo acabará com ele? Que acabará com a inveja, a ganância, e com tudo que está envolvido no ciúme? Entende? As pessoas irracionais caminham passo a passo — livram-se do ciúme, livram-se do apego, livram-se da raiva, livram-se disso, daquilo, e daquilo outro, o que representa um processo constante de transformação — certo? Mas o insight, que é totalmente racional, extermina tudo isso.

DB: Exatamente.

K: Isso é um fato? Um fato, no sentido de que "X" e "Y" nunca mais serão ciumentos; nunca!

DB: Temos de discutir isso, porque não está claro como você poderia garanti-lo.

K: Oh, sim, eu o garantirei com certeza!

DB: Se isso puder alcançar aqueles que são capazes de escutar...

K: O que significa que para encontrarmos a base, a primeira coisa que temos de fazer é escutar.

DB: Entenda, os cientistas nem sempre podem escutar. Até Einstein e Bohr não foram capazes, num certo ponto, de escutarem um ao outro. Cada um estava apegado à sua visão particular.

K: Eles colocaram sua irracionalidade em funcionamento.

4

Rompendo o Padrão da Atividade Egocêntrica

Ojai, California, 10 de Abril de 1980.

KRISHNAMURTI: Gostaria de fazer uma pergunta que poderá nos conduzir a algo: o que fará o homem, um ser humano transformar-se profunda, fundamental e radicalmente? Ele tem passado por crise após crise, tem sofrido inúmeros choques, tem atravessado todos os tipos de infortúnios, de guerras, de sofrimentos pessoais, e assim por diante. Tem tido um pouco de afeição, um pouco de alegria, mas tudo isso não parece mudá-lo.

O que fará com que um ser humano abandone o caminho que está seguindo, e siga uma direção completamente diferente? Eu acho que esse é um dos nossos maiores problemas, você não acha? Por quê? Se estivermos preocupados, como deveríamos estar, com a humanidade, com todas as coisas que estão acontecendo, qual será a ação correta que levará o homem a mudar de direção? Essa pergunta é válida? Tem algum significado?

DAVID BOHM: Bem, a não ser que possamos perceber essa ação, ela não terá muito significado.

K: A pergunta tem algum significado?

DB: Significa, indiretamente, procurar saber o que está segurando as pessoas.

K: Sim, isso é a mesma coisa.

DB: Se pudéssemos descobrir o que está mantendo as pessoas no seu rumo atual...

K: Será o condicionamento básico do homem, essa ação e essa atitude tremendamente egotistas, que aparentemente não produz nada? Parece mudar, parece produzir, mas o centro permanece o mesmo. Talvez isso possa não se enquadrar no contexto do nosso diálogo dos últimos dois ou três dias, mas julguei que talvez pudéssemos começar assim.

DB: Você tem alguma noção do que está segurando as pessoas? Tem ideia do que realmente poderia mudá-las?

K: Creio que sim.

DB: O que é então?

K: O que está causando o bloqueio? Poderíamos nos aproximar através do condicionamento ambiental, do exterior para o interior, e descobrir o interior a partir das atividades externas do homem? E depois descobrir que o exterior representa o interior, que é o mesmo movimento, e em seguida transcendê-lo para verificar o que é? Poderíamos fazer isso?

DB: O que você está querendo dizer com exterior? Está se referindo às condições sociais?

K: Ao condicionamento social, ao condicionamento religioso, à educação, à pobreza, às riquezas, ao clima, à alimentação; ao exterior. Isso pode condicionar a mente numa certa direção, mas quando examinamos isso mais a fundo, percebemos que o condicionamento psicológico também procede um pouco do exterior.

DB: É verdade que todo o conjunto de relações de uma pessoa afetará o modo como ela pensa, mas isso não explica porque o condicionamento é tão rígido, e porque ele se mantém.

K: É isso também que estou querendo saber.

DB: Sim. Se fosse apenas um condicionamento externo, poderíamos esperar que ele se alterasse mais facilmente. Por exemplo, poderíamos ter condições exteriores diferentes.

K: Eles tentaram tudo isso.

DB: Sim, toda a crença do comunismo era que com uma nova sociedade haveria um novo homem.

K: Mas isso não aconteceu!

DB: Acho que há fundamentalmente alguma coisa no interior que se mantém, que resiste à mudança.

K: O que é isso? Será que essa pergunta nos levará a algum lugar?

DB: A não ser que nós efetivamente a esclareçamos, ela não nos levará a lugar algum.

K: Creio que poderíamos descobrir, se nos dedicássemos a isso. Estou apenas querendo saber se vale a pena fazer essa pergunta, e se ela está relacionada com o que estávamos discutindo. Ou será que devemos abordar outra coisa que tenha relação com o que falamos antes?

DB: Bem, acho que estivemos falando a respeito de fazermos o tempo chegar ao fim, de terminarmos com a transformação. Falamos também sobre entrarmos em contato com a base através da total racionalidade; mas agora poderíamos dizer que a mente não é racional.

K: Sim, dissemos que o homem é basicamente irracional.

DB: Isso talvez faça parte do bloqueio. Se fôssemos completamente racionais, chegaríamos necessariamente a essa base, não é verdade?

K: Sim. Estávamos falando outro dia a respeito da eliminação do tempo. Os cientistas, através da investigação da matéria, querem descobrir esse ponto. As chamadas pessoas religiosas têm se empenhado em descobrir - não apenas verbalmente — se o tempo pode parar. Nós entramos um pouco nisso, e chegamos a conclusão de que é possível que um ser humano que escute, consiga encontrar, através do insight, o final do tempo. Pois o insight não é memória. Memória é tempo, memória é conhecimento armazenado no cérebro, e assim por diante. Enquanto ela estiver funcionando, não existirá qualquer possibilidade de termos qualquer insight com relação a alguma coisa. Estou me referindo ao insight total e não ao parcial.

O artista, o cientista, o músico, todos eles têm insights parciais e, portanto ainda estão vinculados ao tempo.

É possível termos um insight total, o que representa o fim do "mim", porque o "mim" é o tempo? O "mim", meu ego, minha resistência, minhas mágoas, tudo isso. Esse "mim" pode acabar? É somente quando ele acaba que ocorre o insight total; foi isso que descobrimos.

Depois abordamos a pergunta: é possível a um ser humano eliminar completamente toda essa estrutura do "mim"? Respondemos que sim e nos aprofundamos mais no assunto. Muito poucas pessoas prestarão atenção a isso porque é por demais aterrorizante. Surge então a pergunta: se o "mim" terminar, o que encontraremos? Apenas o vazio? Não há interesse nisso; mas se estivermos investigando sem qualquer sentimento de recompensa ou de punição, então existirá alguma coisa. Dizemos que tal coisa é o vazio total, que é energia e silêncio. Bem, isso soa bonito, mas não tem qualquer significado para um homem comum que seja sério e que queira ir além disso, além de si mesmo. Fomos ainda mais adiante e perguntamos: existe alguma coisa além disso tudo? E dissemos que há.

DB: A base.

K: A base. Será que o começo dessa investigação é escutar? Será que eu, como um ser humano, abandonarei completamente minha atividade egocêntrica? O que fará com que eu me afaste dela? O que fará com que um ser humano se afaste dessa atividade destrutiva e autocentrada? Se ele se afastar devido à recompensa ou ao castigo, isso representará apenas outro pensamento, outro motivo. Portanto, descartemos isso. O que fará, então, com que os seres humanos renunciem — se eu puder usar essa palavra — renunciem completamente a ela sem qualquer motivo?

Veja, o homem tentou tudo com esse objetivo — o jejum, a tortura de si mesmo sob diversas formas, a auto abnegação através da crença e a negação de si próprio por meio da identificação com algo superior. Todas as pessoas religiosas tentaram, mas o "mim" ainda está presente.

DB: Sim. Toda a atividade não tem significado, mas de algum modo isso não se torna evidente. As pessoas se afastarão de algo que não tenha significado, e que não faça sentido, corriqueiramente falando.

Parece, contudo, que a percepção desse fato é rejeitada pela mente. A mente resiste a isso.

K: A mente resiste a esse conflito permanente, e se afasta dele.

DB: Ela se afasta do fato de que o conflito não tem significado.

K: As pessoas não percebem isso.

DB: A mente também está organizada deliberadamente para não percebê-lo.

K: A mente está evitando isso.

DB: Ela o evita quase que deliberadamente, mas não propriamente de modo consciente, como o fazem as pessoas na índia que dizem que vão se retirar para as montanhas do Himalaia porque não há nada a ser feito.

K: Mas isso é inútil. Você quer dizer que a mente, por ter vivido tanto tempo no conflito, recusa-se a se afastar dele?

DB: Não está claro porque ela se recusa a abandoná-lo; porque a mente não quer enxergar que o conflito não tem qualquer sentido. A mente está enganando a si própria, está querendo se proteger.

K: Os filósofos e as chamadas pessoas religiosas enfatizaram a luta, enfatizaram a importância do esforço e do controle. Será esse um dos motivos pelo qual os seres humanos se recusam a abandonar o seu modo de viver?

DB: Possivelmente. Eles acham que através da luta ou do esforço alcançarão um melhor resultado. Eles não querem desistir do que possuem, e sim melhorá-lo através de intenso esforço.

K: O homem já viveu dois milhões de anos; o que ele conseguiu? Mais guerras, mais destruição.

DB: O que estou tentando dizer é que as pessoas tendem a não querer ver isso, mas também se inclinam a voltar atrás com a esperança de que a luta produza algo melhor.

K: Não estou bem certo se esclarecemos esse ponto, ou seja, que os intelectuais — estou empregando essa palavra respeitosamente — os intelectuais do mundo tenham enfatizado esse fator de luta.

DB: Creio que muitos deles o fizeram.

K: A maioria deles.

DB: Karl Marx.

K: Marx e até Bronowski, que falam de mais e mais luta, e da aquisição de mais e mais conhecimento. Será que os intelectuais têm uma influência tão extraordinária nas nossas mentes?

DB: Acho que as pessoas fazem isso sem qualquer estímulo por parte dos intelectuais. Veja bem, a luta tem sido enfatizada por toda parte.

K: É isso que eu quis dizer. Por toda parte. Por quê?

DB: Bem, no início as pessoas pensaram que ela seria necessária porque tinham de lutar contra a natureza para poderem sobreviver.

K: Então a luta contra a natureza foi transferida para as outras?

DB: Sim, ela é parte disso. Entenda, temos que ser bravos caçadores, e temos de lutar contra nossas próprias fraquezas para nos tornarmos corajosos, caso contrário não podemos fazê-lo.

K: Sim, exatamente. Será então que as nossas mentes estão condicionadas, moldadas e sustentadas por esse padrão?

DB: Bem, isso é certamente verdadeiro, mas não explica porque é tão excessivamente difícil mudá-lo.

K: Porque estamos acostumados a ele. Estamos numa prisão, mas estamos acostumados com ela.

DB: Mas acho que existe uma tremenda resistência a nos afastarmos dela.

K: Por que um ser humano resiste a isso? Se nos aproximamos e mostramos a falácia e a irracionalidade de tudo isso, apontamos toda a causa e o efeito, damos exemplos, apresentamos dados, e tudo o mais? Por quê?

DB: É isso que eu disse: se as pessoas fossem capazes de ser completamente racionais, elas abandonariam tudo isso; mas penso que existe algo mais com relação ao problema. Veja, podemos expor sua irracionalidade, mas existe alguma coisa mais, no sentido de que as pessoas não estão completamente conscientes de todo esse padrão de pensamento. Depois de ser revelado em determinado nível, ele ainda continua presente em níveis dos quais a pessoa não tem consciência.

K: E o que os tornaria conscientes?

DB: E isso que temos que descobrir. Acho que as pessoas têm que se tornar conscientes de que possuem essa tendência de prosseguir com o condicionamento. Pode ser um simples hábito, ou pode ser o resultado de muitas conclusões passadas que estão todas operando agora sem as pessoas saberem. Existem muitas coisas diferentes que mantêm as pessoas nesse padrão. Poderemos convencer alguém de que o padrão não faz sentido, mas quando se trata dos assuntos objetivos da vida, essa pessoa procederá de mil maneiras diferentes que implicam esse padrão.

K: Realmente. E depois?

DB: Bem, acho que uma pessoa teria que estar extremamente interessada nisso para destruí-lo completamente.

K: O que levará, então, os seres humanos a esse estado de extremo interesse? Veja bem, já lhes ofereceram o céu como recompensa se fizessem isso. Várias religiões tiveram essa atitude, embora isso se torne excessivamente infantil.

DB: A recompensa representa parte do padrão. Normalmente, a regra é que eu siga o padrão auto envolvente a não ser que surja algo realmente importante.

K: Uma crise.

DB: Ou quando esperamos obter uma recompensa.

K: Naturalmente.

DB: Esse é um padrão de pensamento. As pessoas devem de algum modo acreditar que ele tem valor. Se todo mundo fosse capaz de trabalhar em conjunto e de repente pudéssemos criar a harmonia, todo mundo diria: está bem, eu também renunciarei. Na ausência disso, porém, as pessoas preferem se agarrar ao que possuem! Esse é o tipo de pensamento.

K: Agarrar-se ao que é conhecido.

DB: Eu não tenho muito, mas é melhor que eu me prenda a isso.

K: Sim. Está dizendo, então, que se todo mundo fizer isso, eu também o farei?

DB: Essa é a forma comum de pensamento. Porque tão logo as pessoas começam a cooperar numa emergência, um grande número começa a aderir.

K: Então elas formam comunas. Mas todas elas falharam.

DB: Porque depois de algum tempo essa coisa especial desaparece e as pessoas caem no antigo padrão.

K: O antigo padrão. Então eu pergunto: o que fará com que um ser humano rompa esse padrão?

INTERROGANTE: Não teria isso relação com o assunto que examinamos anteriormente: o tempo e o não-tempo?

K: Mas eu não sei nada a respeito do tempo, não sei nada sobre tudo isso, é apenas uma teoria para mim; e, contudo, o fato é que estou preso nesse padrão e não posso abandoná-lo. Os analistas tentaram, as pessoas religiosas tentaram, todo mundo tentou tornar os seres humanos inteligentes, mas eles não tiveram sucesso.

I: Mas eles não percebem que a própria tentativa de abandonar o padrão ou de acabar com o conflito está fortalecendo o conflito.

K: Não, isso é apenas uma teoria.

I: Mas podemos explicar isso a eles.

K: Podemos explicar. Como dissemos, há muitas explicações bastante racionais, e no final caímos de volta nisso.

I: Bem, só recairemos nisso se não o tivermos realmente entendido.

K: Você o entendeu quando afirma isso? Por que nem eu, nem você, dissemos "acabado"! Você poderá me apresentar mil explicações, e todas provavelmente um pouco irracionais, mas eu direi: você o fez?

I: Eu nem mesmo entendo a pergunta, quando me indaga se eu o fiz.

K: Não estou sendo pessoal. Você deu uma explicação relativa ao motivo pelo qual os seres humanos não podem se afastar desse padrão, ou rompê-lo.

I: Não, estou lhe dando mais do que a explicação.

K: O que você está me dando?

I: Se eu percebo que algo está correto, então a descrição da observação é mais do que uma simples explicação.

K: Sim, mas será que eu posso perceber isso claramente?

I: Bem, esse é o problema.

K: Ajude-me então a vê-lo claramente.

I: Para isso deve haver um interesse.

K: Por favor, não diga "deve". Não tenho interesse. Fico interessado, como o Dr. Bohm acabou de assinalar, quando existe uma grande crise como uma guerra. Então, esqueço-me de mim mesmo. Na verdade, fico feliz por me esquecer, por entregar a responsabilidade aos generais, aos políticos. Sob uma crise eu esqueço, mas

no momento em que a crise termina, eu volto ao meu padrão. Isso acontece o tempo todo. Portanto, digo para mim mesmo: o que fará com que eu renuncie a esse padrão, ou o rompa?

I: Não seria o fato de as pessoas terem de enxergar a falsidade?

K: Mostre-me isso.

I: Não posso, porque não a vi.

K: Então, o que farei como ser humano? Explicou-me dez mil vezes como esse padrão é feio, como ele é destrutivo, e assim por diante, mas eu volto a cair nesse padrão o tempo todo. Ajude-me, ou mostre-me como romper o padrão. Compreende minha pergunta?

I: Bem, então está interessado?

K: Está bem. Contudo, o que fará com que eu me interesse? A dor?

I: Algumas vezes ela o consegue por um momento, mas depois desaparece.

K: O que fará então com que eu me torne um ser humano tão alerta, tão consciente, tão intenso que consiga romper essa coisa?

I: Você está colocando a pergunta em termos de uma ação, de um rompimento, de uma renúncia. Isso não é uma questão de percepção?

K: Sim. Mostre-me, ajude-me a perceber, porque eu estou resistindo a você. Meu padrão, que está tão arraigado em mim, está me segurando - correto? Quero provas, quero ser convencido.

I: Temos de voltar à pergunta: por que eu quero ter provas? Por que desejo me convencer?

K: Porque alguém afirma que temos um modo estúpido, irracional de encarar as coisas; e essa pessoa nos mostra todos os efeitos disso, a sua causa, e nós dizemos: sim, mas não podemos deixá-lo!

DB: Podemos dizer que essa é a própria natureza do "mim", que temos que atender às nossas necessidades, não importa quão irracionais elas sejam.

K: É isso que estou dizendo.

DB: Primeiramente, devo cuidar das minhas necessidades, e depois posso tentar ser racional.

K: Então, quais são as nossas necessidades?

DB: Algumas são reais e algumas são imaginárias, mas...

K: Sim, é isso. As necessidades imaginárias, ilusórias, dominam as outras necessidades.

DB: Mas veja bem, posso ter necessidade de acreditar que sou bom e correto, e precisar saber que sempre estarei ali.

K: Ajude-me a romper isso!

DB: Acho que tenho de perceber que isso é uma ilusão. Veja, se parecer real o que posso fazer? Como estou realmente ali, preciso de tudo isso, e é tolice falar em ser racional se vou desaparecer, sucumbir, ou algo assim. Você me disse que existe outro estado de existência nesse lugar onde não me encontro — correto? E quando estou ali, isso não faz qualquer sentido!

K: Sim, isso mesmo. Mas eu não estou ali. Admito como ser humano que o céu é perfeito, mas não estou nesse lugar; por favor, ajude-me a chegar ali.

DB: Não, é alguma coisa diferente.

K: Eu entendo o que está dizendo.

I: Podemos perceber a natureza ilusória dessa necessidade de querer ir para o céu? Ou quero me iluminar, ou quero ser isso, ou quero ser aquilo? Mas essa própria pergunta, essa própria necessidade é...

K: Essa necessidade está baseada na transformação, no "algo a mais"?

I: Isso é ilusório.

K: Não. Você está dizendo isso.

DB: Você não me demonstrou isso, entende?

K: Para você isso é uma ideia. É apenas uma teoria. Demonstre-a para mim.

I: Bem, estamos realmente querendo explorar o assunto?

K: Estamos sob uma condição — que encontremos alguma coisa no final. Veja como funciona a mente humana. Escalarei a mais alta montanha se eu ganhar alguma coisa com isso.

I: A mente pode perceber que o problema é esse?

K: Sim, mas ela não consegue desistir.

I: Bem, se ela perceber...

K: Você está andando em círculos!

DB: Ela percebe o problema de modo abstrato.

K: É isso. Agora, por que o vemos de forma abstrata?

DB: Em primeiro lugar, é bem mais fácil.

K: Não volte a isso. Por que nossa mente faz uma abstração de tudo?

DB: Vamos começar dizendo que até certo ponto é função do pensamento fazer abstrações externamente, mas depois nós as levamos para o interior. É o mesmo tipo de coisa de antes.

K: Sim. Existe então alguma outra coisa — estou apenas perguntando — que estamos deixando escapar completamente? Ou seja, gostaria de chamar atenção para o fato de que nós ainda estamos pensando dentro do mesmo antigo padrão.

DB: A própria pergunta contém esse padrão, não é verdade?

K: Sim, mas a busca do padrão é tradicional.

DB: Eu quero dizer que na elaboração dessa pergunta o padrão se manteve.

K: Sim, de forma que podemos nos afastar completamente disso, e olhar a coisa de maneira diferente. Pode a mente humana dizer o seguinte: está bem, tentamos tudo isso — Marx, Buda, todo mundo chamou atenção para uma coisa ou outra; mas evidentemente, depois de um milhão de anos, ainda estamos de certo modo presos nesse padrão — dizendo que temos que nos interessar, que devemos escutar, que temos que fazer isso, e assim por diante?

DB: Isso ainda é o tempo.

K: Sim. O que acontecerá então se eu abandonar tudo isso, abandoná-lo realmente? Não pensarei nem em termos disso. Não haverá mais explicações, ou novos desvios, que são os mesmos antigos desvios! Vamos então abandonar essa área completamente e encarar o problema de forma diferente; o problema agora é: por que sempre vivo nesse centro do "mim"? Sou um ser humano sério; ouvi tudo isso e depois de decorridos cinquenta anos conheço todas as explicações — o que deveria fazer, o que não deveria fazer, etc. Posso dizer: está bem, eu me descartarei disso tudo?

Isso significa que ficarei completamente sozinho. Isso leva a algum lugar?

DB: Sim, possivelmente.

K: Acho que isso leva efetivamente a algum lugar.

DB: Parece-me que basicamente está dizendo que devemos deixar para trás todo esse conhecimento da humanidade.

K: É isso que estou dizendo.

DB: Aparentemente isso está fora do seu lugar.

K: Sim. Abandonem todo o conhecimento, todas as experiências e explicações que o homem criou — joguem fora tudo isso.

I: Mas ainda somos deixados com a mesma mente.

K: Ah! Eu não possuo essa mente. Não é a mesma mente. Quando eu abandonar tudo isso, minha mente terá mudado. Minha mente será isto.

I: Não, não seria a mente também a estrutura básica?

K: Da qual eu me descartei.

I: Mas você não pode jogar isso fora.

K: Posso sim.

I: Estou querendo dizer, isso é um organismo.

K: Espere um minuto. O meu organismo foi moldado pelo conhecimento, pela experiência, e pelo conhecimento adicional que adquiri enquanto eu evoluía, enquanto eu crescia. À medida que eu acumulava cada vez mais conhecimento, eu ficava mais forte, e tenho percorrido esse caminho por milênios. Eu digo então: talvez eu tenha que olhar para esse problema de um modo totalmente diferente — que não significa em absoluto percorrer esse caminho, e sim abandonar todo o conhecimento que adquiri.

DB: Nesta área, neste local psicológico.

K: Psicologicamente, é claro.

DB: Na essência, na fonte, o conhecimento é irrelevante.

K: Sim.

DB: Mais adiante ele se torna relevante.

K: Naturalmente. Isso está entendido.

I: Mas eu tenho uma pergunta. A mente no início da sua evolução estava nessa mesma posição. A mente no começo de seja o que for que chamamos de homem estava nessa posição.

K: Não, eu não aceito isso. Por que você faz essa afirmação? No momento em que ela passa a existir, já é capturada pelo conhecimento. Você concordaria?

DB: Acho que está implícito na estrutura do pensamento.

K: Exatamente.

DB: Em primeiro lugar, ter conhecimento do exterior, e depois aplicar esse conhecimento ao interior, sem compreender que ficaria presa nele. Consequentemente, ela estendeu esse conhecimento para a área de transformação psicológica.

I: Bem, se a mente começasse novamente, ela iria cometer de novo o mesmo erro.

K: Não, certamente que não.

I: A não ser que ela tenha aprendido.

K: Não, eu não quero aprender. Você ainda está seguindo o mesmo caminho antigo. Eu não quero aprender. Por favor, permita-me entrar um pouco nisso.

DB: Devemos esclarecer isso, porque em outras ocasiões você disse que é importante aprender, até a respeito da auto-observação.

K: Naturalmente.

DB: Agora você está dizendo uma coisa bastante diferente. Devemos esclarecer por que é diferente. Por que abandonou a noção de aprendizado nesta etapa?

K: Nesta etapa, fiz isso porque ainda estou acumulando memória.

DB: Mas houve um estado em que era importante aprender sobre a mente.

K: Não volte atrás. Estou apenas começando. Eu vivi sessenta, oitenta, ou cem anos. E eu escutei tudo isso — os mestres na índia, os cristãos, os maometanos; eu ouvi todas as explicações psicológicas, até Freud, Marx, e todos os outros.

DB: Acho que poderíamos ir um pouco mais adiante. Concordamos em que tudo isso é material negativo, mas além disso, talvez eu tenha me observado, e aprendido a meu respeito.

K: A seu respeito, sim, acrescente isso.

I: E acrescente K.

K: Acrescente K. E no final, eu digo que essa talvez seja uma maneira errada de encarar a coisa. Certo?

DB: Certo. Depois de termos explorado desse modo, finalmente somos capazes de ver que ele talvez esteja errado.

K: Talvez, talvez, eu só estou empurrando...

DB: Bem, eu diria que de certo modo talvez fosse necessário investigar dessa maneira.

K: Ou não fosse necessário.

DB: Talvez possa não ter sido, mas devido ao conjunto global de condições, isso estava fadado a acontecer.

K: Naturalmente. Chegamos agora ao ponto em que digo: abandonemos — vamos introduzir essa palavra — todo esse conhecimento, porque ele não me conduziu a nenhum lugar, no sentido de que não fiquei livre do meu egocentrismo.

DB: Mas isso sozinho não é suficiente porque se você afirma que se isso não funcionou, pode sempre esperar ou supor que possa. Mas, na verdade, podia perceber que não pode funcionar.

K: Não pode funcionar. Tenho certeza disso.

DB: Não basta dizer que não funcionou; na verdade não pode, efetivamente, funcionar.

K: Não pode funcionar porque está baseado no tempo e no conhecimento, que é o pensamento; e essas explicações estão baseadas no pensamento — com a finalidade de adquirir conhecimento e assim por diante. Acha que é assim?

DB: Até onde avançamos nós as baseamos no conhecimento e no pensamento. Além disso, não apenas o pensamento, como também os padrões habituais de habilidade constituem uma extensão do pensamento.

K: Então, coloco essas coisas de lado, não de maneira casual, não com um interesse no futuro — mas por ver o mesmo padrão ser repetido e repetido; cores diferentes, frases diferentes, quadros diferentes, imagens diferentes — abandono tudo isso. Em vez de prosseguir para o norte, como fiz durante milênios, parei e me dirigi para o leste, o que significa que minha mente mudou.

DB: A estrutura do "mim" desapareceu?

K: Evidentemente.

DB: Sem nenhum insight nela?

K: Não. Não introduzirei o insight por enquanto.

DB: Mas houve um insight para que isso fosse feito. Quero dizer que aventar a hipótese de fazê-lo representa um insight. O insight foi a coisa que funcionou.

K: Não introduzirei essa palavra.

DB: Quando afirmou que a coisa toda não funcionaria, acho que isso foi um insight.

K: Para mim. Percebo que ela não pode funcionar. Mas voltamos, então, em como obter um insight e todo o resto.

DB: Mas se deixarmos isso de lado e dissermos apenas que foi um insight; o problema de como adquiri-lo não é o que importa.

K: É um insight que diz "fora".

I: Fora com relação ao padrão.

K: Não, chega dessa constante transformação através da experiência, do conhecimento, de padrões. Acabou!

I: Você diria que o tipo de pensamento que ocorre depois é completamente diferente? É evidente que ainda temos que pensar.

K: Não tenho certeza.

I: Bem, pode chamá-lo de outra coisa.

K: Ah, não vou chamá-lo de nenhuma outra coisa. Entenda, eu estou apenas fazendo tentativas. Depois de viver cem anos, vejo todo mundo indicando o caminho para a extinção do eu, e vejo que isso está baseado em pensamento, em tempo, em conhecimento; e eu digo: sinto muito, eu conheço tudo isso, já usei isso. Eu tenho um insight em relação a isso e consequentemente isso desaparece. Portanto, a mente rompeu por completo o padrão. Quando deixamos de ir para o norte e nos dirigimos para o leste, rompemos o padrão.

Muito bem. Suponhamos que o Dr. Bohm tenha esse insight e tenha se libertado do padrão. Por favor, permita-nos ajudar outro ser humano a conseguir isso. Não diga que ele tem que estar interessado, que ele tem que escutar, e depois recuar — entende? Qual é a sua comunicação com outro ser humano, para que ele não tenha que passar por toda essa confusão? O que fará com que eu absorva tão completamente o que você disse, de modo que isso fique no meu sangue, no meu cérebro, em tudo, para que eu perceba essa coisa? O que você fará? Ou não há nada a ser feito? Entende minha pergunta? Porque se você possui esse insight, ele é uma paixão, e não apenas um hábil insight; você não conseguirá permanecer quieto e relaxar; ele é uma paixão que não permitirá que fique parado; terá que se mover, dar — seja lá o que for. O que você fará? Você possui a paixão desse imenso insight; e essa paixão é como um rio com um grande volume de água que transborda: ela tem que avançar da mesma maneira.

Ora, sou um ser humano comum, razoavelmente inteligente, instruído, experimentado. Tentei isso, aquilo, e aquilo outro, e encontro alguém que está cheio dessa paixão, e digo: por que não o escutarei?

I: Acho que nós escutamos.

K: Escutamos?

I: Sim, acho que sim.

K: Vá bem, bem devagar. Nós escutamos tão completamente que não há resistência, não perguntamos por que, qual é a causa, por que eu deveria? Entende o que eu quero dizer? Já passamos por tudo isso. Percorremos a área continuamente, para trás e para frente, de lado a lado, norte, sul, leste, e oeste. Então, "X", se aproxima e diz: veja, eis aqui um modo de vida diferente, uma coisa totalmente nova; o que significa escutar completamente.

I: Se houver alguma resistência não a percebemos.

K: Então volte para a escola. Eu não estou sendo rude. Volte para a escola.

I: O que você quer dizer?

K: Começa tudo outra vez o porquê você resiste.

I: Mas não vemos a resistência.

K: Então eu lhe mostrarei sua resistência, falando. Mas ainda assim você volta.

I: Krishnaji, sua pergunta inicial não foi além disso, quando pediu que parássemos de escutar e que abandonássemos a racionalidade e o pensamento?

K: Sim, mas isso é apenas uma ideia. Você fará isso? "X" se aproxima e diz: "olhe, coma isto".

I: Eu comeria se pudesse vê-lo.

K: Oh, sim, você pode vê-lo, muito claramente. Nós dissemos, não volte ao padrão. Veja! Você diz então: como vou ver o que é o antigo padrão? Veja apenas! "X" recusa-se a entrar nesse padrão.

I: No padrão da explicação?

K: Do conhecimento, de tudo isso. Ele diz: aproxime-se, não volte.

I: Krishnaji, quero falar sobre uma situação que costuma acontecer no mundo: há várias pessoas que pedem a outras, com palavras se-

melhantes a essas, que vejam, que coloquem o pensamento de lado; afirmam que se realmente olharmos para essa coisa nós a veremos. É isso que os padres nos dizem. Qual é a diferença, então?

K: Não, não sou um padre. Abandonei tudo isso. Deixei a igreja, os deuses, Jesus, os Budas, os Krishnas, desisti disso tudo, de Marx, de Engels, de Lênin, Stalin, de todos os analistas, de todos os pânditas, de todo mundo. Veja bem, você não fez isso. Ah, você diz, não, eu não posso fazê-lo até que me mostre que existe alguma coisa além disso. E "X" diz: "sinto muito". Isso faz algum sentido?

DB: Sim. Acho que dizemos: deixe todo o conhecimento para trás; mas o conhecimento adota muitas formas sutis que não percebemos.

K: Naturalmente. Você está inundado por esse insight e rejeitou todo o conhecimento por causa disso. Outras pessoas, porém, continuam a brincar com o poço do conhecimento, e você lhes diz que o abandonem. No momento em que começamos a explicar, voltamos ao jogo; portanto, você se recusa a fornecer explicações.

Veja, as explicações representavam o barco que possibilitaria a travessia para a outra margem, mas o homem nessa outra margem diz que não existe um barco. "X", porém, diz: atravesse! Ele está pedindo uma coisa impossível, não é verdade?

DB: Se isso não ocorrer imediatamente, então é impossível.

K: Certamente. Ele está pedindo uma coisa impossível. Encontro-me com "X", que é inabalável. Tenho que circundá-lo, evitá-lo, ou passar por cima dele. Não posso fazer nada disso. "X", porém, não me deixará em paz, no sentido de que encontrei algo imóvel; e essa coisa está ali comigo noite e dia. Não posso lutar contra ela porque não existe nada que eu possa segurar.

O que ocorre comigo, então, quando encontro uma coisa que é completamente sólida, inabalável, totalmente verdadeira? O que ocorre comigo? É esse o problema? O fato de nunca termos encontrado uma coisa assim? Podemos escalar as montanhas do Himalaia, mas o Everest estará sempre ali. Do mesmo modo, talvez os seres humanos nunca tenham encontrado uma coisa inabalável. Algo absolutamente imóvel. Ou ficamos terrivelmente intrigados com isso, ou dizemos que não podemos fazer nada a respeito do as-

sunto. Nós nos afastamos dessa coisa; ou ela é algo que temos que investigar — você sabe — que devemos capturar. Qual dos dois?

Temos aqui uma coisa sólida. Defronto-me com ela. Como disse, poderei afastar-me dela, o que geralmente faço, ou adorá-la; ou tentar entender o que ela é. Quando eu faço todas essas coisas estou de volta ao antigo padrão, e portanto eu me descarto disso. Quando encontro "X", que é inabalável, vejo qual é a sua natureza. Sou móvel, como um ser humano, mas "X" é inabalável. O contato com ele faz alguma coisa, tem que fazer. Não é algo místico, oculto, mas é simples, não é verdade?

I: Senhor, ele funciona como um ímã, mas não rompe nada.

K: Não, porque você não abandonou o padrão. Não é culpa de "X".

I: Não disse que era.

K: Não, estava subentendido, consequentemente, você está de volta, está dependente.

I: O que está ocorrendo?

K: Estou dizendo, você encontra "X"; o que acontece?

I: Você disse, um esforço para entender.

K: Ah, aí está; você está perdido. Está de volta ao mesmo antigo padrão. Você o vê, sente-o, conhece-o, reconhece-o. Não importa que palavra use, ele está aí.

DB: Bem, não poderíamos dizer que "X" transmite a necessidade absoluta de não voltarmos ao antigo padrão, porque percebemos que ele em absoluto não funciona.

K: Sim, coloque-o em suas próprias palavras. Está bem.

DB: E consequentemente isso é inalterável, inabalável — é isso que quer dizer?

K: Sim, sou móvel; "X" é imóvel.

DB: Bem, o que está por trás de "X", o que está atuando em "X" é inabalável. Não diria isso?

K: O que está atuando é no início, naturalmente, uma espécie de choque. Avancei, avancei, avancei, e então encontrei uma coisa imóvel. Obviamente, de repente, algo acontece. Podemos perceber o que está ocorrendo. "X" não está se transformando, e eu estou me transformando. Além disso, "X" eliminou as explicações e todo o resto, e ele mostra que a transformação é dolorosa. (Estou colocando as coisas resumidamente, em poucas palavras.) E eu encontro essa coisa, ocorre então a sensibilidade — está bem, vamos colocar isso de outra maneira. As explicações e a rejeição de todas as explicações tornaram-me sensível e muito mais alerta. Quando eu encontro uma coisa como "X", ocorre naturalmente uma resposta que não está relacionada com a explicação ou o entendimento. Ocorre uma resposta a isso. Ela não pode deixar de acontecer. Explicações foram fornecidas repetidamente. Eu escutei, mas ou elas me tornam apático, ou começo a perceber que as explicações não têm qualquer valor. Assim, nesse processo, tornei-me extremamente sensível com relação a qualquer explicação. Fiquei alérgico!

Existe um perigo nisso também, porque, como sabemos, as pessoas dizem que quando vamos ao guru ele dá, e que portanto devemos ficar silenciosos para recebermos. Isso é uma ilusão. Bem, já disse o bastante.

DB: Poderia dizer apenas que quando percebemos que todo esse processo de tempo, de conhecimento, e de tudo mais, não funciona, esse processo para, e que isso nos torna mais sensíveis — certo?

K: Sim, a mente torna-se perspicaz.

DB: Toda essa movimentação estava atrapalhando.

K: Sim, psicologicamente, o conhecimento nos tornou apáticos.

DB: Ele manteve o cérebro funcionando de uma maneira desnecessária.

I: Todo o conhecimento?

DB: Bem, não. Poderíamos dizer que em certo sentido o conhecimento não precisaria torná-lo apático, suponho, se ele partir da pureza onde não temos esse conhecimento na essência...

K: Sim. Lembre-se que também dissemos, nas nossas conversas, que a base não é o conhecimento.

DB: Veja bem, em primeiro lugar, a mente cria o vazio.

K: Exatamente.

DB: Mas não ainda a base, não imediatamente a base.

K: Isso mesmo. Veja, já abordamos tudo isso; escuto isso numa fita, está escrito num livro, e digo que sim, que entendo. Quando leio, obtive a explicação, adquiri conhecimento. Então digo: tenho que ter isso.

DB: O perigo está em que existe uma grande dificuldade em transmitirmos isso num livro porque é excessivamente rígido.

K: Mas é isso que geralmente acontece.

DB: Acho, porém, que o ponto principal, que poderia transmiti-lo, é percebermos que o conhecimento, em todas as suas formas, sutis e óbvias, não pode solucionar o problema psicológico; ele só pode torná-lo pior; existe, porém, outra energia que está envolvida.

K: Vê agora o que está acontecendo? Se surge qualquer problema, vou a um psicólogo. Em qualquer perturbação familiar, procuro alguém que me dirá o que fazer. Tudo à minha volta está sendo organizado, e tornando-me cada vez mais desamparado. É isso que está acontecendo.

5

A Base da Existência e a Mente do Homem

12 de Abril de 1980, Ojai, California.

DAVID BOHM: Talvez pudéssemos nos aprofundar na natureza da base; se pudermos chegar até ela e se ela tiver qualquer relação com os seres humanos; e também se pudesse haver uma mudança no comportamento físico do cérebro.

KRISHNAMURTI: Poderíamos abordar esse tema sob o aspecto do por que temos ideias? A base é uma ideia? Isso é o que temos que esclarecer em primeiro lugar. Por que as ideias se tornaram tão importantes?

DB: Talvez porque a distinção entre as ideias e o que está além das ideias não é clara. As ideias são frequentemente consideradas algo mais do que ideias; sentimos que elas não são ideias e sim uma realidade.

K: É isso que quero descobrir. A base é uma ideia, ou ela é imaginação, uma ilusão, um conceito filosófico? Ou algo que é absoluto, no sentido de que não há nada além dela?

DB: Como pode afirmar que não há nada além dela?

K: Vou chegar lá. Quero ver se olhamos para ela, se a percebemos, ou se temos um insight dela, a partir de um conceito. Porque afinal de contas, todo o mundo ocidental — e talvez também o mundo oriental — está baseado em conceitos. Todas as perspectivas e as crenças religiosas estão baseadas nisso. Mas será que nós a abordamos a partir desse ponto de vista ou como uma investigação filosó-

fica — filosófica no sentido de amor pela sabedoria, de amor pela verdade, de amor pela investigação, o processo da mente? Fazemos isso quando conversamos, quando queremos investigar, explicar, ou descobrir o que é essa base?

DB: Bem, talvez nem todos os filósofos baseiem sua abordagem em conceitos, embora com certeza a filosofia seja ensinada através de conceitos. Certamente é muito difícil ensiná-la a não ser através de disso.

K: Qual é então a diferença entre uma mente religiosa e uma mente filosófica? Entende o que estou tentando transmitir? Podemos investigar a base a partir de uma mente que esteja disciplinada pelo conhecimento?

DB: Bem, fundamentalmente, dizemos que a base é desconhecida inerentemente. Consequentemente não podemos começar com o conhecimento, e sugerimos que começássemos com o desconhecido.

K: Sim. Digamos, por exemplo, que "X" afirma que existe tal base, e que todos nós, "Y" e "Z", perguntamos o que é essa base, que prove, qüe mostre, permita que ela se manifeste. Quando fazemos essas perguntas, nós as fazemos com uma mente que busca, ou melhor, que possui essa paixão, esse amor pela verdade? Ou estamos apenas querendo falar a respeito do assunto?

DB: Acho que nessa mente existe a necessidade da certeza; mostre isso, queremos ter certeza. Não há então qualquer investigação.

K: Suponhamos que você declare que existe tal coisa, que existe a base; que ela é inabalável, etc.; e que eu diga que quero descobrir. Peço que me mostre, que prove isso para mim. Como poderá minha mente, que evoluiu através do conhecimento, que foi altamente disciplinada no conhecimento, ainda tocar nisso? Porque isso não é conhecimento, não é criado pelo pensamento.

DB: Sim, no momento em que pedimos que isso seja demonstrado, queremos transformá-lo em conhecimento.

K: Exatamente!

DB: Queremos ter certeza absoluta, para que não possa haver qualquer dúvida. Ainda assim, do outro lado da moeda, existe também o perigo da auto decepção e da desilusão.

K: Naturalmente. A base não pode ser encontrada enquanto existir qualquer forma de ilusão, que é a projeção do desejo, do prazer ou do medo. Como percebemos, então, essa coisa? A base é uma ideia a ser investigada? Ou ela é uma coisa que não pode ser investigada?

DB: Correto.

K: Como minha mente está treinada, disciplinada, pela experiência e pelo conhecimento, ela só pode funcionar nessa área. Então uma pessoa se aproxima e me diz que essa base não é uma ideia, não é um conceito filosófico; não é algo que possa ser criado ou percebido pelo pensamento.

DB: Não pode ser experimentado, não pode ser percebido ou compreendido através do pensamento.

K: Então o que eu tenho? O que devo fazer? Tenho apenas essa mente que foi condicionada pelo conhecimento. Como posso me afastar disso tudo? Como posso eu, uma pessoa comum, educada, instruída, experimentada, sentir essa coisa, tocá-la, e compreendê-la? Você me diz que palavras não poderão transmitir isso. Você me diz que temos de ter uma mente livre de todo conhecimento, exceto do conhecimento tecnológico; e está me pedindo uma coisa impossível, não está? E se disser que farei um esforço, isso também terá nascido do desejo egoísta. Então o que farei? Acho que isso é uma pergunta muito séria. Isso é o que todas as pessoas sérias perguntam.

DB: Pelo menos implicitamente. Elas poderão não externar isso.

K: Sim, implicitamente. Então, do outro lado do rio, por assim dizer, me diz que não existe nenhum barco para realizar a travessia. Não podemos nadar. Na verdade, não podemos fazer nada. Fundamentalmente, a coisa se resume nisso. O que farei então? Você está me pedindo, está pedindo à mente, não à mente geral, mas...

DB: ...à mente particular.

K: Está pedindo a essa mente particular que se abstenha de todo conhecimento. Isso já foi dito alguma vez no mundo cristão ou judaico?

DB: Não estou a par do que ocorre no mundo judaico, mas em certo sentido os cristãos dizem para termos fé em Deus, para nos entregarmos a Jesus, como o mediador entre nós e Deus.

K: Sim. Contudo, Vedanta significa o fim do conhecimento; e sendo um ocidental, digo que isso não representa nada para mim, porque a cultura em que tenho vivido enfatizara o conhecimento, desde os gregos e tudo o mais. Quando nos dirigimos, porém, a algumas mentes orientais, elas reconhecem na sua vida religiosa que deve haver uma ocasião em que o conhecimento deve terminar; a mente deve ficar livre do conhecimento. Contudo, ela representa apenas um entendimento conceitual, teórico, e para um ocidental, ela não significa absolutamente nada.

DB: Creio que houve uma tradição ocidental semelhante, mas não tão comum. Por exemplo, na Idade Média, houve um livro chamado A Nuvem do Desconhecimento, que segue essa linha de pensamento, embora não seja a principal linha do pensamento ocidental.

K: Não a linha principal. Então o que farei? Como abordarei a questão? Quero descobrir isso. Isso dá significado à vida. Não quer dizer que o meu intelecto dê significado à vida inventando alguma ilusão, alguma esperança, alguma crença, mas percebo vagamente que esse entendimento, recaindo sobre essa base, fornece um enorme significado à vida.

DB: Bem, as pessoas empregaram essa noção de Deus para dar significado à vida.

K: Não, não. Deus é apenas uma ideia.

DB: Sim, mas a ideia contém alguma coisa semelhante à ideia oriental de que Deus transcende o conhecimento. A maior parte das pessoas aceita dessa maneira, embora algumas não. Então existe uma espécie de noção semelhante.

K: Mas você me disse que a base não é criada pelo pensamento. En-

tão não podemos encontrá-la, sob quaisquer circunstâncias, através de qualquer forma de manipulação do pensamento.

DB: Sim, eu entendo. Mas estou tentando dizer que existe esse problema, esse perigo, essa ilusão, no sentido de que as pessoas dizem: "sim, isso é bem verdadeiro, é através de uma experiência direta com Jesus que nós a encontramos, e não através do pensamento de Deus!" Não consigo expressar precisamente o ponto de vista delas. Talvez seja melhor dizer a graça de Deus.

K: Sim, a graça de Deus.

DB: Algo que transcende o pensamento, entende?

K: Como um homem razoavelmente educado, ponderado, rejeito tudo isso.

DB: Por que o rejeita?

K: Porque isso se tornou comum, em primeiro lugar; comum no sentido de que todo mundo diz isso! E também porque pode haver nisso um grande sentido de ilusão criado pelo desejo, pela esperança e pelo medo.

DB: Sim, algumas pessoas parecem achar isso significativo, embora possa ser uma ilusão.

K: Mas se elas nunca tivessem ouvido falar de Jesus, elas nunca vivenciariam Jesus.

DB: Isso parece sensato.

K: Elas vivenciariam alguma coisa diferente que lhes tivesse sido ensinada. Na Índia, quero dizer...

INTERROGANTE: Mas as pessoas mais sérias nas religiões não afirmam que Deus, ou seja lá o que for, o Absoluto, a base, é uma coisa que não pode ser vivenciada através do pensamento? Elas podem ir até o ponto de dizer que isso não pode ser em absoluto vivenciado.

K: Oh, sim, eu disse que isso não pode ser vivenciado. "X" afirma que isso não pode ser vivenciado. Digamos que eu não saiba. Há aqui uma pessoa que diz que existe tal coisa; e eu a escuto. Ela não apenas transmite isso devido à sua presença como também através da palavra. Contudo, ela me diz para ter cuidado; a palavra não é a coisa, mas ela usa a palavra para transmitir que existe algo tão imenso que meu pensamento não consegue captar. Eu digo então: está bem, você explicou o assunto com muito cuidado; contudo, como o meu cérebro, que está condicionado e disciplinado pelo conhecimento, conseguirá se livrar disso tudo?

I: Será que ele conseguiria se libertar compreendendo a sua própria limitação?

K: Está me dizendo, então, que o pensamento é limitado. Prove isso para mim! Não falando de memória, da experiência ou do conhecimento; e entendo isso, mas não consigo captar o sentimento de que ele é limitado, porque vejo a beleza da terra, vejo a beleza de um prédio, de uma pessoa, da natureza. Vejo tudo isso, mas quando você afirma que o pensamento é limitado, não consigo senti-lo; vejo apenas um punhado de palavras que você me disse. Intelectualmente eu entendo, mas não tenho nenhum sentimento por isso. Não há perfume. Como pretende me mostrar — mostrar não — como pretende me ajudar — ajudar não — cooperar comigo, para que eu consiga ter esse sentimento de que o pensamento em si é frágil, é um elemento de pouca importância, de modo que sinta isso no meu sangue? Você entende? Uma vez que esteja no meu sangue, eu o terei comigo; você não terá que explicá-lo.

I: A abordagem possível, contudo, não será não falar a respeito da base, que no momento está extremamente afastada, e sim observar diretamente o que a mente pode fazer.

K: Que é pensar.

I: A mente está pensando.

K: Isso é tudo que tenho. Pensamento, sentimento, ódio, amor — conhecemos tudo isso; a atividade da mente.

I. Bem, eu diria que nós não a conhecemos, que apenas achamos que a conhecemos.

K: Sei quando estou zangado. Sei quando estou magoado. Não é uma ideia, eu tenho o sentimento, estou levando a ferida dentro de mim. Estou farto da investigação porque eu a realizei em toda minha vida. Procuro o Hinduísmo, o Budismo, o Cristianismo, o Islamismo — e digo que as investiguei, estudei, observei. Afirmo que tudo são meras palavras. Como é que eu, como ser humano, posso ter esse sentimento extraordinário a respeito disso? Se eu não tiver paixão, não investigarei. Quero possuir a paixão que fará com que eu arrebente esse pequeno envoltório. Construí um muro à minha volta, um muro que sou eu mesmo; e o homem viveu com isso por milhões de anos. Venho tentando me libertar desse invólucro através do estudo, da leitura, indo a gurus, através de todos os tipos de coisas, mas ainda estou preso ali. E você fala a respeito da base, porque vê algo que é emocionante, que parece tão vivo, tão extraordinário. Contudo, estou aqui, preso aqui. Você, que "viu" a base, deve fazer alguma coisa que exploda, que rompa completamente esse centro.

I: Eu tenho que fazer alguma coisa, ou é você que tem que fazer?

K: Ajude-me! Não através da oração e de todas essas bobagens. Entende o que estou tentando dizer? Jejuei, meditei, renunciei, fiz votos disso e daquilo. Fiz todas essas coisas porque vivi um milhão de anos; e no final desse milhão de anos ainda estou onde estava no começo. Isso é uma grande descoberta para mim. Pensava que havia avançado com relação ao início, por ter passado por tudo isso, mas repentinamente descobri que estou de volta ao mesmo ponto onde comecei. Tive mais experiências, vi o mundo, pintei, toquei música, dancei — entende? Mas voltei ao ponto de partida original.

I: Que é o eu e o não eu.

K: Eu. Pergunto a mim mesmo: o que devo fazer? E qual é a relação da mente humana com a base? Talvez eu possa estabelecer um relacionamento que possa romper totalmente esse centro. Isso não é um motivo, um desejo, ou uma recompensa. Percebo que se a mente pudesse estabelecer uma relação com aquilo, minha mente se tornará aquilo — certo?

I. Mas nesse caso minha mente já não terá se transformado naquilo?

K: Oh, não.

I: Mas acho que você acabou de eliminar a maior dificuldade ao afirmar que não existe desejo.

K: Não, não. Disse que vivi um milhão de anos...

I: Mas isso é um insight.

K: Não. Não aceitarei o insight tão facilmente assim.

I: Bem, deixe-me colocar dessa maneira: é algo muito mais do que o conhecimento.

K: Não, não está entendendo o que quero dizer. Meu cérebro viveu por um milhão de anos. Ele vivenciou tudo. Foi budista, hinduísta, cristão, maometano; ele já foi todos os tipos de coisas, mas tudo tem a mesma essência. Alguém então se aproxima e diz: olhe, existe uma base que é... alguma coisa! Estaria voltando para o que já conhecia — as religiões, etc.? Rejeito todas essas coisas, porque digo que já passei por todas elas e, no final, são como cinzas para mim.

DB: Bem, todas essas coisas representaram uma tentativa de criar uma base evidente pelo pensamento. Parecia que por meio do conhecimento e do pensamento as pessoas criavam o que elas encaravam como sendo a base. Mas não era.

K: Não era. Porque o homem gastou um milhão de anos nisso.

DB: Enquanto o conhecimento participar da base, ela será falsa?

K: Naturalmente. Existe, pois, uma relação entre a base e a mente humana? Ao fazer essa pergunta, também estou ciente do seu perigo.

DB: Bem, podemos criar uma ilusão do mesmo tipo daquela pela qual já passamos.

K: Sim. "Já toquei essa música antes".

I: Você está sugerindo que a relação não pode ser feita por você, mas que ela deve aparecer...?

K: Estou perguntando isso. Não, pode ser que eu tenha de formar um relacionamento. Minha mente está agora num estado tal que não aceitarei nada. Minha mente diz que já passei por tudo isso antes. Eu sofri, busquei, observei, investiguei, morei com pessoas que eram extremamente hábeis nesse tipo de coisa. Estou, então, fazendo a pergunta, e estou completamente consciente do perigo da mesma, como quando os hindus dizem: Deus está em vós, Brahma está em vós — o que é uma ideia maravilhosa! Mas já passei por tudo isso.

Assim, estou perguntando se a mente humana não tem qualquer relação com a base, e se há apenas a comunicação num só sentido, dela para mim...

DB: Certamente então isso é como a graça de Deus, que você inventou.

K: Não aceitarei isso.

DB: Você não está afirmando que a relação é num só sentido, e nem está dizendo que ela não é.

K: Talvez; eu não sei.

DB: Você não está dizendo nada.

K: Não estou dizendo nada. Tudo que eu "quero" é que esse centro seja destruído. Você entende? Pois o centro não existe. Porque percebo que o centro é a causa de todo mal, de todas as conclusões neuróticas, de todas as ilusões, de toda diligência, de todo esforço, de toda miséria — tudo emana desse núcleo. Depois de um milhão de anos, não consegui me libertar dele; ele não foi embora. Existe afinal alguma relação? Qual é a relação entre o bem e o mal? Pense nisso. Não há relação.

DB: Depende do que você entende por relação.

K: Contato, toque, comunicação, estar na mesma sala...

DB: ...vir da mesma origem.

K. Sim.

I: Estamos dizendo então que existe o bem, e que existe o mal?

K: Não, não. Vamos usar outra palavra; o todo, e o que não é o todo. Isso não é uma ideia. Existe uma relação entre esses dois? Evidentemente que não.

DB: Não, se você estiver dizendo que num certo sentido o centro é uma ilusão. Uma ilusão não pode ser relacionada com o que é verdadeiro, porque o conteúdo de uma ilusão não tem qualquer relação com o que é verdadeiro.

K: Exatamente. Veja, isso é uma grande descoberta. Quero estabelecer uma relação com aquilo. "Quero"; estou usando palavras curtas para transmitir algo. Essa pequena coisa insignificante quer estabelecer um relacionamento com aquela imensidão. Ela não pode.

DB: Sim, não apenas por causa da sua imensidão, mas porque na verdade essa coisa não é real?

K: Sim.

I: Mas eu não vejo isso. Ele diz que o centro não é real, mas eu não percebo que o centro não é real.

DB: Não real, no sentido de não ser genuíno e sim uma ilusão. Quero dizer, alguma coisa está atuando, mas não é o conteúdo que conhecemos.

K: Você consegue ver isso?

I: Você diz que o centro tem que explodir. Ele não explode porque não vejo a falsidade nisso.

K: Não. Você não entendeu o que eu quis dizer. Vivi um milhão de anos, fiz tudo isso; e no final ainda estou de volta ao começo.

I: Então você diz que o centro deve explodir.

K: Não, não, não. A mente diz que isso é excessivamente pequeno, e que ela não pode fazer nada a respeito... ela rezou, fez tudo. O centro, porém, ainda está ali; e alguém me diz que existe essa base. Quero estabelecer uma relação com ela.

I: Ele me diz que essa coisa existe, e diz também que o centro é uma ilusão.

DB: Espere, isso é rápido demais.

K: Não. Espere. Eu sei que ela está ali. Chame-a do que quiser, de ilusão, de realidade, de ficção — de qualquer coisa que queira. Ela está ali. A mente, porém, acha que isso não é suficiente; ela quer captar aquilo. Quer manter um relacionamento com ela. E aquilo diz: "sinto muito, você não pode ter um relacionamento comigo". Isso é tudo!

I: Essa mente que quer ter ligação com aquilo, estar em conexão, que quer manter uma relação com ela, é a mesma mente que é o "mim"?

K: Não separe as coisas, por favor. Você está deixando escapar algo. Eu passei por tudo isso. Eu sei. Posso discutir com você de trás para frente. Tenho uma experiência de um milhão de anos, e isso me concedeu certa capacidade. No fim de tudo, porém, percebo que não existe qualquer relação entre mim e a verdade. Isso é um tremendo choque para mim. É como se você tivesse me golpeado, porque o meu milhão de anos de experiência diz, vá atrás daquilo, busque-o, reze por ele, lute por ele, chore, sacrifique-se por ele. Eu fiz tudo isso. E de repente me diz que não posso ter um relacionamento com aquilo. Eu derramei lágrimas, abandonei minha família, tudo, por aquilo. E aquilo diz: "Não há relacionamento". Então o que aconteceu comigo? É aí que quero chegar. Entende o que estou dizendo — o que aconteceu comigo? À mente que viveu dessa maneira, que fez tudo em busca daquilo, quando aquilo diz: "você não tem qualquer relação comigo". Essa é a maior coisa...

I: Se você disser isso será um tremendo choque para o "mim".

K: É para você?

I: Creio que sim, e então...

K: Não! Estou lhe perguntando, é um choque descobrir que o seu cérebro, a sua mente, e o seu conhecimento não têm valor? Que todas as suas investigações, todos os seus esforços, todas as coisas

que você reuniu por anos e anos, por séculos, são absolutamente inúteis? Você enlouquece ao concluir que fez tudo isso por nada? Virtude, abstinência, controle, tudo — e, no final, você reconhece que eles não têm valor! Entende o que isso faz com você? Você não vê isso.

DB: Bem, se a coisa toda vai embora, então isso não tem importância.

K: Certamente: não existe qualquer relacionamento. O que fizemos ou deixamos de fazer não tem absolutamente qualquer valor.

DB: Não num sentido fundamental. Tem um valor relativo, um valor relativo apenas dentro de uma certa estrutura, que não tem valor em si mesma.

K: Sim, embora tenha um valor relativo.

DB: Mas a estrutura em geral não tem valor.

K: Exatamente. A base diz que seja o que for que tenhamos feito "sobre a terra", isso não tem qualquer significado. É aquilo uma ideia? Ou uma realidade? Ideia no sentido de que já me disseram, mas eu continuo lutando, desejando, tateando. Ou é uma realidade, no sentido de que de repente percebo a futilidade de tudo que já fiz. Temos então de tomar muito cuidado para compreender que aquilo não é um conceito; ou melhor, que não o transformamos num conceito ou numa ideia, e sim que recebemos o seu impacto total!

I: Veja, Krishnaji, o homem buscou por centenas de anos, provavelmente desde que existe, o que ele chama de Deus, ou a base.

K: Como uma ideia.

I: Mas então a mente científica se aproximou, e também disse que ela é apenas uma ideia, que é apenas tolice.

K: Oh, não! A mente científica diz que através da investigação da matéria talvez nos deparemos com a base.

DB: Sim, muitas pessoas acham isso. Algumas até acrescentariam a investigação do cérebro.

K: Sim. Esse é o objetivo da investigação da mente, e não nos exterminarmos mutuamente da terra através das armas. Não estamos nos referindo a cientistas do governo, e sim aos "bons" cientistas, àqueles que dizem que estão examinando a matéria, o cérebro e todo o resto, para descobrirem se existe algo além disso tudo.

I: E muitas pessoas, muitos cientistas, diriam que encontraram a base; a base é vazia, ela é o vazio; é uma energia que é indiferente para o homem.

K: Isso então é uma ideia ou uma realidade para eles, que afeta suas vidas, seu sangue, suas mentes, seu relacionamento com o mundo?

I: Penso que é apenas uma ideia.

K: Então sinto muito, já passei por tudo isso. Fui um cientista há dez mil anos atrás! Entende? Já passei por tudo isso. Se é apenas uma ideia, nós dois podemos participar desse jogo. Posso enviar a bola para você, ela estará na sua quadra, e você pode mandá-la de volta para mim. Podemos jogar esse jogo; mas já não participo mais desse tipo de jogo.

DB: Porque, em geral, o que as pessoas descobrem sobre a matéria não parece afetá-las profundamente, psicologicamente.

K: Não, naturalmente que não.

DB: Poderíamos pensar que se elas percebessem toda a unidade do universo, elas agiriam de modo diferente, mas isso não ocorre.

I: Poderíamos dizer que isso afetou um pouco as suas vidas. Veja, toda a doutrina comunista está baseada na ideia, que seus seguidores consideram um fato, de que tudo que existe é apenas um processo material, que é essencialmente vazio. O homem então tem de organizar sua vida e a sociedade de acordo com esses princípios dialéticos.

K: Não, não, os princípios dialéticos representam uma opinião que se opõe a outra opinião; o homem espera encontrar a verdade a partir das opiniões.

DB: Acho que deveríamos deixar isso de lado. Há maneiras de observarmos diferentes significados da palavra dialético — mas precisamos compreender a realidade como um movimento que flui; ver as coisas não como sendo fixas e sim em movimento e interligadas. Acho que poderíamos dizer que não importa o modo como as pessoas conseguiam ver as coisas, depois que percebiam essa unidade; isso não mudava fundamentalmente suas vidas. Na Rússia, as estruturas mentais são as mesmas de todos os lugares, se é que não são piores. Além disso, sempre que as pessoas tentaram, isso não afetou realmente, fundamentalmente, a maneira como elas sentem e pensam, e o modo como vivem.

I: Entenda, o que eu quis dizer é que o fato das pessoas abandonarem a busca da base não teve qualquer efeito chocante sobre elas.

K: Não! Não estou interessado. Foi um tremendo choque para mim descobrir a verdade, ou seja, que todas as igrejas, orações, livros, não possuem absolutamente qualquer significado — a não ser como podemos construir uma sociedade melhor, e assim por diante.

DB: Se conseguíssemos organizar esse ponto, haveria então um grande significado — construir uma boa sociedade; mas enquanto essa desordem estiver no centro, não podemos usá-lo do modo correto. Acho que seria mais preciso dizer que há um grande significado potencial em tudo isso, mas que não afeta o centro, e não há qualquer indício de que jamais o tenha feito.

I: Veja, o que não entendo é como podem existir tantas pessoas que nunca buscaram nas suas vidas aquilo que você chama de base.

K: Elas não estão interessadas.

I: Bem, não estou tão certo. Como você se aproximaria de uma pessoa assim?

K: Não estou interessado em me aproximar de qualquer pessoa. Todos os trabalhos que já realizei — tudo que fiz — a base afirma que não tem valor. E se eu puder abandonar tudo isso, minha mente será a base. Avanço então a partir daí. A partir daí eu crio a sociedade. Sinto muito.

DB: Penso que poderíamos dizer que enquanto estivermos procurando a base em algum lugar por meio do conhecimento, estaremos bloqueando o caminho.

K: Voltando então à terra: por que o homem fez isso?

DB: Fez o quê?

K. Acumulou conhecimento. Sem contar com a necessidade de o conhecimento existir com relação a algumas áreas, por que essa carga de conhecimento continuou por tanto tempo?

DB: Porque num determinado sentido o homem vem tentando criar uma base sólida através do conhecimento. O conhecimento tentou criar uma base. Essa é uma das coisas que aconteceram.

K: E o que quer dizer isso?

DB: Significa novamente ilusão.

K: O que significa que os santos e os filósofos me educaram — no conhecimento e através do conhecimento — para que eu encontrasse a base.

DB: Para criar a base usando o conhecimento.

I: Veja, de certo modo, houve todos esses períodos em que a humanidade foi envolvida pela superstição; e o conhecimento foi capaz de destruir isso.

K: Oh, não.

I: Até certo ponto, sim.

K: O conhecimento apenas me impediu de perceber a verdade. Eu me mantenho fiel a isso. Ele não me desembaraçou das minhas ilusões. O próprio conhecimento pode ser ilusório.

I: Isso é possível, mas ele dissipou algumas ilusões.

K: Eu quero dissipar todas as ilusões que conservo — não algumas. Eu me livrei da minha ilusão com relação ao nacionalismo; libertei-me da ilusão sobre a crença, sobre Cristo, sobre isso, sobre aquilo. No final, percebo que minha mente é ilusão. Veja bem: para mim, que vivi mil anos, descobrir que tudo isso não tem qualquer valor, é algo imenso.

DB: Quando diz que viveu mil anos, ou um milhão de anos, isso quer dizer, em certo sentido, que toda a experiência da humanidade é...?

K: ...sou eu.

DB: ...sou eu. Você sente isso?

K: Sim.

DB: E como sente isso?

K: Como sentimos qualquer coisa? Espere um minuto. Eu lhe direi. Não é simpatia, ou empatia, não é uma coisa que eu desejei, é um fato, um fato absoluto, definitivo.

DB: Será que poderíamos compartilhar esse sentimento? Veja bem, essa parece ser uma das etapas que estão faltando, porque você repetiu isso frequentemente como sendo uma parte importante da coisa toda.

K: O que significa que quando amamos alguém não existe um "mim" — é amor. Do mesmo modo, quando digo que sou a humanidade, isso é um fato - não é uma ideia, não é uma conclusão, é parte de mim.

DB: Digamos que é um sentimento de que eu já passei por tudo isso, tudo que você descreve.

K: Os seres humanos já passaram por tudo isso.

DB: Se os outros passaram por isso, então eu também já passei.

K: Naturalmente. Não estamos conscientes disso.

DB: Não, nós nos isolamos.

K: Se admitirmos que os nossos cérebros não são o meu cérebro particular, e sim o cérebro que evoluiu através dos milênios...

DB: Deixe-me falar porque não é fácil transmitir isso: todo mundo sente que o conteúdo do seu cérebro é de alguma forma individual, que ele não passou por tudo isso. Digamos que alguém há milhares de anos, esteve envolvido com a ciência ou a filosofia. Em que isso me afeta? É isso que não está claro.

K: Porque estou preso nesta pequena cela estreita e egoísta, que se recusa a olhar mais além. Porém você, como cientista, como homem religioso, aproxima-se e me diz que o seu cérebro é o cérebro da humanidade.

DB: Sim, e todo o conhecimento é o conhecimento da humanidade. De modo que de certa maneira possuímos todo o conhecimento.

K: Naturalmente.

DB: Embora não em detalhes.

K: Então você me diz isso, e eu compreendo o que você quer dizer, não de forma verbal ou intelectual; é assim. Só chego aí, porém, quando abandono as coisas comuns como a nacionalidade, etc.

DB: Sim, nós renunciamos às separações, e podemos perceber que a experiência é de toda a espécie humana.

K: É tão óbvio. Se formos ao lugarejo mais primitivo da índia, o camponês nos contará todos os seus problemas, da sua esposa, dos seus filhos, da sua pobreza. É exatamente a mesma coisa, apenas ele usa roupas diferentes, calças, quimonos, ou seja lá o que for! Para "X" isso é um fato indiscutível; é assim. Ele diz: está bem, no final disso tudo, de todos esses anos, descobri de repente que a coisa é vazia. Veja bem, nós não aceitamos isso, somos espertos demais. Estamos saturados por debates, discussões e pelo conhecimento. Não percebemos um simples fato. Nós nos recusamos a vê-lo. "X" então se aproxima e diz: veja, está ali; o mecanismo imediato do pensamento logo se põe em ação — e diz, fique em silêncio. Praticamos então o silêncio! Nós o fizemos durante mil anos e isso nos levou a lugar algum.

Existe então apenas uma coisa, que é descobrir que tudo que fiz é inútil — cinzas! Isso não me deprime, é a beleza da coisa. Acho que ela é como a Fênix.

DB: Elevando-se das cinzas.

K: Nascida das cinzas.

DB: De certa maneira é a liberdade, é estar livre disso tudo.

K: Nasce algo totalmente novo.

DB: Entretanto o que você disse anteriormente é que a mente é a base, que ela é o desconhecido.

K: A mente? Sim. Mas não esta mente.

DB: Nesse caso não é a mesma mente.

K: Se eu passei por tudo isso, e cheguei num ponto em que tenho que acabar com tudo isso, é uma nova mente.

DB: Está claro, a mente é o seu conteúdo, e o conteúdo é o conhecimento, e sem esse conhecimento ela é uma nova mente.

6

O Insight Pode Acarretar uma Mutação nas Células Cerebrais?

15 de Abril de 1980, Ojai, California.

DAVID BOHM: Você disse que o insight altera as células cerebrais; se você quiser, gostaria de discutir esse assunto.

KRISHNAMURTI: Da maneira como o cérebro é constituído, ele funciona numa só direção: memória, experiência, conhecimento. Ele tem atuado nessa área tanto quanto possível e a maior parte das pessoas está satisfeita com ele.

DB: Bem, elas não conhecem outra coisa.

K: E elas também atribuíram ao conhecimento uma suprema importância. Se alguém estiver preocupado com uma mudança fundamental, por onde deverá começar? Suponhamos que "X" sente que irá seguir uma determinada direção estabelecida pela humanidade. Ele tem feito isso século após século, e se pergunta o que é a mudança radical; se ela está no meio ambiente, ou nas relações humanas; se é uma sensação de amor, que não está na área do conhecimento. Por onde se deve começar? Você entende minha pergunta? A não ser que exista uma mutação ocorrendo aqui dentro, dentro da minha mente, do cérebro, eu poderei pensar que mudei, mas isso é apenas uma mudança superficial, e não uma mudança profunda.

DB: Sim. O que está implícito aqui é que o atual estado de coisas envolve não apenas a mente como também o sistema nervoso e o corpo. Tudo está organizado de uma certa maneira.

K: Naturalmente. É isso que eu quis dizer; todo o movimento está arranjado de uma certa maneira. E ao longo desse padrão, posso

modificar, ajustar, polir um pouco mais, um pouco menos, e assim por diante. Mas se um homem está preocupado com uma mudança radical, por onde deve começar? Como dissemos no outro dia, temos nos apoiado no meio ambiente ou na sociedade e em várias disciplinas visando a nossa mudança, mas sinto que tudo isso está indo na mesma direção.

DB: Na medida em que todos emanam dessa coisa, do modo como a mente e o corpo são organizados, eles não vão mudar nada. Existe uma estrutura completa envolvida que está no cérebro, no corpo, em toda a sociedade.

K: Sim, sim. Então o que devo fazer? O que "X" deve fazer? E ao fazer essa pergunta, o que há para mudar?

DB: O que exatamente você quer dizer com "o que há para mudar"? O que há para ser mudado?

K: Sim, ambos; o que há para ser mudado, e o que há para mudar? Basicamente, o que há para mudar? "X" percebe que ele pode mudar certas coisas ao longo desse caminho, mas para irmos bem além disso, o que devemos fazer? Tenho certeza de que o homem já fez essa pergunta. Você já deve tê-la feito. Mas aparentemente a mutação não ocorreu. Então o que "X" deve fazer? Ele percebe a necessidade de uma revolução radical, uma revolução psicológica; ele compreende que quanto mais ele muda, a mesma coisa continua; quanto mais ele investiga dentro de si próprio, a investigação permanece a mesma; e assim por diante. Então, o que há para mudar, a não ser que "X" descubra um modo de mudar o próprio cérebro?

DB: Mas o que mudará o cérebro?

K: É isso. O cérebro tem estado organizado num padrão por milênios! Acho que não importa mais "o que" eu devo mudar. É imperativo que eu mude.

DB: Estamos de acordo então em que deve haver uma mudança, mas o problema ainda é esse, "como o cérebro pode mudar"?

K: Temos que chegar a esse ponto. Se essa pergunta for colocada a você como cientista, ou como ser humano que está envolvido com a ciência, qual seria a sua resposta?

DB: Não creio que a ciência possa lidar com isso, porque ela não vai tão longe. Não pode possivelmente explorar de modo tão profundo a estrutura do cérebro. Muitas questões estão sendo levantadas a respeito da relação entre o cérebro e a mente, que a ciência não tem sido capaz de resolver. Algumas pessoas diriam que não há nada além do cérebro...

K: ...puramente materialistas; eu entendo isso.

DB: Se não for materialista, então no momento a ciência tem muito pouco a dizer a respeito. Talvez algumas pessoas tentem fazê-lo, mas a ciência, de um modo geral, tem sido mais bem-sucedida, mais sistemática, em lidar com a matéria. Qualquer tentativa de fazer de outro modo não seria muito clara.

K: Então você diria a "X" para mudar o interior das células cerebrais, etc. Minha resposta imediata a isso é: como? Todo mundo pergunta isso. Não é uma questão de fé. Não é uma questão de transformar um padrão em outro padrão. Você me deixa assim sem qualquer direção — certo? Deixa-me sem qualquer instrumento com que possa penetrar nisso.

DB: Exceto que está insinuando a existência de algo além do cérebro, ao formular essa pergunta. Nós não sabemos. A própria declaração implica que o insight está de certa forma além do cérebro, caso contrário ele não poderia mudá-lo.

K: Sim. Como posso então captá-lo? Talvez não possa captá-lo...

DB: ...Mas como isso poderia ocorrer? Você está dizendo que algo não material pode afetar a matéria. Eis a implicação disso.

K: Não estou certo.

DB: Acho que se colocássemos isso em ordem, ficaria mais claro perceber qual é a sua pergunta. As coisas ficarão um tanto complicadas se não o fizermos.

K: Tudo que me disse é que o insight transforma, provoca uma mutação no cérebro. Agora você explica o que é o insight, que não é um resultado de um conhecimento progressivo, não é tempo progressivo, não é uma recordação. Esse insight pode ser a verdadeira atividade do cérebro.

DB: Está bem. Vamos colocar as coisas de modo diferente. O cérebro possui muitas atividades que incluem a memória e todas as que você mencionou. Além disso, existe uma atividade mais interna, mas que ainda é atividade do cérebro.

K: Pode ser a mesma.

DB: Veja, ao dizermos isso, alguma coisa parece não estar bem clara.

K: Sim. Temos que estar bem certos de que ele não é o resultado do conhecimento progressivo; ele não apareceu através de qualquer exercício da vontade.

DB: De acordo. Penso que as pessoas podem geralmente perceber que o insight surge num lampejo, ele não irrompe através da vontade. Aqueles que refletiram pelo menos um pouco sobre ele podem perceber isso, e também que a química provavelmente não fará com que ele apareça.

K: Penso que a maioria das pessoas envolvidas pode perceber isso. Mas como eu, no papel de "X", posso ter esse insight? Percebo sua lógica, compreendo sua razão.

DB: Isso poderá, de alguma maneira, perturbar as pessoas. Não está claro qual é a lógica, o que é que vai realizar essa mudança no cérebro. É algo mais do que o cérebro, ou é alguma coisa mais profunda dentro do cérebro? Essa é uma das perguntas.

K: Naturalmente.

DB: Não está bastante claro logicamente.

INTERROGANTE: Está dizendo que existe uma função do cérebro que atua sem ter relação com seu conteúdo?

K: Sim, com o passado, com o conteúdo.

DB: Essa é uma boa pergunta. Haveria uma função do cérebro que fosse independente do conteúdo? Que não estivesse condicionada pelo conteúdo, mas que ainda pudesse ser uma função física?

K: Entendo. É esta a pergunta? Salvo a consciência com seu conteúdo, haveria no cérebro alguma atividade que não fosse tocada pela consciência?

DB: Pelo conteúdo; sim.

K: O conteúdo é a consciência.

DB: Sim, mas algumas vezes usamos a palavra em outro sentido. Algumas vezes nós damos a entender que pode haver outro tipo de consciência, de modo que se o chamarmos de "conteúdo" ficaria mais claro.

K: Está bem. Uma parte do cérebro que não é tocada pelo conteúdo.

DB: Sim, isso sugere que talvez seja possível que o cérebro mude. Ou o cérebro é totalmente controlado pelo seu conteúdo, ou de certa forma ele é condicionado, tem algum...

K: Este é um conceito perigoso!

DB: Mas é isso que você está dizendo.

K: Não. Veja o perigo disso. Veja o perigo de admitirmos para nós mesmos que existe uma parte do cérebro...

DB: ...uma atividade...

K: ...está bem, uma atividade do cérebro que não é tocada pelo conteúdo.

DB: É uma atividade possível. Pode ser que não tenha sido despertada.

K: Não foi despertada. Isso mesmo.

I: Mas qual é o perigo?

K: Isso é bastante simples. O perigo é que estou admitindo que existe Deus dentro de mim, que existe uma coisa sobre-humana; algo que está além do conteúdo e que portanto atuará sobre ele, ou que funcionará a despeito dele.

I: Mas que parte do cérebro percebe o perigo?

K: Vamos devagar. Qual a parte do cérebro que percebe o perigo? Naturalmente que é o conteúdo que percebe o perigo.

I: Ele percebe?

K: Oh, sim, porque o conteúdo está consciente de todos os truques que usou.

DB: Isso se parece com muitos dos antigos truques.

K: Sim.

DB: Os truques que examinamos antes — a suposição de que Deus está dentro de nós, a imaginação de que Ele está dentro de nós. Existe obviamente um perigo aqui.

I: Mas poderia o cérebro, percebendo o perigo, fazer assim mesmo essa declaração? Porque essa afirmação poderá estar apontando para a direção certa.

DB: Apesar de ela ser perigosa, talvez seja necessário fazê-la; ela poderá estar no caminho certo.

K: O inconsciente, que faz parte do conteúdo, poderá captar isso e dizer: "Sim" — e ele então percebe o perigo instantaneamente.

I: Ele percebe sua própria armadilha.

K: Sim, ele percebe a armadilha que criou, e então a evita. Isso significa sanidade: evitar uma armadilha é sanidade. Existe uma atividade que seja totalmente independente do conteúdo? Essa atividade é, então, uma parte do cérebro?

DB: É uma atividade natural do cérebro? Uma atividade material?

K: Isso quer dizer o quê?

DB: Bem, se existe essa atividade natural, ela poderia ser despertada de algum modo, e essa atividade poderia mudar o cérebro.

K: Mas você diria que ela ainda é material?

DB: Sim. Veja bem, existiriam diferentes níveis de matéria.

K: É aí que estou tentando chegar. Correto.

DB: Mas veja, se pensarmos assim, poderia haver um nível mais profundo de matéria que não estivesse condicionada pelo conteúdo. Por exemplo, sabemos que a matéria no universo não está, via de regra, condicionada pelo conteúdo dos nossos cérebros. Poderia existir um nível mais profundo de matéria que não estivesse condicionada dessa forma.

K: Então ainda seria matéria, refinada, ou "super", ou seja lá o que for; ainda seria o conteúdo.

DB: Por que diz isso? Veja, temos de ir devagar. Você afirma que a matéria é conteúdo?

K: Sim.

DB: Inerentemente? Mas isso tem de ser esclarecido, pois não é evidente.

K: Vamos examinar isso. Vamos nos fixar nisto: pensamento é matéria.

DB: Bem, pensamento é parte do conteúdo, parte do processo material. Se existe independentemente como matéria, não está tão claro. Podemos dizer que a água é matéria; podemos verter a água de um copo para outro, ela tem uma substância independente. Mas não está claro se o pensamento poderia se colocar como matéria por si só, ou apenas com alguma outra substância material como o cérebro no qual ele ocorre. Isso está claro?

K: Não consegui acompanhar muito bem o seu raciocínio.

DB: Se dissermos que a água é matéria, isso está claro. Agora, se dissermos que o pensamento é matéria, então o pensamento deve possuir uma substância independente semelhante. Dizemos que o ar é matéria — certo? Ou que a água é matéria. Contudo, as ondas não são matéria, elas são apenas um processo que ocorre na matéria. Está claro o que quero dizer?

K: Sim. Uma onda é um processo que ocorre na matéria.

DB: Um processo material. O pensamento é matéria, ou é um processo que ocorre na matéria?

I: Poderíamos perguntar se a eletricidade é considerada matéria?

DB: Na medida em que existem partículas, os elétrons, ela é matéria, mas também é um movimento dela, o que é um processo.

I: Então ela é duas coisas.

DB: Bem, podemos formar ondas de eletricidade, e assim por diante.

I: As ondas seriam matéria, mas não a ação elétrica.

DB: A ação elétrica é como as ondas, mas a eletricidade se compõe de partículas.

I: Qual é a pergunta que estamos fazendo agora?

DB: O pensamento é uma substância material, ou é um processo que ocorre numa outra substância material — como o cérebro?

K: Ele é um processo material que ocorre dentro do cérebro.

DB: Sim, os cientistas de um modo geral concordariam com isso.

K: Vamos ficar com isso.

DB: Se disséssemos que o pensamento é matéria, eles ficariam muito intrigados.

K: Entendo.

I: Ele não existe fora das células cerebrais. Ele reside no cérebro.

K: Ou seja, o pensamento é um processo material que ocorre no cérebro. Isso estaria certo. Então esse processo material poderá um dia ser independente?

DB: Independente do quê?

K: Independente de alguma coisa que não é um processo material. Não, espere um minuto, precisamos ir devagar. O pensamento é um processo material que ocorre no cérebro. Todos nós concordamos com isso?

DB: Sim, você obteria uma concordância bastante ampla com relação a isso.

K: Nossa pergunta então é: o processo material que ocorre no cérebro pode causar uma mudança em si mesmo?

DB: Sim, essa é a pergunta.

K: Em si mesmo. E se esse processo material em si pode mudar, ainda assim ele seria um processo material. Certo?

DB: Sim. O pensamento será sempre aparentemente um processo material.

K: E portanto não é insight. Temos de voltar a isso.

DB: Está dizendo que o insight não é um processo material?

K: Vá devagar. Temos que tomar cuidado quando usarmos as palavras. O pensamento é um processo material que ocorre no cérebro; e qualquer outro movimento que emane desse processo material ainda é material.

DB: Sim, tem de ser.

K: Certo. Existe outra atividade que não seja um processo material?

DB: Naturalmente as pessoas têm feito essa pergunta durante séculos. Existe espírito além da matéria?

K: Espírito, Espírito Santo! Existe alguma outra atividade do cérebro que não possa ser relacionada com o processo material?

DB: Bem, ela não pode depender dele. O insight não pode depender do processo material, pois senão seria apenas outro processo material.

K: O insight não pode depender do processo material que é o pensamento.

DB: Mas você estava colocando as coisas da maneira inversa, ou seja, que o processo material poderá depender do insight, poderá ser mudado por ele.

K: Ah, espere. O processo material depende dele, mas o insight não depende desse processo.

DB: Contudo, muitas pessoas não perceberiam como algo não material poderia afetar uma coisa material.

K: Sim, exatamente.

DB: As pessoas concordarão facilmente em que uma coisa imaterial não seja afetada pela matéria, mas como a operação funciona da maneira inversa?

K: O que você diria? O cérebro, o pensamento, com seu conteúdo, é um processo material. Qualquer atividade que parta dele ainda é parte disso. Contudo, o insight também é parte disso?

DB: Já concordamos a respeito da sua independência com relação a isso. Não pode ser parte dele. Mas ele ainda pode atuar dentro do processo material, essa é a coisa crucial.

K: Sim. Exatamente. O insight é independente do processo material, mas pode atuar sobre ele.

DB: Vamos examinar um pouco isso. Falando de um modo geral, na ciência, se "A" pode agir sobre "B" existe normalmente a ação recíproca de "B" sobre "A". Não encontramos situações em que "A" age sobre "B", mas "B" nunca age sobre "A".

K: Entendo, entendo.

DB: Essa é uma das dificuldades que você levantou. Não encontramos isso em nenhum outro lugar; nas relações humanas, se posso agir sobre você, você pode agir sobre mim - certo?

K: Sim, percebemos que os relacionamentos humanos são interações.

DB: Sim, relacionamentos mútuos.

K: E nesses relacionamentos existe resposta, e assim por diante. Contudo, se eu não responder à sua ação, serei independente dela.

DB: Mas veja bem, a ciência normalmente descobre que não é possível existir uma ação unilateral.

K: Exato. Então estamos continuamente insistindo em que o processo material deve ter uma relação com o outro.

DB: Uma ação, pelo menos. Relação ou relacionamento são palavras ambíguas aqui. Se você dissesse ação, ficaria mais claro.

K: Está bem. O processo material deve ser capaz de agir sobre o não material, e o não material deve atuar sobre o material.

DB: Mas isso faria com que fossem o mesmo.

K: Exatamente!

I: Não necessariamente. Poderíamos considerar que o insight é um movimento muito mais amplo do que o processo material que ocorre no cérebro e, consequentemente, que o movimento mais amplo pode agir sobre o movimento mais restrito, mas o mais restrito não pode agir sobre o mais amplo.

K: Sim, estamos dizendo a mesma coisa.

DB: O movimento restrito não tem uma ação significativa sobre o movimento mais amplo. Podemos ter uma situação em que se deixarmos cair uma pedra no oceano, o oceano a absorve sem qualquer alteração significativa.

K: Sim.

I: Então ainda existiria uma ação nos dois sentidos, mas somente uma delas seria significativa.

K: Não, não. Não entre nisso depressa demais, sejamos cuidadosos. O amor não tem qualquer relação com o ódio.

DB: Mais uma vez temos a palavra "relação". Diria, por exemplo, que o ódio não tem qualquer ação sobre o amor?

K: Eles são independentes.

DB: Independentes, não agem um sobre o outro.

K: Ah, é uma coisa muita importante descobrirmos isso. O amor é independente do ódio. Onde existe o ódio, o outro não pode existir.

DB: Sim, não podem permanecer lado a lado, agindo um sobre o outro.

K: Não podem. Então, estamos contradizendo o que os cientistas dizem quando declaram: se "A" está relacionado com "B", então "B" tem que estar relacionado com "A".

DB: Nem todos os cientistas disseram isso; alguns disseram outra coisa - não gosto de introduzir Aristóteles...

K: Introduza-o!

DB: Ele disse que existe um movedor imóvel, que Deus nunca é movido pela matéria; a matéria não age sobre ele, mas ele age sobre ela. Entende? Portanto, esta é uma ideia antiga. Desde a época de Aristóteles, a ciência rejeitou esse conceito e afirmou que é impossível.

K: Se vejo claramente que o amor é independente do ódio, o ódio não pode possivelmente agir sobre o amor. O amor pode agir sobre o ódio, mas onde está o ódio, o outro não pode estar.

DB: Bem, estas são duas possibilidades. A qual está se referindo?

K: Quais são as duas possibilidades?

DB: Você disse que uma possibilidade é que o amor possa agir sobre o ódio, e a outra é que eles, em absoluto, não agem um sobre o outro.

K: Sim.

DB: Mas qual?

K: Entendo. Não, o amor não pode agir sobre o ódio.

DB: Correto. Eles não estão relacionados. Mas talvez o insight possa agir, entende?

K: Temos de ser bastante claros quanto a isso. Violência e ausência de violência são dois fatores completamente diferentes. Um não pode agir sobre o outro.

DB: Nesse caso, diria que a existência de um é a inexistência do outro, e que não há maneira de eles poderem agir juntos.

K: Exatamente.

DB: Não podem estar juntos.

K: Definitivamente. Mantenho firmemente essa posição. Então quando esse processo material está em ação, o outro não pode existir.

DB: O que é "o outro" agora? O insight?

K: Sim.

DB: Isso nega o que estávamos dizendo antes; que existe uma ação do insight sobre o processo material.

K: Ora, continuamente sim. Onde existe a violência, o outro - detesto usar a palavra "não violência" — não existe.

DB: Paz, ou harmonia?

K: Onde existe violência, não pode haver paz. Mas onde existe paz, há violência? Não, naturalmente que não. A paz, portanto, independe da violência.

I: Você disse muitas e muitas vezes, que a inteligência pode agir sobre o pensamento; que o insight pode afetar o pensamento, mas que a coisa não funciona da maneira inversa. Você deu muitos exemplos disso.

K: A inteligência pode eliminar a ignorância, mas a ignorância não pode tocar a inteligência — certo? Onde existe o amor, nunca pode haver o ódio. O amor pode eliminar o ódio?

DB: Dissemos que isso não parece ser possível, porque o ódio se afigura como uma força independente.

K: Naturalmente que é.

DB: Ele tem o seu próprio momentum, entende? Sua própria força, o seu próprio movimento.

I: Não consigo perceber muito bem qual a relação do ódio e do amor com a discussão anterior sobre o insight.

DB: Parece haver duas áreas diferentes.

I: O pensamento é um movimento, e o insight parece ser não- movimento, onde tudo está aparentemente em repouso, e ele pode observar o movimento.

DB: É aí que estamos querendo chegar, à noção de alguma coisa que não seja afetada por mais nada.

I: Não está dizendo então, ao observar o amor e o ódio, que existe o bem e que existe o mal, e que o mal é uma força completamente separada e independente?

DB: Bem, ele é independente do bem.

I: Mas o processo está na mente, ou está relacionado com o insight?

DB: Estamos chegando lá.

I: Tomemos a luz e a escuridão. A luz surge e a escuridão desaparece.

DB: Bem e mal; amor e ódio; luz e escuridão — quando um existe o outro não pode existir, entende? Isso é tudo que dissemos até aqui.

I: Quer dizer, num único cérebro?

DB: Em qualquer cérebro, sim, ou em qualquer grupo, ou em qualquer lugar. Sempre que existe o ódio num grupo, não há o amor.

K: Uma coisa acaba de surgir na minha mente. O amor não tem nenhuma causa. O ódio tem uma causa. O insight não tem nenhuma causa. O processo material, como o pensamento, tem uma causa. Certo?

DB: Sim, faz parte da cadeia de causa e efeito.

K: Aquilo que não tem causa pode eventualmente agir sobre aquilo que tem uma causa?

DB: Talvez. Não podemos ver qualquer razão por que aquilo que não tem causa não possa agir sobre aquilo que tem uma causa. Não existe uma razão óbvia. O inverso não aconteceria. O que tem uma causa não pode agir sobre aquilo que não tem causa, porque isso o invalidaria.

K: Exatamente. Mas aparentemente a ação do insight tem um efeito extraordinário sobre o processo material.

DB: Ele poderá, por exemplo, eliminar algumas causas.

K: Uma vez que o insight não possui causa, ela tem um efeito preciso sobre aquilo que tem causa.

DB: Bem, isso não é uma consequência necessária, mas é possível.

K: Não, não, não digo que é possível.

DB: Estou dizendo que ainda não vimos bem porque isso é necessário. Não há contradição quando digo a palavra possível.

K: Está bem, entendo. Desde que sejamos claros com relação à palavra possível. Temos de ter cuidado. O amor não possui uma causa, e o ódio tem uma causa. Os dois não podem coexistir.

DB: Sim. Isso é verdade. É por isso que existe uma diferença entre o amor e o insight. É por isso que se uma coisa não tem causa, isso não quer dizer necessariamente que ela irá atuar sobre algo que tenha uma causa. É isso que estava tentando dizer.

K: Quero apenas explorar isso um pouco mais. O amor é insight?

DB: Até onde podemos ver, eles não são a mesma coisa. O amor e o insight não são idênticos, são? Não são exatamente a mesma coisa.

K: Por quê?

DB: O insight pode ser amor, mas, veja bem, o insight também ocorre num lampejo.

K: É um lampejo, naturalmente; e esse lampejo altera todo o padrão, opera sobre ele, usa o padrão, no sentido de que eu argumento, raciocino, uso a lógica, e tudo isso. Não tenho certeza de estar me fazendo entender claramente.

DB: Acho que uma vez que o lampejo tenha operado, o padrão estará diferente, e será, portanto mais racional. O lampejo poderá tornar a lógica possível, porque poderíamos estar confusos antes dele.

K: Sim, sim! Aristóteles poderá ter chegado a tudo isso através da lógica.

DB: Bem, ele pode ter tido algum insight! Não sabemos.

K: Não sabemos, mas estou levantando a questão.

DB: Realmente não sabemos como sua mente funcionava porque existem apenas alguns livros que sobreviveram.

K: Diria pela leitura de alguns desses livros que ele teve o insight?

DB: Não li na verdade Aristóteles diretamente; muito poucas pessoas o fizeram porque é difícil. A maioria lê o que outros disseram sobre Aristóteles. Algumas de suas frases são comuns, como "o movedor imóvel". Além disso, disse algumas coisas que sugerem que era pelo menos muito inteligente.

K: O que estou tentando dizer é que o insight nunca é parcial; estou falando do insight total, e não parcial.

I: Krishnaji, poderia explicar isso um pouco? O que você quer dizer com insight "não parcial"?.

K: Um artista pode ter um insight parcial. Um cientista pode ter um insight parcial. Estamos falando, porém, sobre o insight total.

I: Você percebe que o artista também é um ser humano, então...

K: Mas a sua percepção do insight é parcial.

I: Ele está orientado para alguma forma de arte. Então você quer dizer que ele ilumina uma área ou assunto limitado. É isso que você entende por insight parcial?

K: Sim.

I: O que seria então o insight total? O que ele abrangeria?

K: Toda a atividade humana.

DB: Esse é um ponto. Mas anteriormente, estávamos indagando se esse insight iluminaria o cérebro, a atividade do cérebro. Nessa iluminação, parece que a atividade material do cérebro sofrerá alteração. Isso seria correto? Temos de esclarecer esse ponto, e depois podemos levantar a questão da totalidade. Estamos dizendo que o insight é uma energia que ilumina a atividade do cérebro? E que nessa iluminação o próprio cérebro começa a agir de maneira diferente?

K: Está bastante certo. Isso é tudo. É isso que acontece. Sim.

DB: Dizemos que a fonte dessa iluminação não está no processo material; ela não tem causa.

K: Nenhuma causa.

DB: Mas é uma energia real.

K: Ela é energia pura. Existe ação sem causa?

DB: Sim, sem o tempo. A causa envolve o tempo.

K: Quer dizer, esse lampejo alterou completamente o padrão que o processo material estabeleceu.

DB: Poderíamos dizer que o processo material geralmente opera numa espécie de escuridão, e que consequentemente se colocou num caminho errado?

K: Na escuridão, sim. Isso está claro. O processo material atua na ignorância, na escuridão. E esse lampejo de insight ilumina todo o campo, o que significa que a ignorância e a escuridão foram dissipadas. Eu me fixarei nisso.

DB: Poderíamos dizer, então, que a escuridão e a luz não podem coexistir por razões óbvias. No entanto, a própria existência da luz significa mudar o processo da escuridão.

K: Exatamente.

I: Mas o que causa o lampejo?

K: Ainda não chegamos a isso. Quero entrar nisso passo a passo. O que aconteceu é que o processo material trabalhou na escuridão, e ocasionou confusão, e toda a bagunça que existe no mundo. Esse lampejo de insight, porém, elimina a escuridão, o que significa que o processo material não está, assim, trabalhando na escuridão.

DB: Correto. Mas agora vamos esclarecer outro ponto. Quando o lampejo acaba, a luz continua.

K: A luz está ali, o lampejo é a luz.

DB: Num certo momento o lampejo é imediato, mas, então, quando trabalhamos a partir dali, ainda existe luz.

K: Por que está diferençando o lampejo da luz?

DB: Simplesmente porque a palavra "lampejo" sugere uma coisa que acontece num momento.

K: Sim.

DB: Veja, estamos dizendo que o insight só duraria esse momento.

K: Temos que ir devagar.

DB: Bem, é uma questão de linguagem.

K: É apenas uma questão de linguagem?

DB: Talvez não, mas se usarmos a palavra "lampejo", existe a analogia do relâmpago, que fornece luz por um momento, mas que no momento seguinte nos deixa na escuridão, até que ocorra outro lampejo de relâmpago.

K: Não é assim.

DB: Então como é? A luz de repente surge, e permanece?

K: Não. Porque quando dizemos "continua" ou "acaba", estamos pensando em termos de tempo.

DB: Temos de esclarecer isso, porque essa é a pergunta que todo mundo vai fazer.

K: O processo material está trabalhando na escuridão, no tempo, no conhecimento, na ignorância, e assim por diante. Quando surge o insight, ocorre a eliminação daquela escuridão. Isso é tudo que estamos dizendo. O insight elimina aquela escuridão, e o pensamento, que é o processo material, não mais trabalha na escuridão, consequentemente, essa luz alterou — não, ela terminou com a ignorância.

DB: Então dizemos que essa escuridão é de fato uma coisa que é construída dentro do conteúdo do pensamento.

K: O conteúdo é a escuridão.

DB: Está certo. Então aquela luz eliminou aquela ignorância.

K: Exatamente. Eliminou o conteúdo.

DB: Mas ainda temos que ser muito cuidadosos, caso ainda tenhamos conteúdo no sentido usualmente aceito da palavra; todas essas coisas, você sabe.

K: Naturalmente.

DB: Então não podemos afirmar que a luz eliminou todo o conteúdo.

K: Ela exterminou o centro da escuridão.

DB: Sim, a fonte, a criadora da escuridão.

K: O "eu". Certo? Ela eliminou o centro da escuridão que é o "eu".

DB: Poderíamos dizer que o "eu", o qual é parte do conteúdo — cuja parte do conteúdo é o centro da escuridão, que a cria e a mantém — é dissipado.

K: Sim, eu fico com isso.

DB: Vemos agora que isso significa uma mudança física nas células do cérebro. Esse centro, esse conteúdo que é o centro, é um certo conjunto, uma determinada forma e disposição de todas as células do cérebro, que de uma certa maneira se modifica.

K: Evidentemente! Veja, isso tem uma importância enorme no nosso relacionamento com a sociedade, em tudo. A próxima pergunta agora é: como se dá esse lampejo? Vamos começar da maneira inversa: Como acontece o amor? E a paz? A paz não possui uma causa, a violência tem causa. Como ocorre essa coisa sem causa se considerarmos que toda minha vida é causalidade? Não existe um "como" — certo? O "como" subentende uma causa, então não há um "como".

I: Está dizendo que como essa coisa não tem causa, ela então apenas existe... ?

K: Não, não afirmo que ela existe. Essa é uma afirmação perigosa.

I: Ela tem de existir em algum ponto.

K: Não. No momento em que dizemos que ela existe, ela não existe.

DB: Entenda, o perigo é que ela é parte do conteúdo.

K: A pergunta que fez foi a respeito de uma mutação nas células cerebrais. Essa pergunta foi feita depois de uma série de debates, e chegamos num ponto em que dizemos que esse lampejo, essa luz, não tem causa; que a luz atua sobre aquilo que possui causa, que é a escuridão. Essa escuridão existe enquanto o "eu" está ali; ele é o criador dessa escuridão, mas a luz dissipa exatamente o centro da escuridão. Isso é tudo. Chegamos nesse ponto; e consequentemente ocorre uma mutação. Digo, então, que a pergunta de como obter esse lampejo de insight, como ele acontece, é uma pergunta errada. Não há um "como".

I: Não existe um "como", mas há escuridão e há luz.

K: Apenas veja primeiro que não há um "como". Se me mostrar como, você estará de volta à escuridão. Correto?

DB: Sim.

K: É formidável entender isso. Vou perguntar algo mais, por que não temos em absoluto um insight? Por que esse insight não começa na nossa infância?

DB: Bem, o modo como vivemos a vida...

K: Não, eu quero descobrir. É por causa da nossa educação? Da nossa sociedade? Não creio que seja tudo isso. Entende?

DB: Então, o que você diz?

K: É algum outro fator? Estou tentando descobrir por tentativas. Por que nós não o temos? Ele parece tão natural.

DB: Primeiramente, diríamos que alguma coisa está interferindo nele.

K: Mas ele parece tão natural. Para "X" ele é bastante natural. Por que ele não é natural para todo mundo? Por que isso não é possível? Se falarmos sobre obstáculos, educação, etc., que estão todos na esfera da causalidade, o fato de removermos os obstáculos subentende outra causa. Continuamos, então, deslizando nessa direção. Existe algo não natural a respeito de tudo isso.

I: Se dissesse que existem obstáculos...

K: Não quero usar isso; é a linguagem da escuridão.

I: Poderíamos dizer então que os obstáculos impedem o insight de agir.

K: Naturalmente. Mas quero me afastar desses obstáculos.

DB: Não exatamente obstáculos, mas usamos as palavras "centro da escuridão", que dissemos que está sustentando a escuridão.

K: Por que não é natural que todo mundo tenha esse insight?

DB: Essa é a pergunta.

K: Por que o amor não é natural para todo mundo? Estou formulando claramente a pergunta?

DB: Penso, para tornar as coisas mais claras, que algumas pessoas poderão sentir que ele é natural para todo mundo, mas, ao serem tratadas de uma determinada maneira, elas gradualmente são capturadas pelo ódio.

K: Não acredito nisso.

DB: Você teria que supor então que a criança pequena ao encontrar o ódio não responderia com ódio.

K: Sim, exatamente.

DB: A maioria das pessoas diria que é natural para a criança pequena responder com ódio ao se deparar com o ódio.

K: Sim, esta manhã eu ouvi isso. Perguntei então a mim mesmo: por quê? Agora espere um minuto. "X" foi colocado sob todas essas circunstâncias, que poderiam ter criado obstáculos, mas "X" não foi tocado por eles. Por que não é possível, então, para todo mundo?

DB: Devemos esclarecer porque estamos dizendo que seria natural não responder ao ódio com ódio.

K: Está bem. Limite-o a isso.

DB: Mesmo quando a pessoa não pensou a respeito. Veja, a criança não é capaz de pensar sobre isso. Algumas pessoas diriam que é o instinto, o instinto animal...

K: ...que é odiar...

DB: ...bem, revidar.

K: Revidar.

DB: O animal responderá com amor, se o tratarmos com amor, mas se o tratarmos com ódio, ele revidará.

K: Naturalmente.

DB: Ele se tornará mau.

K: Sim.

DB. Algumas pessoas diriam que o ser humano no início é como esse animal, e que mais tarde poderá compreender.

K: Naturalmente. Ou seja, as origens do ser humano estavam com os animais, e o animal, o macaco ou o lobo...

DB: ...o lobo também responderá com amor.

K: E estamos dizendo, por que...

DB. Veja, quase todo mundo sente que o que eu disse é verdadeiro, que quando somos crianças bem pequenas, somos como o animal. Agora está perguntando por que todas as crianças pequenas não deixam imediatamente de responder ao ódio com ódio?

K: Isso quer dizer, é culpa dos pais?

DB: O que está insinuando é que não é exclusivamente isso; que deve haver algo mais profundo.

K: Sim, penso que existe uma coisa bastante diferente. Quero captar isso.

DB: Isso é uma coisa que seria importante.

K: Como podemos descobri-lo? Tenhamos um insight! Sinto que existe algo completamente diferente. Estamos atacando a coisa a partir de um ponto de vista causativo. Seria correto dizermos que o início do homem não é animal?

DB: Bem, isso não está claro. A atual teoria da evolução diz que houve macacos que se desenvolveram; podemos acompanhar a direção que tomaram quando se tornaram cada vez mais semelhantes aos seres humanos. Quando você diz que o início do homem não é animal, isso não está claro.

K: Se o começo do homem é o animal, consequentemente esse instinto é natural; é, portanto, altamente refinado.

DB: Sim, esse instinto é causa e efeito.

K: Causa e efeito, e ele se torna natural. Mas alguém se aproxima e pergunta: "ele é?".

DB: Vamos tentar esclarecer isso.

K: Quero dizer que os cientistas e os historiadores disseram que o homem veio do macaco, e como todos os animais respondem ao amor e ao ódio, nós, como seres humanos, respondemos instantaneamente ao ódio com ódio.

DB: E inversamente, ao amor com amor.

K: No início houve algumas pessoas que nunca responderam ao ódio, porque possuíam o amor. Elas inculcaram essa coisa na mente humana. Certo? Ou seja, onde existe amor, não há ódio; e isso também foi parte da nossa herança. Por que desenvolvemos a resposta do ódio ao ódio? Por que não cultivamos a outra? Ou a outra — o amor — é uma coisa que não pode ser cultivada?

DB: Ela não é causal. O cultivo depende de uma causa.

K: De pensamento. Então, por que perdemos a outra? Cultivamos com muito cuidado, pelo pensamento, o conceito de enfrentar o ódio com o ódio, a violência com a violência, e assim por diante. Por que não acompanhamos a outra direção? Com o amor, que não tem causa? Entende minha pergunta?

DB: Sim.

K: Ela é uma pergunta vã?

DB: Não vemos nenhuma maneira de avançar.

K: Não estou tentando avançar.

DB: Temos de compreender o que fez com que as pessoas respondessem ao ódio com o ódio...

K: ...para "X", a outra direção parece tão natural. Portanto, se é tão natural para ele, por que não é natural para todas as outras pessoas? Tem de ser natural para os outros!
Você deve conhecer essa ideia antiga, que provavelmente existe nas religiões judaica e indiana, e assim por diante, que a manifestação do que é mais elevado acontece ocasionalmente. Essa parece uma explicação excessivamente fácil. Voltou-se a humanidade para a direção errada? Demos um passo errado?

DB: Sim, nós examinamos anteriormente o fato de ter havido um passo na direção errada.

K: Responder ao ódio com ódio, à violência com violência, etc.

DB: E dar um valor supremo ao conhecimento.

I: A tentativa de cultivar a ideia do amor não seria também outro fator? O objetivo das religiões tem sido produzir o amor, e seres humanos melhores.

K: Não vamos entrar nisso. O amor não tem causa, ele não é cultivável. Ponto final.

I: Sim, mas a mente não percebe isso.

K: Mas explicamos tudo isso. Quero descobrir porque, sendo natural para "X", não é natural para os outros. Penso que essa é uma pergunta válida.

DB: Outro ponto é dizer que poderíamos perceber que responder ao ódio com ódio não faz sentido de qualquer maneira. Por que então persistimos nisso? Porque muitas pessoas acreditam que naquele momento estão se protegendo com o ódio, mas isso não é verdade.

K: Mas voltando àquela pergunta: penso que ela é válida. "X" não tem causa, "Y" está preso na causa. Por quê? Entende? É privilégio de poucos? Da elite? Não, não. Vamos examinar a coisa de outra maneira. A mente da humanidade tem respondido ao ódio com ódio, à violência com violência, e ao conhecimento com conhecimento. Mas "X" faz parte da humanidade, e ele não responde ao ódio com ódio, como "Y" e "Z"! Eles são parte da consciência de "X", parte disso tudo.

DB: Por que existe essa diferença?

K: É isso que estou perguntando. Um é natural, o outro não é natural. Por quê? Por que a diferença? Quem está fazendo a pergunta? As pessoas, "Y" e "Z", que respondem ao ódio com ódio, estão fazendo a pergunta? Ou é "X" que está fazendo a pergunta?

I: Parece que "X" está fazendo a pergunta.

DB: Sim, mas você percebe que estávamos apenas acabando de dizer que eles não são diferentes. Dissemos que eles são diferentes, mas também que eles não são diferentes.

K: Naturalmente. Eles não são diferentes.

DB: Há uma única mente.

K: Certo, uma única mente.

DB: Sim, e como acontece que uma parte dessa mente diz que somos diferentes da outra?

K: Esse é o problema. De que maneira uma parte da mente diz que somos diferentes da outra? Naturalmente, há todos os tipos de explicações, e eu me baseio no fato de que "A", "B", e "C" são diferentes de "X", "Y", e "Z". E esses são fatos, certo?

I: Eles parecem ser diferentes.

K: Oh, não.

I: Eles são realmente diferentes.

K: Totalmente; não apenas aparentemente.

DB: Creio que a pergunta à qual queremos voltar é: Por que as pessoas que cultivam o ódio dizem ser diferentes daquelas que não o fazem?

K: Elas dizem isso?

DB: Acho que sim, na medida em que elas admitiriam que se houvesse qualquer pessoa que não cultivasse o ódio, elas teriam de ser diferentes.

K: Sim, isso está claro — luz e escuridão, e assim por diante. Mas quero descobrir se estamos indo na direção certa, ou seja, "X" me deu aquele presente, e não o levei comigo. Você me entende? Cultivei uma resposta, mas não a levei comigo. Por quê? Se um pai respondeu ao ódio com ódio, por que o filho não respondeu da mesma maneira?

DB: Acho que é uma questão de insight.

K: O que significa que o filho tinha o insight desde o início. Está acompanhando o que estou dizendo? Desde a infância; e o que isso significa?

DB: O quê?

K: Não quero entrar ainda nesse campo perigoso!

DB: O que é? Talvez queira abandonar isso.

K: Existe um fator que está faltando. Quero captá-lo. Veja, se isso for uma exceção, então é bobagem.

DB: Está bem. Então concordamos em que a coisa está latente em todos os seres humanos; é isso que quer dizer?

K: Não estou bem certo se é isso o que quero dizer.

DB: Mas estou querendo dizer que o fator está aqui, em toda a humanidade.

K: Essa também é uma afirmação perigosa.

DB: É isso que você estava dizendo.

K: Eu sei, mas estou questionando. Quando estiver bem certo, eu lhe direi.

DB: Está bem. Nós tentamos isso, e podemos dizer que parece promissor, mas também é um pouco perigoso. Essa possibilidade está aqui, em toda a humanidade, e na medida em que algumas pessoas a perceberam.

K: O que quer dizer que Deus está dentro de nós?

DB: Não, quer dizer apenas que a possibilidade do insight está aqui.

K: Sim, parcialmente. Estou questionando tudo isso. O pai responde ao ódio com o ódio, mas o filho não.

DB: Isso acontece de tempos em tempos.

K: Não, sistematicamente desde o início — por quê?

DB: Deve depender do insight, que demonstra a futilidade do ódio.

K: Por que esse homem o tem?

DB: Sim, por quê?

K: E por que, se isso parece tão incrivelmente natural para ele, não é natural para todo mundo? Como a água é natural para todas as pessoas.

DB: Bem, por que o insight não está presente em todo mundo desde o início?

K: Sim, é isso que estou perguntando.

DB: Tão fortemente que nem mesmo o mau trato consegue afetá-lo.

K: Nada pode afetá-lo, esse é o meu ponto. Os maus tratos, o espancamento, o fato de ser colocado em todos os tipos de situações horríveis, nada disso o afeta. Por quê? Estamos chegando a alguma coisa.

7

A Morte Tem um Significado Muito Pequeno

17 de Abril de 1980, Ojai, California

KRISHNAMURTI: Vamos começar de onde paramos? Estamos dizendo que os seres humanos ainda se comportam de acordo com os instintos animais?

DAVID BOHM: Sim, e que os instintos animais, pelo que parece, podem ser dominantes devido à sua intensidade e rapidez, especialmente no que diz respeito a crianças pequenas. É possível que seja apenas natural para elas responderem com o instinto animal.

K: Isso quer dizer, então, que depois de um milhão de anos, ainda estamos nos comportando instintivamente como nossos ancestrais?

DB: Sob certos aspectos. Provavelmente o nosso comportamento também se complica por causa do pensamento; o instinto animal enredou-se agora com o pensamento, e está se tornando pior de algumas maneiras.

K: Bem pior.

DB: Como todos esses instintos de ódio passaram a se orientar e a se apoiar no pensamento, eles se tornaram mais sutis e perigosos.

K: E durante todos esses inúmeros séculos não descobrimos uma maneira, um método, um sistema — alguma coisa que nos afaste desse caminho, não é isso?

DB: Sim. Uma das dificuldades, certamente, é que quando as pessoas começam a se zangar umas com as outras, a sua raiva aumenta e não conseguem fazer nada a respeito. Podem tentar controlá-la, mas isso não funciona.

K: Como estamos dizendo, alguém — "X" — comporta-se naturalmente de uma maneira que não é uma resposta ao instinto animal. Que lugar esse tipo de insight ocupa na sociedade humana? Absolutamente nenhum?

DB: Na sociedade como ela é, ele não pode ser ajustado, porque a sua organização baseia-se na suposição de que a dor e o prazer reinarão. Poderíamos dizer que afabilidade também é um instinto animal, pois as pessoas se tornam afáveis por razões instintivas; e talvez elas se tornem inimigas por motivos semelhantes.

Penso, então, que algumas pessoas diriam que nós deveríamos ser mais racionais do que instintivos. Houve um período durante o século dezoito, a Idade da Razão, em que se dizia que o homem poderia ser racional, poderia optar por ser racional, para levar a harmonia a todos os lugares.

K: Mas ele não fez isso!

DB: Não, as coisas pioraram, e ocorreu a Revolução Francesa, o Terror, e assim por diante. Depois disso, as pessoas passaram a não ter muita fé na razão como uma maneira de chegar a qualquer lugar, ou de sair do conflito.

K: Aonde isso nos leva então? Estávamos realmente falando a respeito do insight que efetivamente altera a natureza do próprio cérebro.

DB: Sim, ao dissipar a escuridão no cérebro, o insight permite que ele funcione de uma nova maneira.

K: O pensamento tem atuado na escuridão, criando sua própria escuridão e funcionando nela; e o insight é, como dissemos, como um lampejo que atravessa a escuridão. Quando, então, esse insight clareia a escuridão, o homem pode atuar, ou funcionar, racionalmente?

DB: Sim, o homem poderá, então, funcionar racionalmente, e com percepção, em vez de fazê-lo por meio de regras e da razão. Há, porém, uma razão que flui livremente. Veja bem, algumas pessoas identificam a razão com certas regras de lógica que seriam mecânicas; mas pode existir a razão como uma forma de percepção da ordem.

K: Estamos dizendo, então, que o insight é percepção?

DB: Ele é o lampejo de luz que torna possível a percepção.

K: Certo, é isso mesmo.

DB: Ele é até mais fundamental do que a percepção.

K: O insight é, pois, pura percepção, e a partir dessa percepção há ação, que é então sustentada pela racionalidade. É isso?

DB: Sim.

K: Exatamente.

DB: E a racionalidade é percepção da ordem.

K: Diria então que existe o insight, percepção e ordem?

DB: Sim.

K: Mas essa ordem não é mecânica porque não está baseada na lógica.

DB: Não há regras.

K: Não há regras; vamos colocar as coisas dessa maneira; é melhor. Essa ordem não está fundamentada em regras. Isso significa insight, percepção, ação, ordem. Chegamos então à pergunta: o insight é contínuo, ou ele ocorre em lampejos?

DB: Já abordamos isso, e achamos que essa era uma pergunta errada, de forma que talvez possamos encará-la de modo diferente. Ele não está ligado ao tempo.

K: Não está ligado ao tempo. Sim, concordamos com isso. Vamos um pouco mais adiante então. Dissemos, não foi, que o insight é a eliminação da escuridão que é o próprio centro do 'eu', a escuridão que o 'eu' cria? O insight dissipa exatamente esse centro.

DB: Sim. A percepção não pode ocorrer quando há escuridão. É uma espécie de cegueira.

K: Certo; o que vem a seguir então? Sou um homem comum, com todos os meus instintos animais, prazer e dor, recompensa e castigo, e assim por diante. Ouço você dizer isso, e percebo que o que está dizendo tem uma espécie de razão, de lógica, e de ordem.

DB: Sim, faz sentido até onde podemos observar.

K: Faz sentido. Como posso então ter razão na minha vida? Como vou fazê-la surgir? Você entende que essas palavras que são difíceis estão todas ligadas ao tempo. Porém isso é possível?

DB: Sim, sem o tempo, entende?

K: O homem com sua mente estreita poderá ter esse insight, de forma que este padrão de vida seja rompido? Como dissemos no outro dia, tentamos tudo isso, tentamos todas as formas de auto negação, e contudo, esse insight não apareceu. De vez em quando ocorre um insight parcial, mas esse não é um insight completo, de modo que ainda existe uma escuridão parcial.

DB: Que não dissipa o centro do 'eu'. Ele poderá dissipar alguma escuridão numa área determinada, mas a origem da escuridão, seu criador, seu sustentador, ainda está lá.

K: Ainda está lá. Portanto, o que faremos? Mas essa é uma pergunta errada. Não nos levará a nenhum lugar.

Já especificamos o plano geral, certo? E temos então de avançar, ou não avançar em absoluto. Não tenho a energia. Não possuo a capacidade de percebê-lo rapidamente, pois isso é imediato, e não apenas algo que pratico e eventualmente alcanço. Não tenho a capacidade, não possuo o senso de urgência, da ação imediata. Tudo está contra mim: minha família, minha esposa, a sociedade. Tudo! E isso quer dizer que eventualmente terei de me tornar um monge?

DB: Não. Tornar-se um monge é a mesma coisa que tornar-se qualquer outra coisa.

K: Exatamente. Tornar-se um monge é como tornar-se um homem de negócios! Percebo tudo isso, tanto verbal como racionalmente, intelectualmente, mas não consigo captar essa coisa. Existe uma abordagem diferente para esse problema? Estou sempre fazendo a mesma pergunta, porque estou preso no mesmo padrão. Portanto, existe uma maneira completamente diferente? Uma abordagem totalmente diferente de todo o turbilhão da vida? Há um modo diferente de encará-lo? Ou a antiga maneira é a única que existe?

Dissemos que enquanto o centro estiver criando a escuridão, e o pensamento estiver operando nela, haverá a desordem, e a sociedade será como é agora. Para nos afastarmos disso, temos de ter um insight. O insight só pode ocorrer quando há um lampejo, uma luz repentina, que elimina não apenas a escuridão como também o seu criador.

DB: Sim.

K: Agora estou perguntando se existe uma abordagem diferente desse assunto como um todo, embora uma antiga resposta pareça tão absoluta.

DB: Bem, possivelmente. Quando você diz que ela parece absoluta está querendo uma abordagem menos completa?

K: Estou dizendo que se essa é a única maneira, então estamos condenados.

DB: Não podemos criar esse lampejo voluntariamente.

K: Não, ele não pode ser criado por meio da vontade, através do sacrifício, através de qualquer forma de esforço humano. Isso está fora de cogitação; sabemos que já eliminamos tudo isso; e também concordamos com o fato de que para algumas pessoas — para "X" — esse insight parecia tão natural, e perguntamos por que ele não é natural para outras pessoas.

DB: Se começarmos com a criança, parece natural que ela responda com seus instintos animais, com uma grande intensidade que arrebata. A escuridão surge porque isso é tão esmagador.

K: Sim, mas por que as coisas são diferentes com "X"?

DB: Em primeiro lugar, parece natural para a maior parte das pessoas que os instintos animais assumam o comando.

K: Sim, é verdade.

DB: E elas diriam que o outro indivíduo, "X", não é natural.

K: Sim.

DB: Essa é a maneira como a espécie humana tem pensado, dizendo que se efetivamente há pessoas que são diferentes, elas devem ser bastante incomuns e não naturais.

K: Exatamente. Os seres humanos têm respondido ao ódio com ódio, e assim por diante. Há aqueles poucos, talvez muitos, que dizem que isso não é natural ou racional. Por que ocorreu essa divisão?

DB: Se dissermos que prazer e dor, medo e ódio, são naturais, sentimos então que temos de lutar para controlá-los, caso contrário eles nos destruirão. O melhor que podemos esperar é controlá-los por meio da razão, ou de qualquer outra maneira.

K: Mas isso não funciona! Serão as pessoas como "X", que funcionam de forma diferente, os poucos privilegiados, devido a algum milagre, a algum estranho evento fortuito?

DB: Muitas pessoas diriam isso.

K: Mas isso é contra a minha natureza. Eu não aceitaria isso.

DB: Bem, se isso não é assim, então, você teria de dizer por que existe tal diferença.

K: É aí que estou querendo chegar, uma vez que "X" nasceu dos mesmos pais.

DB: Sim, fundamentalmente dos mesmos; então, por que ele se comporta de modo diferente?

K: Essa pergunta foi feita muitas vezes, repetidamente, em diferentes partes do mundo. Por que existe essa divisão?

INTERROGANTE: A divisão é realmente total? Veja, até o homem que responde ao ódio com ódio vê que isso não faz sentido, não é natural, e deveria ser diferente.

K: Deveria ser diferente, mas ele ainda está lutando com ideias. Está tentando sair fora disso usando o pensamento, o que produz a escuridão.

I: Quero apenas dizer que a divisão não parece tão integral.

K: Oh, mas a divisão é integral, completa.

I: Bem, então por que as pessoas não estão simplesmente dizendo: vamos continuar a viver dessa maneira, e vamos aproveitá-la até o último momento?

K: Porque não conseguem enxergar nada além da sua própria escuridão.

I: Contudo elas querem se libertar dela.

K: Espere um instante. Elas querem se livrar dela? Elas realmente percebem o estado em que estão, e deliberadamente querem sair dele?

I: Elas são ambivalentes a respeito. Querem continuar a obter os frutos da escuridão, mas têm uma sensação de que a coisa está errada e que conduz ao sofrimento.

DB: Ou então elas julgam que não podem fazer nada a respeito. Veja bem, quando chega a ocasião de elas vivenciarem a raiva ou o prazer, não conseguem escapar.

K: Elas não podem fazer nada a respeito.

I: Mas elas querem se libertar, embora estejam indefesas. Há forças que são mais poderosas do que a sua vontade.

K: O que faremos então? Ou será que essa divisão é falsa?

DB: Esse é o ponto. Seria melhor se falássemos a respeito de uma diferença entre essas duas abordagens. Essa diferença não é fundamental.

K: Não penso que elas tenham qualquer coisa em comum.

DB: Por quê? Você diz que a diferença é falsa, embora fundamentalmente as pessoas sejam as mesmas, mas que uma diferença se desenvolveu entre elas. Talvez a maior parte das pessoas tenha dado um passo na direção errada.

K: Sim, vamos colocar as coisas assim.

DB: Mas a diferença não é intrínseca, não é estrutural, não está embutida como a diferença entre uma árvore e uma pedra.

K: Concordo. Como você diz, há uma diferença entre uma pedra e uma árvore, mas não é assim. Sejamos simples. Há duas respostas. Elas começam da origem; uma tomou uma direção, e a outra tomou uma direção diferente. A origem, porém, é a mesma. Por que ambas não avançaram na direção correta?

DB: Não conseguimos responder a isso. Eu estava exatamente dizendo que se uma pessoa entender isso, e depois voltar à origem, ela não terá que dar o passo na direção errada. Em certo sentido, estamos continuamente dando o passo errado, de forma que se pudermos entender isso, torna-se então possível mudar; e estamos continuamente começando da mesma origem, e não voltando a ela no tempo.

K: Espere um minuto, espere um minuto.

DB: Há duas maneiras de interpretar a nossa declaração. Uma é dizer que a origem está no tempo, que bem longe no passado começamos juntos e tomamos caminhos diferentes. A outra maneira é dizer que a origem não está ligada ao tempo, e que estamos continuamente dando o passo errado. Certo?

K: Sim, constantemente dando o passo errado. Por quê?

I: Isso significa que há possibilidade permanente de darmos o passo certo.

K: Sim, naturalmente. É isso. Se dissermos que há uma origem a partir da qual todos começamos, seremos capturados no tempo.

DB: Não podemos voltar.

K: Não, isso está eliminado, consequentemente, é evidente que estamos dando o passo errado o tempo todo.

DB: Constantemente.

K: Estamos constantemente dando o passo errado. Mas por quê? Aquele que vive com o insight e o outro que não vive com ele — são permanentes? O homem que vive na escuridão pode ir a qualquer momento para o outro lado. Esse é o ponto. Em qualquer ocasião.

DB: Então nada o segura, a não ser o fato de ele estar constantemente dando o passo errado. Poderíamos dizer que a escuridão é tal, que ele não percebe que está dando o passo errado.

K: Estamos indo na direção certa, fazendo a pergunta correta? Suponha que você tenha esse insight, e que a sua escuridão, o centro mesmo da escuridão, tenha sido completamente dissipado; e que eu, um ser humano sério, razoavelmente inteligente, escute-o; e não importa que pareça razoável, racional, sensato, qualquer coisa que você tenha dito. Eu questiono a divisão. Ela é criada pelo centro que produz a escuridão. O pensamento a criou.

DB: Bem, na escuridão, o pensamento cria a divisão. Da escuridão uma sombra é lançada; isso cria a divisão.

K: Se tivermos esse insight, diremos que não há divisão, e o homem não aceitará isso, porque na sua escuridão não há nada, exceto a divisão. Nós, então, morando na escuridão, criamos a divisão. Nós a criamos nos nossos pensamentos...

DB: Estamos criando-a continuamente.

K: Sim, estamos sempre querendo viver permanentemente num estado no qual não há divisão. Esse movimento, contudo, ainda é o movimento da escuridão. Certo?

DB: Sim.

K: Como poderei dissipar essa escuridão contínua e permanente? Essa é a única pergunta, porque, enquanto eu existo, crio essa constante divisão. Veja, isso é andar em círculos. Só posso dissipar a escuridão através do insight, e não posso obter esse insight através de qualquer esforço da vontade, de modo que sou deixado com nada. Então, qual meu problema? Meu problema é perceber a escuridão, perceber o pensamento que está criando a escuridão, e compreender que o 'eu' é a origem dessa escuridão. Por que não posso perceber isso? Por que não posso vê-lo nem mesmo de forma lógica?

DB: Bem, logicamente, está claro.

K: Sim, mas de algum modo não parece funcionar. Então o que farei? Percebo pela primeira vez que o 'eu' cria a escuridão que está constantemente formando a divisão. Vejo isso muito claro.

DB: E a divisão produz, de qualquer forma, a escuridão.

K: E vice-versa, de trás para diante. E a partir de tudo isso, todas as coisas começam. Vejo isso muito claro. O que farei então? Portanto não admito a divisão.

I: Krishnaji, não estamos, contudo, introduzindo novamente a divisão quando dizemos que existe o homem que precisa do insight?

K: Mas o homem tem o insight. "X" possui o insight, e ele explicou muito claramente como a escuridão desapareceu. Eu o escuto, e ele afirma que a sua própria escuridão está criando a divisão. Esta divisão, na verdade, não existe, não há nenhuma divisão como luz e escuridão. Então ele me pergunta como podemos banir, como podemos afastar esse sentido de divisão?

DB: Você parece estar trazendo de volta uma divisão ao dizer que eu deveria fazê-lo, entende?

K: Não, "deveria" não.

DB: De certa forma você está dizendo que o processo mental de pensamento parece criar espontaneamente a divisão. Você diz, tente colocá-lo de lado e, ao mesmo tempo, ele está tentando fazer a divisão.

K: Entendo. Mas a minha mente pode afastar a divisão? Ou essa é uma pergunta errada?

I: Ela pode afastar a divisão enquanto ela própria está dividida?

K: Não, não pode. Então o que devo fazer? Ouça, isso não é divisão. "X" diz algo tão extraordinariamente verdadeiro, de um significado e de uma beleza tão imensos que todo o meu ser diz "Apreenda-o". Isso não é uma divisão.

Reconheço que sou o criador da divisão, porque vivo na escuridão, e então a partir desta escuridão, eu crio. Mas escutei "X", que afirma que não há divisão e reconheço que essa é uma afirmação extraordinária. Portanto, o próprio fato de isso ser dito a alguém que tem vivido numa divisão permanente tem um efeito imediato. Certo?

DB: Penso que temos, como você diz, de afastar a divisão...

K: Abandonarei isso; não a afastarei. Quero me aprofundar nessa afirmação de que não há divisão. Estou chegando a algum lugar com ela. A afirmação de "X", a partir desse insight, de que não há divisão, tem um tremendo efeito sobre mim. Tenho vivido constantemente na divisão e ele se aproxima e diz que ela não existe. Que efeito isso tem sobre mim?

DB: Você diz então que não há divisão. Isso faz sentido. Mas por outro lado, parece que ela existe.

K: Reconheço a divisão, mas a declaração de que ela não existe tem esse impacto imenso sobre mim. Parece natural, não? Quando vejo algo que é inabalável, isso deve ter algum efeito sobre mim. Respondo com um tremendo choque.

DB: Veja, se você estivesse falando sobre alguma coisa que se encontrasse à nossa frente, e dissesse: "Não, não é dessa maneira", isso mudaria, naturalmente, todo nosso modo de vê-la. Então, você diz que a divisão não é dessa maneira. Tentamos olhar e ver se é de fato assim — correto?

K: Nem mesmo digo: "É assim?". "X" explicou cuidadosamente todo o assunto, e diz no final que não há divisão. Além disso, sou sensível, observo cuidadosamente, e percebo que estou permanentemente vi-

vendo em divisão. Quando "X" faz essa afirmação, ele rompe o padrão.

Está acompanhando o que estou tentando explicar? Ele rompeu o padrão porque disse uma coisa que é fundamentalmente verdadeira. Não existe Deus e o homem. Certo senhor, mantenho-me fiel a isso. Vejo algo — que é: onde há o ódio não existe o outro. Porém, ao odiar, eu quero o outro. Desse modo, uma divisão constante nasce da escuridão; e a escuridão é permanente. Mas tenho escutado muito cuidadosamente, e "X" faz uma afirmação que parece absolutamente verdadeira. Isso penetra em mim, e o ato dessa afirmação dissipa a escuridão. Não estou fazendo um esforço para me livrar da escuridão, mas "X" é a luz. Exatamente, eu mantenho essa posição.

Chegamos então a uma coisa, que é: posso eu escutar com a minha escuridão — na minha escuridão, que é permanente? Nessa escuridão, posso lhe escutar? Naturalmente que sim. Vivo em constante divisão, o que causa a escuridão. "X" se aproxima e me diz que não há divisão.

DB: Certo. Entretanto, por que diz que podemos escutar na escuridão?

K: Oh, sim, posso escutar na escuridão. Se isso não for possível, estarei condenado.

DB: Mas isso não é um argumento.

K: Claro que não é um argumento, mas é assim!

DB: Não vale a pena viver na escuridão; mas agora estamos dizendo que é possível ouvir na escuridão.

K: Ele, "X", explica-me, muito, muito cuidadosamente. Eu sou sensível, tenho-o escutado em minha escuridão, mas isso está me tornando sensível, vivo, observador. É isso que tenho feito. Temos feito isso juntos; e ele afirma que não há absolutamente nenhuma divisão; e sei que estou vivendo em divisão. Essa própria afirmação fez com que o constante movimento chegasse a um fim.

Caso contrário, se isso não ocorrer, não terei nada — entende? Estou perpetuamente vivendo na escuridão. Há, porém, uma voz no deserto, e ouvir essa voz têm um efeito extraordinário.

DB: Ouvir atinge a origem do movimento, ao passo que observar, não.

K: Sim, observei, escutei, participei de todos os tipos de jogos durante toda minha vida; e agora vejo que existe apenas uma coisa. Que existe essa escuridão permanente e que estou atuando na escuridão; nesse deserto que é a escuridão; cujo centro é o 'eu'. Percebo isso totalmente, completamente; não posso lutar mais contra isso. "X" então se aproxima e me diz isso. Nesse deserto uma voz afirma que existe água. Entende? Não é esperança. Há uma ação imediata em mim.

A pessoa tem de perceber que esse movimento constante na escuridão é a sua vida. Percebe o que estou dizendo? Posso eu, com toda a experiência, com todo o conhecimento que reuni em um milhão de anos, de repente verificar que estou vivendo numa total escuridão? Porque isso significa que atingi o fim de qualquer esperança. Certo? Mas a minha esperança também é escuridão. O futuro está eliminado como um todo, de forma que sou deixado com essa enorme escuridão, e estou lá. Isso quer dizer que a percepção disso é o final da transformação. Atingi o ponto em que "X" me diz que isso é natural.

Veja, todas as religiões disseram que essa divisão existe. Deus e o filho de Deus.

DB: Sim, mas elas dizem que ela pode ser superada.

K: É o mesmo padrão que se repete. Não importa quem o disse, mas o fato é que alguém nesse deserto está dizendo alguma coisa, e que nesse deserto tenho escutado todas as vozes, inclusive a minha, o que deu origem a uma escuridão ainda maior. E, contudo, isso está correto. Quer dizer que quando existe o insight não há separação, não é?

DB: Sim.

K: Não é o seu insight ou o meu insight, é o insight. E nele não há divisão.

DB: Sim.

K: O que nos conduz à base à qual nos referimos...

DB: Como assim?

K: Naquela base não há escuridão como escuridão, ou luz como luz. Naquela base não há divisão. Nada tem origem na vontade, no tempo, ou no pensamento.

DB: Está dizendo que aquela luz e aquela escuridão não estão divididas?

K: Exatamente.

DB: O que é a mesma coisa que dizer que não há nem uma nem outra.

K: Nenhuma nem outra; é isso mesmo! Há algo mais. Há uma percepção de que existe um movimento diferente, que é "não dualista".

DB: O que significa não dualista? Que não há divisão?

K: Não há divisão. Não empregarei o termo "não dualista". Não há divisão.

DB: Mas, contudo existe movimento.

K: Naturalmente.

DB: Então, o que isso quer dizer, sem divisão?

K: Quero me referir ao movimento, o movimento que não é tempo. Esse movimento não cria a divisão. Portanto, quero voltar, chegar à base. Se, nessa base, não há nem escuridão nem luz, nem Deus nem o filho de Deus - não há divisão — o que acontece então? Você diria que a base é movimento?

DB: Bem, poderia ser, sim. O movimento é indiviso.

K: Não, não, não.

DB: Você estava dizendo antes que há movimento, certo?

K: Eu disse que há movimento na escuridão.

DB: Sim, mas dissemos, que na base, não há divisão de escuridão e luz, e contudo você disse que há movimento.

K: Sim. Diria você que a base é movimento interminável?

DB: Sim.

K: O que isso quer dizer?

DB: Bem, é difícil de expressar.

K: Continue se aprofundando nisso; vamos expressá-lo. O que é o movimento, sem ser o movimento daqui para ali, sem ser a partir do tempo — há qualquer outro movimento?

DB: Sim.

K: Existe. O movimento de ser para o vir a ser psicologicamente. Há o movimento da distância, há o movimento do tempo. Dizemos que tudo isso são divisões. Existe um movimento onde não haja divisão? Quando afirmou que não existe divisão, há com certeza esse movimento?

DB: Bem, você está dizendo que quando não há divisão esse movimento está ali?

K: Sim, e afirmei que "X" diz que ele é a base.

DB: Correto.

K: Diria que não há fim, não há começo?

DB: Sim.

K: O que significa tempo, mais uma vez.

DB: Podemos dizer que o movimento não possui forma?

K: Não possui forma — tudo isso. Quero ir um pouco mais adiante. O que estou perguntando é que quando você afirmou que não há divisão, isso significa que não há divisão no movimento.

DB: Ele flui sem divisão, entende?

K: Sim, é um movimento no qual não há divisão. Será que consigo captar o significado disso? Será que entendo a profundidade dessa afirmação? Um movimento onde não há divisão; o que significa que não existe tempo nem distância como os conhecemos. Não há nenhum elemento de tempo nele. Então estou tentando verificar se esse movimento circunda o homem.

DB: Sim, ele o envolve.

K: Quero chegar lá. Estou preocupado com a espécie humana, com a humanidade, que sou eu. "X" fez várias afirmações e eu captei uma afirmação que parece absolutamente verdadeira — que não há divisão. O que significa que não há nenhuma ação que seja divisora.

DB: Sim.

K: Percebo isso; e também pergunto se esse movimento não possui tempo. Parece que ele é o mundo, entende?

DB: O universo.

K: O universo, o cosmos, o todo.

DB: A totalidade.

K: A totalidade. Não há uma expressão no mundo judaico que diz: "Apenas Deus pode dizer: eu sou"?

DB: Bem, é assim que a linguagem é construída. Não é necessário expressá-la.

K: Não, eu entendo. Percebe onde estou querendo chegar?

DB: Sim, que somente esse movimento é.

K: Pode a mente pertencer a esse movimento? Porque ele é eterno, e, portanto imortal.

DB: Sim, o movimento não contém a morte; na medida em que a mente toma parte nele, ele é o mesmo.

K: Entende o que estou dizendo?

DB: Sim. Mas o que é que morre quando o indivíduo morre?

K: Isso não tem significado, pois, uma vez que eu tenha compreendido que não existe divisão...

DB: ...então isso não é importante.

K: A morte não tem significado.

DB: Ela ainda possui um significado em algum outro contexto.

K: Oh, o término do corpo; isso é totalmente irrelevante. Mas você entende? Quero captar o significado da afirmação de que não há divisão; ela quebrou o encantamento da minha escuridão, e eu percebo que existe um movimento, e isso é tudo. O que significa que a morte tem um significado muito pequeno.

DB: Sim.

K: Você aboliu completamente o medo da morte.

DB: Sim, entendo que quando a mente está participando desse movimento, ela é esse movimento.

K: Isso é tudo! A mente é esse movimento.

DB: Você diria que a matéria também é esse movimento?

K: Sim, diria que tudo é esse movimento. Na minha escuridão, escutei "X". Isso é extremamente importante. E esse discernimento rompeu meu encantamento. Quando ele disse que não há divisão, ele aboliu a divisão entre a vida e a morte. Não tenho certeza se você está percebendo isso.

DB: Sim.

K: Uma pessoa nunca poderá dizer, então: "Sou imortal". Isso é muito infantil.

DB: Sim, isso é a divisão.

K: Ou: "Estou em busca da imortalidade"; ou: "Estou me transformando!" Acabamos com todo esse sentido de nos movermos na escuridão.

I: Qual seria, então, a importância do mundo? Existe alguma importância nele?

K: No mundo?

I: Com o homem.

DB: Quer dizer, com a sociedade?

I: Sim, parece que quando você faz essa afirmação, não há divisão e que a vida é a morte — qual é então a importância do homem com toda sua luta?

K: O homem na escuridão. Que importância tem isso? É como nos debatermos numa sala trancada. Essa é toda a questão.

DB: A importância só pode surgir quando a escuridão for dissipada.

K: Naturalmente.

I: A única coisa significativa é a dissipação da escuridão.

K: Oh, não, não!

DB: Não estamos dizendo que algo mais pode ser feito além de dissipar a escuridão?

K: Escutei com bastante cuidado tudo que você, que possui o insight, falou. O que você fez foi dissipar o centro. Na escuridão eu podia inventar muitas coisas importantes; que existe luz, que existe Deus, que existe beleza, que existe isso e aquilo. Mas tudo isso ainda está na área da escuridão. Seu eu ficar preso numa sala escura, posso inventar uma porção de imagens, mas quero obter algo mais. A mente é a única que possui esse insight — e que, portanto dissipa a escuridão e tem uma compreensão da base que é movimento sem tempo — essa mente em si é o movimento?

DB: Sim, mas não a totalidade. A mente é o movimento, mas estamos dizendo que o movimento é matéria, que o movimento é mente. Além disso, estávamos dizendo que a base poderá estar além da mente universal. Você disse anteriormente que o movimento, que a base, é mais do que a mente universal, mais do que o vazio.

K: Dissemos isso; muito mais do que isso.

DB: Muito mais. Mas temos de esclarecer isso. Dissemos que a mente é esse movimento.

K: Sim, a mente é o movimento.

DB: Não estamos dizendo que esse movimento é apenas a mente?

K: Não, não, não.

DB: Esse é o ponto que eu estava tentando corrigir.

K: A mente é o movimento — mente, no sentido de "a base".

DB: Mas você disse que a base vai além da mente.

K: Espere um minuto: o que quer dizer com "ir além da mente"?

DB: Voltando ao que examinamos há alguns dias: dissemos que temos o vazio, a mente universal, e depois, que a base está além de tudo isso.

K: Diria que ela está além desse movimento?

DB: Sim. A mente emerge do movimento como uma base, e cai de volta na base; é isso que estamos dizendo.

K: Sim, exatamente. A mente emerge do movimento.

DB: E ela morre no movimento.

K: Isso mesmo. Ela tem sua existência no movimento.

DB: E a matéria também.

K: Então, eis aonde quero chegar: sou um ser humano que está enfrentando esse fim e esse começo. E "X" elimina isso.

DB: Sim, isso não é fundamental.

K: Não é fundamental. Um dos maiores temores da vida, que é a morte, foi eliminado.

DB: Sim.

K: Percebe o que significa para um ser humano o fato de não haver a morte? Significa que a mente não envelhece — estou me referindo à mente comum. Não sei se estou conseguindo transmitir isso.

DB: Vamos devagar. Você diz que a mente não envelhece, mas e o fato de as células do cérebro envelhecerem?

K: Questiono isso.

DB: Mas como podemos ter certeza disso?

K: Porque não há conflito, porque não há tensão, não há transformação, não há movimento.

DB: Isso é uma coisa que é difícil de transmitir com certeza.

K: Naturalmente. Não podemos provar nada disso.

DB: Mas, quanto ao outro, dissemos até aqui...

K: ...que podemos raciocinar a respeito dele.

DB: Isso é lógico, e também podemos senti-lo. Mas agora você está afirmando uma coisa sobre as células cerebrais a respeito da qual não sinto nada. Talvez seja assim; poderia ser assim.

K: Penso que é assim. Não vou discutir isso. Quando uma mente viveu na escuridão e está em constante movimento, existe o desgaste, a degeneração das células.

DB: Poderíamos dizer que esse conflito fará com que as células degenerem. Mas alguém poderá argumentar que talvez mesmo sem conflito elas se degenerariam numa taxa mais lenta. Digamos que se vivêssemos centenas de anos, por exemplo, com o tempo as células se degenerariam, não importa o que fizéssemos.

K: Vá devagar.

DB: Posso facilmente aceitar que a taxa de degeneração das células seria reduzida se nos livrássemos do conflito.

K: A degeneração pode ser reduzida.

DB: Talvez bastante.

K: Bastante. Noventa por cento.

DB: Isso poderíamos entender. Mas se disser cem por cento, fica difícil de entender.

K: Noventa por cento. Espere um pouco. Ela pode ser muito, enormemente reduzida. E isso significa o quê? O que acontece a uma mente que não tem conflito? O que é essa mente, qual é a qualidade dessa mente que não tem problemas? Veja, suponha que uma mente viva num ar puro e despoluído com a espécie adequada de alimento, e assim por diante; por que ela não pode viver duzentos anos?

DB: Bem, é possível, algumas pessoas viveram cento e cinquenta anos, num ar bastante puro e comendo boa comida.

K: Mas veja, se essas mesmas pessoas que viveram cento e cinquenta anos não tivessem conflito, poderiam viver muito mais tempo.

DB: Talvez. Li a respeito de um caso de um homem na Inglaterra que viveu até cento e cinquenta anos. Os médicos ficaram interessados nele. Deram-lhe vinho e jantares, e ele morreu em poucos dias!

K: Pobre coitado!

I: Krishnaji, você normalmente diz que qualquer coisa que viva no tempo também morre no tempo.

K: Sim, mas o cérebro, que teve o insight, alterou as suas células.

I: Está insinuando que até o cérebro orgânico não vive mais no tempo?

K: Não, não introduza ainda o tempo. Estamos dizendo que o insight acarreta uma mudança nas células cerebrais. O que significa que as células cerebrais não pensam mais em termos de tempo.

I: Do tempo psicológico?

K: Naturalmente, isso está claro.

DB: Se elas não estiverem tão perturbadas, permanecerão em bom estado e possivelmente se degenerarão mais lentamente. Talvez possamos aumentar o limite de idade de cento e cinquenta para duzentos anos, desde que a pessoa tenha também uma vida saudável em todos os níveis.

K: Sim, mas tudo isso soa muito superficial.

DB: Sim, não parece fazer muita diferença, embora seja uma ideia interessante.

K: E se eu viver mais cem anos? Estamos tentando descobrir qual o efeito que esse extraordinário movimento tem sobre o cérebro.

DB: Sim. Se dissermos que o cérebro está de algum modo diretamente envolvido nesse movimento, isso o faria ficar em boas condições. Existe, porém, um fluxo direto, fisicamente.

K: Não apenas fisicamente.

DB: Mas também mentalmente.

K: Sim. Ambos. Isso deve ter um efeito extraordinário sobre o cérebro.

I: Você se referiu anteriormente à energia. Não à energia de todo dia...

K: Dissemos que o movimento é energia total. Esse insight captou, viu, esse extraordinário movimento, e ele é parte dessa energia. Quero me aproximar muito mais da terra; tenho vivido com o medo da morte, medo de não vir a ser, e assim por diante. De repente, percebo que não há divisão, e compreendo a coisa toda. O que aconteceu então ao meu cérebro — entende?

Vamos ver uma coisa; ver toda essa coisa, não verbalmente, mas como uma tremenda realidade, como a verdade. Com todo o seu coração, sua mente, você percebe essa coisa. Essa própria percepção deve afetar o seu cérebro.

DB: Sim, ela produz ordem.

K: Não apenas ordem na vida, mas também no cérebro.

DB: É possível provar que quando estamos sob tensão, as células cerebrais começam a degenerar e que se temos ordem nessas células, as coisas são bem diferentes.

K: Tenho um sentimento, senhor — não ria dele; talvez ele seja falso, talvez seja verdadeiro — sinto que o cérebro nunca perde a qualidade desse movimento.

DB: Uma vez que a possua.

K: Naturalmente. Estou falando da pessoa que acabou com tudo isso.

DB: Portanto, provavelmente, o cérebro nunca perde essa qualidade.

K: E consequentemente ele não está mais envolvido no tempo.

DB: Ele não seria mais dominado pelo tempo. O cérebro, com base no que estávamos dizendo, não está evoluindo em qualquer sentido; é apenas uma confusão. Não podemos dizer que o cérebro do homem evoluiu durante os últimos dez mil anos. Veja, a ciência e o conhecimento evoluíram, mas as pessoas sentem hoje a respeito da vida o mesmo que sentiam há milhares de anos.

K: Quero descobrir o seguinte: o cérebro está absolutamente imóvel nesse vazio silencioso que atravessamos? No sentido de não ter movimento.

DB: Não completamente. Veja, o sangue passa pelo cérebro.

K: Não estamos falando disso.

DB: Que espécie de movimento estamos estudando?

K: Estou me referindo ao movimento do pensamento, o movimento de qualquer reação.

DB: Sim. Não há nenhum movimento no qual o cérebro se mova de forma independente. Disse que existe o movimento do todo, mas o cérebro não parte por conta própria, como pensamento.

K: Veja bem, você aboliu a morte, o que é uma coisa extremamente importante; e você pergunta o que é o cérebro, a mente, quando não há a morte. Entende? Ele passou por uma operação cirúrgica.

DB: Dissemos que o cérebro normalmente possui bem no fundo, de modo contínuo, a noção da morte, e que essa noção está permanentemente perturbando o cérebro, porque este antevê a morte, e tenta impedi-la.

K: Impedir o próprio fim, e assim por diante.

DB: Ele antevê tudo isso, e pensa que deve impedi-lo, mas não pode.

K: Não pode.

DB: E consequentemente ele tem um problema.

K: Uma luta permanente com ela; e desse modo, tudo isso chega a um fim. Que coisa extraordinária aconteceu! Como isso afeta minha vida diária, considerando que eu tenha que viver nesta terra? Minha vida diária é agressão, esse vir a ser interminável, essa luta pelo sucesso — tudo isso passou. Prosseguiremos com isso, embora tenhamos compreendido bastante hoje.

DB: Ao introduzir o assunto da vida diária, podemos apresentar o tema da compaixão.

K: Naturalmente. Esse movimento é compaixão?

DB: Ele estaria além dela.

K: Exatamente. É por isso que temos de ser extremamente cuidadosos.

DB: Então, mais uma vez, a compaixão deve surgir dela.

8

É Possível Despertar o Insight em Outra Pessoa?

19 de Abril de 1980, Ojai, California

KRISHNAMURTI: Estávamos discutindo o que significa para o cérebro não ter movimento. Quando um ser humano esteve seguindo o caminho do vir-a-ser, e passou por tudo isso, e esse sentido de vazio, silêncio e energia, ele abandonou quase tudo e chegou ao ponto, à base. Como, então, esse insight afeta sua vida diária? Qual é o seu relacionamento com a sociedade? Como ele age com relação à guerra, e ao mundo todo — um mundo que está realmente vivendo e lutando na escuridão? Qual é sua ação? Eu diria, como concordamos no outro dia, que ela é o não-movimento.

DAVID BOHM: Sim, dissemos que a base era movimento sem divisão.

K: Sem divisão. Sim, correto.

DB: Num certo sentido parece inconsistente dizer não-movimento, quando falamos que a base é movimento.

K: Sim, a base é movimento. Você diria que um homem comum, educado, sofisticado, com todas as suas atividades desagradáveis, está permanentemente em movimento?

DB: Bem, num certo tipo de movimento.

K: Um movimento no tempo.

DB: Sim.

K: Um movimento em transformação. Estamos falando, porém, sobre o homem que trilhou esse caminho (se é que posso usar essa palavra), e chegou nesse ponto. A partir daí, qual é sua ação? Dissemos, por ora, não-ação, não-movimento. O que isso significa?

DB: Significa, como você disse, não tomar parte nesse processo de transformação.

K: Naturalmente, isso é evidente. Se ele não toma parte nesse processo, que parte ele representa? Uma de completa não-ação?

DB: Não está claro o motivo pelo qual deveríamos chamar isso de não-ação. Poderíamos pensar que é uma ação de outro tipo, que não faz parte do processo de transformação.

K: Não é transformação.

DB: Mas ainda pode ser ação.

K: Ele ainda tem de viver no mundo.

DB: Em certo sentido, tudo que fazemos é ação, mas a ação dele não está voltada para o processo ilusório, não está envolvida nele, mas estaria orientada para o que subentende esse processo ilusório. Ela se dirigiria talvez para o estudo do passo errado que está continuamente surgindo da base. Certo?

K: Sim, sim. Veja, diversas religiões descreveram um homem que foi salvo, que é iluminado, que alcançou uma coisa ou outra. Foi claramente descrito, especialmente nos livros religiosos hindus, como ele anda, qual a sua aparência, como fala, todo o estado do seu ser. Acho que isso é meramente uma descrição poética que...

DB: Pensa que é imaginação?

K: Considero grande parte disso imaginação. Discuti esse ponto com algumas pessoas, e não é assim, não é imaginação. Alguém que o descreve, sabe exatamente o que é.

DB: Bem, como ele saberia? Não está claro.

K: Assim, o que é um homem desse tipo? Como ele vive neste mundo? Esta é uma pergunta muito interessante, se nos aprofundarmos nela. Existe um estado de não-movimento, ou seja, o não-movimento em que entramos.

DB: Veja, não está bem claro o que você quer dizer com não-movimento.

K: Nós nos tornamos poéticos, mas estou tentando evitar isso, embora estivesse correto, mesmo poeticamente: é como uma única árvore num campo. Não há nenhuma outra árvore, mas aquela árvore, não importa qual o seu nome, está lá.

DB: Mas por que você diz, "não-movimento"?

K: Ele é não móvel.

DB: Naturalmente a árvore está parada.

K: Uma árvore é uma coisa viva, que se move. Não quero dizer isso.

DB: A árvore num certo sentido está se movendo, mas em relação ao campo está parada. Essa é a imagem que obtemos.

K: Veja, alguém se aproxima de você porque você foi do começo ao fim. E agora você está no fim com um tipo de movimento totalmente diferente, que não está ligado ao tempo, e tudo mais. Você se encontra nesse estágio. Eu me aproximo e pergunto: "O que é esse estado mental? Como é o estado da sua mente, que percorreu esse caminho e terminou alguma coisa, que saiu completamente da escuridão"?

DB: Se você diz que é não-movimento, está insinuando que ele é constante?

K: Ele deve ser... mas o que você quer dizer com constante? Contínuo?

DB: Não, não.

K: Quer dizer que ele é...?

INTERROGANTE: ...estático?

K: Oh, não!

DB: Permanecer firme, permanecer unido como um todo. Esse é, na verdade, o seu significado literal.

K: É isso?

DB: Essa é a imagem que também obtemos da árvore. É essa figura que a árvore no campo sugere.

K: Sim, eu sei. Isso é muito romântico e poético, e se torna bastante enganador. É uma bela imagem, mas vamos nos afastar dela. O que é essa mente? A qualidade dessa mente que começou do princípio, buscou a transformação, e passou por todo o centro da escuridão que foi eliminado? Essa mente deve ser totalmente diversa. Agora, o que essa mente faz, ou não faz, no mundo que está mergulhado na escuridão?

DB: A mente, com certeza, não faz nada; não participa do movimento desse mundo.

K: De acordo.

DB: E num certo sentido, dizemos que ela é constante — não é fixa, mas não se move.

K: Ela é estática?

DB: Não, não é estática. É constante — o que num certo sentido também é movimento. Existe uma constância que não é meramente estática, que também é, ao mesmo tempo, movimento.

K: Dissemos que aquele movimento não era o movimento de vir a ser.

DB: Sim, mas o movimento da base, que é completamente livre.

K: O que aconteceu àquela mente? Vamos nos aprofundar um pouco nisso. Ela não possui ansiedade ou medo. Veja bem, as palavras "compaixão" e "amor" estão além dela. Certo?

DB: Mas podem emergir dessa base.

K: A mente sendo nada, não é uma coisa, e, portanto, vazia de conhecimento... desculpe, tudo isso soa tão... a menos que sigamos desde o início...

DB: Você tem que passar por isso, caso contrário não faz sentido.

K: Sim, não tem sentido. Então o vazio de conhecimento, seria sempre estar agindo à luz do insight?

DB: Ela estaria impregnada, possivelmente sempre, pela qualidade do insight.

K: Sim, é isso que quero dizer.

DB: Bem, "sempre" introduz a ideia do tempo, entende?

K: Elimine a palavra.

DB: Eu empregaria "constantemente".

K: Sim, constantemente; vamos usar a palavra "constante".

DB: Ela é um pouco melhor, mas não é suficientemente boa.

K: Sim. Vamos usar essa palavra. Ela atua constantemente naquela luz, nesse lampejo de insight. Penso que está correto. Qual é então o significado disso na vida diária de uma pessoa? Como uma pessoa ganha a vida?

DB: Esse, certamente, seria outro ponto. Teríamos de achar uma maneira de nos mantermos vivos.

K: Mantermo-nos vivos. É por essa razão, pois, que estou dizendo isto: à medida que a civilização cresce, a mendicância não é permitida.

DB: É criminoso. Temos de achar uma maneira de nos mantermos vivos.

K: O que fará então essa pessoa? Ela não tem uma profissão, nenhuma habilidade especial, nenhum dinheiro com o qual possa comprar alguma coisa.

DB: Bem, não seria possível para essa mente ganhar o bastante para obter o que é necessário para se manter viva?

K: Como?

I: Por que ela não possui nenhuma habilidade para ganhar a vida?

K: Por que deveria possuir uma habilidade? Por que temos de ter capacidade para ganhar a vida? Você diz isso, e outro homem diz: "Por que eu deveria ter qualquer tipo de habilidade?" Estou apenas discutindo e investigando o assunto.

DB: Suponha que tivesse de cuidar de si próprio; você necessitaria de uma certa habilidade. Se estivesse sozinho numa caverna, entende...

K: Ah, não quero uma caverna!

DB: Eu sei. Mas, seja ele quem for, ele tem de viver em algum lugar; precisa de alguma habilidade para encontrar o alimento de que necessita. Veja, se todo mundo achasse que a habilidade não era necessária, a raça humana pereceria.

K: Não tenho certeza disso.

DB: Bem, o que aconteceria então?

K: É aí que pretendo chegar. A habilidade implica, como dissemos, no conhecimento; do conhecimento surge a experiência e, gradualmente, desenvolvemos uma habilidade; e essa habilidade nos dá uma oportunidade de ganhar a vida, seja ela pobre ou rica. Esse homem, porém, diz que pode haver um modo diferente de viver e de ganhar a vida. Estamos acostumados a um padrão, e ele diz: "Vejam, isso pode estar totalmente errado".

DB: Depende do que você quer dizer com habilidade. Suponhamos que essa pessoa tenha que dirigir um carro; isso certamente requer alguma habilidade, não é verdade?

K: Sim.

DB: Ela vai passar sem isso?

K: Seria melhor tomarmos cuidado com a palavra "habilidade".

DB: Sim. Quero dizer que habilidade poderia ter um mau significado — como ser muito esperto em conseguir dinheiro.

K: Então esse homem não é ganancioso, não tem a mente voltada para o dinheiro, não está economizando para o futuro, não tem qualquer segurança. Mas tem de viver. Quando empregamos a palavra "habilidade" no sentido de dirigir um carro...

DB: ...ou de ser um carpinteiro... se todas essas habilidades desaparecessem, a vida se tornaria impossível.

K: A coisa toda sucumbiria.

DB: Sim.

K: Não tenho certeza. Queremos dizer que esse tipo de habilidade deve ser contestada?

DB: Não poderia significar isso.

K: Não. Isso seria muito tolo.

DB: Mas então as pessoas se tornariam muito hábeis em fazer com que outras pessoas lhes dessem dinheiro, entende? (risos)

K: Esse pode ser o jogo. Pode ser isso! Como estou fazendo!

I: Eu gostaria que você estivesse mais qualificado para isso! (risos)

K: Basta um dia mesmo! (risos)

I: Será que não fizemos agora uma divisão entre viver e ter habilidade, entre ter habilidade e trabalhar, e entre viver e ganhar a vida?

K: Exatamente! Preciso de comida, preciso de roupas e preciso de abrigo.

I: Mas essa divisão é necessária? Do modo como a sociedade é formada agora, temos uma divisão entre viver e trabalhar.

K: Já passamos por tudo isso. Estamos falando de um homem que já passou por tudo isso, que voltou para o mundo, e diz: "Aqui estou eu". Qual é a sua relação com a sociedade, e o que deve fazer? Ele tem qualquer relação com a sociedade?

DB: Bem, não num sentido profundo ou fundamental, embora ele necessite ter com ela um relacionamento superficial.

K: Está bem. Um contato superficial com o mundo.

DB: Ele tem de obedecer às leis, ele tem de respeitar os sinais de trânsito.

K: Concordo. Mas quero descobrir o que ele deve fazer. Escrever? Falar? Isso significa habilidade.

DB: Certamente esse tipo de habilidade não precisa ser nocivo?

K: Estou apenas perguntando.

DB: Como as outras habilidades; como a carpintaria.

K: Sim. Esse tipo de habilidade. Mas o que ele deve fazer? Penso que se pudéssemos descobrir a qualidade de uma mente que já passou por tudo isso, do começo ao fim, por tudo que falamos nos nossos recentes debates, perceberíamos que a mente desse homem é totalmente diferente, e contudo ele está no mundo. Como ele considera a coisa? Você atingiu a meta e voltou — esses são termos aproximados — e sou um homem comum, que vive no mundo. Qual é então sua relação comigo? Evidentemente nenhuma, porque vivo num mundo de escuridão e você, não. Então nosso relacionamento só pode existir quando eu sair disso — quando a escuridão terminar.

DB: Sim.

K: Então existe apenas aquilo; não há um relacionamento. Mas agora há uma divisão entre você e eu; e olho para você com meus olhos, que estão acostumados à escuridão e à divisão; mas você não está. Contudo, você tem de ter algum contato comigo. Tem de ter, não importa quão superficial, não importa quão frágil, um certo relacionamento comigo. Será que essa relação é compaixão, e não alguma coisa que interpreto como compaixão? Não posso julgar o que é compaixão a partir da minha escuridão. Certo?

DB: Sim. É uma consequência.

K: Não sei o que é o seu amor, o que é sua compaixão, porque meu único amor e compaixão foi isso. E então, o que faço com você?

DB: De quem estamos falando? Não está claro para mim de quem estamos falando.

K: Você ou "X" já superaram tudo isso, e voltaram.

DB: Então, por que "Y" não fez isso?

K: "Y" não o fez. "Y" pergunta: "Quem é você? Você parece tão diferente. A sua maneira de encarar a vida é diferente". E o que "Y" fará com "X"? Essa é a questão, e não o que "X" fará a "Y". Não sei se estou me fazendo entender.

DB: Sim, entendo. O que "Y" fará com "X"?

K: Nossa pergunta até agora tem sido o que "X" fará com "Y", mas acho que estivemos fazendo a pergunta errada. O que "Y" fará com "X"? Creio que o que aconteceria normalmente é que "Y" o idolatraria, o mataria ou o desprezaria. Certo?

DB: Sim.

K: Se "Y" venerar "X", tudo é muito simples. Ele terá todas as coisas boas do mundo. Isso, porém, não responde à minha pergunta. Minha pergunta não é apenas o que "Y" fará a "X", mas também o que "X" fará com "Y". A exigência de "X" é: olhe, saia dessa escuridão; não há qualquer resposta na escuridão, de modo que você deve sair". Não importa a frase que usamos — saia, dissipe-a, etc. "Y" diz então: "Ajude-me, mostre- me o caminho", e volta novamente para a escuridão — entende? Portanto, o que "Y" fará a "X"?

DB: Penso que "Y" não pode fazer muito, a não ser o que mencionou - idolatrar, ou alguma outra coisa.

K: Matar ou desprezar "X".

DB: Mas, se a compaixão estiver funcionando em "X"...

K: Sim, "X" é isso. Ele nem a chamará de compaixão.

DB: Não, mas nós a chamaremos disso. "X" então lutará por encontrar um caminho para penetrar na escuridão.

K: Espere! Então a tarefa de "X" é trabalhar na escuridão?

DB: É descobrir como penetrar na escuridão.

K: Desse modo ele está ganhando a vida.

DB: Bem, é possível.

K: Não. Estou falando sério.

DB: Depende de as pessoas desejarem pagá-lo por isso.

K: Não estou brincando. É sério.

DB: É possível.

K: Provavelmente "X" é o professor. "X" está fora da sociedade. "X" não está ligado a esse campo de escuridão e está dizendo às pessoas que estão presas nele: "Saiam". O que há de errado nisso?

DB: Não há nada de errado nisso.

K: Esse é o seu meio de subsistência.

DB: Está tudo muito bem, desde que funcione. Naturalmente, se houvesse muitas pessoas como "X", teria de haver um limite.

K: Não, senhor. O que aconteceria se houvesse muitas pessoas como "X"?

DB: Essa é uma pergunta interessante. Penso que haveria alguma coisa revolucionária.

K: É exatamente isso.

DB: O quadro inteiro mudaria.

K: Sim. Se houvesse muitas pessoas assim, elas não estariam divididas. Isso representa toda a questão, certo?

DB: Penso que mesmo se dez ou quinze pessoas fossem indivisas, elas exerceriam uma força que nunca foi vista em nossa história.

K: Tremenda! Exatamente.

DB: Contudo, penso que isso nunca aconteceu; o fato de dez pessoas serem indivisas.

K: Essa é a função de "X" na vida. Ele diz que isso é a única coisa. Um grupo de dez "Xis" ocasionará uma espécie de revolução totalmente diferente. A sociedade apoiará isso?

DB: Eles possuirão essa inteligência extrema, e portanto encontrarão uma maneira de fazê-lo, entende?

K: Naturalmente.

DB: A sociedade apoiará isso, porque os "Xis" serão suficientemente inteligentes para não provocarem a sociedade, e a sociedade não reagirá antes que seja tarde demais.

K: Exatamente. Você está dizendo uma coisa que está efetivamente acontecendo. Diria então que a função de muitos "Xis" é despertar os seres humanos para aquela inteligência que dissipará a escuridão? E esse é o meio de subsistência de "X"?

DB: Sim.

K: Há então aquelas pessoas que cultivam isso na escuridão e exploram os outros, mas há também os "Xis" que não exploram. Está bem. Isso parece muito simples, mas não acho que isso seja assim tão simples.

DB: Correto.

K: Essa é a única função de "X"?

DB: Bem, ela é de fato uma função difícil.

K: Mas quero descobrir alguma coisa muito mais profunda do que a mera função.

DB: Sim, a função não é suficiente.

K: É isso mesmo. Sem ser a função, o que ele deve fazer? "X" diz a "Y" que ouça; "Y" demora e, gradualmente, talvez, em alguma ocasião ele despertará e se afastará. Isso é tudo que "X" fará na vida?

DB: Isso pode ser o resultado de alguma coisa mais profunda.

K: O mais profundo é tudo aquilo, a base.

DB: Sim, a base.

K: Mas isso é tudo que ele deve fazer neste mundo? Apenas ensinar as pessoas a saírem da escuridão?

DB: Bem, essa parece ser a principal tarefa no momento, no sentido de que se isso não acontecer, toda a sociedade mais cedo ou mais tarde sucumbirá. Poderíamos indagar se ele precisa ser em algum aspecto mais profundamente criativo.

K: O que você quer dizer?

DB: Bem, não está claro.

K: Suponha que "X" é você, e que você tem um campo enorme onde operar, não apenas me ensinando, mas possuindo esse movimento extraordinário que não pertence ao tempo. Ou seja, você tem essa energia abundante, e elaborou tudo isso para ensinar-me a sair da escuridão.

DB: Isso pode ser apenas uma parte da coisa.

K: Então o que o resto faz? Entende? Não sei se estou conseguindo transmitir isso.

DB: Bem, isso é o que tentei sugerir quando falei a respeito de alguma ação criativa, que transcendesse isso.

K: Sim, que transcenda isso. Você poderá escrever, pregar, curar, poderá fazer isso e aquilo, mas todas essas atividades são bastante triviais. Mas você tem algo mais. Eu reduzi você, "X", à minha insignificância? Você não pode ser reduzido dessa maneira. Minha insignificância diz: "Você tem de fazer alguma coisa. Você tem de pregar, escrever, curar, fazer algo para ajudar a me mover". Certo? Você aquiesce num grau muito pequeno, mas você tem alguma coisa muito maior do que isso, algo imenso. Entende minha pergunta?

DB: Sim. O que acontece então?

K: Como essa imensidade opera sobre "Y"?

DB: Está dizendo que existe alguma ação mais direta?

K: Ou existe uma ação mais direta, ou "X" está fazendo alguma coisa totalmente diferente para afetar a consciência do homem.

DB: O que seria isso?

K: "X" não está "satisfeito" apenas em pregar e falar. Essa imensidão que ele é deve ter um efeito, deve fazer alguma coisa.

DB: Está dizendo "deve" no sentido do sentimento de precisar fazê-lo, ou está dizendo "deve" no sentido de necessidade?

K: Deve.

DB: Deve ser necessariamente assim. Mas como isso afetará a humanidade? Veja bem, quando diz isso, as pessoas acharão que existe uma espécie de efeito extrassensorial que está se disseminando.

K: É isso que estou tentando captar.

DB: Sim.

K: É isso que estou tentando transmitir.

DB: Não apenas através de palavras, através de atividades ou de gestos.

K: Vamos deixar a atividade em paz. Isso é simples. Não é apenas isso, porque essa imensidão deve...

DB: ...necessariamente agir? Existe uma ação mais direta?

K: Não, não. Está bem. Essa imensidão tem necessariamente outras atividades.

DB: Outras atividades em outros níveis?

K: Sim, outras atividades. Isso foi traduzido nos ensinamentos hindus como vários graus de consciência.

DB: Há diferentes níveis ou graus de atuação.

K: Tudo isso também é um assunto muito sem importância. O que o senhor acha?

DB: Bem, como a consciência emerge da base, essa atividade afeta toda a espécie humana a partir da base.

K: Sim.

DB: Veja, muitas pessoas acharão isso muito difícil de entender.

K: Não estou interessado em muitas pessoas. Quero entender você, "X", "Y" e eu. Essa base, aquela imensidão não está limitada a um assunto tão insignificante. Não poderia estar.

DB: A base inclui fisicamente todo o universo.

K: Sim, todo o universo, e reduzir tudo isso a...

DB: ...essas pequenas atividades...

K: ...é por demais tolo.

DB: Penso que isso levanta a questão: "Qual é a importância da humanidade no universo, ou na base?"

K: Sim, exatamente.

DB: Porque mesmo a melhor dessas pequenas coisas que estivemos fazendo tem uma importância muito pequena nessa escala. Certo?

K: Sim, isso significa apenas iniciar o capítulo. Acho que "X" está fazendo alguma coisa — não fazendo, mas através da sua própria existência...

DB: ...ele está tornando algo possível?

K: Sim. Quando lemos a respeito de Einstein, percebemos que ele tornou algo possível, que o homem não havia descoberto antes.

DB: Podemos ver isso de modo relativamente fácil porque funciona através dos canais habituais da sociedade.

K: Sim, compreendo. O que traz "X" além dessas pequenas coisas? Colocarmos isso em palavras faz com que soe errado. "X" possui essa inteligência imensa, essa energia, essa coisa, e deve funcionar num nível muito maior do que qualquer pessoa poderá possivelmente conceber, que deve afetar a consciência daqueles que estão vivendo na escuridão.

DB: Possivelmente. A pergunta é: esse efeito se manifestará de alguma forma? Quero dizer, visivelmente.

K: Aparentemente, não. Se ouvirmos as notícias na televisão e no rádio, e reparamos no que está acontecendo em todo o mundo, aparentemente isso não está ocorrendo.

DB: Isso é que é difícil, e é um assunto que traz muita preocupação.

K: Mas isso deve ter um efeito. Precisa ter.

DB: Por que você diz que precisa ter?

K: Porque a luz deve afetar a escuridão.

DB: Talvez "Y" possa dizer que, vivendo na escuridão, não tem certeza de que tal efeito exista. Poderá dizer que talvez exista, mas eu quero vê-lo manifesto. Por nada ver e ainda continuar na escuridão, ele então pergunta: o que farei?

K: Compreendo. Está dizendo então que a única atividade de "X" é escrever, ensinar, etc.?

DB: Não. Somente que pode muito bem ocorrer que a atividade seja muito maior, mas ela não aparece. Se apenas a pudéssemos ver!

K: Como poderia ser mostrada? Como poderá "Y", que deseja uma prova, vê-la?

DB: "Y" poderia dizer algo assim: muitas pessoas fizeram uma declaração semelhante, e algumas estavam, obviamente, erradas. Alguém, no entanto, deseja afirmar que poderia ser verdadeira. Veja, até agora, acho que as coisas que dissemos fazem sentido, e são coerentes até certo ponto.

K: Sim, entendo.

DB: E agora você diz uma coisa que vai muito além. Outras pessoas disseram coisas semelhantes e sente-se que elas estavam no caminho errado, que todas, ou pelo menos algumas, estavam se enganando.

K: Não. "X" afirma que estamos sendo bastante lógicos.

DB: Sim, mas nesse estágio a lógica não nos levará mais adiante.

K: Isso é bastante razoável! Já superamos tudo isso! Assim, a mente de "X" não está agindo de modo irracional.

DB: Digamos que "Y", vendo que a coisa era razoável até aí, pudesse acreditar que ela fosse capaz de ir mais adiante.

K: Sim, é o que estou tentando dizer.

DB: Naturalmente, não há nenhuma prova.

K: Não.

DB: Poderíamos então investigar?

K: É o que estou tentando fazer.

I: E a respeito das outras atividades de "X"? Dissemos que, além da função de ensinar, tinha também outras atividades.

K: Precisa ter. Necessariamente.

I: Mas o quê?

K: Não sei; estamos tentando descobri-lo.

DB: Está dizendo que, de alguma forma, ele torna possível uma atividade da base em toda a consciência da humanidade, que não teria sido possível sem ele?

K: Sim.

I: O contato dele com "Y" não é apenas verbal. "Y" escuta, mas há uma outra qualidade...

K: Sim, mas "X" diz que tudo isso é um assunto insignificante. Isso naturalmente está entendido, mas "X" afirma que existe algo muito maior.

I: O efeito de "X" é talvez bem maior do que possa ser colocado em palavras.

K: Estamos tentando descobrir o que é esse maior, que deve estar necessariamente funcionando.

I: É alguma coisa que aparece na vida diária de "X"?

K: Sim. Na sua vida do dia-a-dia, "X" está aparentemente fazendo coisas relativamente pequenas — ensinando, escrevendo, fazendo escrituração ou qualquer outra coisa. Mas isso é tudo? Parece tão tolo.

DB: Está afirmando que na vida diária "X" não parece muito diferente de qualquer outra pessoa?

K: Não, aparentemente não.

DB: Mas existe outra coisa acontecendo que não aparece. Certo?

K: Exatamente. Quando "X" fala, talvez ele seja diferente, talvez diga as coisas de modo diferente, mas...

DB: ...isso não é fundamental, porque existem muitas pessoas que falam as coisas de maneira diferente das outras.

K: Sei. Mas o homem que passou por tudo isso desde o começo, se esse homem pode dispor de toda essa energia, reduzi-la a essas coisas insignificantes, isso parece ridículo!

DB: Quero fazer uma pergunta: por que a base precisa desse homem para operar sobre a humanidade? Por que a base não pode, por assim dizer, atuar diretamente sobre a humanidade para esclarecer as coisas?

K: Ah, espere um minuto, espere um minuto. Está perguntando por que a base requer ação?

DB: Por que ela precisa de um determinado homem para influir sobre a humanidade.

K: Oh, isso pode ser facilmente explicado. Faz parte da existência, como as estrelas.

I: A imensidade pode atuar diretamente sobre a humanidade? Será que ela inspira um homem a penetrar na consciência da humanidade?

K: Estamos falando a respeito de algo mais. Quero descobrir se "X" vai dizer: Não irei me sujeitar apenas a escrever e falar; isso é muito pequeno e insignificante. E a outra pergunta é: por que a base precisa desse homem? Ela não precisa dele.

DB: Mas enquanto ele estiver aqui, a base o usará.

K: De fato.

DB: Bem, seria possível que a base pudesse fazer alguma coisa para esclarecer isso?

K: É isso que quero descobrir. É por isso que estou dizendo, em outras palavras, que a base não precisa do homem, mas o homem tocou a base.

DB: Sim.

K: Então a base o está usando, ou seja, está empregando-o. Ele é parte desse movimento. Isso é tudo? Entende o que quero dizer? Estou fazendo as perguntas erradas? Por que ele deveria fazer qualquer coisa a não ser isso?

DB: Bem, talvez ele não faça nada.

K: Esse próprio não fazer nada, talvez seja fazer.

DB: Não fazer nada torna possível a ação da base. Pode ser isso. Não fazendo nada que tenha qualquer meta específica...

K: Exatamente. Nenhum conteúdo específico que possa ser traduzido em termos humanos.

DB: Sim, mais ainda assim é extremamente ativo em não fazer nada.

I: Há uma ação que está além do tempo, para esse homem?

K: Ele é isso...

I: Então não podemos esperar um resultado desse homem.

K: Ele não está esperando resultados.

I: Mas "Y" está esperando um resultado.

K: Não. Talvez "X" diga que está preocupado com o falar, etc., o que é uma coisa muito sem importância. Mas há um vasto campo que deve afetar toda a humanidade.

DB: Existe uma analogia que pode não ser muito boa, mas que talvez possamos levar em conta. Em química, um catalisador torna possível determinada ação sem que ele próprio tome parte nela, e consegue isso sendo apenas o que ele é.

K: Sim, é o que está ocorrendo? Mas até isso é uma coisa sem importância.

DB: Sim.

I: E mesmo assim "Y" diria que não está acontecendo, porque o mundo ainda está confuso. Há, então, uma prova no mundo para a atividade desse homem?

K: "X" diz que sente muito, mas que não há qualquer pergunta; que não está interessado em provar nada. Isso não é um problema matemático ou técnico que deve ser apresentado e provado. "X" diz que caminhou do começo do homem ao fim do homem, e que há um movimento que não está ligado ao tempo; a base que é o universo, o cosmos, tudo. E a base não precisa do homem, mas o homem se deparou com ela. E ele ainda é um homem no mundo, que diz: "Escrevo e faço uma coisa ou outra", não para comprovar a base, não para fazer alguma coisa. "X" faz isso por causa da compaixão. Há, porém, um movimento muito maior que representa necessariamente um papel no mundo.

I: O movimento maior representa um papel através de "X"?

K: Evidentemente. "X" diz que há alguma coisa a mais em funcionamento que não pode possivelmente ser colocada em palavras. Ele pergunta: "O que devo fazer?" Não há nada que um homem como "Y" compreenda. Ele imediatamente transformará a coisa em algo ilusório. Mas "X" diz que há outra coisa. Se não for assim, é tudo tão infantil.

DB: Penso que a visão geral que as pessoas estão desenvolvendo agora é a de que o universo não tem significado, que se move de qualquer maneira, que as coisas apenas acontecem, e que nenhuma delas tem qualquer significado.

K: Nenhuma delas tem significado para o homem que está aqui, mas o homem que está lá, que fala de modo relativo, diz que elas estão cheias de significado, e não são inventadas pelo pensamento.
Está bem, vamos abandonar a vastidão e tudo o mais. "X" diz que talvez haja dez pessoas com esse insight que possam afetar a sociedade. Não será o comunismo, o socialismo, essa ou aquela reorganização política. Será algo totalmente diferente, fundamentado na inteligência e na compaixão.

DB: Bem, se houvesse dez, eles talvez pudessem encontrar uma maneira de disseminar isso muito mais.

K: É aí que estou querendo chegar. Eu não posso obtê-lo.

DB: Como assim?

K: "X" traz o universo, mas eu o traduzo em algo trivial.

DB: Está dizendo que se toda a humanidade percebesse isso, haveria uma coisa diferente?

K: Oh, sim, naturalmente!

DB: Seria o novo...

K: ...seria o paraíso na Terra.

DB: Seria como um novo tipo de organismo.

K: Naturalmente. Mas veja, não estou satisfeito com isso.

DB: Como assim?

K: Não estou "satisfeito" em abandonar essa imensidade para ser reduzido a algumas poucas palavras. Parece tão tolo, tão inacreditável. Veja bem, o homem, "Y", está preocupado com conceitos como "mostre-me", "prove-o para mim", "que vantagem isso tem?", "isso afetará meu futuro?" Entende? Está preocupado com tudo isso. Está observando "X" com olhos que estão acostumados a essa insignificância! Portanto, ele reduz aquela imensidade a essa insignificância, coloca-a num templo, e por isso a perde completamente. "X" diz, porém, que nem mesmo olhará para isso; há algo tão imenso, e pede a "Y" o favor de olhar para isso. "Y" contudo está sempre traduzindo esse algo ao querer uma demonstração, uma prova ou uma recompensa. Está sempre preocupado com isso. "X" traz a luz. E tudo que ele pode fazer. Isso não é suficiente?

DB: Trazer a luz que permitiria que outras pessoas se abrissem à imensidade?

K: É assim? Vemos apenas uma pequena parte, mas essa parte extremamente pequena se estende até o infinito?

DB: Essa pequena parte de quê?

K: Não. Vemos a imensidade somente como uma coisa muito pequena. E essa imensidade é todo o universo. Não posso deixar de pensar que ela deve ter um tremendo efeito sobre "Y"; sobre a sociedade.

DB: Certamente a percepção disso deve ter um efeito, mas parece que isso não está na consciência da sociedade no momento.

K: Sei disso.

DB: Mas está dizendo que ainda assim o efeito está ali?

K: Sim.

I: Está afirmando que a percepção até de uma pequena parte é o infinito?

K: Naturalmente, naturalmente.

I: Ela é em si o fator de mudança?

K: Eu acho que é melhor parar por aqui.

DB: Pensa que é possível que uma coisa como essa possa desviar a humanidade do caminho perigoso que está seguindo?

K: Sim, é isso que penso. Mas para que o rumo da destruição do homem seja alterado alguém terá que ouvir. Certo? Alguém — dez pessoas — tem que ouvir!

DB: Sim.

K: Ouvir essa imensidade chamando.

DB: Então a imensidade pode desviar o curso do homem. O indivíduo não pode fazê-lo.

K: Sim. O indivíduo não pode fazê-lo, evidentemente. Mas "X" que é supostamente um indivíduo, trilhou esse caminho, e diz: "Ouçam". Mas o homem não ouve.

DB: Bem, então, é possível descobrir como fazer com que as pessoas escutem?

K: Não, assim nós voltamos!

DB: O que quer dizer com isso?

K: Não aja; não temos nada a fazer.

DB: O que quer dizer não fazer nada?

K: Percebo, como "Y", que não importa o que eu faça — sacrifício, prática, renúncia — ainda estarei vivendo naquele círculo de escuridão. "X" então diz: "Não aja; você não tem nada a fazer". Entende? Mas isso é traduzido por "Y", que faz tudo exceto esperar e ver o que acontece. Devemos buscar isso, senhor, caso contrário tudo é tão sem esperança do ponto de vista de "Y".

9

Senelidade e as Células Cerebrais

1 de Junho de 1980, Brockwood Park, Hampshire

KRISHNAMURTI: Gostaria de conversar com você, e talvez, também com Narayan[4] sobre o que está ocorrendo com o cérebro humano. Temos uma civilização altamente refinada e, ainda assim, ao mesmo tempo, bárbara, onde o egoísmo se veste com todos os tipos de roupagens espirituais. Bem no fundo, contudo há um egoísmo amedrontador. O cérebro do homem tem evoluído por milênios e milênios; não obstante, chegou a este ponto divisivo, destrutivo, que todos conhecemos. Assim, pergunto-me se o cérebro humano - não um cérebro particular, mas o cérebro humano - está se deteriorando. Se ele não está, nesse momento, em um declínio lento e regular? Ou se é possível a alguém, durante sua vida, provocar no cérebro uma total renovação de tudo isso; uma renovação que seja pura, original, impoluta? Estive pensando a respeito, e gostaria de discutir isso.

Acho que o cérebro humano não é um cérebro particular; ele não pertence a mim ou a qualquer outro. É o cérebro humano que evoluiu por milhões de anos. E, nessa evolução, acumulou tremenda experiência, conhecimento, e todas as crueldades, vulgaridades e brutalidades do egoísmo. Existe alguma possibilidade de que ele descarte tudo isso e se torne outra coisa? Porque aparentemente ele está funcionando em padrões. Quer seja um padrão religioso ou científico ou de negócios ou um padrão de família, ele está sempre operando, funcionando num círculo muito pequeno e estreito. Esses círculos colidem uns com os outros, e parece não haver fim para isso. Então, o que romperá essa formação de padrões, de modo que não se caia em outros padrões novos, mas que se quebre todo o sistema de padrões, sejam eles agradáveis ou desagradáveis? Afinal, o cérebro sofreu tantos choques, desafios e pressões sobre ele, que se ele não for capaz de se renovar ou rejuvenescer, há muito pouca esperança. Entenderam?

DAVID BOHM: Vejam, uma dificuldade pode se apresentar. Se você está pensando na estrutura cerebral, não podemos entrar fisicamente nessa estrutura.

K: Fisicamente não podemos. Eu sei, discutimos isso. Então, o que se pode fazer? Os especialistas em cérebro podem olhar para ele, pegar um cérebro morto de um ser humano e examiná-lo, mas isso não resolve o problema. Certo?

DB: Não.

K: Então, o que é que um ser humano faz, sabendo que não pode ser mudado a partir de fora? O cientista, o especialista em cérebro e o neurologista, explicam várias coisas, mas suas explicações, suas investigações, não vão resolver isso.

DB: Bem, não há qualquer evidência de que possam.

K: Nenhuma evidência.

DB: Algumas pessoas que fazem biofeedback pensam que podem influenciar o cérebro, conectando um instrumento aos potenciais elétricos no crânio e sendo capazes de observá-los; e pode-se, também, alterar o batimento cardíaco e a pressão sanguínea e outras coisas. Essas pessoas criaram a esperança de que algo poderia ser feito.

K: Porém, não estão tendo sucesso.

DB: Não estão indo muito longe.

K: E não podemos esperar por esses cientistas e biofeedbackers – desculpe! - para resolver o problema. Então, o que faremos?

DB: A próxima pergunta é se o cérebro pode estar cônscio de sua própria estrutura.

K: Pode o cérebro estar cônscio de seu próprio movimento? E pode o cérebro, não somente estar cônscio de seu próprio movimento, mas ter energia própria suficiente para romper todos os padrões e se afastar deles?

DB: Tem-se que perguntar até que ponto o cérebro é livre para romper os padrões.

K: O que você quer dizer?

DB: Bem, veja, se se começa dizendo que o cérebro está preso em um padrão, ele pode não ser livre.

K: Aparentemente ele está preso.

DB: Tão longe quanto podemos ver. Ele pode não ser livre para romper. Talvez não tenha o poder.

K: isso é o que eu disse: sem energia suficiente, sem poder suficiente.

DB: Sim, ele pode não ser capaz de empreender a ação necessária para sair.

K: Então, ele se tornou prisioneiro dele mesmo. E agora?

DB: Então isso é o fim.

K: É isso o fim?

DB: Se isso for verdade, então isso é o fim. Se o cérebro não puder escapar, então, talvez as pessoas escolhessem tentar outro modo para resolver o problema.

NARAYAN[1]: Quando falamos do cérebro, num certo sentido ele está conectado aos sentidos e ao sistema nervoso; o feedback está ali. Há algum outro instrumento ao qual o cérebro esteja conectado que tenha um efeito diferente sobre o cérebro?

K: O que você quer dizer com isso? Algum outro fator?

N: Algum outro fator no próprio sistema humano. Porque, obviamente, por meio dos sentidos o cérebro de fato se nutre, mas isso ainda não é suficiente. Existe outro fator interno que fornece energia ao cérebro?

1. O Sr. G. Narayan, diretor da Escola Rishi Valley, na Índia.

K: Veja, quero discutir isso. O cérebro está constantemente ocupado com vários problemas, competição, apego e assim por diante. Ele está constantemente em um estado de ocupação. Isso pode ser o fator central. E, se não está ocupado, ele fica lento? Se não está ocupado ele pode manter a energia que é necessária para romper os padrões?

DB: Bem, o primeiro ponto é que, se o cérebro não estiver ocupado, alguém poderia pensar que ele simplesmente iria relaxar.

K: Tornar-se preguiçoso e tudo o mais. Não é isso que quero dizer.

DB: Se você quer dizer não ocupado, mas ainda ativo...

K: Naturalmente. É isso o que eu quero dizer

DB: Então temos que examinar o que é a natureza da atividade.

K: Sim. Este cérebro está tão ocupado com conflitos, lutas, apegos, medos e prazeres. E esta ocupação dá ao cérebro sua própria energia. Se ele não estiver ocupado, tornar-se-á preguiçoso, drogado, e, assim, perderá sua elasticidade, por assim dizer? Ou esse estado de desocupação dará ao cérebro a energia necessária para romper os padrões?

DB: O que o faz dizer que isso acontecerá? Estávamos discutindo outro dia que quando o cérebro é mantido ocupado com atividade intelectual e pensamento, ele não decai e encolhe.

K: Desde que ele esteja pensando, movimentando-se, vivendo.

DB: Pensando de modo racional, então ele se mantém forte.

K: Sim. É nisso que também quero chegar. Enquanto ele está funcionando, movimentando-se, pensando racionalmente...

DB: ...ele se mantém forte. Se ele inicia um movimento irracional, então ele quebra. Também, se ele fica preso numa rotina, começa a morrer.

K: É isso. Se o cérebro fica preso a qualquer rotina - seja a rotina da meditação, ou a rotina dos sacerdotes.

DB: Ou a vida cotidiana do fazendeiro...

K: ...o fazendeiro e por aí vai, ele gradualmente deve se tornar estúpido.

DB: Não só isso, mas ele parece encolher fisicamente.

K: Sim.

DB: Talvez, algumas das células morram.

K: Ele encolhe fisicamente, e o oposto disso é esta eterna ocupação com negócios – por qualquer um que faz um trabalho rotineiro... pensar, pensar, pensar! E achamos que isso também previne o encolhimento.

DB: Certamente a experiência parece mostrar que evita, a partir das medições que foram feitas.

K: Sim, isso ocorre também. É isso.

DB: O cérebro começa a encolher em certa idade. É isso que eles descobriram, assim como o corpo quando não é usado, os músculos começam a perder sua flexibilidade...

K: Então, faça muitos exercícios!

DB: Bem, eles dizem exercite o corpo e exercite o cérebro.

K: Sim. Se ele estiver preso em qualquer padrão, qualquer rotina, qualquer diretriz, ele deve encolher.

DB: Podemos examinar o que o faz encolher?

K: Isso é bem simples. É a repetição.

DB: A repetição é mecânica e realmente não usa a capacidade total do cérebro.

K: Já se observou que pessoas que gastaram anos e anos em meditação são as mais estúpidas da Terra. E também com advogados e professores, há ampla evidência disso.

N: É sugerido que pensar racionalmente adia a senilidade. Mas o próprio pensar racional pode algumas vezes tornar-se um padrão.

DB: Improvável. O pensar racional buscado numa área restrita pode se tornar parte do padrão também.

K: Claro, claro.

DB: Mas alguma outra forma?

K: Examinaremos isso.

DB: Mas, vamos esclarecer as coisas a respeito do corpo primeiro. Veja, se alguém faz uma porção de exercícios com o corpo, este se mantém forte, mas isso pode se tornar mecânico.

K: Sim.

DB: E portanto teria um efeito negativo.

N: E a respeito dos diversos instrumentos religiosos tradicionais — ioga, tantra, kundalini, e outros?

K: Sei. Oh, eles devem encolher! Por causa do que está acontecendo. Tome a yoga, por exemplo. Não era para ser vulgarizada, se posso usar essa palavra. Era guardada estritamente aos muito poucos, que não estavam interessados em kundalini e toda essa coisa, mas que estavam interessados em levar uma vida moral, ética, assim chamada espiritual. Veja, quero chegar à origem disso.

DB: Acho que há algo relacionado com isso. Parece que antes do homem se organizar em sociedade, ele vivia perto da natureza e não era possível viver numa rotina.

K: Não, não era.

DB: Mas isso era completamente inseguro.

K: Então, estamos dizendo que o próprio cérebro torna-se extraordinariamente vivo - não é preso em um padrão - se viver num estado de incerteza? Sem se tornar neurótico?

DB: Penso que isso fica mais claro, quando você diz não se tornar neurótico – de outro modo a incerteza torna-se uma forma de neurose. Mas eu antes preferiria que o cérebro vivesse sem ter certeza, sem exigi-la, sem exigir certo conhecimento.

K: Então estamos dizendo que o conhecimento também debilita o cérebro?

DB: Sim, quando é repetitivo e se torna mecânico.

K: Mas o conhecimento em si?

DB: Bem, temos que ser muito cuidadosos aqui. Acho que o conhecimento tem uma tendência de se tornar mecânico. Ou seja, se tornar fixo, mas veja, nós podemos sempre aprender.

K: Mas aprender a partir de um centro, aprender como um processo acumulativo.

DB: Aprender com alguma coisa fixa. Veja, aprendemos algo como fixo e então se aprende daí. Mas se aprendêssemos sem manter nada permanentemente fixo...

K: Aprender e não adicionar. Podemos fazer isso?

DB: Sim, acho que numa certa medida temos que deixar nosso conhecimento. Veja, o conhecimento pode ser válido até certo ponto e então ele cessa de ser válido. Passa a atrapalhar. Pode-se dizer que nossa civilização está desmoronando devido a muito conhecimento.

K: Claro.

DB: Não descartamos o que está no caminho.

N: Muitas formas de conhecimento são cumulativas. A menos que você saiba a coisa anterior, você não pode fazer a seguinte. Você diria que esse tipo de conhecimento é repetitivo?

DB: Não. Enquanto você está aprendendo. Mas se você se apega a algum princípio ou o centro fixo, e diz que ele não pode mudar, então esse conhecimento se torna mecânico. Mas, por exemplo, suponha que você tem que ganhar a vida. As pessoas devem organizar a sociedade e assim por diante, e elas precisam de conhecimento.

K: Mas aí adicionamos mais e mais.

DB: Certo. Também podemos nos livrar de algumas coisas.

K: Claro.

DB: Outras ficam no caminho, entende? Isso está continuamente se movendo.

K: Sim, mas pergunto, a parte disso, sobre o conhecimento em si.

DB: Você quer dizer o conhecimento sem este conteúdo?

K: Sim, a mente conhecedora.

DB: A que meramente quer conhecimento, é isso que está dizendo? Conhecimento em si mesmo?

K: Sim. Quero questionar toda a ideia de ter conhecimento.

DB: Mas novamente, não está muito claro porque aceitamos que precisamos de algum conhecimento.

K: Naturalmente, em um certo nível.

DB: Então não está claro qual o tipo de conhecimento que você está questionando.

K: Estou questionando a experiência que deixa conhecimento, que deixa uma marca.

DB: Sim, mas que espécie de marca? Uma marca psicológica?

K: Psicológica, claro.

DB: Está questionando isso, mais do que o conhecimento da técnica e da matéria e assim por diante. Mas veja bem, quando você usa a palavra conhecimento em si, ela tende a incluir o todo.

K: Dissemos que o conhecimento em certo nível é essencial; aí você pode adicionar e tirar e continuar mudando. Mas estou questionando se o conhecimento psicológico não é em si um fator de encolhimento do cérebro.

DB: O que você quer dizer com conhecimento psicológico? Conhecimento sobre a mente, conhecimento sobre si mesmo?

K: Sim. Conhecimento sobre si mesmo, viver nesse conhecimento, acumular esse conhecimento.

DB: Se você continua acumulando conhecimento sobre si mesmo ou sobre relacionamentos...

K: ...sim, sobre relacionamentos. É isso. Você diria que tal conhecimento ajuda o cérebro, ou faz o cérebro um tanto inativo, e o faz encolher?

DB: Coloca-o numa rotina.

K: Sim.

DB: Mas, a pessoa devia ver o que há nesse conhecimento que causa tanto problema.

K: O que há nesse conhecimento que traz tanto problema? No relacionamento, esse conhecimento cria problema.

DB: Sim, ele atrapalha porque se fixa.

K: Se tenho uma imagem sobre alguém, esse conhecimento vai, obviamente, impedir nosso relacionamento. Ele torna-se um padrão.

DB: Sim, o conhecimento sobre si mesmo e sobre ele e como nos relacionamos forma um padrão.

K: E, portanto, isso se torna uma rotina e portanto perde sua energia.

DB: Sim, e ocorreu-me que a rotina nessa área é mais perigosa do que a rotina, digamos, na área do trabalho diário.

K: Certo.

DB: E se a rotina no trabalho ordinário pode encolher o cérebro, então, nessa área ela pode fazer algo pior, porque tem um efeito maior.

K: Pode o cérebro, em assuntos psicológicos, estar inteiramente livre deste tipo de conhecimento? Veja! Sou um homem de negócios e entro no carro ou ônibus ou táxi ou metrô, e fico pensando no que vou fazer, quem vou encontrar, em conexão com os negócios. Minha mente está o tempo todo vivendo nessa área. Então, chego em casa; lá está minha esposa e filhos; sexo e tudo isso. Isso também se torna um conhecimento psicológico a partir do qual estou agindo. Então, há o conhecimento de meus negócios e também há o conhecimento em relação à minha esposa e minhas reações no relacionamento. Estes dois estão em contradição, a não ser que não os perceba, e simplesmente continue. Se estou cônscio dos dois, isso se torna um fator de perturbação.

DB: Também as pessoas acham que isso é uma rotina. Elas ficam entediadas com isso e começam a...

K: ...divorciar-se e então todo o circo começa.

DB: Elas podem crer que por se ocuparem com alguma outra coisa sairão de seu tédio.

K: Sim, por ir à igreja, etc. Qualquer fuga é uma ocupação. Então, estou perguntando se este conhecimento psicológico não é um fator de encolhimento do cérebro.

DB: Bem, poderia ser um fator.

K: Ele é.

DB: Se o conhecimento de sua profissão ou habilidade pode ser um fator, então esse conhecimento psicológico é mais forte.

K: Naturalmente. Muito mais forte.

N: Quando você diz conhecimento psicológico, você está fazendo uma distinção entre conhecimento psicológico e, digamos, conhecimento científico ou conhecimento factual.

K: Naturalmente, dissemos isso.

N: Mas estou um pouco cauteloso sobre a alegação de que o conhecimento científico e outros tipos de conhecimentos factuais ajudem a ampliar o cérebro, a torná-lo maior. Isso em si não leva a lugar algum. Embora isso adie a senilidade.

K: Dr. Bohm deixou isso muito claro. O pensamento racional torna-se meramente rotina; eu penso logicamente, e, portanto aprendi o truque disso, mas continuo repetindo-o.

N: É o que acontece com a maioria das formas de pensamento racional.

K: Naturalmente.

DB: Penso que há uma dependência em sermos continuamente confrontados com problemas inesperados.

K: Naturalmente.

DB: Veja, advogados podem sentir que seus cérebros durarão mais, porque eles lidam constantemente com diferentes problemas, e, portanto, não podem pensar inteiramente de acordo com a rotina!

K: Mas, espere um minuto! Eles podem ter diferentes clientes com diferentes problemas, mas estão agindo a partir do conhecimento fixo!

DB: Eles diriam que não inteiramente, eles têm que encontrar fatos novos e assim por diante.

K: Eles não estão funcionando completamente dentro da rotina, mas a base é conhecimento - precedentes e conhecimento de livro e experiências com vários clientes.

DB: Mas, então você teria que dizer que alguma outra degeneração mais sutil do cérebro ocorre, não meramente encolhimento.

K: Está certo. É nisso que quero chegar.

DB: Veja, quando um bebê nasce, as células cerebrais têm muito poucas conexões cruzadas; estas aumentam gradualmente em número, e então, quando uma pessoa se aproxima da senilidade, começa a regredir. Então, a qualidade dessas conexões cruzadas poderia estar errada. Se, por exemplo, as repetíssemos muitas vezes, elas tornar-se-iam muito fixadas.

N: Estão todas as funções cerebrais confinadas a formas racionais, ou haveriam algumas funções com uma qualidade diferente?

DB: Bem, é sabido que uma grande parte do cérebro lida com o movimento do corpo, com músculos, com vários órgãos e assim por diante, e esta parte não encolhe com a idade, mas a parte que lida com o pensamento racional, se não é usada, encolhe. Então, pode haver outras funções que são totalmente desconhecidas; na verdade, muito pouco se sabe de fato sobre o cérebro.

K: O que estamos dizendo é que estamos usando apenas uma parte do cérebro. Há apenas atividade parcial, ocupação parcial, quer seja racional ou irracional. Mas enquanto o cérebro estiver ocupado tem de estar nessa área limitada. Você diria isso?

DB: Então, o que acontecerá quando ele não estiver ocupado? Podemos dizer que ele pode tender a gastar a maior parte do tempo ocupado nesse grupo limitado de funções que são mecânicas, e isso produzirá alguma degeneração sutil do tecido cerebral, já que nada deste tipo afetará o tecido cerebral.

K: Estamos dizendo que a senilidade é o resultado de um modo de viver mecânico? Do conhecimento mecânico, de modo que o cérebro não tem liberdade, não tem espaço?

DB: Essa é a sugestão. Não é necessariamente aceita por todas as pessoas que trabalham com o cérebro. Elas mostraram que as células cerebrais começam a morrer por volta dos trinta ou quarenta anos a uma taxa constante, mas este pode ser um fator. Eu não acho

que as medições deles são tão boas que possam testar efetivamente como o cérebro é usado. Veja, elas são meramente medições aproximadas, feitas estatisticamente. Mas, você quer propor que esta morte ou degeneração das células cerebrais vem pela forma errada de usar o cérebro?

K: Isso mesmo. É nisso que estou tentando chegar.

DB: Sim, e há um pouco de evidência dos cientistas, embora eu ache que eles não sabem muito a respeito disso.

K: Veja, cientistas, especialistas em cérebro, estão, se posso expressar isso de modo simples, examinando coisas pelo lado de fora, não sendo eles mesmos cobaias e passando por isso.

DB: A maioria deles, veja, exceto aqueles que fazem biofeedback, tentam trabalhar sobre si próprios de modo muito indireto.

K: Sim, mas sinto que não temos tempo para tudo isso.

DB: Isso é muito lento, e não é muito profundo.

K: Então vamos voltar à constatação que qualquer atividade que é repetida, que é dirigida no sentido restrito, qualquer método, qualquer rotina, lógica ou ilógica, afeta o cérebro. Nós compreendemos isso muito claramente. Conhecimento em certo nível é essencial, mas conhecimento psicológico sobre si mesmo, suas experiências, e assim por diante, torna-se rotina. As imagens que tenho de mim mesmo, obviamente tornam-se rotina, e tudo isso ajuda a provocar um encolhimento do cérebro. Compreendi tudo isso muito claramente. E qualquer tipo de ocupação, exceto a mecânica... não, não mecânica...

DB: ...física.

K: ...e exceto pela ocupação física, a ocupação consigo mesmo produz o encolhimento do cérebro. Ora, como esse processo vai parar? E se ele parar, haverá uma renovação?

DB: Penso que alguns cientistas do cérebro duvidariam que as células cerebrais possam se renovar, e não sei se há qualquer prova contra ou a favor.

K: Acho que elas podem se renovar. É aí que quero chegar.

DB: Então precisamos discutir isso.

N: Está insinuando que a mente é diferente do cérebro, a mente é distinta do cérebro?

K: Não exatamente.

DB: Você falou sobre a mente universal.

N: A mente no sentido de que se pode ter acesso a esta mente, e ela não é o cérebro. Você considera isso uma possibilidade?

K: Não estou entendendo isso muito bem. Eu diria que a mente inclui tudo. Quando ela inclui tudo, cérebro, emoções – tudo isso; quando ela está totalmente inteira, não dividida em si mesma, há uma qualidade que é universal. Certo?

N: Alguém tem acesso a isso?

K: Não "alguém", não, você não pode alcançar isso. Não pode dizer, "Eu tenho acesso a isso".

N: Estou somente dizendo acesso. Alguém não possui isso, mas...

K: Você não pode possuir o céu!

N: Não, meu ponto é, há um modo de se estar aberto a isso, e há uma função da mente, por meio da qual sua totalidade pode tornar-se acessível pela educação?

K: Penso que há. Podemos chegar a isso agora, se pudermos nos manter neste ponto. Estamos perguntando agora se o cérebro pode renovar-se a si mesmo, rejuvenescer, tornar-se jovem de novo sem qualquer encolhimento? Penso que pode. Quero abrir um novo capítulo e discutir isso. Psicologicamente, o conhecimento que o homem adquiriu está mutilando o cérebro. Os freudianos, os junguianos, os mais recentes psicólogos, os mais recentes psicoterapeutas, estão todos ajudando a encolher o cérebro. Desculpem! Não tenho a intenção de ofender...

N: Há um modo de esquecer este conhecimento então?

K: Não, não. Não esquecer. Vejo o que o conhecimento psicológico está fazendo e vejo o desperdício; vejo o que está ocorrendo se sigo essa linha. É obvio. Então, não sigo essa avenida de forma alguma. Descarto a análise totalmente. Esse é um padrão que aprendemos, não só dos recentes psicólogos e psicoterapeutas, mas também da tradição de um milhão de anos de análise, de introspecção, ou de dizer: "eu devo" e "eu não devo", "isso é certo e isso é errado". Você sabe, o processo todo. Eu, pessoalmente, não faço isso e, assim, rejeito todo o método.

Estamos chegando a um ponto, que é percepção direta e ação imediata. Nossa percepção é geralmente dirigida pelo conhecimento, pelo passado que é o conhecimento percebendo, e com a ação surgindo, agindo daí. Esse é um fator de encolhimento do cérebro, de senilidade.

Existe uma percepção que não esteja presa ao tempo? E assim, uma ação que seja imediata? Estou sendo claro? Ou seja, enquanto o cérebro que evoluiu ao longo do tempo, ainda estiver vivendo no padrão do tempo, estará se tornando senil. Se pudéssemos romper esse padrão de tempo, o cérebro sairia de seu padrão e, portanto, alguma outra coisa aconteceria.

N: Como o cérebro rompe o padrão do tempo?

K: Chegaremos nisso, mas primeiro vamos ver se estamos de acordo.

DB: Bem, você está dizendo que o cérebro é o padrão do tempo, e talvez isso devesse ser esclarecido. Acho que o que você quer dizer por análise é algum tipo de processo baseado em conhecimento passado, que organiza nossa percepção e ao qual adotamos uma série de passos para tentar acumular conhecimento sobre a coisa toda. Agora você diz que isso é um padrão de tempo e temos que escapar dele.

K: Se concordamos que é assim, o cérebro está funcionando em um padrão do tempo.

DB: Então, temos que perguntar que outro padrão é possível?

K: Mas espere...

DB: Que outro movimento é possível?

K: Não. Primeiro vamos entender isso, não apenas verbalmente, mas vamos realmente ver o que está acontecendo. Que nossa ação, nosso modo de viver, todo nosso pensar está ligado ao tempo, ou vem com o conhecimento do tempo.

DB: Certamente nosso pensar sobre nós mesmos, qualquer tentativa de nos analisarmos, de pensarmos sobre nós mesmos, envolve este processo.

K: Este processo que é do tempo. Certo?

N: Essa é uma dificuldade: quando você diz conhecimento e experiência, eles são uma certa energia coesiva ou força que prende a pessoa.

K: Que significa o que? Preso ao tempo!

N: Preso ao tempo e...

K: ...e, portanto, o padrão de séculos, de milênios, está sendo repetido.

N: Sim. Mas estou dizendo que isso tem uma certa força coesiva.

K: É claro, é claro. Todas as ilusões têm extraordinária vitalidade.

N: Muito poucos rompem.

K: Olhe para todas as igrejas e a imensa vitalidade que elas têm.

N: Não, à parte destas igrejas, na própria vida pessoal, há uma certa força coesiva que mantém o indivíduo para trás. Não se pode escapar dela.

K: O que você quer dizer, ela mantém você no passado?

N: Ela tem uma atração magnética, de certa forma puxa você para trás. Você não pode se libertar dela, a menos que se tenha algum instrumento com o qual se possa agir.

K: Vamos descobrir se existe uma abordagem diferente para o problema.

DB: Quando você fala de um instrumento diferente, isso não está claro. Em seu todo, a noção de um instrumento envolve tempo, porque se usamos qualquer instrumento, é um processo que se planeja.

K: Tempo; é exatamente isso.

N: Uso a palavra instrumento no sentido de efetivo.

K: Isso não tem sido efetivo. Ao contrário, é destrutivo. Consegue-se ver a própria verdade de sua destrutividade? Não apenas a teoria, a ideia, mas sua realidade. Se eu o perceber, então o que ocorrerá? O cérebro evoluiu através do tempo e tem funcionado, vivido, agido, acreditado nesse processo de tempo. Mas quando se percebe que tudo isso ajuda a tornar o cérebro senil, quando se vê isso como verdade, então qual é o próximo passo?

N: Você está insinuando que o próprio ver que isso é destrutivo é um fator liberador?

K: Sim.

N: E não há necessidade de um instrumento extra?

K: Não. Não use a palavra instrumento. Não existe outro fator. Estamos interessados em acabar com este encolhimento e senilidade, e perguntando se o próprio cérebro, as células, a coisa toda, pode sair do tempo. Não estou falando de imortalidade, e todo esse tipo de coisa. O cérebro pode sair completamente do tempo. De outro modo, deterioração, encolhimento e senilidade são inevitáveis, e mesmo quando a senilidade não mostrar sinais, as células cerebrais se enfraquecem e assim por diante.

N: Se as células cerebrais são materiais e físicas, de alguma forma ou outra elas têm que encolher ao longo do tempo; realmente isso não pode ser evitado. A célula cerebral, que é tecido não pode, em termos físicos, ser imortal.

DB: Talvez a taxa de encolhimento pudesse ser bastante reduzida. Se uma pessoa vive certo número de anos, e seu cérebro começa a encolher muito antes de sua morte, ela se torna senil. Contudo, se a deterioração diminuísse, então...

K: ...não apenas diminuísse, senhor.

DB: ...bem, regenerasse...

K: ...ficar em um estado de não-ocupação.

DB: Penso que Narayan está dizendo que é impossível que qualquer sistema material possa durar para sempre.

K: Não estou falando de durar para sempre – ainda que não tenha certeza de que ele não possa durar para sempre! Não, isso é muito sério, não estou brincando.

DB: Se todas as células se regenerassem no corpo e no cérebro, então a coisa toda continuaria indefinidamente.

K: Veja, estamos agora destruindo o corpo por meio da bebida, do fumo, da permissividade sexual e de todos os tipos de coisas. Estamos vivendo o mais doentiamente possível. Certo? Se o corpo estivesse em excelente saúde, bem mantido - ou seja, sem emoções fortes, sem tensão, sem nenhum sentido de deterioração do corpo, o coração funcionando normalmente, - então por que não!

DB: Bem...

K: ...o que significa isso? Não viajar, e todo o resto...

DB: Nenhuma excitação.

K: Se o corpo permanecer num lugar tranquilo, estou certo de que pode durar um número bem maior de anos do que dura atualmente.

DB: Sim, acho que isso é verdade. Houve muitos casos de pessoas vivendo por 150 anos em locais tranquilos. Acho que é a respeito disso tudo que você está falando. Você não está realmente sugerindo algo durando para sempre?

K: O corpo pode ser mantido saudável e uma vez que o corpo afeta a mente, nervos, os sentidos e tudo isso, eles também podem ser mantidos saudáveis.

DB: E se o cérebro for mantido na ação correta...

K: ...sim, sem nenhuma tensão.

DB: Veja, o cérebro tem um tremendo efeito na organização do corpo. A glândula pituitária controla todo o sistema glandular do corpo; também, todos os órgãos ou o corpo são controlados pelo cérebro. Quando o cérebro se deteriora, o corpo começa a se deteriorar.

K: Naturalmente.

DB: Eles trabalham juntos.

K: Eles caminham juntos. Então, pode este cérebro - que não é "meu" cérebro - que evoluiu por milhões de anos, que teve todo tipo de experiências destrutivas ou agradáveis...

DB: Você quer dizer que é um cérebro típico, não um cérebro particular, específico de algum indivíduo? Quando você diz "não o meu", você quer dizer qualquer cérebro pertencente à humanidade, certo?

K: Qualquer cérebro.

DB: Eles são todos, basicamente semelhantes.

K: Semelhantes: foi isso que eu disse. Pode esse cérebro livrar-se de tudo isso? Do tempo? Eu acho que pode.

DB: Talvez pudéssemos discutir o que significa estar livre do tempo. Veja, inicialmente a sugestão de que o cérebro pode estar livre do tempo pode parecer louca, mas, obviamente, todos sabemos que você não quer dizer que o relógio vai parar.

K: Ficção científica e tudo isso.

DB: A questão é, o que realmente significa estar psicologicamente livre do tempo?

K: Que não existe amanhã.

DB: Mas sabemos que existe amanhã.

K: Mas psicologicamente...

DB: Você pode descrever melhor o que quer dizer com "não existe amanhã"?

K: O que significa viver no tempo? Vamos abordar o outro lado primeiro, para então chegar a esse. O que significa viver no tempo? Esperança, pensar e viver no passado, e agir a partir do conhecimento do passado; imagens, ilusões, preconceitos - eles são todos um resultado do passado. Tudo isso é tempo, e isso está produzindo caos no mundo.

DB: Bem, suponha que não vivêssemos psicologicamente no tempo, ainda assim ordenaríamos nossas ações pelo relógio. A coisa que confunde é se alguém diz, "Eu não vivo no tempo, mas tenho que manter um compromisso". Entende?

K: Naturalmente; não se pode ficar sentado aqui para sempre.

DB: Então você diz, estou olhando para o relógio, mas não estou psicologicamente ampliando para como vou estar na próxima hora, quando realizar o desejo, ou o que seja.

K: Estou apenas dizendo que o modo como vivemos agora está no campo do tempo. E daí nós trouxemos todos os tipos de problemas e sofrimento. Certo?

DB: Sim, mas deveríamos esclarecer por que isso necessariamente produz sofrimento. Você está dizendo que quando se vive no campo do tempo, o sofrimento é inevitável.

K: Inevitável.

DB: Por quê?

K: É simples. O tempo construiu o ego, o "mim", a imagem do eu que é sustentada pela sociedade, pelos pais, pela educação, que foi construída por milhões de anos. Tudo isso é resultado do tempo. E a partir daí eu ajo.

N: Sim.

DB: Psicologicamente em direção ao futuro; ou seja, em direção a algum estado futuro de ser.

K: Sim, o que significa que o centro está sempre se tornando.

DB: Tentando tornar-se melhor.

K: Melhor, mais nobre, ou qualquer outra coisa. Então tudo isso, este constante empenho para se tornar alguma coisa, psicologicamente, é um fator de tempo.

DB: Você está dizendo que o esforço para tornar-se produz sofrimento?

K: Obviamente. É simples. Tudo isso é divisivo. Ele me divide dos outros, e então você é diferente de mim. E quando eu dependo de alguém, e esse alguém parte, me sinto só e miserável. Tudo isso continua. Então, estamos dizendo que qualquer fator de divisão, que é a própria natureza do "eu", deve, inevitavelmente, causar sofrimento.

DB: Você está dizendo que através do tempo o "eu" é organizado, e então ele introduz divisão e conflito, e assim por diante? Mas, se não houvesse tempo psicológico, então talvez toda essa estrutura entraria em colapso e algo inteiramente diferente ocorreria?

K: Exatamente. É isso que estou dizendo. E portanto, o próprio cérebro romperia seus laços.

DB: Bem, esse é o passo seguinte - dizer que o cérebro escapou dessa rotina e talvez pudesse então se regenerar. Isso não segue a lógica, mas ainda poderia ser assim.

K: Eu acho que segue a lógica.

DB: Bem, seguiria a lógica se ele parasse de se degenerar.

K: Sim.

DB: E você acrescenta ainda que ele começaria a se regenerar.

K: Você parece cético.

N: Sim, porque toda a situação humana está ligada ao tempo.

K: Sabemos disso.

N: A sociedade, os indivíduos, a estrutura toda.

K: Eu sei, eu sei.

N: E isso é tão poderoso que nada frágil funcionaria aqui.

K: O que você quer dizer com "frágil"?

N: A força disso é tão grande que o quer que seja que tiver que rompê-la deve ter energia muito maior.

K: Sim.

N: E nenhum indivíduo parece ser capaz de gerar energia suficiente para ser capaz de rompê-la.

K: Mas, você pegou o lado errado da questão, se me permite apontar. Quando você usa a palavra indivíduo, você se afasta do fato de que o nosso cérebro é universal.

N: Sim, admito isso.

K: Não existe individualidade.

N: Esse cérebro está condicionado assim.

K: Sim, examinamos tudo isso. Ele está condicionado deste modo através do tempo. Tempo é condicionamento – certo? Não é que o tempo criou o condicionamento, o próprio tempo é o fator de condicionamento.

Então, pode esse elemento tempo não existir? Estamos falando a respeito do tempo psicológico, não do tempo físico comum. Digo que pode. Nós dissemos que o fim do sofrimento chega quando o "eu", que é construído através do tempo, não está mais presente. Um homem que realmente está passando por agonia pode rejeitar isso, é forçado a rejeitar isso. Mas quando ele sai do estado de choque, se alguém lhe mostra o que está acontecendo, e se ele estiver disposto a ouvir, a ver a racionalidade, a sanidade disso, e não construir um muro contra isso, ele fica fora desse campo. O cérebro está fora dessa qualidade vinculada ao tempo.

N: Temporariamente.

K: Ah! Outra vez, quando você usa a palavra temporário, significa tempo.

N: Não, o que quero dizer é que o homem cai de volta no tempo.

K: Não, ele não pode. Ele não pode voltar se vê algo perigoso, como uma cobra, ou qualquer outro perigo, ele não pode voltar a ele.

N: Essa analogia é um pouco difícil, porque a própria estrutura é aquele perigo. Alguém inadvertidamente cai nele.

K: Veja, Narayan, quando você vê um animal perigoso, há ação imediata. Isso pode ser resultado de conhecimento e experiência passada, mas há ação imediata para autoproteção. Mas psicologicamente estamos inconscientes dos perigos. Se ficarmos tão conscientes desses perigos como estamos conscientes dos perigos físicos, há uma ação que não está presa ao tempo.

DB: Sim, acho que se poderia dizer que enquanto se puder perceber esse perigo, sabe-se que se responderia imediatamente. Mas veja bem, se fossemos usar esta analogia do animal, poderia ser um animal que se percebe ser perigoso, mas ele poderia assumir uma outra forma que não se vê como perigosa.

K: Sim.

DB Haveria, portanto, um perigo de escorregarmos de volta se não percebêssemos isso. Ou a ilusão poderia surgir sob alguma outra forma.

K: Naturalmente.

DB: Mas, eu acho que o ponto principal que você está enfatizando é que o cérebro não pertence a nenhum indivíduo.

K: Sim, exatamente.

DB: E portanto não adianta dizer que o indivíduo irá escorregar de volta.

K: Não.

DB: Porque isso já nega o que você está dizendo. O perigo é mais propriamente o de que o cérebro possa escorregar de volta.

K: O próprio cérebro pode escorregar de volta, porque ele não está vendo o perigo.

DB: Ele não viu as outras formas das ilusões.

K: O Espírito Santo assumindo formas diferentes. O tempo é a verdadeira raiz disso.

DB: Tempo, e separação como individualidade são, basicamente, a mesma estrutura.

K: Naturalmente.

DB: Embora isso não esteja claro no começo.

K: Eu me pergunto se vemos isso.

DB: Talvez valha a pena discutirmos esse assunto. Por que o tempo psicológico é a mesma ilusão, a mesma estrutura da individualidade? Individualidade é o sentimento de ser uma pessoa que está localizada em algum lugar aqui.

K: Localizada e dividida.

DB: Dividida das outras. Ela se estende até uma periferia; seu domínio se estende até alguma periferia, e ela também tem uma identidade que se estende pelo tempo. Ela não se consideraria a si própria como um indivíduo se dissesse: "Hoje sou uma pessoa, amanhã outra". Então, parece que entendemos como "indivíduo" alguém que está no tempo.

K: Eu acho que essa ideia de individualidade é uma falácia.

DB: Sim, mas muitas pessoas podem achar muito difícil serem convencidas de que isso é uma falácia. Há um sentimento comum de que como indivíduo, eu exista pelo menos desde meu nascimento, senão antes, e continue até a morte e, talvez, depois. Toda a ideia de ser um indivíduo é existir no tempo. Certo?

K: Evidentemente.

DB: Existir no tempo psicológico, não só no tempo do relógio.

K: Sim, é disso que estamos falando. Assim, essa ilusão de que o tempo criou a individualidade pode ser quebrada? Esse cérebro pode entender isso?

DB: Penso que, como disse Narayan, há um grande momentum em qualquer cérebro, que o mantém girando, sempre em movimento.

K: Esse momentum pode parar?

N: A dificuldade está aí. O código genético é intrínseco a uma pessoa. O indivíduo parece funcionar mais ou menos inconscientemente, levado por este momentum passado. E de repente vê, como um lampejo, algo verdadeiro. Mas a dificuldade é que isso pode operar por somente um dia – e então o indivíduo é pego novamente no antigo momentum.

K: Sei disso. Mas digo que o cérebro não será preso. Uma vez que a mente ou o cérebro está consciente desse fato, ele não pode voltar atrás. Como poderia?

N: Deve haver outro modo de impedir que ele volte.

K: Não impedir, isso também significa tempo. Você ainda está pensando em termos de prevenção.

N: Prevenção, no sentido de um fator humano.

K: O ser humano é irracional. Certo? E enquanto ele estiver funcionando irracionalmente, ele dirá de qualquer fator racional: "Eu me recuso a ver isso".

N: Você está sugerindo que o próprio ver também impede a pessoa de escorregar de volta. Esta é uma condição humana.

DB: Penso se devíamos aprofundar nessa questão sobre a prevenção. Pode ser importante.

N: Há dois aspectos. Vê-se a falácia de algo, e o próprio ver impede escorregar-se de voltar, vê-se o perigo disso.

DB: Em outro sentido você diria que não se tem a tentação de escorregar de volta, portanto não se tem que estar prevenido. Se realmente vê isso, não há necessidade de prevenção consciente.

N: Nesse caso, não se é tentado a voltar atrás.

K: Eu não posso voltar atrás. Se por exemplo, vejo a falácia de todo o absurdo religioso, ele está acabado!

DB: A única dúvida que eu levanto é que não se pode ver isso tão completamente em outra forma.

N: Isso pode surgir em diferentes formas.

DB: ...e então se é tentado outra vez.

K: A mente está alerta, ela não é apanhada. Mas você está dizendo que ela é.

N: Sim, em outras formas e aparências.

K: Espere, senhor. Dissemos que a percepção está fora do tempo, é ver imediatamente toda a natureza do tempo. Que significa, para usar um bom termo antigo, ter um insight na natureza do tempo. Se houver esse insight, as próprias células cerebrais que são parte do tempo rompem. As células cerebrais promovem uma mudança nelas mesmas. Você pode discordar, pode dizer, "prove isso". Eu digo que isso não é questão de prova, é uma questão de ação. Faça isso, descubra, teste.

N: Você também estava dizendo outro dia que quando a consciência está vazia de seu conteúdo...

K:... o conteúdo sendo tempo...

N:... que isso leva à transformação das células cerebrais.

K: Sim.

N: Quando você diz que a consciência está vazia de seu conteúdo...

K:... não há consciência como a conhecemos.

N: Sim. E você está usando o termo "insight". Qual é a conexão entre os dois?

DB: Entre o quê?

N: Consciência e insight. Você sugeriu que quando a consciência está vazia de seu conteúdo...

K: Seja cuidadoso. A consciência é reunida pelo seu conteúdo. O conteúdo é o resultado do tempo.

DB: O conteúdo é também tempo.

K: Naturalmente.

DB: Diz respeito ao tempo também, e ele é realmente agrupado pelo tempo, também ele é sobre o tempo.

K: Agora, se temos um insight nisso, o padrão todo se vai, rompe-se. O insight não é do tempo, não está na memória, não é do conhecimento.

N: Quem tem este insight?

K: "Quem", não. Simplesmente, há um insight.

N: Há um insight, e então a consciência fica vazia de seu conteúdo...

K: Não, senhor. Não.

N: Você está querendo dizer que o próprio esvaziar do conteúdo é insight.

K: Não, estamos dizendo que o tempo é um fator que construiu o conteúdo. Ele o construiu e também pensa a seu respeito. Todo esse fardo é o resultado do tempo. Um insight em todo esse movimento, que não é o "meu" insight, promove a transformação no cérebro. Porque esse insight não está preso ao tempo.

DB: Você está dizendo que esse conteúdo psicológico é uma certa estrutura física no cérebro? Que para este conteúdo psicológico existir, o cérebro fez durante muitos anos muitas conexões de células, que constituem esse conteúdo.

K: Exatamente.

DB: E então há um lampejo de insight que vê tudo isso, e que isso não é necessário. Portanto, tudo isso começa a dissipar-se. E quando isso se dissipar não existe mais conteúdo. Então, seja lá o que o cérebro faça é algo diferente.

K: Vamos adiante. Então há o vazio total.

DB: Bem, vazio desse conteúdo. Mas quando você diz vazio total, quer dizer vazio de todo este conteúdo interior?

K: Exatamente. E esse vazio tem tremenda energia. Ele é energia.

DB: Então você poderia dizer que o cérebro tendo todas estas conexões emaranhadas, reteve muita energia?

K: Isso mesmo. Desperdício de energia.

DB: E quando elas começam a dissipar, essa energia está lá.

K: Sim.

DB: Você diria que é tanto energia física como qualquer outro tipo de energia?

K: Naturalmente. Agora, podemos entrar em mais detalhes, mas esse é o princípio, a origem disso, é uma ideia ou um fato? Eu ouvi tudo isso fisicamente com o ouvido, mas posso torná-lo uma ideia. Se ouvir isso, não somente com os ouvidos, mas no meu ser, na minha própria estrutura, o que acontece então? Se esse tipo de audição não acontece, tudo isso se torna simplesmente uma ideia, e me movo em círculos pelo resto da minha vida, brincando com ideias.

Agora, nós somos mais ou menos, "uma audiência cativa" aqui. Mas, se houvesse um cientista aqui, especialista em biofeedback ou outro especialista em cérebro, ele aceitaria tudo isso? Ele ao menos ouviria a isso?

DB: Uns poucos cientistas ouviriam, mas obviamente, a maioria não.

K: Não. Então como tocamos o cérebro humano?

DB: Veja, tudo isso soaria um tanto abstrato para a maioria dos cientistas. Eles diriam, isso poderia ser assim, é uma bela teoria, mas não teríamos nenhuma prova disso.

K: Naturalmente.

DB: Eles diriam que ela não os instiga muito, porque não veem nenhuma prova. Eles diriam, se vocês tivessem mais evidências voltaríamos mais tarde, e ficaríamos muito interessados. E você não pode dar nenhuma prova, pois o que quer que aconteça, ninguém pode ver com seus olhos.

K: Compreendo. Mas estou perguntando, o que devemos fazer? O cérebro humano - não "meu" cérebro ou "seu" cérebro, o cérebro – evoluiu ao longo de um milhão de anos. Uma "aberração biológica" pode escapar disso, mas como se poderá fazer com que a mente humana em geral perceba tudo isso?

DB: Acho que você tem que comunicar a necessidade, a inevitabilidade do que você está dizendo. Se uma pessoa vê alguma coisa e você explica isso para ela, e ela vê isso acontecendo diante de seus olhos, ela diz: "É assim".

K: Mas isso requer alguém para ouvir, alguém que diz, "Eu quero captar isso, quero compreender isso, quero descobrir". Entende o que estou dizendo? Aparentemente, essa é uma das coisas mais difíceis na vida.

DB: Bem, essa é a função deste cérebro ocupado - que está ocupado consigo mesmo e não escuta.

N: De fato uma das coisas é que essa ocupação começa muito cedo. Quando se é jovem ela é muito poderosa, e continua por toda vida. Como podemos, por meio da educação, tornar isso claro?

K: No momento em que se vê a importância de não estar ocupado – ver isso como uma tremenda verdade – vai se descobrir modos e métodos para ajudar educacionalmente, criativamente. Não se pode falar a ninguém, copie e imite, pois senão ele estará perdido.

DB: Então a pergunta é como é possível comunicar ao cérebro que rejeita, que não escuta? Há algum modo?

K: Não se eu me recuso a ouvir. Veja, acho que a meditação é um grande fator em tudo isso. Sinto que estivemos meditando, ainda que pessoas comuns não aceitariam isso como meditação.

DB: Elas usam a palavra com tanta frequência...

K: ...que seu significado está realmente perdido. Mas a meditação verdadeira é isso: o esvaziamento da consciência. Entendem?

DB: Sim, mas vamos esclarecer. Antes você disse que isso aconteceria pelo insight. Agora, você está dizendo que a meditação leva ao insight?

K: Meditação é insight.

DB: Já é insight. Então é algum tipo de trabalho que se faz? O insight é considerado, em geral, como um lampejo, mas a meditação é mais constante.

K: Temos de ser cuidadosos. O que queremos dizer com meditação. Podemos rejeitar os sistemas, os métodos, as autoridades reconhecidas, zen, tibetanos, hindu, budistas, porque, isso é obviamente, mera tradição, repetição, e tolice ligada ao tempo.

N: Você acha que alguns deles poderiam ter sido originais, poderiam ter tido insights originais, no passado?

K: Se tivessem, não pertenceriam ao cristianismo, hinduísmo, budismo. Não seriam coisa alguma. Quero dizer, quem sabe? Agora, meditação é essa penetração. Não sei se estou usando a palavra certa, é esse sentido de se mover sem qualquer passado.

DB: O único ponto a ser esclarecido é que quando você usa a palavra meditação, quer dizer algo além do insight, entende?

K: Muito mais. O insight libertou o cérebro do passado, do tempo. Essa é uma afirmação enorme...

DB: Você está querendo dizer que precisa-se ter insight se você vai meditar.

K: Sim, exatamente. Meditar sem ter qualquer percepção de tornar-se.

DB: Não se pode meditar sem insight. Não se pode considerá-la como um procedimento através do qual você chegará ao insight.

K: Não, isso imediatamente implica tempo. Um procedimento, um sistema, um método para ter insight não tem sentido. Um insight sobre a ambição, o medo, liberta a mente deles. Então a meditação tem uma qualidade totalmente diferente. Não tem nada a ver com todas as meditações dos gurus. Poderíamos dizer que para haver um insight tem de haver silêncio?

DB: Bem, isso é o mesmo, parece que estamos andando em círculos.

K: No momento.

DB: Minha mente tem silêncio.

K: Então o silêncio do insight limpou, purgou, tudo isso.

DB: Toda a estrutura da ocupação.

K: Sim. Então, meditação, o que ela é? Não há movimento como o conhecemos; nenhum movimento de tempo.

DB: Existe movimento de algum outro tipo?

K: Não vejo como podemos medir isso com palavras, essa sensação de um estado ilimitado.

DB: Mas você estava dizendo antes que apesar disso é necessário encontrar alguma linguagem, ainda que ela seja indizível!

K: Sim - encontraremos essa linguagem.

10

A Ordem Cósmica

7 de Junho de 1980, Brockwood Park, Hampshire

KHISHNAMURTI: Nós encerramos no outro dia dizendo que quando a mente está totalmente vazia de todas as coisas que o pensamento colocou ali, começa então a verdadeira meditação. Eu gostaria, porém, de me aprofundar mais nesse assunto, de voltar um pouco, e descobrir se a mente, o cérebro, poderá vir a se libertar de toda ilusão e de todas as formas de engano; e também se ele pode ter sua própria ordem — uma ordem que não seja introduzida pelo pensamento, pelo esforço, ou por qualquer tentativa de colocar as coisas no seu devido lugar. Quero descobrir ainda se o cérebro pode se curar completamente, mesmo que esteja muito danificado por traumas e por todos os tipos de situações.

Vamos então começar perguntando primeiro se existe uma ordem que não seja criada pelo homem ou pelo pensamento — que não seja o resultado de um ordenamento calculado por contraposição à perturbação, e que portanto ainda faria parte do antigo condicionamento.

DAVID BOHM: Você está se referindo à mente? Quero dizer, pode-se considerar que a ordem da natureza existe por si mesma.

K: A ordem da natureza é ordem.

DB: Sim, não é criada pelo homem.

K: Mas não estou falando disso. Não tenho certeza se se trata dessa espécie de ordem. Existe a ordem cósmica?

DB: Bem, isso ainda é a mesma coisa, num certo sentido, porque a palavra "cosmos" significa ordem, porém uma ordem completa, que inclui a ordem do universo e a ordem da mente.

K: Sim. O que estou tentando descobrir é se existe uma ordem que o homem nunca poderá possivelmente conceber. Por que qualquer conceito ainda está dentro do padrão do pensamento.

DB: Bem, como vamos discutir isso?

K: Não sei. Eu penso que podemos. O que é ordem?

NARAYAN: Existe a ordem matemática, a modalidade mais elevada de ordem conhecida por qualquer disciplina.

K: Os matemáticos concordariam com essa afirmação de que a matemática é ordem completa?

N: Sim, a própria matemática é ordem.

DB: Penso que isso depende do matemático. Mas há um matemático muito conhecido, chamado Von Neumann, que definiu a matemática como sendo a relação das relações. Na verdade, para ele relação quer dizer ordem. É ordem operando dentro do próprio campo da ordem, em vez de operar sobre algum objeto.

K: Sim, é isso que estou querendo captar.

DB: Nesse caso, os matemáticos mais criativos estão tendo uma percepção disso, a que se pode dar o nome de ordem pura; mas ela é, naturalmente, limitada, porque precisa ser expressa matematicamente, em termos de fórmulas ou equações.

K: Naturalmente. A ordem faz parte da desordem, como a conhecemos?

DB: O que entendemos por desordem é outra questão. Não é possível dar uma definição coerente de desordem, porque esta viola a ordem. Tudo que efetivamente acontece tem uma ordem, mas podemos dar a uma determinada coisa o nome de desordem, se assim o desejarmos.

K: Você está dizendo que tudo o que acontece é ordem?

DB: Possui uma ordem. Quando o corpo não está funcionando corretamente, mesmo se está com câncer, há uma certa ordem na célula cancerígena; ela está apenas crescendo de acordo com um padrão diferente, que tende a danificar o corpo. Entretanto, a coisa toda possui um certo tipo de ordem.

K: Sim, sim.

DB: Ela não violou as leis da natureza, embora em relação a um certo contexto possamos dizer que isso é desordem, pois se estamos falando sobre a saúde do corpo, então o câncer é chamado de desordem. Contudo, em si mesmo...

K: O câncer tem sua própria ordem.

DB: Sim, mas não é compatível com a ordem de crescimento do corpo.

K: Exatamente. Então o que entendemos por ordem? Existe essa tal ordem?

DB: Ordem é uma percepção; não podemos agarrar a ordem.

N: Penso que, em geral, quando nos referimos a ordem fazemo-lo em relação a um sistema de referência, ou em relação a determinado campo. A ordem sempre tem essa conotação. Mas quando você diz a ordem da ordem, como no estudo da matemática, afastamo-nos dessa abordagem limitada.

DB: Veja, a maior parte dos matemáticos começa com a ordem dos números, como 1, 2, 3, 4, e constrói sobre ela, numa hierarquia. Mas você pode visualizar o que se entende por ordem dos números. Há, por exemplo, uma série de relações que são constantes. Na ordem dos números, temos o mais simples dos exemplos de ordem.

N: E uma nova ordem foi criada com a descoberta do zero! A ordem matemática e a ordem da natureza fazem parte de um campo maior? Ou elas são formas localizadas?

K: Veja o cérebro, a mente, é tão contraditório, está tão contundido que não consegue encontrar ordem.

DB: Sim, mas que espécie de ordem ele deseja?

K: Deseja uma ordem na qual esteja a salvo, na qual não se machuque, não fique traumatizado, nem sinta dor física e psicológica.

DB: O ponto central da ordem e da matemática é a ausência de contradição.

K: Mas o cérebro está em contradição.

DB: E alguma coisa saiu errada.

K: Sim, dissemos que o cérebro deu um passo errado.

DB: Veja, se o corpo está crescendo de maneira errada, temos uma célula cancerígena, o que significa duas ordens contraditórias — sendo uma delas o crescimento do câncer e a outra a ordem do corpo.

K: Sim. Mas a mente, o cérebro, pode ficar completamente livre de toda ordem organizada?

DB: Você entende por ordem organizada, um padrão fixo ou imposto?

K: Sim. Imposto ou auto imposto. Estamos tentando investigar se o cérebro poderá um dia ficar livre de todas as imposições, pressões, ferimentos, mágoas e banalidades da existência que o empurra em diferentes direções. Se isso não for possível, a meditação não tem qualquer significado.

DB: Poderíamos ir mais além, e dizer que provavelmente a vida não tem significado se não podemos libertá-la de tudo isso.

K: Não, eu não diria que a vida não tem significado.

DB: Se o padrão continua indefinidamente...

K: Se ele continuar como sempre fez, indefinidamente, por milênios, a vida não tem significado. Mas eu penso que há um significado, e para descobri-lo o cérebro tem de estar totalmente livre.

DB: Qual é a origem daquilo a que chamamos desordem? É como um câncer que estivesse ocorrendo dentro do cérebro, desenvolvendo-se de uma maneira que não é compatível com a saúde do cérebro.

K: Sim.

DB: Ela cresce à medida que o tempo passa, ela aumenta de uma geração para outra.

K: Cada geração repete o mesmo padrão.

DB: Ela tende a se acumular, através da tradição, com cada geração.

K: Como podemos eliminar ou romper esse padrão estabelecido, acumulado?

DB: Podemos fazer outra pergunta? Por que o cérebro fornece o solo para que esse material cresça?

K: Talvez apenas por tradição ou hábito.

DB: Mas por que o cérebro permanece nisso?

K: Ele se sente seguro. Ele tem medo de que aconteça uma coisa nova, porque encontra abrigo na antiga tradição.

DB: Temos de perguntar então por que o cérebro se engana. Esse padrão envolve o fato de que o cérebro se ilude com relação à desordem. Ele não parece capaz de percebê-lo claramente.

N: Há, na minha mente, inteligência por trás da ordem que a usa. Tenho uma certa finalidade para a qual crio uma ordem, e quando essa finalidade deixa de existir, eu abandono essa ordem ou padrão. Desse modo, a ordem tem uma inteligência que a executa. Essa é a conotação usual. Mas você está se referindo a algo mais.

K: Pergunto se esse padrão de gerações pode ser rompido, e por que o cérebro aceitou esse padrão apesar de todos os seus conflitos e da sua miséria.

N: Estou dizendo a mesma coisa de uma maneira diferente. Quando uma ordem atendeu à sua finalidade, ela pode ser abandonada?

K: Aparentemente, não. Estamos falando psicologicamente. Isso não é possível. O cérebro continua, repetindo os temores, a mágoa e as misérias. Ele está tão fortemente condicionado que não consegue ver uma saída, porque, devido à repetição constante, tomou-se obtuso?

N: O momentum da repetição está presente?

K: Sim. Esse momentum torna a mente preguiçosa, mecânica. E ela se refugia nessa indolência e diz: "Está tudo bem, eu posso continuar". É isso o que fazem os seres humanos, em sua maioria.

DB: Isso é parte da desordem. Pensar dessa maneira é uma manifestação da desordem.

K: Naturalmente.

N: Você relaciona a ordem com a inteligência? Ou ordem é algo que existe por si própria?

DB: Inteligência envolve ordem; ela requer a percepção da ordem de uma maneira ordenada, sem contradição. Mas penso que, nos termos desta discussão, nós mesmos não criamos isso; não impomos essa ordem, mas, ao contrário, ela é natural.

K: Sim, voltemos. Sou o homem comum. Percebo que estou preso. Toda a minha maneira de viver e de pensar, minhas atitudes e crenças, parte dessa enorme extensão de tempo. O tempo é toda a minha existência. Eu me refugio no passado, que não pode ser alterado. Certo?

DB: Bem, penso que se falássemos com o chamado homem comum, descobriríamos que ele na verdade não entende que o tempo é algo que acontece a ele.

K: Estou dizendo que um homem comum pode ver, depois de conversar com outro, que toda sua existência baseia-se no tempo. E a mente refugia-se no tempo — no passado.

DB: O que isso quer dizer exatamente? Como ela se refugia?

K: Porque o passado não pode ser mudado.

DB: Sim, mas as pessoas também pensam a respeito do futuro. É comum pensarmos que o futuro pode mudar. Os comunistas disseram: abandonem o passado; vamos mudar o futuro.

K: Mas não podemos abandonar o passado, mesmo se pensamos que podemos.

DB: Então, se mesmo aqueles que tentam não se refugiar no passado não conseguem abandoná-lo, parece que não importa o que façamos, estaremos presos.

K: O próximo passo, então, é descobrir por que o cérebro aceita esse modo de viver. Por que ele não o destrói? É devido à preguiça, ou é porque não há esperança de que se possa destruí-lo?

DB: Esse ainda é o mesmo problema, de ir do passado para o futuro.

K: Naturalmente. Então o que o cérebro deve fazer? Isso se aplica à maior parte das pessoas, não é verdade?

DB: Não compreendemos por que, quando as pessoas descobrem que o seu comportamento é desordenado ou irracional, elas tentam abandonar o passado, mas percebem que isso não é possível.

K: Espere, senhor. Se eu abandono o passado, não tenho existência. Se eu abandono todas as minhas recordações, não tenho nada; não sou nada.

DB: Penso que algumas pessoas, como os marxistas, encarariam isso de uma maneira um pouco diferente. Marx disse que é preciso transformar as condições da sociedade humana e que isso eliminará o passado.

K: Mas isso não ocorreu. Não pode ser feito.

DB: É porque quando o homem tenta transformar as coisas, ele ainda está atuando a partir do passado.

K: Sim, é isso que estou dizendo.

DB: Se disséssemos: não dependa em nada do passado, então, como você perguntou, o que iríamos fazer?

K: Nesse caso, eu não sou nada; seria essa a razão pela qual não podemos possivelmente abandonar o passado? Pois minha existência, minha maneira de pensar, minha vida, tudo, vem do passado. E se dissermos: vamos eliminar tudo isso, o que restará?

DB: Penso que poderíamos dizer: é óbvio que temos de manter certas coisas do passado, como conhecimento útil.

K: Sim, já abordamos tudo isso.

DB: Mas suponha que mantivéssemos essa parte útil do passado, e eliminássemos todos os aspectos dele que são contraditórios?

K: Que são todos psicologicamente contraditórios. O que restará então? Apenas ir para o escritório? Não haverá nada. É esse o motivo pelo qual não podemos abandonar o passado?

DB: Ainda há uma contradição nisso, porque se você pergunta: "O que restará?", ainda está perguntando a partir do passado.

K: Naturalmente.

DB: Você está simplesmente dizendo que quando as pessoas falam em abandonar o passado, elas não estão realmente fazendo-o, e sim apenas transformando isso numa outra questão, que evita o assunto?

K: Todo o meu ser está no passado; ele mudou ou foi modificado, mas suas raízes estão no passado.

DB: Entretanto, se você dissesse: "Está bem, abandonem tudo isso e no futuro vocês terão uma coisa bem diferente, e melhor", as pessoas se sentiriam atraídas por isso?

K: "Melhor", no entanto, é ainda algo relacionado com o passado.

DB: Mas as pessoas querem se sentir seguras pelo menos com relação a alguma coisa.

K: É exatamente isso. Não há nada. O ser humano comum quer alguma coisa à qual ele possa se apegar.

DB: Ele poderá sentir que não está se agarrando ao passado, e sim tentando alcançar alguma coisa.

K: Se eu alcançar alguma coisa, isso ainda será passado.

DB: Sim, tem suas raízes no passado, mas isso nem sempre é óbvio, pois as pessoas dizem que é uma nova e importante situação revolucionária.

K: Enquanto tivermos raízes no passado, não poderá haver ordem.

DB: Porque o passado está permeado pela desordem.

K: Sim. E minha mente, o meu cérebro, está disposto a ver que não há absolutamente nada se eu abandonar o passado?

DB: E nada para ser alcançado.

K: Nada. Não há movimento. Algumas vezes as pessoas balançam uma cenoura na minha frente e eu, tolamente, a sigo. Mas eu percebo que não existem realmente cenouras, nem recompensas e nem castigos. Como posso, então, dissolver esse passado? Se não o fizer, continuarei vivendo na esfera do tempo que é criada pelo homem. O que farei então? Estarei disposto a enfrentar o vazio absoluto?

DB: O que você diria a alguém que não estivesse disposto a enfrentar isso?

K: Eu não me importo. Se alguém disser que não pode fazer isso, responderei: "Muito bem, vá em frente".

Mas estou disposto a abandonar completamente o meu passado. O que significa que não há esforço ou recompensa; nada, o cérebro está disposto a enfrentar esse estado extraordinário e completamente novo de existir no nada. Isso é incrivelmente aterrorizante.

DB: Mesmo o significado dessas palavras estará arraigado no passado.

K: Naturalmente. Compreendemos isso; a palavra não é a coisa. A mente diz que está disposta a fazer isso, a enfrentar esse vazio absoluto, porque viu por si mesma que todos os lugares onde se refugiava eram ilusões...

DB: Penso que isso deixa de fora algo que você já levantou antes — a questão do dano que as cicatrizes provocam no cérebro.

K: É exatamente isso.

DB: O cérebro que não está danificado poderia possivelmente abandonar o passado com relativa rapidez.

K: Será que podemos descobrir o que danificou o cérebro? Certamente um dos fatores são as emoções fortes e perseverantes como o ódio.

DB: Provavelmente um lampejo de emoção não causa muito dano, mas as pessoas o alimentam.

K: Naturalmente. O ódio, a raiva e a violência não apenas abalam como também ferem o cérebro. Certo?

DB: O excesso de excitação também faz a mesma coisa.

K: Sem dúvida; e também as drogas, etc. A reação natural não danifica o cérebro. Agora o cérebro está danificado; e se supusermos que ele foi lesado pela raiva?

DB: Poderíamos até mesmo dizer que os nervos provavelmente fazem conexões erradas entre si, e que essas conexões são excessivamente fixas. Penso que há evidências de que essas coisas alterarão efetivamente a estrutura.

K: Sim, e será que podemos ter um insight da natureza completa da perturbação, de modo que esse insight altere as células do cérebro que foram lesadas?

DB: Bem, possivelmente isso as faria começarem a curar-se.

K: Certo. Inicia a cura. Essa cura deve ser imediata.

DB: Poderá demorar no sentido de que, se foram feitas conexões erradas, será necessário tempo para redistribuir os elementos. O início do processo me parece imediato.

K: Está bem. Conseguirei fazer isso? Escutei "X", li e pensei cuidadosamente a respeito disso tudo, e percebi que a raiva, a violência, o ódio - qualquer emoção exagerada - fere o cérebro. E o insight de tudo isso provoca uma mutação nas células. É assim. Os ajustamentos dos nervos também serão extremamente rápidos.

DB: Acontece alguma coisa com as células cancerosas. Às vezes, o câncer para repentinamente de crescer, e cede, por alguma razão desconhecida. Mas deve ter ocorrido uma mudança nessas células.

K: Será porque as células do cérebro se alteram fundamentalmente, e o processo do câncer foi interrompido?

DB: Sim. Fundamentalmente ele para, e começa a se desmantelar.

K: Desmantelar, sim, é isso.

N: Você está dizendo que esse insight põe em ação o tipo correto de conexões e interrompe as conexões erradas?

DB: E até mesmo desmantela as conexões erradas.

N: É criado então um novo começo, e é criado agora.

DB: Num só momento.

K: Isso é o insight.

N: Mas não há tempo envolvido nisso, porque o movimento correto começa agora.

Há outra coisa que eu quero questionar sobre o passado: para a maior parte das pessoas, o passado significa prazer.

K: Não apenas prazer, mas a recordação de tudo.

N: Só começamos a não gostar do prazer quando ele se deteriora, ou leva a dificuldades. Queremos ter prazer o tempo todo.

K: Naturalmente.

N: Algumas vezes é difícil distinguir entre o prazer e a deterioração ou as dificuldades que ela traz.

K: Prazer é sempre o passado; não há prazer no momento em que a coisa está acontecendo. Ele surge mais tarde, quando é lembrado. A recordação então é o passado. Mas estou disposto a enfrentar o nada, o que significa eliminar tudo isso!

N: Mas o que eu quero dizer é que o ser humano, mesmo que compreenda o que você está dizendo, fica enclausurado nessa esfera.

K: Isso ocorre porque ele não está disposto a enfrentar esse vazio. O prazer não é compaixão. O prazer não é amor, o prazer não tem lugar na compaixão. Porém, se ocorrer essa mutação, talvez a compaixão torne-se mais forte que o prazer.

DB: Talvez até mesmo a percepção da ordem possa ficar mais forte do que o prazer. Se as pessoas estiverem realmente interessadas em alguma coisa, o prazer não representará nenhum papel nesse momento.

N: Mas o que acontece a um homem que é dominado pelo prazer?

K: Já discutimos isso. Enquanto ele não estiver disposto a enfrentar esse extraordinário vazio, ele permanecerá com o antigo padrão.

DB: Veja bem, temos de dizer que esse homem também tinha um cérebro danificado. É a lesão no cérebro que provoca essa ênfase em sustentar o prazer, e também no medo e na raiva.

K: Mas o cérebro lesado cura-se quando há o insight.

DB: Sim. Mas penso que muitas pessoas que entenderiam que o ódio e a raiva são produtos do cérebro lesado achariam muito difícil reconhecer que também o prazer é produto do cérebro lesado.

K: Oh, sim, mas é claro que é.

DB: Podemos dizer que há uma verdadeira satisfação, que não seja produto do cérebro lesado, e que é normalmente confundida com prazer...?

N: Se o prazer dá origem à raiva, a raiva é parte do cérebro lesado.

K: E também a procura do prazer. Temos então um insight de quão destrutivo o passado é para o cérebro? Pode o próprio cérebro percebê-lo, ter esse insight, e se afastar disso?

N: Você está dizendo que o início da ordem provém do insight?

K: Obviamente. Vamos trabalhar a partir daí.

N: Posso colocar a coisa de maneira diferente? É possível reunir uma certa quantidade de ordem numa forma de padrão, artificialmente, de modo que ela faça surgir uma certa quantidade de insight?

K: Ah! Não podemos encontrar a verdade através da falsidade.

N: Pergunto isso deliberadamente porque muitas pessoas parecem não possuir a energia necessária para o insight.

K: Temos extrema avidez por ganhar a vida, ganhar dinheiro, fazer qualquer coisa em que estejamos realmente interessados. Se tivermos um interesse vital nessa transformação, etc., teremos a energia necessária.

Podemos continuar? Eu, como ser humano, percebi que esse insight eliminou o passado, e que o cérebro está disposto a vi-

ver no nada. Certo? Chegamos nesse ponto várias vezes a partir de diferentes direções. Agora vamos continuar. Não há nada colocado ali pelo pensamento. Não há qualquer movimento do pensamento, exceto um conhecimento factual que tem seu próprio lugar. Falando psicologicamente, porém, não há movimento na mente nem no pensamento. Não existe absolutamente nada.

DB: Você está dizendo que também não há sentimento? Veja: os movimentos do pensamento e do sentimento são conjuntos.

K: Espere um instante. O que você entende por sentimento?

DB: Bem, normalmente as pessoas poderiam dizer que concordam em que não há pensamento, mas que elas têm vários sentimentos.

K: É claro que temos sentimentos. No momento em que colocar uma agulha em mim...

DB: São as sensações. E há também os sentimentos internos.

K: Sentimentos internos de quê?

DB: É difícil descrevê-los. Os que podem ser facilmente descritos são evidentemente do tipo errado, como a raiva e o medo.

K: A compaixão é um sentimento?

DB: Provavelmente não.

K: Não, não é um sentimento.

DB: Embora as pessoas possam dizer que sentem compaixão! Até a própria palavra sugere que é uma forma de sentimento. Compaixão contém a palavra "paixão", que é um sentimento. Essa é uma questão difícil. Poderíamos talvez discutir o que normalmente reconhecemos como sentimentos?

K: Vamos nos aprofundar um pouco nisso. O que entendemos por sentimentos? Sensações?

DB: Bem, não é isso o que as pessoas normalmente querem dizer. Veja bem, as sensações estão ligadas ao corpo.

K: Então você está se referindo a sentimentos que não estão ligados ao corpo?

DB: Sim, os que — nos tempos antigos — seriam descritos como próprios da alma.

K: Da alma, naturalmente. Essa é uma saída fácil, mas não quer dizer nada.

DB: Não.

K: Quais são os sentimentos internos? O prazer?

DB: Bem, na medida em que pudéssemos classificá-los, essa descrição não seria válida.

K: O que é válido então? O estado não-verbal?

DB: Talvez seja um estado não-verbal... alguma coisa análoga a um sentimento que não é fixo, que não pode ser definido.

N: Você está dizendo que não é sentimento, que é semelhante ao sentimento, mas que não é fixo?

DB: Sim. Estou apenas supondo que isso poderia existir se dissermos que não há pensamento. Estou tentando esclarecer isso.

K: Sim, não há pensamento.

DB: O que isso realmente quer dizer?

K: Isso realmente quer dizer que o pensamento é movimento, que o pensamento é tempo. Certo? Nesse vazio não existe o tempo ou o pensamento.

DB: Sim, e talvez nenhum sentido de existência de nenhuma entidade dentro dele.

K: Nenhuma, naturalmente. A existência de entidades é a coleção das memórias, o passado.

DB: Mas essa existência não é apenas o pensamento que pensa a respeito dela, mas também o sentimento de que ela está ali; captamos uma espécie de sentimento dentro dela.

K: Um sentimento, sim. Não há ser. Não há nada. Se houver um sentimento de existir que continua...

DB: Sim, mesmo que não pareça possível verbalizar isso... Seria um estado sem desejo. Como podemos saber se esse estado é real, se é genuíno?

K: É isso que estou perguntando. Como podemos saber, ou perceber, que isso é assim? Em outras palavras, você quer uma prova disso?

N: Não uma prova, mas a comunicação desse estado.

K: Espere um pouco. Suponha que alguém possui essa compaixão peculiar; Como pode ele comunicá-la a mim, se vivo no prazer e tudo o mais? Ele não pode!

N: Não, mas estou preparado para escutá-lo.

K: Preparado para escutá-lo, mas quão profundamente? Você irá tão longe quanto for seguro, garantido.

N: Não, não necessariamente.

K: O homem diz que não há ser. E toda a sua vida tem sido esse vir a ser. E, nesse estado, ele afirma que não há ser, em absoluto. Em outras palavras, não há um "mim". Certo? Agora você diz: "Mostre isso a mim". Só se pode mostrá-lo através de certas qualidades que possui, de determinadas ações. Quais são as ações de uma mente que está totalmente vazia de ser? Ações em que nível? Ações no mundo físico?

N: Parcialmente.

K: Em sua maior parte. Muito bem, esse homem captou esse sentido de vazio, de ausência de ser. Ele não está agindo a partir de interesses egoístas. Suas ações estão no mundo da vida do dia-a-dia,

e você pode julgar se ele é um hipócrita, se ele diz algo e se contradiz no momento seguinte, ou se ele está efetivamente vivendo essa compaixão, e não apenas dizendo: "Eu me sinto compassivo".

DB: Mas se não se estiver fazendo a mesma coisa, não se terá como saber.

K: Exatamente. É isso que estou dizendo.

N: Não podemos julgá-lo.

K: Não podemos. Então, como ele pode nos transmitir em palavras essa peculiar qualidade da mente? Ele pode descrevê-la, dar voltas em torno dela, mas não pode passar sua essência. O Dr. Bohm, por exemplo, poderia discutir com Einstein; eles estão no mesmo nível. E eu e ele podemos discutir. Se alguém possui esse sentido de não-ser, de vazio, o outro pode se aproximar bastante, mas nunca poderá penetrar em sua mente, a não ser que ele também possua esse sentido!

N: Existe algum meio de comunicar isso, para alguém que esteja aberto, e que não seja através de palavras?

K: Estamos falando de compaixão. Isso não é como David apontou agora, o "eu me sinto compassivo". Isso está completamente errado. Veja bem, na vida diária essa mente age sem o "mim", sem o "ego", consequentemente, poderá cometer um erro, mas o corrigirá imediatamente; ela não transporta esse erro.

N: Ela não está presa.

K: Não está presa. Mas temos que tomar muito cuidado aqui para não acharmos uma desculpa para o erro!

Chegamos então ao ponto que discutimos antes; o que é, pois, a meditação? Correto? Para o homem que está se transformando ou sendo, a meditação não tem qualquer significado. Essa é uma tremenda declaração. Quando não há esse ser ou esse vir a ser, o que é meditação? Ela deve ser totalmente inconsciente, totalmente espontânea.

DB: Você quer dizer, sem intenção consciente?

K: Sim, penso que isso está correto. Você diria — espero que isso não soe de forma tola — que o universo, a ordem cósmica, está em meditação?

DB: Bem, se está vivo, então temos de encará-lo desse modo.

K: Não, não. Está num estado de meditação.

DB: Sim.

K: Penso que isso está correto. Vou me ater a isso.

DB: Deveríamos nos aprofundar mais no que é meditação. O que o universo está fazendo?

N: Se dissermos que o universo está em meditação, a expressão dessa meditação é a ordem? Que ordem poderemos discernir, que comprove essa meditação cósmica ou universal?

K: O nascer e o pôr-do-sol; todas as estrelas, os planetas, são ordem. A coisa toda está em perfeita ordem.

DB: Temos de relacionar isso com meditação. De acordo com o dicionário, o significado de meditação é refletir, revolver alguma coisa na mente, e prestar bastante atenção.

K: E também medir.

DB: Esse é um significado adicional, mas significa pesar, ponderar; significa "medir" no sentido de pesar.

K: Pesar, é isso. Ponderar, refletir a respeito, e assim por diante.

DB: Pesar a significação de alguma coisa. É isso que você quer dizer?

K: Não.

DB: Então por que você usa essa palavra?

N: Disseram-me que, em inglês, contemplação tem uma conotação diferente de meditação. Contemplação subentende um estado mental mais profundo.

DB: É difícil de saber. A palavra "contemplar", na verdade, vem da palavra templo.

K: Sim, exatamente.

DB: Seu significado básico é: criar um espaço aberto.

K: Um espaço aberto entre Deus e eu?

DB: É assim que a palavra surgiu.

K: Concordo.

N: A palavra sânscrita Dhyana não possui a mesma conotação que meditação.

K: Não.

N: Porque a meditação tem implicações de medição, e provavelmente, de maneira indireta, essa medição é ordem.

K: Não. Eu não quero introduzir a ordem — vamos deixar a palavra ordem de fora. Já passamos por isso, já batemos nessa tecla até eliminá-la!

DB: Por que você usa a palavra meditação?

K: Não vamos usá-la.

DB: Vamos descobrir o que você realmente está querendo dizer aqui.

K: Você diria, um estado de infinidade? Um estado que não pode ser medido, imensurável?

DB: Sim.

K: Não há qualquer tipo de divisão. Veja bem, estamos fornecendo uma porção de descrições, mas ela não é isso.

DB: Sim, mas há qualquer sentido de a mente estar, de alguma forma, consciente de si própria?

É isso que você está tentando dizer? Em outras ocasiões, você disse que a mente está se esvaziando do conteúdo.

K: Aonde é que você quer chegar?

DB: Estou perguntando se ela não é apenas infinita, mas se algo mais está envolvido.

K: Oh, muito mais.

DB: Dissemos que o conteúdo é o passado que está criando desordem. Então poderíamos dizer que esse esvaziamento de conteúdo está, num certo sentido, constantemente limpando o passado. Você concordaria com isso?

K: Não, não.

DB: Quando você diz que a mente está se esvaziando de conteúdo...

K: Se esvaziou.

DB: Está bem. Quando o passado estiver limpo, você dirá então que isso é meditação.

K: Que isso é meditação; não contemplação... de que?

N: Apenas um começo.

K: Começo?

N: O esvaziamento do passado.

K: Esse esvaziamento do passado, que é raiva, ciúme, crenças, dogmas, apegos, etc. têm de ser efetuado. Se não houver esse esvaziamento, se qualquer parte disso ainda existir, levará inevitavelmente à ilusão. O cérebro ou a mente deverá estar totalmente livre de todas as ilusões, que surgem através do desejo, da esperança, da necessidade de segurança, e de tudo isso.

DB: Você está dizendo que depois que isso é feito, abre-se uma porta para uma coisa mais ampla, mais profunda?

K: Sim. De outro modo a vida não teria significado; estaria apenas repetindo esse padrão.

N: O que exatamente você quis dizer quando afirmou que o universo está em meditação?

K: É assim que eu me sinto. A meditação é um estado de "movimento não-movimento".

DB: Poderíamos dizer, em primeiro lugar, que o universo não é realmente governado pelo seu passado? Veja, o universo cria determinadas formas que são relativamente constantes, de modo que as pessoas que o observam superficialmente veem apenas isso, e parece então que ele é determinado a partir do passado.

K: Sim, ele não é governado pelo passado. Ele é criativo, está em movimento.

DB: E então esse movimento é ordem.

K: Você, como um cientista, aceitaria tal coisa?

DB: Bem, na verdade, eu aceitaria!

K: Estamos ambos loucos? Vamos colocar a pergunta de outra maneira: é realmente possível que o tempo seja eliminado — toda a ideia do tempo como passado — de modo que não haja em absoluto um amanhã? Há o sentimento, a realidade efetiva, de não haver o amanhã. Penso que essa é a maneira mais saudável de se viver — o que não significa que eu me tornei irresponsável! Isso seria excessivamente infantil.

DB: É apenas uma questão de tempo físico, que é uma certa parte da ordem natural.

K: Naturalmente; isso já está entendido.

DB: O problema é se possuímos um sentido para a experiência do passado e do futuro, ou se estamos livres desse sentido.

K: Pergunto a você, como cientista: o universo baseia-se no tempo?

DB: Eu diria que não, mas veja, geralmente...

K: Isso é tudo que eu quero. Você diz não! E pode o cérebro, que evoluiu no tempo...?

DB: Bem, ele evoluiu no tempo? Na verdade, ele se emaranhou no tempo. Pois o cérebro é parte do universo, que, como dissemos, não se baseia no tempo.

K: Concordo.

DB: O pensamento emaranhou o cérebro no tempo.

K: Tudo bem. Poderia esse emaranhamento ser desenredado, libertado, de modo que o universo seja a mente? Entende? Se o universo não pertence ao tempo, poderá a mente, que emaranhou-se no tempo, libertar-se dessa trama e, dessa forma, ser o universo? Você entende o que estou querendo dizer?

DB: Sim.

K: Isso é ordem.

DB: Isso é ordem. E você diria que é meditação?

K: É isso. Eu chamaria isso de meditação, não no sentido comum de ponderação, que está no dicionário, mas um estado de meditação em que não há nenhum elemento do passado.

DB: Você diria que a mente está se desenredando do tempo, e também está, efetivamente, desenredando o cérebro do tempo?

K: Sim, você aceitaria isso?

DB: Sim.

K: Como uma teoria?

DB: Sim, como uma proposta.

K: Não, eu não a quero como proposta.

DB: O que você entende por teoria?

K: Teoria — quando alguém se aproxima e diz: isso é a verdadeira meditação.

DB: Certo.

K: Espere. Alguém diz que pode viver dessa maneira; que a vida tem um extraordinário significado, que é cheia de compaixão, etc., e que toda ação no mundo físico pode ser imediatamente corrigida, e assim por diante. Você, como cientista, aceitaria tal estado, ou diria que o homem que fala desse modo está maluco?

DB: Não, eu não diria isso. Sinto que é perfeitamente possível; é inteiramente compatível com tudo que conheço a respeito da natureza.

K: Oh, então está tudo bem. Portanto, a pessoa não é um desequilibrado!

DB: Parte do emaranhamento é que a própria ciência coloca o tempo em uma posição fundamental, o que ajuda a complicar ainda mais.

K: Claro que colocar tudo isso em palavras não é a coisa, certo? Isso está entendido. Mas pode ser comunicado a outra pessoa? Como alguns de nós podemos chegar a isso, de modo que possamos, efetivamente, comunicá-lo?

11

A Liberação do Insight

14 de Setembro de 1980,
Brockwood Park, Hampshire

KRISHNAMURTI: Perguntamos qual é a origem de todo o movimento humano. Existe uma fonte original, uma base a partir da qual tudo isso, a natureza, o homem, todo o universo - brotou? Ela é limitada pelo tempo? Ela é em si mesma, ordem completa, além da qual não existe nada mais?

E falamos sobre a ordem, se o universo é baseado no tempo, e se o homem alguma vez pode compreender e viver nessa ordem suprema. Queremos investigar, não apenas intelectualmente, mas também profundamente, como compreender e viver, a partir dessa base, essa base que é atemporal, e além da qual não há nada. Podemos continuar daqui?

Eu não sei se, como um cientista, você concordará que existe tal base, ou que o homem pode compreendê-la, viver nela; não no sentido de que ele está vivendo nela, mas que ela própria vive? Nós, como seres humanos podemos chegar a isso?

DAVID BOHM: Eu não sei se a ciência como é agora constituída pode dizer muito sobre isso.

K: A ciência não fala sobre isso, mas você poderia, como um cientista, dedicar sua mente à investigação disso?

DB: Sim, eu acho que, implicitamente, a ciência sempre tem se preocupado com a tentativa de chegar a essa base, mas tentar fazê-lo através do estudo da matéria na maior profundidade possível, é claro, não é suficiente.

K: Não perguntamos se um ser humano, vivendo neste mundo que está em tal turbulência, pode estar em ordem absoluta em primeiro lugar, como o universo está em ordem absoluta, e compreender uma ordem que é universal?

DB: Sim.

K: Eu posso ter ordem em mim mesmo, pela observação cuidadosa, auto estudo, auto investigação, e compreender a natureza da desordem. O próprio insight desse entendimento dissipa a desordem. Esse é um nível de ordem.

DB: Sim, esse é o nível que a maioria de nós têm se preocupado até agora. Vemos essa desordem acontecendo no mundo e em nós mesmos, e dizemos que é necessário estar ciente disso e observar isso e, como você diz, dissolver isso.

K: Mas isso é uma coisa muito pequena.

DB: Sim, mas nós concordamos que as pessoas geralmente não sentem que é uma coisa pequena. Elas sentem que arrumar a desordem em si mesmas e no mundo já seria uma coisa muito grande e, talvez, tudo isso seja necessário.

K: Mas eu estou me referindo ao ser humano razoavelmente inteligente, experiente e culto, "culto" no sentido de civilizado. Ele pode, com muito questionamento e investigação, chegar ao ponto de poder trazer ordem em si mesmo.

DB: Então, algumas pessoas poderiam dizer, se apenas pudéssemos trazer essa ordem para toda a sociedade.

K: Bem, poderíamos, se os seres humanos estivessem todos em tremenda ordem nesse sentido interior, talvez criássemos uma nova sociedade. Mas isso é novamente uma coisa muito pequena.

DB: Eu entendo isso, mas sinto que devemos entrar nisso com cuidado porque as pessoas normalmente não veem isso como uma coisa pequena. Apenas alguns viram que há algo além disso.

K: Muito mais além disso.

DB: Talvez valeria a pena pensar sobre porque não é suficiente atingir ordem no homem e na sociedade, somente para produzir um viver ordenado. Em que sentido isso não é suficiente?

K: Porque vivemos no caos, pensamos que trazer ordem é uma coisa tremenda, mas isso por si só, não é. Eu posso colocar o meu quarto em ordem, isso me dá um certo espaço, certa liberdade; sei onde as coisas estão, posso acessá-las diretamente. Essa é uma ordem física. Posso ordenar as coisas em mim mesmo, ou seja, não ter conflito, não comparar, não ter nenhum senso de "eu", "você" e "eles", tudo o que traz essa divisão, na qual cresce o conflito? Isso é simples. Se eu sou um hindu e você é um muçulmano, estamos eternamente em guerra uns com os outros.

DB: Sim, e em toda comunidade as pessoas se separam da mesma forma.

K: Toda a sociedade divide-se dessa maneira, mas se a pessoa compreende e percebe isso profundamente, está acabado.

DB: Suponha que digamos que atingimos isso, então o que acontece? Penso que algumas pessoas sentiriam que isso está tão distante que não interessaria a elas. Elas poderiam dizer, espere até alcançarmos isso antes de nos importarmos com os outros.

K: Sim, senhor, vamos começar novamente. Estou em desordem, física e psicologicamente. Em torno de mim a sociedade em que vivo também está totalmente confusa. Há uma grande dose de injustiça; é uma coisa miserável. Eu posso ver isso muito simplesmente. Eu posso ver que a minha geração e as gerações passadas têm contribuído para isto. Eu posso fazer algo sobre isso. Isso é simples. Posso dizer, bem, vou colocar minha casa em ordem. A casa sou eu mesmo e ela deve estar em ordem antes que eu possa ir mais longe.

DB: Mas suponha que alguém diga: a minha casa não está em ordem.

K: Tudo bem, minha casa está em desordem. Então deixe-me colocá-la em ordem, o que é bem simples. Se eu aplicar minha mente e meu coração na resolução disso, é bem claro. Mas não queremos fazer isso. Achamos isso tremendamente difícil porque estamos tão

presos ao passado, aos nossos hábitos e nossas atitudes. Nós não parecemos ter a energia, a coragem, a vitalidade, para sair disto.

DB: O que não é tão simples é saber o que produzirá essa energia e coragem. O que mudará tudo isso?

K: Eu acho que o que vai mudar tudo isso é ter um insight sobre isso.

DB: O ponto chave parece ser isso, sem o insight, nada pode mudar.

K: Será que realmente o insight irá alterar toda a estrutura e natureza do meu ser? Essa é a questão, não é?

DB: O que parece estar implícito é que, se olharmos para uma questão bem menor como a ordem da vida diária, ele não envolverá todo o nosso ser.

K: Não, claro que não.

DB: E, portanto, o insight não será adequado.

K: Sim, é como estar preso a alguma coisa, a uma crença, a uma pessoa, uma ideia, algum hábito, alguma experiência. Isso, inevitavelmente cria desordem, porque estar preso implica dependência, a fuga da própria solidão, do medo. Agora, um insight total neste apego elimina-o completamente.

DB: Sim. Eu acho que nós estamos dizendo que o "eu" é um centro criador de escuridão ou de nuvens na mente, e o insight penetra isso. Ele poderia dissipar as nuvens, de modo que haveria clareza e o problema iria desaparecer.

K: É isso mesmo, desaparecer.

DB: Mas isso precisaria de um insight intenso, um insight total.

K: Sim, mas estamos dispostos a passar por isso? Ou o nosso apego ou vínculo a algo é tão forte que não estamos dispostos a deixá-lo? Esse é o caso com a maioria das pessoas. Infelizmente, só muito poucos querem fazer esse tipo de coisa.

Ora, pode o insight varrer, banir, dissolver todo esse movimento de estar amarrado, apegado, dependente, solitário, com um só golpe, por assim dizer? Eu acho que pode. Acho que isso acontece quando há um insight profundo. Esse insight não é simplesmente o movimento da memória, conhecimento, experiência; ele é totalmente diferente de tudo isso.

DB: É um insight na totalidade da desordem, na fonte de toda desordem de natureza psicológica.

K: É tudo isso.

DB: Com esse insight a mente pode limpar e então, seria possível abordar a ordem cósmica.

K: Isso é onde quero chegar. Que é muito mais interessante do que isto. Qualquer homem sério deve colocar sua casa em ordem. E essa deve ser uma ordem completa, ordem na totalidade do homem, e não ordem em uma determinada direção. A resolução particular de um problema particular não é a solução do todo.

DB: O ponto chave é encontrar a fonte, a raiz que gera o todo, é o único caminho.

K: Sim, está certo.

DB: Porque, se tentarmos lidar com um problema particular, ele ainda assim está vindo da fonte.

K: A fonte é o "eu". Aquela pequena fonte, pequeno lago, pequeno riacho, independente da grande fonte, deve secar.

DB: Sim, o pequeno riacho confunde-se com o grande rio, eu acho.

K: Sim, nós não estamos falando sobre o grande rio, o imenso movimento da vida, estamos falando sobre o pequeno "eu" com o pequeno movimento, pequenas preocupações e assim por diante, que está criando desordem. Enquanto que o centro, que é a própria essência da desordem, não for dissolvido, não haverá ordem.

Então, nesse nível, isso está claro. Podemos continuar daqui? Agora, há uma outra ordem totalmente diferente? Essa é uma

desordem artificial, e, portanto, uma ordem artificial. A mente humana, percebendo isso e vendo o desordem que isso pode trazer em si mesmo, então, começa a perguntar se existe uma ordem que é totalmente diferente, de uma dimensão que é necessária encontrar, porque esta ordem criada pelo homem é uma coisa muito pequena.

Eu posso colocar minha casa em ordem. Está bem. E agora? Talvez, se muitos de nós o fizermos, teremos uma sociedade melhor. Isso é aprovado, relevante, necessário, mas tem a sua limitação. Agora, um ser humano que tenha realmente entendido profundamente a desordem criada pelos seres humanos e o seu efeito sobre a sociedade pergunta: "Existe uma ordem que está além de tudo isso?". A mente humana não está satisfeita meramente com a ordem física. Ela tem limitações, fronteiras, por isso ele diz: "Eu entendi isso, continuemos".

DB: Como vamos entrar nessa questão? Mesmo na ciência, os homens procuram a ordem do universo olhando para o fim ou o início ou para o interior de sua estrutura. Muitos procuraram o absoluto, e a palavra "absoluto" significa livre de toda limitação, toda a dependência, toda imperfeição. O "absoluto" tem sido a fonte de tremenda ilusão, é claro, porque o ego limitado procura captar o absoluto.

K: É claro, isso é impossível. Então, como vamos abordar isso? Como podemos responder a essa pergunta? Como cientista, você diria que há uma ordem que está além de toda a ordem e desordem humana?

DB: A ciência não é capaz de dizer qualquer coisa, porque qualquer ordem descoberta pela ciência é relativa. Não sabendo o que fazer, os homens sentiram a necessidade do absoluto, e não sabendo como obtê-lo, eles criaram a ilusão disso na religião e na ciência ou de muitas outras maneiras.

K: Então o que devo fazer? Como um ser humano que é a totalidade dos seres humanos, há ordem em minha vida. Essa ordem é naturalmente provocada por um insight e por isso, talvez, ela afetará a sociedade. Vamos partir disso. A investigação então é, há uma ordem que não é criada pelo homem? Vamos colocar dessa maneira. Eu nem vou chamá-la de ordem absoluta.

O homem tem procurado uma dimensão diferente e talvez, usou a palavra "ordem". Ele tem procurado uma dimensão

diferente, porque ele entendeu esta dimensão. Ele viveu nela, sofreu nela, passou por todos os tipos de confusão e miséria, e chegou ao final de tudo isso. Não apenas verbalmente, mas realmente chegou ao fim de tudo isso. Poderíamos dizer que muito poucos fizeram isso, mas esta questão deve ser colocada.

DB: Será que esta pergunta tem algum significado para uma pessoa que não chegou ao fim disso?

K: Eu acho que sim. Porque mesmo apenas intelectualmente ela pode ver as limitações disso.

DB: Sim, é importante ela ver, mesmo antes de ter acabado com isto.

K: Como a mente aborda este problema? Eu acho que o homem tem se esforçado para descobrir isso, senhor. Todas as assim chamadas pessoas religiosas - os místicos, os santos, com suas ilusões - têm tentado alcançar isso. Elas têm tentado compreender algo que não é tudo isso. Isto surge através da - se é que posso usar a palavra, meditação, como medida?

DB: O significado original da palavra meditação é medir, refletir, pesar o valor e o significado. Talvez isso possa ter significado que tal medida só teria sentido para constatar que há desordem.

K: Isso é o que eu diria, que a medida só pode existir onde há desordem. Nós estamos usando a palavra meditação não como "medida" ou mesmo "ponderar ou pensar sobre", mas, como meditação, que é o resultado de trazer ordem na casa, e mover-se a partir daí.

DB: Então, se vemos que as coisas estão em desordem na mente, o que é a meditação?

K: Em primeiro lugar a mente deve estar livre da medição. Caso contrário, ela não pode entrar na outra. Todo esforço para criar ordem na desordem é desordem.

DB: Então, estamos dizendo que é a tentativa de controlar que está errada; vemos que ela não tem sentido. E agora diremos que não há controle. O que faremos?

K: Não, não, não. Se tenho um insight sobre toda a natureza do controle, que é medida, isso liberta a mente daquele fardo.

DB: Sim. Você poderia explicar a natureza deste insight, o que significa?

K: Insight não é um movimento do conhecimento, do pensamento, da memória, mas a cessação de tudo para olhar o problema com uma observação pura, sem qualquer pressão, sem qualquer motivo, para observar todo o movimento da medição.

DB: Sim, acho que podemos ver que a medição é o mesmo que tornar-se e a tentativa da mente para medir a si própria, para controlar a si mesma, para definir para si uma meta, é a fonte da desordem.

K: Essa é a própria fonte de desordem.

DB: De certo modo, essa era a maneira errada de olhar isso, um caminho errado, quando o homem estendeu a medição da esfera externa para dentro da mente.

K: Sim.

DB: Mas agora a primeira reação seria que se não controlarmos esta coisa vou enlouquecer. Isso é o que alguém poderia temer.

K: Sim, mas veja, se tenho um insight da medida, esse próprio insight não só expulsa todo o movimento de medição, mas há uma ordem diferente. Isso não leva à loucura; pelo contrário.

DB: Não leva à loucura, pois começou em ordem. É realmente a tentativa de medir que leva à loucura.

K: Sim, é isso. A medição torna-se selvagem; é confusão.

Agora vamos prosseguir. Depois de estabelecer tudo isto, pode a mente, através da meditação - usando a palavra meditação sem qualquer senso de medida, comparação - encontrar uma ordem, um estado onde há algo que não é feito pelo homem? Eu já passei por todas as coisas feitas pelo homem e todas elas são limitadas; não há liberdade nelas, há caos.

DB: Quando você diz que já passou pelas coisas feitas pelo homem, o que são?

K: A religião, adoração, orações, ciência, ansiedades, tristeza, o apego, o desapego, a solidão, o sofrimento, confusão, dor, tudo isso.

DB: Também todas as tentativas de revolução.

K: Claro, a revolução física, revolução psicológica. Essas são todas feitas pelo homem. E também muitas pessoas têm colocado esta questão, e então elas dizem, "Deus". Esse é outro conceito, esse próprio conceito cria desordem.

Agora, a pessoa acabou com tudo isso. Então a pergunta é: existe algo além de tudo isto que nunca é tocado pelo pensamento humano, pela mente?

DB: Sim, agora isso cria uma questão difícil: não tocado pela mente humana, mas a mente pode ir além do pensamento.

K: Sim, é isso que eu quero.

DB: Você quer dizer com mente só pensamento, sentimento, o desejo, a vontade, ou algo mais?

K: Por enquanto temos dito que a mente humana é tudo isso.

DB: Mas não é; a mente é agora considerada como sendo limitada.

K: Não. Desde que a mente humana seja capturada nisso, ela é limitada.

DB: Sim, a mente humana tem potencial.

K: Um potencial tremendo.

DB: O que ela não percebe agora quando está aprisionada no pensamento, sentimento, desejo, vontade, esse tipo de coisa.

K: Certo.

DB: Então, vamos dizer que o que está além disto não é tocado por este tipo limitado de mente.

K: Sim.

DB: Agora, o que queremos dizer com a mente que está além deste limite?

K: Primeiro de tudo, senhor, há tal mente? Existe tal mente que, na verdade, não teoricamente, ou romanticamente, pode dizer: "Eu já passei por isto?".

DB: Você quer dizer, pelas coisas materiais.

K: Sim. E, estando inteiramente nisso significa que acabou com ele. Existe tal mente? Ou será que só acho que terminei com isso, e, portanto, cria-se a ilusão de que há algo mais? Eu não vou aceitar isso. Um ser humano, uma pessoa, "X", diz, "eu entendi isto. Vejo a limitação de tudo isto. Já passei por isso, e cheguei ao fim disso". E esta mente, tendo chegado ao final disso, não é mais a mente limitada. Existe uma mente que é totalmente sem limites?

DB: Qual é a relação entre essa mente ilimitada e o cérebro?

K: Eu quero ser claro sobre este ponto. Esta mente, cérebro, a totalidade, toda a natureza e estrutura da mente inclui as emoções, o cérebro, as reações, as respostas físicas, tudo isso. Esta mente vive em crise, no caos, na solidão, e ela entendeu tudo isso, teve um profundo insight disso. Ter tal insight tão profundo limpou o campo. Esta mente já não é mais aquela mente.

DB: Sim, ela já não é mais a mente limitada original.

K: Sim. Não só isso, não mais a mente limitada, a mente danificada. Mente danificada significa emoções danificadas, cérebro danificado.

DB: As células em si não estão na ordem correta.

K: .Certo. Mas quando há esse insight e, portanto, ordem, o dano é desfeito.

DB: Pelo raciocínio você pode ver que é realmente possível, porque pode dizer que o dano foi feito por pensamentos e sentimentos desordenados, que superexcitaram e romperam as células e agora com o insight, isso para e há um novo processo.

K: Sim, é como uma pessoa que por 50 anos caminha em determinada direção. Se de repente ela percebe que é a direção errada, todo o cérebro muda.

DB: Ele muda no núcleo e, em seguida, a estrutura errada é desmontada e curada. Isso pode levar tempo.

K: Certo.

DB: Mas o insight...

K: É o fator que muda.

DB: E esse insight não leva tempo.

K: Certo.

DB: Mas isso significa que todo o processo alterou a origem.

K: A mente limitada, com toda a sua consciência e o seu conteúdo diz que isto está acabado. Agora, é essa mente - que tem estado limitada, mas teve um insight sobre a sua limitação e afastou-se disso - uma realidade? Isso então é algo realmente, tremendamente revolucionário? E, por isso, não é mais a mente humana?

Quando a mente humana com a sua consciência, que é limitada está acabada, então o que é a mente?

DB: Sim, e o que é a pessoa, o que é o ser humano?

K: O que é um ser humano, então? E qual é a relação entre a mente que não é criada pelo homem com mente criada pelo homem? Pode-se observar, realmente, profundamente, sem qualquer preconceito, se tal mente existe? Pode a mente, condicionada pelo homem, descondicionar-se tão completamente que ela não é mais essa mente criada pelo homem? Pode a mente feita pelo homem libertar-se completamente de si mesma?

DB: Sim, claro que essa é uma afirmação um tanto paradoxal.

K: É claro que é paradoxal; mas é real, é assim. Vamos começar de novo. Pode-se observar que a consciência da humanidade é o seu

conteúdo. E o seu conteúdo são todas as coisas criadas pelo homem, a ansiedade, medo e assim por diante. E isso não é só o particular, é o geral. Tendo tido um insight nisso, ela mesma limpou-se disso.

DB: Bem, isso implica que ela sempre foi potencialmente mais do que isso, mas o insight lhe permitiu se libertar disso. É isso que você quer dizer?

K: Eu não diria que o insight é potencial.

DB: Há um pouco de dificuldade de linguagem, se você diz que o cérebro ou a mente teve um insight sobre seu próprio condicionamento, então você está quase dizendo que ela tornou-se algo mais.

K: Sim, eu estou dizendo isso, eu estou dizendo isso. O insight transforma a mente criada pelo homem.

DB: Sim, mas então ela não é mais a mente criada pelo homem.

K: Não é mais. Esse insight significa que todo o conteúdo da consciência foi apagado. Não pouco a pouco; a totalidade do mesmo. E esse insight não é o resultado do esforço do homem.

DB: Sim, mas então isso parece levantar a questão de onde é que ele vem.

K: Tudo bem. De onde ele vem? Sim. No próprio cérebro, na própria mente.

DB: O que, o cérebro ou a mente?

K: Mente, estou dizendo o todo disto.

DB: Nós dissemos que há mente, certo?

K: Só um minuto, senhor. Vamos devagar. É bastante interessante. A consciência é feita pelo homem, a geral e a particular. E logicamente, razoavelmente se vê as limitações da mesma. Então, a mente foi muito mais longe. Trata-se então de um ponto em que ela pergunta: "Tudo isso pode ser apagado em uma respiração, um golpe,

um movimento? E esse movimento é o insight, o movimento do insight. Ele ainda está na mente, mas não nasceu desta consciência.

DB: Sim. Então você está dizendo que a mente tem a possibilidade, o potencial, de mover-se para além dessa consciência.

K: Sim.

DB: O cérebro, a mente pode fazer isso, mas não tem em geral feito isso.

K: Sim. Agora, depois de ter feito tudo isso, há uma mente que não é só feita pelo homem, mas que o homem não pode conceber, não pode criar, que não é uma ilusão? Existe tal mente?

DB: Bem, acho que o que você está dizendo é que essa mente tendo se libertado da estrutura geral e particular da consciência da humanidade, de seus limites, é agora muito maior. Agora você diz que esta mente está levantando uma questão.

K: Esta mente está levantando a questão.

DB: Que é qual?

K: Que é, em primeiro lugar, é essa mente livre da mente feita pelo homem? Essa é a primeira pergunta.

DB: Pode ser uma ilusão.

K: A ilusão é o onde eu quero chegar. Temos que ser muito claros. Não, não é uma ilusão, porque ele vê que a medição é uma ilusão; conhece a natureza da ilusão; que nasce do desejo. E ilusões criam limitações, e assim por diante. Ele não só entendeu isso, acabou com isso.

DB: Ele está livre do desejo.

K: Livre de desejo. Essa é a sua natureza. Eu não quero colocar de forma tão brutal. Livre do desejo.

DB: Está cheio de energia.

K: Sim. Portanto, esta mente, que já não é geral e nem particular, é, portanto, não limitada; a limitação foi quebrada através do insight, e, portanto, a mente não é mais a mente condicionada. Agora, então, o que é essa mente? Ciente de que já não está presa em uma ilusão?

DB: Sim; mas estávamos dizendo que foi levantada uma questão sobre se existe algo muito maior.

K: Sim, é por isso que estou levantando a questão. Existe uma mente que não é feita pelo homem? E se existe, qual é a sua relação com a mente feita pelo homem?

Veja, toda a forma de afirmação, toda a forma de declaração verbal não é isso. Então, estamos perguntando se existe uma mente que não é feita pelo homem. Acho que só pode ser investigada quando as limitações já não existem, caso contrário, é só uma pergunta tola.

Portanto, é preciso estar absolutamente livre de tudo isso. Só então você pode colocar essa pergunta. Então você coloca essa pergunta, não "você", assim a questão é levantada: existe uma mente que não é feita pelo homem, e se houver tal mente, qual é a sua relação com a mente feita pelo homem? Agora, existe tal mente? É claro que existe. Claro, senhor. Sem ser dogmático ou pessoal, ou todo esse negócio, existe. Mas não é Deus, já passamos por tudo isso.

Existe. Então, a próxima pergunta é: qual é a relação dela com a mente humana, a mente feita pelo homem? Tem ela algum relacionamento? Ela tem um relacionamento com aquilo? Obviamente que não. A mente feita pelo homem não tem nenhuma relação com aquela. Mas aquela tem uma relação com esta.

DB: Sim, mas não com as ilusões da mente feita pelo homem.

K: Vamos ser claros. Minha mente é a mente humana. Ela tem ilusões, desejos e assim por diante. E há essa outra mente que não tem, que está além de todas as limitações. Esta mente ilusória, a mente feita pelo homem, está sempre buscando aquela.

DB: Sim, esse é o seu principal problema.

K: Sim, esse é o seu principal problema. Ela está medindo, está "progredindo", dizendo: "Eu estou chegando mais perto, indo mais longe". E essa mente, a mente humana, a mente que é feita por seres humanos, a mente feita pelo homem, está sempre em busca disso, e, portanto, está criando mais e mais mal, confusão. Esta mente feita pelo homem não tem nenhuma relação com aquela. Agora, tem ela qualquer relação com isso?

DB: Eu estava sugerindo que ela teria que ter, mas que se considerarmos as ilusões que estão na mente, como desejo, medo e assim por diante, ela não tem nenhuma relação com isso, porque são invenções de qualquer maneira.

K: Sim, entendido.

DB: Mas ela pode ter um relacionamento com a mente feita pelo homem ao compreender a sua verdadeira estrutura.

K: Você está dizendo, senhor, que essa mente tem uma relação com a mente humana no momento em que ela está se afastando das limitações?

DB: Sim, mas ao compreender essas limitações ela se afasta.

K: Sim, se afasta. Então, ela tem uma relação.

DB: Temos que ter as palavras certas. A mente que não é limitada, que não é feita pelo homem, não pode estar relacionada com as ilusões que estão na mente feita pelo homem.

K: Não, concordo.

DB: Mas ela tem que estar relacionada com a fonte, por assim dizer, com a verdadeira natureza da mente feita pelo homem, que está por trás da ilusão.

K: A mente feita pelo homem está baseada em quê?

DB: Bem, em todas estas coisas que dissemos.

K: Sim, que é a sua natureza. Portanto, como é que ela pode ter uma relação com a outra, até mesmo, basicamente?

DB: O único relacionamento está em compreendê-la, de modo que alguma comunicação seria possível, o que poderia ser comunicado a outra pessoa.

K: Não, estou questionando isso.

DB: Sim, porque você estava dizendo que a mente que não é feita pelo homem pode estar relacionada com a mente limitada e não o contrário.

K: Até isso eu questiono.

DB: Sim, tudo bem, você está mudando isso.

K: Não, só estou pressionando um pouco.

DB: Pode ou não ser assim, é isso que você quer dizer ao questionar isso?

K: Sim, estou questionando isso. Qual é então a relação do amor com o ciúme? Ele não tem nenhum.

DB: Não com o ciúme em si, não; ele é uma ilusão, mas...

K: Estou usando duas palavras, amor e ódio. Amor e ódio realmente não têm nenhuma relação entre si.

DB: Não, não realmente. Veja, acho que o amor pode compreender a origem do ódio.

K: Ah, sim, sim. Entendo Você está dizendo que o amor pode compreender a origem do ódio e como o ódio surge. O amor entende isso?

DB: Bem, eu acho que, em certo sentido, ele entende a sua origem na mente feita pelo homem, e que, tendo visto a mente feita pelo homem e toda a sua estrutura e se afastou...

K: Será que estamos dizendo, senhor, que esse amor - usando essa palavra no momento - tem uma relação com o não-amor?

DB: Apenas no sentido de dissolver isso.

K: Eu não tenho certeza, não tenho certeza, temos de ser muito cuidadosos aqui. Ou o fim de si mesmo...

DB: O que é isso?

K: Com o fim do ódio, o outro está; não o outro tem relação com a compreensão do ódio.

DB: Veja, então temos que perguntar como é iniciado.

K: Suponha que tenho ódio. Posso ver a origem disso: é porque você me insultou.

DB: Essa é uma noção superficial da origem. Porque nos comportamos de forma tão irracional é a origem mais profunda. Não há nada de real, se você simplesmente me insultar, então por que eu deveria responder ao insulto?

K: Porque todo o meu condicionamento é isso.

DB: Sim, isso é o que quero dizer com a sua compreensão da origem.

K: Mas será que o amor me ajuda a entender a origem do ódio?

DB: Não, mas acho que alguém com ódio, em comoção, entende a origem e se afasta.

K: Afastando-se, em seguida, o outro está. O outro não pode ajudar a se afastar.

DB: Não, mas suponha que um ser humano tem esse amor e outro não tenha. Pode o primeiro comunicar algo que irá iniciar o movimento no segundo?

K: Isso significa que A pode influenciar B.

DB: Não influenciar, mas, por exemplo, por que alguém estaria falando algo sobre isso?

K: Essa é uma questão diferente. Não, a pergunta, senhor, é a seguinte: o ódio é dissipado pelo amor?

DB: Não.

K: Ou, na compreensão do ódio e o fim do mesmo, o outro está?

DB: Está certo. Mas digamos que o outro agora está em A, que A tenha atingido isso. O amor está em A, e ele vê B, e estamos perguntando o que ele vai fazer. Veja, essa é a questão. O que ele vai fazer?

K: Qual é a relação entre os dois? Minha esposa ama, e eu odeio. Ela pode falar comigo, pode apontar minha irracionalidade, e assim por diante, mas o seu amor não vai transformar a fonte do meu ódio.

DB: Está claro, sim, exceto que o amor é a energia que vai estar por trás da conversa.

K: Por trás da conversa, sim.

DB: O amor em si não uma coisa que vai lá e dissolve o ódio.

K: Claro que não, isso é romântico.
Assim, o homem que odeia, que tem um insight sobre a origem do mesmo, a causa disso, o movimento do mesmo, e acaba com isso, tem o outro.

DB: Sim. Dizemos que A é aquele que enxergou tudo isso e agora ele tem a energia para colocar para B. Cabe a B determinar o que acontece.

K: É claro. Acho que seria melhor investigarmos isso.

12

A Inteligência do Amor

16 de Setembro de 1980,
Brockwood Park, Hampshire

KRISHNAMURTI: Nós temos dito que um ser humano que já passou por todos os problemas da vida, tanto físicos como psicológicos, e compreendeu realmente o pleno significado da liberdade das memórias psicológicas, conflitos e angústias, chega a um ponto onde a mente encontra a si mesma livre, mas não reuniu a energia suprema necessária para ir além de si mesma.

Pode a mente, o cérebro, toda a estrutura psicológica, estar alguma vez livre de todos os conflitos, de toda a sombra de qualquer perturbação? Ou a ideia de total liberdade é uma ilusão?

DAVID BOHM: Isso é uma possibilidade. No entanto, algumas pessoas diriam que nós poderíamos ter uma liberdade parcial.

K: Ou é a condição humana tão determinada pelo passado, pelo seu próprio condicionamento, que nunca poderá libertar-se dele, como alguns filósofos têm afirmado?

Houveram algumas pessoas religiosas profundamente não-sectárias, totalmente livres de todas as religiões organizadas e crenças, rituais, dogmas, que disseram que isto pode ser feito, mas muito poucos disseram. Ou alguns dizem que irá demorar um tempo muito longo, que você deve passar por várias vidas e sofrer todos os tipos de misérias e, finalmente, chegar a isso. Mas nós não estamos pensando em termos de tempo. Estamos perguntando se um ser humano - admitindo, sabendo que é condicionado, intensamente, profundamente, de modo que todo o seu ser é isso - nunca poderá libertar a si próprio. E se puder, o que está além? Isso é onde estávamos chegando.

Será que essa questão é razoável ou válida, a menos que a mente tenha realmente acabado com toda a árdua labuta da vida? Dissemos que nossas mentes são fabricadas pelo homem e perguntamos se há uma mente que não seja feita pelo homem. É possível que essa mente feita pelo homem possa libertar-se a si própria a partir dessa própria mente mecânica artificial? Como descobriremos isso?

DB: Há uma coisa difícil de expressar aqui. Se essa mente é totalmente feita pelo homem, totalmente condicionada, então em que sentido ela pode sair disso? Se você disser que ela tinha pelo menos a possibilidade de algo mais além...

K: Então, isso se torna uma recompensa, uma tentação.

DB: Logicamente pode parecer incoerente dizer que a mente está totalmente condicionada e ainda assim escapar disso.

K: Se alguém admite que haja uma parte que não está condicionada, então entramos em outra coisa bem diferente.

DB: Isso pode ser outra inconsistência.

K: Sim. Temos dito que a mente, embora profundamente condicionada, pode libertar-se através do insight. Essa é a verdadeira chave para isso. Será que você concorda com isso?

DB: Sim.

K: Nós nos aprofundamos no que é a natureza do insight. Pode o insight descondicionar a mente completamente e varrer completamente todas as ilusões, todos os desejos? Ou ele é parcial?

DB: Se dissermos que a mente está totalmente condicionada, isso sugere algo estático, que nunca iria mudar. Agora, se afirmamos que a mente está sempre em movimento, então de alguma forma tornar-se impossível dizer o que ela é neste momento. Nós não poderíamos dizer que ela tem estado totalmente condicionada.

K: Não, vamos dizer que eu estou totalmente condicionado, ela está em movimento, mas o movimento está dentro de um limite,

dentro de um determinado campo. E o campo está definitivamente marcado. A mente pode expandi-lo e contraí-lo, mas a fronteira é muito, muito limitada, definida. Agora, ela está sempre em movimento dentro dessa limitação. Pode ela fugir disso?

DB: Esse é o ponto, esse é outro tipo de movimento. É uma espécie de outra dimensão, que você disse.

K: Sim. E nós dissemos que é possível através do insight, que também é um movimento, um tipo totalmente diferente de movimento.

DB: Sim, mas então dissemos que o movimento não tem origem no indivíduo, nem na mente geral.

K: Sim. Não é o insight do particular ou do geral. Estamos, então, afirmando algo muito espantoso.

DB: Isso sim viola a maior parte do tipo de lógica que as pessoas usam. Ou o particular ou o geral deve cobrir tudo, em termos de lógica comum.

K: Sim.

DB: Agora, se você está dizendo que há algo além de ambos, isso já é uma questão que não foi estabelecida, e eu acho que tem grande importância.

K: Como podemos então afirmar isso, ou como podemos então chegar a isso?

DB: As pessoas dividem-se basicamente em dois grupos. Um grupo sente que a base é o concreto, a atividade diária particular. O outro grupo sente que o geral, o universal, é a base. Um é o tipo mais prático, e o outro o tipo mais filosófico. Em geral, esta divisão tem sido visível ao longo da história, e também na vida cotidiana, aonde quer que você olhe.

K: Mas, senhor, o geral é separado do particular?

DB: Não é. A maioria das pessoas concorda com isso, mas as pessoas tendem a dar ênfase a um ou outro. Alguns dão ênfase ao par-

ticular, dizendo que o geral está lá, mas se você cuidar do particular o geral vai ficar bem. Os outros dizem que o geral é a coisa principal, o universal, e ficando esse correto você vai ter o particular correto. Então, houve uma espécie de desequilíbrio para um lado ou para o outro, uma tendência na mente do homem. O que está sendo levantado aqui é a noção de que não é nem o geral nem o particular.

K: É isso mesmo. É exatamente isso. Podemos discutir isso logicamente? Usando sua experiência, seu cérebro científico e este homem que não é tudo isso, podemos ter uma conversa para saber se o geral e o particular são um, não divididos absolutamente?
Então, onde estamos agora? Não somos nem o particular, nem o geral. Essa é uma afirmação que dificilmente pode ser aceita razoavelmente.

DB: Bem, é razoável se você considerar o pensamento como um movimento, em vez de um conteúdo. Então, o pensamento é o movimento entre o particular e o geral.

K: O pensamento é um movimento. Certo; nós concordamos com isso. Mas o pensamento é o geral e o particular.

DB: O pensamento também é o movimento. No movimento ele vai além sendo um ou o outro.

K: Será que é?

DB: Bem, ele pode. Normalmente isso não acontece, pois normalmente o pensamento é capturado de um lado ou do outro.

K: Essa é toda a questão, não é? Normalmente o geral e o particular estão na mesma área.

DB: Sim, e você se fixa em um ou outro.

K: Sim, mas na mesma área, no mesmo campo. E o pensamento é o movimento entre os dois. O pensamento criou ambos.

DB: Sim, ele criou ambos e se move entre os dois.

K: Sim, entre e em volta e nessa área. E tem feito isso por milênios.

DB: Sim, e a maioria das pessoas acha que é tudo o que se pode fazer.

K: Sim. Agora nós estamos dizendo que, quando termina o pensamento, esse movimento que o pensamento criou também chega ao fim. Portanto, o tempo chega ao fim.

DB: Nós devemos ir mais devagar aqui, porque você vê que é um salto do pensamento para o tempo. Passamos por isso antes, mas ainda é um salto.

K: Desculpe, certo. Vejamos. O pensamento criou o geral e o particular, e o pensamento é um movimento que une os dois. O pensamento se move em torno disso, por isso ainda está na mesma área.

DB: Sim, e fazendo isso ele criou o tempo, que é parte do geral e do particular. O tempo é um tempo particular e também um tempo geral.

K: Sim, mas veja, o pensamento é tempo.

DB: Bem, isso é outra questão. Nós dissemos que o pensamento tem um conteúdo que é sobre o tempo, e que o pensamento é um movimento que é tempo. Pode-se dizer que está se movendo do passado para o futuro.

K: Mas, senhor, o pensamento é baseado no tempo, o pensamento é o resultado do tempo.

DB: Sim, mas então isso significa que o tempo existe além do pensamento? Se você diz que o pensamento é baseado no tempo, então o tempo é mais fundamental do que se pensava.

K: Sim.

DB: Temos que investigar isso. Pode-se dizer que o tempo é algo que estava lá antes do pensamento, ou, pelo menos, está na origem do pensamento.

K: O tempo existe quando há o acúmulo de conhecimento.

DB: Bem, isso surgiu do pensamento até certo ponto.

K: Não, eu atuo e aprendo. Essa ação não é baseada em conhecimento prévio, mas eu faço alguma coisa, e no fazer eu aprendo.

DB: Sim, em seguida essa aprendizagem é registrada na memória.

K: Sim, portanto o pensamento não é essencialmente o movimento do tempo?

DB: Nós temos que dizer em que sentido essa aprendizagem é o movimento do tempo. Você pode dizer que quando aprendemos isso é registrado, e, em seguida, o que você aprendeu opera na próxima experiência.

K: Sim. O passado está sempre se movendo para o presente.

DB: Sim, e misturando, fundindo-se com o presente. E os dois juntos são novamente registrados como a próxima experiência.

K: Então, estamos dizendo que o tempo é diferente do pensamento, ou o tempo é o pensamento?

DB: Nós estamos dizendo que este movimento de aprendizagem, e a resposta da memória na experiência e, em seguida, registrando, é o tempo, e que também é o pensamento.

K: Sim, isso é o pensamento. Existe um tempo separado do pensamento?

DB: Isso é outra questão. Poderíamos dizer que fisicamente ou no tempo do cosmos existe um significado além do pensamento?

K: Fisicamente, sim, eu entendo isso.

DB: Então, nós estamos falando na mente ou psicologicamente.

K: Psicologicamente. Enquanto existir acúmulo psicológico como conhecimento, como o "eu", e assim por diante, há o tempo. Está baseado no tempo.

DB: Onde quer que haja acumulação, existe o tempo.

K: Sim, esse é o ponto. Onde quer que haja acúmulo há tempo.

DB: O que se torna um círculo, porque normalmente você diz que primeiro vem o tempo e no tempo você acumula.

K: Não, eu ia colocar isso novamente de outra maneira, pessoalmente.

DB: Sim. Mas é importante ver que isso é colocado de outra maneira. Então nós diríamos, suponha que não há acumulação, e aí?

K: Então - essa é toda a questão - não há o tempo. Enquanto eu estou acumulando, reunindo, tornando-se, há o processo do tempo. Mas se não há coleta, não há transformação, não há acumulação, onde existe o tempo psicológico? Então, o pensamento é o resultado da acumulação psicológica, e essa acumulação, essa coleta, dá-lhe um sentido de continuidade, que é o tempo.

DB: Parece que ele está em movimento. O que quer que tenha sido acumulado está respondendo ao presente, com a projeção do futuro, e, em seguida, isso é novamente registrado. Agora, a acumulação de tudo o que é registrado está na ordem do tempo, uma vez, na próxima vez, e assim por diante.

K: Certo. Então, nós estamos dizendo, o pensamento é tempo. Acumulação psicológica é pensamento e tempo.

DB: Nós estamos dizendo que temos duas palavras, quando na verdade só precisamos de uma.

K: Uma palavra. Correto.

DB: Porque temos duas palavras, procuramos duas coisas.

K: Sim. Há apenas um movimento, que é tempo e pensamento, tempo mais pensamento, ou o tempo/pensamento. Agora, pode a mente, que se moveu por milênios nessa área, libertar-se dela?

DB: Sim. Por que a mente está comprometida? Vejamos exatamente o que está segurando a mente.

K: A acumulação.

DB: Sim, mas por que a mente continua a acumular?

K: Porque na acumulação há uma salvação aparente, uma segurança aparente.

DB: O acúmulo de alimento físico pode fornecer certo tipo de segurança. E, em seguida, uma vez que não foi feita nenhuma distinção entre o exterior e o interior, havia a sensação de que se poderia acumular interiormente experiências ou algum conhecimento sobre o que fazer.

K: Estamos dizendo que a acumulação física exterior é necessária para a segurança, e que o mesmo movimento, a mesma ideia, a mesma vontade, move-se para o campo do psicológico, de modo que se acumula esperando estar seguro?

DB: Sim, interiormente esperando acumular as memórias atuais, ou relacionamentos, ou as coisas que você poderia contar, princípios que você poderia contar.

K: Então a acumulação psicológica é a ilusão de salvação, de proteção, de segurança?

DB: Sim. Parece que o primeiro erro foi que o homem nunca entendeu a distinção entre o que ele tem que fazer fora e o que ele tem que fazer dentro.

K: É o mesmo movimento, o exterior e o interior.

DB: O movimento que era certo externamente o homem transportou para o interior, sem saber que isso iria criar problemas.

K: Então, onde estamos agora? Um ser humano percebe tudo isso, chegou ao ponto em que ele diz: posso estar realmente livre dessa segurança acumulada, desse pensamento e desse tempo psicológico? Isso é possível?

DB: Bem, se dissermos que ele teve essa origem, então deve ser possível desmantelá-lo, mas, se foi embutido em nós, nada poderia ser feito.

K: Claro que não. Isso não é embutido em nós.

DB: A maioria das pessoas age como se acreditassem que foi.

K: Claro, isso é um absurdo.

DB: Se não foi embutido dentro de nós, então existe a possibilidade de mudança. Porque de alguma forma isso foi embutido, em primeiro lugar, através do tempo.

K: Se dissermos que é embutido, então estamos em um estado sem esperança.

DB: Sim, e eu acho que isto é uma das dificuldades das pessoas que usam a evolução. Trazendo a evolução, eles esperam sair dessa fronteira estática. Eles não percebem que a evolução é a mesma coisa, ou que é ainda pior, é o próprio meio pelo qual a armadilha foi feita.

K: Sim. Assim, como um ser humano, eu cheguei a esse ponto. Sei de tudo isso, estou plenamente consciente de sua natureza. E a minha próxima pergunta é: pode essa mente passar por este campo completamente, e entrar, talvez, para uma dimensão totalmente diferente? E nós dissemos que só pode acontecer quando há insight.

DB: Parece que o insight surge quando questionamos essa coisa toda muito profundamente, e vemos que não faz nenhum sentido.

K: Sim. Agora, tendo tido um insight sobre isso e vendo sua limitação, olhando além disso, o que está além?

DB: É muito difícil até mesmo expressar isso em palavras, mas dissemos que algo tem que ser feito nesta direção.

K: Sim. Eu acho que tem que ser colocado em palavras.

DB: Você poderia dizer por quê? Porque muitas pessoas podem sentir que devemos deixar isso totalmente não verbal.

K: Podemos dizer que a palavra não é a coisa? Seja qual for a descrição, não é o real, não é a verdade, por mais que você a embeleze ou a reduza. Nós reconhecemos que a palavra não é isso, então o

que há além de tudo isso? Pode minha mente estar de tal modo sem desejos que ela não vai criar uma ilusão, algo além?

DB: Então é uma questão de desejo, o desejo deve estar neste processo do tempo.

K: Desejo é tempo. Sendo, tornando-se, é baseado no desejo.

DB: Eles são uma e a mesma coisa, na verdade.

K: Sim, uma e a mesma coisa. Agora, quando se tem um insight de todo esse movimento do desejo e de sua capacidade de criar ilusão, isto está acabado.

DB: Como este é um ponto muito importante devemos tentar falar um pouco mais sobre o desejo: como ele é intrínseco ao processo de acumulação, como isso resulta em muitas maneiras diferentes. Por um lado pode-se dizer que, à medida que se acumula, vem uma sensação de que algo está faltando. Você sente que deve ter mais, algo para completar isso. Tudo o que você tiver acumulado não está completo.

K: Sim. Poderíamos entrar na questão do "tornar-se", em primeiro lugar? Por que todos os seres humanos têm esse desejo de se transformar? Podemos entendê-lo externamente, é simples. Fisicamente, você desenvolve um músculo para torná-lo mais forte. Você pode encontrar um emprego melhor, ter mais conforto, e assim por diante. Mas por que há esta necessidade na mente humana para tentar se tornar iluminado - vamos usar essa palavra no momento - tentar se tornar mais bom, melhor?

DB: Deve haver um sentimento de insatisfação com o que já está lá. Uma pessoa sente que ela gostaria de ser completa. Suponha, por exemplo, ela acumulou memórias de prazer, mas essas memórias não são mais adequadas e ela sente que algo mais é necessário.

K: É insatisfação, é isso?

DB: Bem, querer mais. Eventualmente, ela sente que deve ter tudo, o máximo.

K: Eu não tenho muita certeza se a palavra "mais" não é o verdadeiro espinho. Mais: eu serei mais, vou ter mais, vou me tornar; todo este movimento de avançar, ganhar, comparar, ir adiante, conseguir - psicologicamente.

DB: A palavra mais está justamente implícita em todo o sentido da palavra acumular. Então se você está acumulando você tem que estar acumulando mais, não há nenhuma outra maneira de fazê-lo.

K: Então, por que há essa necessidade na mente humana?

DB: Bem, nós não vemos que esse "mais" está errado, interiormente. Se começamos exteriormente a usar o termo "mais", mas então nós o transportamos para dentro, por algum motivo, não vimos o quão destrutivo ele era.

K: Por quê? Por que os filósofos e as pessoas religiosas muito inteligentes, que passaram grande parte de suas vidas em busca disso, não viram esta coisa muito simples? Por que os intelectuais não viram o simples fato de que onde há acúmulo deve haver mais?

DB: Eles viram isso, mas não identificaram nenhum mal nisso.

K: Eu não tenho certeza se eles viram isso.

DB: Eles estão tentando conseguir mais, então eles dizem, "Nós estamos tentando ter uma vida melhor". Por exemplo, o século XIX foi o "século do progresso". Os homens foram melhorando o tempo todo.

K: Progresso externo.

DB: Mas eles sentiram que o homem também estaria melhorando a si mesmo interiormente.

K: Mas por que eles nunca questionaram isso?

DB: O que os faria questionar isso?

K: Esta luta constante para o mais.

DB: Eles pensavam que era necessário para o progresso.

K: Mas isso é progresso? Terá esse mesmo impulso externo para ser melhor se movido para o domínio psicológico?

DB: Podemos deixar claro por que isso causa dano na esfera psicológica?

K: Vamos pensar. Qual é o mal em acumular, psicologicamente? Ah, sim, isso divide.

DB: O que provoca a divisão?

K: A própria natureza da acumulação provoca uma divisão entre você e eu, e assim por diante.

DB: Será que podemos deixar isso claro, porque é um ponto crucial? Eu posso ver que você está acumulando do seu jeito e eu acumulo do meu jeito. Então nós tentamos impor uma maneira comum de se acumular e isso é conflito. Dizem que todo mundo deveria ser "mais".

K: Isso é impossível. Isso nunca acontece. Tenho acumulado psicologicamente como um hindu, outro acumulou como um muçulmano, há milhares de divisões. A acumulação, em sua própria natureza, divide as pessoas e, portanto, cria o conflito.

Assim, podemos dizer, então, que no acúmulo o homem tem buscado a segurança psicológica, e essa segurança com a sua acumulação é o fator de divisão humana psicologicamente? É por isso que os seres humanos têm acumulado, não percebendo suas consequências. Percebendo isso, é possível não acumular?

Suponha que a minha mente está cheia com este processo de acumulação, que é o conhecimento psicológico. Pode tudo isso acabar? Claro que pode.

DB: Se a mente puder chegar à raiz disso.

K: Claro que pode. Ela vê que a segurança existente na acumulação é uma ilusão.

DB: Mas estamos dizendo que o desejo é o que mantém as pessoas nesse caminho.

K: Não só o desejo, mas esse instinto arraigado para acumular, para o futuro, para a segurança. Isso e o desejo andam juntos. Então, o desejo de mais acumulação é o fator de divisão, o conflito. Agora, estou perguntando, isso pode acabar? Se terminar através de uma ação da vontade, ainda é a mesma coisa.

DB: É parte do desejo.

K: Sim. Se terminar por causa de punição ou recompensa, ainda é a mesma coisa. Assim, a mente, a mente de alguém, vê isso e coloca tudo isso de lado. Mas pode a mente tornar-se livre da acumulação? Sim, senhor, eu acho que ela pode, ou seja, não ter nenhum conhecimento psicológico como acumulação.

DB: Sim, eu acho que nós temos que considerar que o conhecimento vai muito mais longe do que é normalmente pretendido. Por exemplo, se você adquire o conhecimento de um microfone, você constrói uma imagem, uma imagem do microfone e tudo fica nisso e se espera que continue. Então, se você tem conhecimento de si mesmo, constrói-se uma imagem de si mesmo.

K: Pode-se ter o conhecimento de si mesmo?

DB: Não, mas se você acha que tem, se você acha que há conhecimento sobre o tipo de pessoa que você é, isso se estabelece em uma imagem, com as expectativas.

K: Mas, afinal, se você tem conhecimento de si mesmo, você já construiu uma imagem. Mas uma vez que você percebe que a acumulação psicológica como conhecimento, é uma ilusão destrutiva e causa dor infinita e miséria, isso está acabado.

DB: Eu sei algumas coisas através do conhecimento, e ter esse tipo de conhecimento sobre mim mesmo é tolice, mas aí pode haver outros tipos de conhecimento que eu não reconheço como conhecimento.

K: Que tipo, que outros tipos de conhecimento se tem? Preferências, gostos e desgostos, preconceitos, hábitos. Tudo isso é a imagem que criamos.

DB: Sim. Agora, o homem tem se desenvolvido de tal maneira que essa imagem parece extraordinariamente real, e, portando, as suas qualidades não parecem ser conhecimento.

K: Tudo bem, senhor. Então, dissemos que a acumulação é o tempo e a acumulação é a segurança, e onde há acumulação psicológica deve haver divisão. E o pensamento é o movimento entre o particular e o geral, e do pensamento também nasce a imagem do que foi acumulado. Tudo isso é nosso estado interior. Isso está profundamente enraizado em mim. Eu reconheço que é mais ou menos necessário fisicamente. Mas como é que comecei a perceber que, psicologicamente, não é? Como eu, que tinha o hábito de acumular por milênios, no geral e no particular, não só reconheço o hábito, mas, quando reconheço o hábito, como é que o movimento chega ao fim? Esta é a verdadeira questão.

Onde é que a inteligência desempenha um papel em tudo isso?

DB: Tem que ter inteligência para ver isso.

K: É isso inteligência? É a chamada inteligência normal, ou alguma outra inteligência, algo completamente diferente?

DB: Eu não sei o que as pessoas querem dizer com inteligência, mas se elas querem dizer apenas a capacidade de...

K: Para discernir, distinguir, para resolver problemas técnicos, problemas econômicos e assim por diante, eu chamaria isso de inteligência parcial, porque não é realmente...

DB: Sim, chame isso de "habilidade no pensamento".

K: Tudo bem, habilidade no pensamento. Agora espere um minuto, é isso o que estou tentando descobrir. Eu percebo a razão da acumulação, divisão, segurança, geral e particular, pensamento. Eu posso ver a lógica de tudo isso. Mas a lógica, a razão e a explicação não acabam com a coisa. Outra qualidade é necessária. É essa qualidade a inteligência? Eu estou tentando me afastar do "insight" por um momento. A inteligência está associada com o pensamento? Está ela relacionada, ela é parte do pensamento, ela é um efeito muito claro, exato, preciso de conclusões lógicas do pensamento?

DB: Isso ainda seria mais e mais habilidade.

K: Sim, habilidade.

DB: Sim, mas quando nos referimos à inteligência, pelo menos, sugere-se que ela tem uma qualidade diferente.

K: Sim. A inteligência está relacionada ao amor?

DB: Eu diria que eles andam juntos.

K: Sim, eu estou caminhando lentamente para isso. Veja, eu percebi tudo isso que discutimos, e cheguei a uma parede branca, uma parede sólida que não posso ultrapassar. E observando, olhando, tateando ao redor, eu me deparei com esta palavra inteligência. E vejo que a chamada inteligência do pensamento, a habilidade, não é inteligência. Então estou perguntando se essa inteligência está associada, relacionada, ou é parte do amor. Não se pode acumular amor.

DB: Não, as pessoas podem tentar. As pessoas tentam garantir o amor.

K: Parece tolo! Isso é tudo bobagem romântica, coisa de cinema. Você não pode acumular amor. Você não pode associá-lo com ódio. Esse amor é algo completamente diferente. Esse amor tem inteligência? Que em seguida opera? O que então derruba a parede?

Tudo bem, senhor, vamos começar de novo. Eu não sei o que é o amor. Eu sei tudo do físico. Sei que prazer, desejo, acumulação, lembrança, imagens, não são amor. Percebi tudo isso há muito tempo. Mas eu cheguei ao ponto onde essa parede é tão grande que eu não posso nem saltar sobre ela. Então, eu estou agora procurando aqui e ali para ver se há um movimento diferente, que não é um movimento criado pelo homem. E esse movimento pode ser amor. Sinto muito por usar essa palavra, porque ela tem sido tão corrompida e mal utilizada, mas vamos usá-la por enquanto.

Assim, é esse amor, com a sua inteligência, o fator que vai demolir ou dissolver ou quebrar esta parede? Não "eu te amo", ou "você me ama". Isto não é pessoal ou particular. Não é geral ou particular. É algo além. Eu acho que quando se ama com essa inteligência ela abrange a totalidade, não é o particular ou o geral. Ela é isso. Ela é luz, não a luz particular. Se esse é o fator que vai demolir

a parede que está na minha frente, então eu não conheço esse amor. Como um ser humano, tendo atingido certo ponto, eu não posso ir além disso para descobrir esse amor. O que devo fazer? Não "fazer" ou "não fazer", mas qual é o estado da minha mente quando eu percebo que qualquer movimento deste lado da parede ainda a está fortalecendo? Percebo, através da meditação, ou seja lá o que você faz, que não há nenhum movimento, mas a mente não pode ir além disso.

Mas você vem e diz: "Olha, essa parede pode ser dissolvida, demolida, se você tem essa qualidade de amor com inteligência". E eu digo, "Excelente, mas não sei o que é isso". O que devo fazer? Eu não posso fazer nada, percebo isso. Tudo o que faço ainda é deste lado da parede.

Então, estou em desespero? Obviamente não, porque se estou em desespero ou deprimido, estou ainda em movimento no mesmo campo. Então, tudo isso foi interrompido. Percebendo que não posso fazer nada, não posso fazer qualquer movimento, o que se passa em minha mente? Eu percebo que não posso fazer nada. Então, o que aconteceu com a qualidade da minha mente, que sempre se moveu para acumular, para tornar-se? Tudo isso foi interrompido. No momento em que percebo isso - nenhum movimento. Isso é possível? Ou estou vivendo na ilusão? Ou realmente passei por tudo isso para chegar a esse ponto? Ou de repente digo, devo ficar quieto?

Há uma revolução em minha mente, uma revolução no sentido de que o movimento parou completamente? E se ele parou, é o amor algo além da parede?

DB: Bem, isso não quer dizer nada.

K: É claro, isso não poderia ser.

DB: A parede em si é o produto do processo que é ilusão.

K: Exatamente. Estou percebendo que a parede é este movimento. Assim, quando este movimento acaba, essa qualidade da inteligência, o amor e assim por diante, está lá. Essa é toda a questão.

DB: Sim, poderíamos dizer que o movimento termina, o movimento vê que ela não tem nenhum ponto?

K: É como a chamada "habilidade" para ver um perigo.

DB: Bem, pode ser.

K: Sim. Qualquer perigo exige certa quantidade de atenção. Mas eu nunca percebi, como um ser humano, que o processo de acumulação é um tremendo perigo.

DB: Porque essa parece ser a essência da segurança.

K: É claro. Você vem e indica para mim, e estou te ouvindo com muita atenção e vejo, e realmente percebo o perigo disso. E a percepção é parte do amor, não é? Assim, a própria percepção, sem nenhum motivo, sem nenhuma direção, da parede - que foi trazida à existência por este movimento de acumulação - é inteligência e amor.

13

O Findar do "Conhecimento Psicológico"

18 de Setembro de 1980,
Brockwood Park, Hampshire

KRISHNAMURTI: O que faz com que a mente sempre siga um determinado padrão? Sempre buscando? Se ela abandona um padrão, ela apanha outro; ela funciona o tempo todo assim. Pode-se fornecer explicações de por que ela age dessa forma — para se proteger, por segurança, devido à indiferença, a uma certa insensibilidade, por menosprezar o próprio florescimento da pessoa, etc.

Mas é realmente muito importante descobrir por que nossas mentes estão sempre operando numa certa direção.

Dissemos que, depois de muito esforço, investigação e insight, chega-se a uma parede em branco. E que essa parede branca só pode desaparecer, ou ruir, se houver amor e inteligência. Antes de nos aprofundarmos nisso, eu gostaria de perguntar por que os seres humanos, por mais inteligentes, instruídos, filosóficos e religiosos que sejam, sempre caem nessa rotina.

DAVID BOHM: Bem, penso que a rotina é inerente à natureza do conhecimento acumulado.

K: Você está dizendo então que o conhecimento deve criar invariavelmente uma rotina?

DB: Talvez não seja inevitável, mas parece que as coisas desenvolvem-se dessa maneira na humanidade, se estamos nos referindo ao conhecimento psicológico, isto é para dizer...

K: É evidente que estamos falando disso. Mas por que a mente não adquire consciência dessa situação — veja o perigo dessa repetição mecânica e o fato de que não há nada de novo nisso? Percebe como continuamos a fazê-lo?

DB: Parece-me que a rotina, ou o conhecimento acumulado, aparenta ter uma importância bem maior do que realmente possui. Se dissermos que temos conhecimento de algum objeto, como o microfone, isso terá uma importância limitada. Mas o conhecimento a respeito da nação a que pertencemos parece possuir uma importância imensa.

K: Sim. Seria então essa atribuição de importância a causa do estreitamento da mente?

DB: Como esse conhecimento parece ter um valor tremendo, que transcende todos os outros valores, ele faz com que a mente fique presa a isso. Parece a coisa mais importante do mundo.

K: Há, na índia, essa filosofia de que o conhecimento deve se extinguir — você a conhece, é claro, o Vedanta. Aparentemente, porém, muito poucas pessoas eliminam o conhecimento e falam a partir da liberdade.

DB: Veja, em geral, o conhecimento parece ser extremamente importante, mesmo que alguém diga verbalmente que ele deveria terminar... Quero dizer, o conhecimento sobre o eu.

K: Você quer dizer que somos tão estúpidos que não percebemos o fato de esse conhecimento psicológico ter muito pouca importância e, mesmo assim, nossas mentes agarrarem-se a ele?

DB: Eu não diria que somos tão estúpidos, e sim que esse conhecimento estupefaz o cérebro.

K: Estupefato. Isso mesmo. Mas parece que o cérebro não consegue se desembaraçar.

DB: Ele já está tão entorpecido que não consegue ver o que está fazendo.

K: O que ele fará então? Tenho observado durante muitos anos pessoas tentando se libertar de certas coisas. Essa é a raiz do problema, entende? Essa acumulação psicológica que se transforma em conhecimento psicológico. O cérebro então se divide, e todos os tipos de coisas acontecem à sua volta e dentro dele. Ainda assim, a mente se recusa a deixá-las fluir.

DB: Sim.

K: Por quê? Será por que existe segurança e estabilidade nisso?

DB: É em parte por causa disso, mas eu penso que, de alguma forma, esse conhecimento assumiu a importância do absoluto, em vez de ser relativo.

K: Eu compreendo tudo isso, mas você não está respondendo à minha pergunta. Sou um homem comum, percebo tudo isso, e a importância limitada do conhecimento em diferentes níveis; no entanto, mais profundamente dentro da pessoa esse conhecimento acumulado é muito destrutivo.

DB: O conhecimento ilude a mente, de modo que a pessoa não tem, normalmente, consciência de que ele é destrutivo. Uma vez iniciado esse processo, a mente não está mais num estado em que é capaz de observá-lo, pois está evitando a questão. Há um tremendo mecanismo de defesa ou de fuga relativo à observação de todo o processo.

K: Por quê?

DB: Porque parece que alguma coisa extremamente preciosa poderá estar em perigo.

K: Somos estranhamente inteligentes, capazes e habilidosos em outras direções, mas aqui, onde está a raiz de todo esse problema, por que não compreendemos o que está acontecendo? O que impede a mente de fazê-lo?

DB: Uma vez que se atribuiu importância ao conhecimento, há um processo mecânico que resiste à inteligência.

K: O que faremos então? Percebo que tenho de abandonar o conhecimento psicológico acumulado — que divide, é destrutivo e mesquinho — mas não consigo. É devido à falta de energia?

DB: Não basicamente, embora a energia esteja sendo dissipada pelo processo.

K: Depois de dissipar grande quantidade de energia, não terei energia suficiente para lidar com isso?

DB: A energia voltaria rapidamente se pudéssemos entender o que está ocorrendo. Não creio que esse seja o ponto principal.

K: Não. O que farei, então, ao perceber que esse conhecimento está formando, inevitavelmente, uma rotina na qual estou vivendo? Como vou demoli-lo?

DB: Bem, não tenho certeza de que, em geral, esteja claro às pessoas que esse conhecimento faz tudo isso; ou que o conhecimento é conhecimento. Veja, pode parecer que ele é algum "ser", o "eu", e o "mim". Esse conhecimento cria o "mim", e o "mim" é experienciado como uma entidade, que não parece ser o conhecimento, mas algum ser real.

K: Você está dizendo que esse "ser" é diferente do conhecimento?

DB: Parece que sim; ele simula uma diferença.

K: Mas ele é diferente?

DB: Ele não é, mas a ilusão tem um poder muito grande.

K: Tem sido esse o nosso condicionamento.

DB: Sim. O problema agora é: como passaremos por isso de modo a demolirmos a rotina, uma vez que ela cria a imitação, ou uma pretensão, de um estado de ser?

K: Veja, essa é a verdadeira questão. Há milhões de católicos, um bilhão de chineses. Esse é o movimento central do homem. Parece extremamente sem esperança. E ao compreender essa inutilidade, sento-me e digo que não posso fazer nada. Mas se eu concentrar minha mente no

assunto, surgirá a pergunta: pode-se funcionar neste mundo sem o conhecimento psicológico? Estou bastante preocupado com isso; parece ser este o problema fundamental que o homem tem de resolver, em todo o mundo.

DB: Exatamente. Mas podemos discuti-lo com alguém que o considere razoável. Mas talvez seu status seja ameaçado, e tenhamos de dizer que isso é conhecimento psicológico. Não parece a ele que isso seja conhecimento, e sim algo mais que isso. E ele não percebe que o conhecimento que tem desse status está por trás do problema. À primeira vista, o conhecimento parece ser algo passivo, que poderíamos usar se assim o desejássemos, e que poderíamos pôr de lado se o quiséssemos, e é exatamente assim que deveria ser.

K: Compreendo tudo isso.

DB: Mas chega então o momento em que o conhecimento não parece mais ser conhecimento.

K: Os políticos e as pessoas que estão no poder não escutariam isso. Nem tampouco os supostos indivíduos religiosos. Apenas as pessoas que estão descontentes, frustrados, que sentem que perderam tudo, que talvez escutarão. Mas nem sempre elas escutam, de modo que isso é realmente um ponto crucial.

O que faremos a respeito disso? Digamos, por exemplo, que eu tenha abandonado o catolicismo, o protestantismo, e tudo isso. Além disso, eu tenho uma profissão e sei que é necessário que eu tenha conhecimento nessa área. Percebo, porém, como é importante que eu não seja capturado no processo do conhecimento psicológico, e contudo não consigo abandoná-lo. Ele está sempre se esquivando; estou brincando de pregar peças com ele. É como um jogo de esconde-esconde. Está bem! Dissemos que essa é a parede que tenho de derrubar. Não, eu não — essa é a parede que tem que ser derrubada. E dissemos que ela pode ser derrubada por meio do amor e da inteligência. Não estamos pedindo uma coisa extremamente difícil?

DB: É difícil.

K: Eu estou deste lado da parede, e você está me pedindo para ter esse amor e essa inteligência que a destruirão. Mas eu não sei

o que é esse amor, o que é essa inteligência, porque estou preso aqui, neste outro lado da parede. Eu percebo logicamente, de forma sensata, que o que você diz é preciso, verdadeiro, lógico, e vejo sua importância, mas a parede é tão resistente, tão dominante e poderosa que não consigo atravessá-la. Dissemos outro dia que a parede poderia ser derrubada por meio do insight — se o insight não for transformado numa ideia.

DB: Sim.

K: Quando o insight é discutido, há o perigo de fazermos uma abstração dele; isso significa que nos afastamos do fato, e que a abstração se torna extremamente importante. O que quer dizer, mais uma vez, conhecimento.

DB: Sim, a atividade do conhecimento.

K: Assim, estamos novamente de volta!

DB: Penso que a dificuldade geral é que o conhecimento não está simplesmente sentado ali, como uma forma de informação, mas é extremamente ativo, reunindo e modelando todos os momentos em função do conhecimento passado. Desse modo, mesmo quando levantamos essa questão, o conhecimento fica o tempo todo à espera, e depois age. Toda a nossa tradição supõe que o conhecimento não é ativo e sim passivo. Mas na verdade ele é ativo, embora as pessoas geralmente não pensem dessa maneira. Elas acham que ele está apenas sentado ali.

K: Ele está esperando.

DB: Esperando para agir. E não importa o que tentemos fazer a respeito, o conhecimento já agirá. No momento em que percebermos que esse é o problema, ele já terá agido.

K: Sim. Mas será que eu o percebo como um problema, ou como uma ideia que devo executar? Percebe a diferença?

DB: O conhecimento, automaticamente, transforma tudo numa ideia, que devemos executar. Essa é a maneira global como ele é construído.

K: A maneira global como temos vivido.

DB: O conhecimento não pode fazer nada além disso.

K: Como podemos romper isso, mesmo que seja por um segundo?

DB: Parece-me que se pudéssemos ver, observar, estar conscientes — se o conhecimento pudesse estar consciente de si mesmo enquanto trabalha... A questão é que o conhecimento parece trabalhar de modo inconsciente, simplesmente esperando, e depois agindo, quando então ele já rompeu a ordem do cérebro.

K: Estou muito preocupado com isso, porque onde quer que eu vá é isso o que está acontecendo. É algo que tem de ser resolvido. Você diria que a capacidade de escutar é muito mais importante que tudo isso, que quaisquer explicações, ou lógica?

DB: Isso se reduz ao mesmo problema.

K: Não, não. Não se reduz. Eu quero ver se existe a possibilidade de, ao escutar completamente o que você está dizendo, a parede ser derrubada. Você entende? Será que existe essa possibilidade? — Estou tentando descobrir, senhor — Sou um homem comum e você está me dizendo tudo isso, e eu percebo que isso é verdadeiro. Estou de fato profundamente envolvido com o que você está dizendo, mas por alguma razão a chama não acende; todo o combustível está ali, porém não há fogo. O que farei então? Esse é o meu eterno apelo!

DB: O cérebro tem a capacidade de escutar; temos de perguntar se o homem comum está tão cheio de opiniões que não consegue escutar.

K: Não podemos ouvir com opiniões; é como se estivéssemos mortos.

DB: Penso que o conhecimento possui todos os tipos de defesas. É possível que, digamos, o homem comum, tenha essa percepção? É isso realmente o que você está perguntando, não é?

K: Sim. Mas deve haver uma comunicação entre você e esse homem, algo tão forte que o próprio ato de ele o escutar, e de você comunicar-se com ele, produz efeito.

DB: Sim, e então você tem de abrir caminho através das suas opiniões, através de toda a estrutura.

K: Naturalmente. É por isso que esse homem veio até aqui — para isso. Ele liquidou com todas as igrejas e doutrinas. Compreende que o que foi dito aqui é verdadeiro, e ele está "ardendo" para descobrir. Quando você se comunica com ele, sua comunicação é forte e autêntica, porque você não está falando com base em conhecimento ou opiniões. Um ser humano livre está tentando se comunicar com esse homem comum. Ele consegue, contudo, ouvir com a intensidade com que você, o comunicador, está transmitindo a ele? Ele quer escutar alguém que esteja falando a verdade, e quando isso é feito, alguma coisa ocorre no seu interior. Isso acontece porque está escutando ardentemente.

Isso é semelhante ao que ocorre quando você, como um cientista, diz alguma coisa a um dos seus alunos. Você está falando a respeito de algo que deve ser tremendamente importante, porque você lhe deu vida. E o estudante desistiu de muita coisa apenas para vir até você. É culpa do comunicador o fato de o ouvinte não recebê-lo instantaneamente? Ou o ouvinte é incapaz de escutá-lo?

DB: Bem, se ele for incapaz de escutar, nada poderá ser feito. Digamos porém, que alguém que tenha eliminado algumas dessas defesas se aproxime, embora existam outras das quais ele não tem consciência — isso é um pouco menos simples do que o que você descreveu.

K: Sinto que isso é de algum modo terrivelmente simples. Se pudéssemos escutar com todo o nosso ser, o cérebro não seria capturado pela rotina. Geralmente, na comunicação, alguém está dizendo algo e alguém o está absorvendo, mas há um intervalo entre o que está sendo dito e o que está sendo absorvido.

DB: Sim.

K: E o perigo está nesse intervalo. Se eu não absorver completamente, não escutar com todo o meu ser, estará acabado. Escutar é difícil por não haver nisso nenhuma sombra de prazer? Você não está oferecendo qualquer prazer, qualquer gratificação. Você está dizendo que é assim; tome-o. Mas minha mente está tão envolvida com o prazer que ela não ouvirá nada que não seja completamente

satisfatório ou agradável.

Também percebo o perigo de se buscar a satisfação e o prazer, de modo que também ponho isso de lado. Não há prazer, nem recompensa, nem castigo. No escutar, há somente a pura observação. Chegamos então ao seguinte ponto: a observação pura, que na realidade é escutar, é o amor? Penso que sim.

Mas, se você afirmar isso, minha mente então dirá: "Dê-me isso; diga-me o que fazer". Mas quando lhe peço que me diga o que fazer estou de volta ao campo do conhecimento. É tão instantâneo. Eu me recuso então a lhe perguntar o que fazer. Então, onde estou? Você se referiu à percepção sem qualquer motivo ou direção. A percepção pura é o amor. E nessa percepção o amor é a inteligência. Não são três coisas separadas, são uma coisa só. Você mostrou isso muito cuidadosamente, passo a passo, e cheguei àquele ponto em que tenho um sentimento com relação a isso. Mas ele se vai tão rapidamente. O problema então começa: "Como vou fazê-lo voltar?" Mais uma vez, a lembrança dele, que é o conhecimento, o impede.

DB: O que você está dizendo é que cada vez que ocorre uma comunicação, o conhecimento começa a trabalhar de várias formas diferentes.

K: Percebe, então, que é extremamente difícil livrar-se do conhecimento.

DB: Poderíamos perguntar por que o conhecimento não espera até que seja requisitado.

K: Isso significa estarmos psicologicamente livres do conhecimento, mas quando surgir a necessidade, atuarmos baseados na liberdade e não no conhecimento.

DB: Mas o conhecimento surge para inspirar sua ação, embora não seja sua causa.

K: Isso significa liberdade com relação ao conhecimento. E quando estamos livres, é com base na liberdade e não no conhecimento que nos comunicamos. Isto é, há comunicação a partir do vazio. Quando usamos palavras, elas são o produto do conhecimento, mas se originam desse estado de completa liberdade. Suponhamos agora que eu, como um ser humano comum, tenha atingido o ponto onde há essa liberdade, e que a comunicação ocorre a partir dele — você,

como um eminente cientista, conseguirá se comunicar comigo sem qualquer barreira? Entende o que estou dizendo?

DB: Sim. Há essa liberdade com relação ao conhecimento quando o conhecimento é encarado como informação. Mas normalmente ele parece ser mais do que informação, e o próprio conhecimento não percebe que ele não está livre.

K: Ele nunca está livre. E para que eu compreenda a mim mesmo, tenho de estar livre para olhar. Como você se comunicará comigo, que cheguei num ponto em que estou ardendo por receber o que você está dizendo, e desejo isso tão completamente que o conhecimento psicológico é eliminado? Ou será que estou me enganando por pensar que estou nesse estado?

DB: Bem, esse é o problema: o conhecimento está constantemente se iludindo.

K: Minha mente está então sempre se iludindo? Então o que farei? Voltemos a isso.

DB: Mais uma vez acho que a resposta é escutar.

K: Por que não escutamos? Por que não compreendemos isso imediatamente? Podemos fornecer todas as razões superficiais — velhice, condicionamento, preguiça, e assim por diante.

DB: Mas seria possível encontrar a razão profunda disso?

K: Penso que está no fato de o conhecimento, que é o "mim", ser tremendamente forte enquanto ideia.

DB: Sim, é por isso que tentei dizer que a ideia tem um tremendo significado e uma enorme importância. Por exemplo, suponha que você tem a ideia de Deus; isso se reveste de um tremendo poder.

K: Ou posso ter a ideia de que sou inglês ou francês; isso me confere uma grande energia.

DB: E isso cria então um estado corpóreo que parece o próprio ser do eu. A pessoa, porém, não o vivencia como mero conhecimento...

K: Sim, mas não estamos dando voltas e voltas e voltas? Parece-me que é isso que está acontecendo.

DB: Bem, eu estava me perguntando se há qualquer coisa que poderia ser comunicada com relação a esse poder esmagador que parece acompanhar o conhecimento...

K: ...e a identificação.

DB: Isso parece ser algo que vale a pena ser aprofundado.

K: O que significa, em sua raiz, "identificação"?

DB: Sempre o mesmo.

K: Sempre o mesmo; exatamente. Exatamente! Não há nada de novo sob o Sol.

DB: Você diz que o eu é sempre o mesmo. Tenta ser sempre o mesmo em essência, e até em detalhe.

K: Sim, sim.

DB: Penso que é isso que está errado com o conhecimento. Ele tenta se envolver com o que é sempre o mesmo, e então ele empaca. O próprio conhecimento tenta descobrir aquilo que é permanente e perfeito. Quero dizer, mesmo independentemente de qualquer um de nós. É como construí-lo dentro de nós, como as células.

K: Disso surge a pergunta: é possível escutar diligentemente? Estou usando a palavra "diligentemente" no sentido de precisão.

DB: Literalmente isso significa tomar as dores.

K: Tomar as dores, naturalmente. Tomar as dores, tirar o máximo da coisa. Tem de haver alguma outra maneira de lidarmos com toda essa questão intelectual. Usamos um bocado dela e essa capacidade intelectual nos conduz à parede nua. Qualquer que seja a direção por onde eu venha, acabo sempre chegando à parede, que é o "mim", com meu conhecimento, meu preconceito, e tudo o mais. O "mim" então diz: "Tenho de fazer algo a respeito disso". E isso ainda é o "mim".

DB: O "mim" quer sempre ser constante, mas ao mesmo tempo tenta mudar.

K: Tenta colocar um casaco diferente. É sempre o mesmo. Portanto, a mente que funciona com o "mim" é sempre a mesma mente. Meu Deus, veja, voltamos ao mesmo ponto!

Nós tentamos tudo — o jejum, todos os tipos de disciplina — para nos livrarmos do "mim" com todo seu conhecimento e ilusões. Tentamos nos identificar com outra coisa, que é a mesma coisa. Voltamos então ao problema fundamental: o que fará com que a parede nua desapareça completamente? Penso que isso só será possível quando o homem que está bloqueado puder dar total atenção ao que o homem livre estiver dizendo. Não há outra maneira de derrubar a parede — não é através do intelecto, nem das emoções, nem de qualquer outra coisa. Quando alguém que atravessou a parede, que a derrubou, diz: "Ouça, pelo amor de Deus", e eu o ouço com minha mente aberta, então está acabado. Você sabe o que estou dizendo? Não tenho nenhum sentimento de esperança de que alguma coisa aconteça, ou de que alguma coisa volte, ou de preocupação com o futuro. A mente está vazia e, portanto está escutando. Está acabado.

Para que um cientista descubra algo novo, ele deve ter um certo vazio a partir do qual haverá uma percepção diferente.

DB: Sim, mas apenas no sentido de que normalmente o assunto é limitado, e assim a mente poderá ficar vazia com relação a esse assunto particular, permitindo a descoberta através de um insight nessa área. Mas não estamos questionando essa área particular. Estamos questionando todo o conhecimento.

K: É extraordinário quando nos aprofundamos nisso.

DB: E você estava dizendo que o término do conhecimento é o Vedanta.

K: Esta é a verdadeira resposta.

DB: Geralmente, porém, as pessoas sentem que têm de manter o conhecimento numa área para poder questioná-lo em outra. Você

percebe que as pessoas poderiam achar preocupante a pergunta: com que conhecimento questiono todo o conhecimento?

K: Sim. Com que conhecimento questiono meu conhecimento? Exatamente.

DB: De certo modo, realmente temos conhecimento, pois vimos que toda essa estrutura de conhecimento psicológico não tem sentido, que é inconsistente e não tem significado.

K: A partir desse vazio sobre o qual estávamos falando haveria uma base ou uma fonte onde todas as coisas têm sua origem? A matéria, os seres humanos, suas capacidades, suas idiotices — começaria ali todo o movimento?

DB: Poderíamos considerar que é assim. Mas vamos tentar esclarecê-lo um pouco. Temos o vazio.

K: Sim, o vazio no qual não há movimento de pensamento como conhecimento psicológico e, portanto onde não há tempo psicológico.

DB: Embora ainda tenhamos o tempo do relógio...

K: Sim, mas já fomos além disso; não vamos voltar atrás. Não há tempo psicológico, nenhum movimento de pensamento. Seria esse vazio o começo de todo movimento?

DB: Bem, você diria que o vazio é a base?

K: É isso que estou perguntando. Vamos examinar isso mais devagar.

DB: Estávamos dizendo antes que existe o vazio, e que além dele encontra-se a base.

K: Eu sei, eu sei. Vamos discutir isso mais detalhadamente.

14

A Mente no Universo

20 de Setembro de 1980,
Brockwood Park, Hampshire

KRISHNAMURTI: Falamos outro dia sobre uma mente que está completamente livre de todo movimento, de todas as coisas que o pensamento colocou ali, o passado, o futuro, e assim por diante. Antes de abordarmos isso, porém, gostaria de discutir o fato do homem estar preso a atitudes e valores materialistas, e de perguntar qual é a natureza do materialismo.

DAVID BOHM: Bem, em primeiro lugar, materialismo é o nome de uma certa doutrina filosófica...

K: Não estou me referindo a isso.

DB: Veja, a matéria é tudo que existe.

K: Quero aprofundar isso. A natureza e todos os seres humanos reagem fisicamente. Essa reação é sustentada pelo pensamento. E o pensamento é um processo material. Assim sendo, a reação na natureza é uma resposta materialista.

DB: Penso que a palavra "materialista" não está bem correta. Ela é a resposta da matéria.

K: A resposta da matéria; vamos colocá-lo dessa forma. Assim está melhor. Estamos falando que temos uma mente vazia, e que chegamos ao ponto em que a parede foi derrubada. Vamos chegar a esse vazio e ao que está além dele, ou através dele — mas antes de fazê-lo, quero saber: toda reação é matéria?

DB: Matéria é movimento. Poderíamos dizer que há evidência nesse sentido, que a ciência encontrou um número enorme de reações que são atribuídas aos nervos.

K: Você diria então que a matéria e o movimento são as reações que há em toda matéria orgânica?

DB: Sim, toda matéria como nós a conhecemos está sujeita à lei da ação e da reação. Cada ação possui uma reação que lhe corresponde.

K: Dessa forma, ação e reação constituem um processo material, bem como o pensamento. Agora, a questão é irmos além disso.

DB: Mas antes de dizermos isso, algumas pessoas poderão achar que não há significado em irmos além. Essa seria a filosofia do materialismo.

K: Mas é muito, muito superficial viver apenas nessa área. Certo? Não há realmente nenhum significado nisso.

DB: Talvez devêssemos nos referir a uma coisa que as pessoas têm dito — que a matéria não é meramente ação e reação, mas pode ter um movimento criativo. Veja, a matéria pode criar formas novas.

K: Mas isso ainda está nessa área.

DB: Sim. Vamos tentar esclarecer isso. Temos que levar em conta que há formas muito sutis de materialismo que poderão ser difíceis de serem detectadas.

K: Vamos começar. Você consideraria o pensamento como um processo material?

DB: Sim. Bem, algumas pessoas poderão argumentar que é ao mesmo tempo material e que também transcende o material.

K: Sei. Já discuti isso. Mas ele não é.

DB: Como podemos dizer isso de modo simples, para torná-lo claro?

K: Qualquer movimento do pensamento é um processo material.

DB: Bem, temos de ampliar isso para que não se tome arbitrário. Como uma observação, podemos perceber que o pensamento é um processo material. Porém, como vamos constatar isso?

K: Como poderíamos perceber que o pensamento é um processo material? Acho que isso está bastante claro. Acontece uma experiência, um incidente, que é registrado, e que se transforma em conhecimento. Desse conhecimento surge o pensamento e ocorre a ação.

DB: Sim. Dizemos então que isso é o pensamento.

K: Qualquer afirmação de que ele esta além ainda é pensamento.

DB: Ele ainda está vindo do passado. Você está dizendo então que algo novo que passe a existir não é parte desse processo?

K: Sim, se deve existir algo novo, o pensamento, como um processo material, deve acabar. Evidentemente.

DB: E depois ele poderá usá-lo mais tarde.

K: Mais tarde, sim. Espere, veja o que vai acontecer mais tarde. Dizemos então que toda ação, reação e ação a partir dessa reação é movimento da matéria.

DB: Sim, um movimento muito sutil de matéria.

K: Então uma vez que a nossa mente está dentro dessa área, ela tem de ser um movimento da matéria. É possível então que a mente vá além da reação? Esse, obviamente, é o próximo passo. Como dissemos antes, ficamos irritados, e essa é a primeira reação. A reação a isso então, a segunda reação é: "Não devo ficar irritado". A terceira ação é: "Devo me controlar ou justificar minha atitude". É um processo permanente de ação e reação. Alguém pode ver que isso é um movimento contínuo que não tem fim?

DB: Sim. A reação é contínua, mas parece num dado momento haver terminado, e no momento seguinte parece ser um novo movimento.

K: Mas ainda é reação.

DB: Ainda é a mesma mas se apresenta de forma diferente.

K: Ela é sempre exatamente a mesma...

DB: Mas se apresenta sempre de maneira diferente, sempre nova.

K: Naturalmente. É exatamente isso. Você diz alguma coisa, eu me irrito, mas essa irritação é uma reação.

DB: Sim, apenas parece ser algo repentinamente novo.

K: Mas não é.

DB: Mas temos de ter consciência disso, entende? Em geral, a mente tende a não percebê-lo.

K: Mas após discutirmos e falarmos sobre isso, estamos sensíveis em relação a isso, estamos alertas ao problema. Haverá então um término da reação se estivermos vigilantes e atentos; se compreendermos não apenas de modo lógico, mas através de um insight desse processo de reação, ele poderá, naturalmente, terminar. É por isso que é muito importante compreendermos esse processo, antes de discutirmos o que é uma mente vazia, e se há alguma coisa além disso, ou se nesse próprio esvaziamento da mente há alguma outra qualidade.

Então essa mente vazia é uma reação? Uma reação aos problemas da dor, do prazer e do sofrimento? Uma tentativa de escaparmos disso tudo e alcançarmos um estado onde não há nada?

DB: Sim, a mente sempre poderá fazer isso.

K: Ela pode inventar. Isso se torna uma ilusão. Como dissemos, o desejo é o começo da ilusão. Agora chegamos ao ponto de perguntar se essa qualidade de vazio não será uma reação. Certo, senhor? Antes de continuarmos, gostaria de saber se é possível ter-se uma mente que esteja, de fato, completamente vazia de todas as coisas que o pensamento reuniu.

DB: Bem, quando o pensamento deixa de reagir.

K: Isso mesmo.

DB: Por um lado, talvez você possa dizer que essa reação é causada pela natureza da matéria, que está continuamente reagindo e se movendo. A matéria, então, seria afetada por esse insight?

K: Não estou entendendo muito bem. Ah, compreendo! O insight afeta as células do cérebro que contêm a memória?

DB: Sim. A memória está continuamente reagindo e se movendo, como fazem o ar e a água, e tudo que está à nossa volta.

K: Afinal de contas, se eu não reagir fisicamente, estarei paralisado; mas reagir incessantemente também é uma forma de paralisia.

DB: Bem, a espécie errada de reação! Reação em torno da estrutura psicológica. Assumindo, porém, que a reação em torno da estrutura psicológica tenha começado na humanidade, por que ela deveria parar algum dia? A reação causa outra reação, e outra, e poderíamos esperar que ela continuasse para sempre, e que nada a interrompesse.

K: Nada vai parar. Somente o insight relativo à natureza da reação acaba com a reação psicológica.

DB: Está dizendo então que a matéria é afetada pelo insight que está além da matéria.

K: Sim, além da matéria. Esse vazio está, então, dentro do próprio cérebro? Ou ele é algo que o pensamento concebeu como sendo vazio? Temos de ser muito claros.

DB: Sim. Mas não importa o que discutamos, não importa qual seja o assunto, o pensamento começa a querer fazer alguma coisa a respeito, porque o pensamento sempre acha que pode contribuir de alguma forma.

K: Exatamente.

DB: O pensamento no passado não compreendeu que existem áreas em que ele não tem qualquer contribuição útil a fazer, e manteve o hábito de afirmar que o vazio é muito bom, consequentemente, o pensamento diz: "Tentarei gerar o vazio".

K: Naturalmente.

DB: O pensamento está tentando ser útil!

K: Já passamos por tudo isso. Já vimos a natureza do pensamento, de seu movimento, do tempo, e tudo o mais. Mas eu quero descobrir se esse vazio está dentro da própria mente ou além dela.

DB: O que você entende por mente?

K: A mente é o todo — emoções, pensamento, consciência, o cérebro — esse todo é a mente.

DB: A palavra "mente" tem sido usada de várias maneiras. Agora você a está empregando de determinada forma, no sentido de que ela representa o pensamento, o sentimento, o desejo e a vontade — todo o processo material.

K: Sim, todo o processo material.

DB: Que as pessoas chamaram de não-material!

K: Isso mesmo. A mente, porém, é todo o processo material.

DB: Que ocorre no cérebro e nos nervos.

K: Em toda a estrutura. Podemos perceber que essa reação materialista pode ter um fim. E a próxima pergunta que vou fazer é se esse vazio está do lado de dentro ou do lado de fora. "De fora" no sentido de estar em outro lugar.

DB: Onde ele estaria?

K: Não creio que esteja em outro lugar, mas estou apenas fazendo a pergunta...

DB: Bem, qualquer coisa desse tipo é um processo material. "Aqui" e "lá" são distinções feitas no processo material.

K: Sim, está correto. Está dentro da própria mente, e não do lado de fora. Correto?

DB: Sim.

K: Então qual é o próximo passo? Esse vazio não contém nada? Nem uma coisa?

DB: Nem uma coisa, e com isso estamos nos referindo a nada que possua forma, estrutura, estabilidade.

K: Sim. Tudo isso, forma, estrutura, reação, estabilidade, capacidade. Nada disso. Então o que é? É a energia total?

DB: Sim, movimento de energia.

K: Movimento de energia. Não é movimento de reação.

DB: Não é movimento de coisas que reagem umas às outras. O mundo pode ser encarado como sendo formado por diversas coisas que reagem umas às outras e isso é um tipo de movimento: mas estamos dizendo que há uma espécie diferente de movimento.

K: Totalmente diferente.

DB: Não há nada nele.

K: Não há nada nele e, dessa forma, não pertence ao tempo. Isso é possível? Ou estamos apenas nos entregando à imaginação? A algum tipo de sensação romântica, promissora e agradável? Não creio que isso seja verdade porque já eliminamos tudo isso, passo a passo, até chegarmos a este ponto. Não estamos, portanto, nos iludindo. Dizemos, então, que o vazio não possui um centro, como o "mim", e todas as reações. Nesse vazio há um movimento de energia intemporal.

DB: Quando nos referimos à energia intemporal, poderíamos repetir o que já dissemos a respeito de o tempo e o pensamento serem um só.

K: Sim, naturalmente.

DB: Então você estava dizendo que o tempo só pode entrar num processo material?

K: Exatamente.

DB: Se tivermos uma energia que seja intemporal, mas que apesar disso se mova...

K: Sim, que não seja estática...

DB: Então o que é o movimento?

K: O que é o movimento? Daqui para ali.

DB: É uma forma.

K: Uma forma. Ou de ontem para hoje, e de hoje para amanhã.

DB: Há vários tipos de movimento.

K: Então, o que é o movimento? Há um movimento que não esteja se movendo? Entende? Há um movimento que não tenha nem começo nem fim? Que seja diferente do pensamento, que tem um início e um fim.

DB: A não ser que esteja dizendo que o movimento da matéria pode não ter início e nem fim; o movimento reativo. Não está falando disso, está?

K: Não, não estou falando disso. O pensamento tem um começo e o pensamento tem um fim. Há um movimento da matéria como reação, e o término dessa reação.

DB: No cérebro.

K: Sim. Mas há vários tipos de movimentos. Isso é tudo que sabemos. E alguém se aproxima e diz que há um tipo totalmente diferente de movimento. Para que compreendamos isso, porém, temos de estar livres do movimento do pensamento, e do movimento do tempo, para que possamos entender um movimento que não seja...

DB: Bem, há duas coisas a respeito desse movimento. Ele não tem início nem fim, mas também não é definido como uma série de sucessões a partir do passado.

K: Naturalmente. Não há causação.

DB: Mas veja bem, a matéria pode ser encarada como uma série de causas; isso pode não ser adequado. Mas agora você está dizendo que esse movimento não tem começo nem fim; que não é o resultado de uma série de causas que se seguem umas às outras.

K: Portanto, quero entender, mesmo que verbalmente, um movimento que não é um movimento. Eu não sei se estou sendo claro?

DB: Então, por que é chamado de movimento se não é um movimento?

K: Porque não é imóvel, é ativo, dinâmico...

DB: É energia.

K: Possui uma tremenda energia; logo, nunca pode ficar parado. Mas nessa energia ele tem a quietude.

DB: Penso que temos de reconhecer que a linguagem comum não consegue transmitir isso adequadamente, mas a própria energia está imóvel, mas também se movimenta.

K: Mas nesse movimento há um movimento da quietude. Isso soa estranho?

DB: Pode-se dizer que o movimento emerge da quietude.

K: Exatamente. É isso que ele é. Dissemos que esse vazio está na mente. Não possui causa nem efeito. Não é um movimento de pensamento, de tempo. Não é um movimento de reações materiais. Não é nada disso. O que significa: é a mente capaz dessa extraordinária quietude sem qualquer movimento? E quando ela está completamente imóvel, há um movimento que emerge dela.

DB: Bem, isso não precisa parecer loucura. Creio que mencionei anteriormente que algumas pessoas, como Aristóteles, tinham essa noção no passado; nós discutimos isso. Ele falou a respeito do motor imóvel, quando tentou descrever Deus, entende?

K: Ah, Deus, não. Não quero descrever...

DB: Não deseja descrever Deus, mas várias pessoas no passado tinham uma noção parecida com essa. Depois ela saiu de moda, eu acho.

K: Que tal fazermos com que ela fique na moda?

DB: Não estou dizendo que Aristóteles teve a ideia certa. Ele estava apenas pensando numa coisa semelhante, embora provavelmente diferente sob muitos aspectos.

K: Era um conceito intelectual ou uma realidade?

DB: É muito difícil de dizer por que é muito pouco conhecido.

K: Portanto, não temos de introduzir Aristóteles.

DB: Apenas queria assinalar que o conceito de um movimento de imobilidade não é uma loucura, porque outras pessoas bastante respeitáveis se envolveram com algo semelhante.

K: Estou contente! Estou contente por ser convencido de que não estou maluco! E este movimento a partir da imobilidade é o movimento da criação? Não estamos falando sobre o que os poetas, os escritores e os pintores chamam de criação. Para mim, isso não é criação; apenas capacidade, habilidade, memória e conhecimento operando. Neste caso, penso que essa criação não se expressa na forma.

DB: É importante estabelecer uma diferença. Normalmente pensamos que a criação se expressa na forma, ou como estrutura.

K: Sim, como estrutura. Já vimos que não somos malucos, e, portanto podemos continuar! Diria que esse movimento, por não pertencer ao tempo, é eternamente novo?

DB: Sim. É eternamente novo no sentido de que a criação é eternamente nova. Certo?

K: A criação é eternamente nova. Veja, esse frescor é o que os artistas estão tentando descobrir, consequentemente eles se envolvem em todos os tipos de absurdos, mas poucos atingem o ponto em que a mente se torna completamente silenciosa, e desse silêncio surge esse movimento que é sempre novo. O momento em que esse movimento se expressa...

DB: ...a primeira expressão é no pensamento?

K: É exatamente isso.

DB: E isso pode ser útil, mas depois se torna fixo e se transforma numa barreira.

K: Um erudito indiano disse-me certa vez que antes de as pessoas começarem a esculpir a cabeça de um deus, ou qualquer outra coisa, tinham de entrar num estado profundo de meditação. No momento certo, pegavam o martelo e o cinzel.

DB: A coisa surgia então do vazio. Temos aí outro ponto. Os aborígines australianos desenhavam figuras na areia para que elas não fossem permanentes.

K: Exatamente.

DB: Talvez possamos encarar o pensamento dessa maneira. Veja, o mármore é excessivamente estático, e dura milhares de anos. Assim, embora o escultor que criou a obra possa ter compreendido o processo, as pessoas que vieram depois a veem como uma forma fixa.

K: Que relação isso tem com minha vida diária? De que modo isso atua através das minhas ações, através das minhas reações físicas comuns ao barulho, à dor, às diversas formas de perturbação? Que relação tem o físico com esse movimento silencioso?

DB: Bem, na medida em que a mente estiver silenciosa, o pensamento estará ordenado.

K: Estamos chegando a algum lugar. Diria que o movimento silencioso, com seu frescor infinito, corresponde à ordem total do universo?

DB: Poderíamos considerar que a ordem do universo emerge desse silêncio e desse vazio e é eternamente criativa...

K: Qual é então a relação dessa mente com o universo?

DB: A mente particular?

K: Não; a mente.

DB: A mente em geral?

K: A mente. Acabamos com o geral e o particular, e, além disso, existe a mente.

DB: Diria que ela é universal?

K: Não gosto de usar a palavra universal.

DB: Universal no sentido de que está além do particular. Mas talvez essa palavra seja difícil.

K: Podemos encontrar outra palavra? Global não. Uma mente que esteja além do particular?

DB: Bem, poderíamos dizer que ela é a fonte, a essência. Ela foi chamada de absoluto.

K: Tampouco quero usar a palavra "absoluto".

DB: Absoluto significa literalmente aquilo que está livre de todas as limitações, de toda dependência.

K: Está bem, se concordar que "absoluto" significa estar liberto de toda dependência e limitação.

DB: De todos os relacionamentos.

K: Usaremos então essa palavra.

DB: Ela possui conotações infelizes.

K: Naturalmente. Mas vamos usá-la no momento apenas para a conveniência do nosso diálogo. Há essa imobilidade absoluta, e nessa imobilidade ou a partir dela há um movimento, e esse movimento é eternamente novo. Qual é a relação dessa mente com o universo?

DB: Com o universo da matéria?

K: Não, com todo o universo: com a matéria, as árvores, a natureza, o homem, os céus.

DB: Essa é uma pergunta interessante.

K: O universo está em ordem; seja destrutiva ou construtiva, é sempre ordem.

DB: Veja bem: a ordem tem a característica de ser absolutamente necessária; em certo sentido, não pode ser de outra maneira. A ordem que normalmente conhecemos não é absolutamente necessária. Poderia ser mudada; poderia depender de outra coisa.

K: A erupção de um vulcão é ordem.

DB: É a ordem do universo.

K: Exatamente. Agora, no universo há ordem e essa mente que está imóvel está completamente em ordem.

DB: A mente profunda, o absoluto.

K: A mente absoluta. Essa mente então é o universo?

DB: Em que sentido ela é o universo? Temos de compreender o que significa dizer isso, entende?

K: Significa perguntar se há uma separação, ou uma barreira entre essa mente absoluta e o universo. Ou eles são a mesma coisa?

DB: São a mesma coisa.

K: É aí que eu quero chegar.

DB: Ou temos dualidade de mente e matéria, ou elas são a mesma coisa.

K: Exatamente. Isso é presunção?

DB: Não necessariamente. Quero dizer que essas são apenas duas possibilidades.

K: Quero estar bem certo de que não estamos pisando em alguma coisa que na verdade necessita de uma abordagem bastante sutil - que precisa de muito cuidado. Entende o que estou querendo dizer?

DB: Sim. Vamos voltar para o corpo. Dissemos que a mente que pertence ao corpo — o pensamento, o sentimento, o desejo, a mente geral e a particular — é parte do processo material.

K: Totalmente.

DB: E não é diferente do corpo.

K: Isso mesmo. Todas as reações são processos materiais.

DB: E, portanto, o que em geral chamamos de mente não é diferente do que chamamos de corpo.

K: Exatamente.

DB: Agora você está tornando isso muito maior ao dizer: considere todo o universo. E perguntamos se aquilo a que denominamos mente no universo é diferente do que chamamos de universo em si e matéria.

K: É isso mesmo. Entende, então, por que sinto que deve haver ordem na nossa vida do dia-a-dia, mas não a ordem do pensamento.

DB: Bem, o pensamento é uma ordem limitada, ele é dependente, é relativo.

K: Exatamente. Portanto deve haver uma ordem que seja...

DB: ...livre de limitação.

K: Sim. Em nossa vida diária temos que ter isso — o que significa ausência de conflito, nenhuma contradição.

DB: Tomemos a ordem do pensamento. Quando ele é racional, está em ordem. Mas quando há contradição, a ordem do pensamento desmorona, atinge o seu limite. O pensamento funciona até que atinja uma contradição, e esse é o seu limite.

K: Dessa forma, se em minha vida diária houver uma ordem completa, na qual não haja qualquer perturbação, qual é a relação dessa ordem com a ordem que nunca termina? Esse movimento silencioso da ordem, essa coisa extraordinária, afeta minha vida diária, quando tenho uma ordem psicológica interna? Entende minha pergunta?

DB: Sim. Dissemos, por exemplo, que o vulcão é uma manifestação da ordem total do universo.

K: Exatamente. Ou um tigre matando um veado.

DB: A questão é, então, se um ser humano em sua vida corriqueira pode ser semelhante a isso.

K: Exatamente. Caso contrário, não vejo qual é o ponto do outro — do universal.

DB: Bem, não há qualquer ponto para o ser humano. Então ele cai de volta ao tentar criar o seu próprio propósito para fora de si mesmo, fora de seus pensamentos. Veja, algumas pessoas diriam: quem se importa com o universo? Nós nos preocupamos apenas com a nossa própria sociedade, e com o que nós estamos fazendo. Mas isso desmorona porque está cheio de contradições.

K: Obviamente. É apenas o pensamento que diz isso. Nesse caso, esse universo, que está numa ordem total, afeta de fato minha vida diária.

DB: Sim. Penso que os cientistas poderão perguntar como. Veja, alguém poderá dizer: "Entendo que o universo é constituído de matéria, e que as leis da matéria afetam nossa vida diária". Mas não está tão claro como ele afeta a mente; e se há essa mente absoluta que afeta a vida diária.

K: Ah! O que é minha vida diária? É algo desordenado e formado por uma série de reações. Certo?

DB: Sim, é basicamente isso.

K: E o pensamento está sempre lutando para trazer ordem a isso. Mas quando ele o faz, ainda há desordem.

DB: Porque o pensamento está sempre limitado por suas próprias contradições.

K: Naturalmente. O pensamento está sempre criando desordem, pois ele próprio é limitado.

DB: Sempre que tenta ultrapassar o limite, ocorre desordem.

K: Correto. Entendi, eu me aprofundei nisso, tenho um insight da coisa, de forma que tenho uma espécie de ordem em minha vida. Mas essa ordem ainda é limitada. Reconheço isso, e afirmo que essa existência é limitada.

DB: Contudo, algumas pessoas aceitariam isso, e perguntariam: "Por que deveríamos ter mais?"

K: Não estou tendo mais.

DB: Mas outros poderiam dizer: "Seríamos felizes se pudéssemos viver numa vida material, com a verdadeira ordem".

K: Direi: vamos fazer isso! Isso deve ser feito! Mas no próprio ato de fazê-lo, temos de compreender que é limitado.

DB: Sim, até mesmo a ordem mais elevada que possamos produzir é limitada.

K: E a mente percebe sua limitação e diz: vamos transcender isso.

DB: Por quê? Algumas pessoas diriam: por que não ser feliz dentro desses limites, continuamente ampliando-os, tentando descobrir novos pensamentos, uma nova ordem? O artista descobrirá novas formas de arte, o cientista uma nova espécie de ciência.

K: Mas tudo isso será sempre limitado.

DB: Há com frequência o sentimento de que só podemos ir até certo ponto, e aceitarmos que isso é tudo o que é possível.

K: Você se refere ao sentimento de que devemos aceitar a condição humana?

DB: Bem, as pessoas diriam que o homem poderia fazer bem melhor do que está fazendo.

K: Sim, mas tudo isso ainda é a condição humana, um pouco modificada, um pouco aperfeiçoada.

DB: Algumas pessoas diriam tremendamente modificada.

K: Mas, ainda assim, limitada!

DB: Sim. Vamos tentar esclarecer o que está errado com a limitação.

K: Nessa limitação não há liberdade, apenas uma liberdade limitada.

DB: Sim. Então eventualmente alcançamos a fronteira da nossa liberdade. Algo desconhecido para nós faz com que reajamos e, através da reação, caímos em contradição.

K: Sim, mas o que acontece quando percebo que estou sempre me movendo dentro de determinada área?

DB: Então, estou sob o controle das forças.

K: É inevitável que a mente se rebele contra isso.

DB: Esse é um ponto importante. Você percebe que a mente deseja liberdade. Certo?

K: Obviamente.

DB: Ela afirma que a liberdade é o que há de mais valioso. Então, será que aceitamos isso, e o vemos exatamente como um fato?

K: Ou seja, percebo que dentro dessa limitação, sou um prisioneiro.

DB: Algumas pessoas se acostumam a isso e dizem: "aceito isso".

K: Eu não aceitarei isso! Minha mente diz que deve haver liberdade com relação a essa prisão. Sou um prisioneiro, e a prisão é muito agradável, muito refinada e tudo mais. Mas ainda é limitada, embora afirme que deva haver liberdade para além de tudo isso.

DB: Qual é a mente que diz isso? A mente particular do ser humano?

K: Ah! Quem diz que deve haver liberdade? Oh, isso é muito simples. A própria dor, o próprio sofrimento, exige que avancemos.

DB: Essa mente particular, embora aceite a limitação, acha o processo doloroso.

K: Naturalmente.

DB: E, por isso, essa mente particular sente de alguma forma que a coisa não está correta. Mas não consegue evitá-la. Parece haver uma necessidade de liberdade.

K: A liberdade é necessária, e qualquer impedimento à liberdade é regressão. Certo?

DB: Essa necessidade não é uma necessidade externa causada pela reação.

K: A liberdade não é uma reação.

DB: A necessidade de liberdade não é uma reação. Algumas pessoas diriam que por termos estado na prisão reagimos dessa maneira.

K: Então, onde estamos? Veja bem, isso significa que devemos estar livres da reação, livres da limitação do pensamento, livres de todo o movimento do tempo. Sabemos que deve haver completa liberdade com relação a isso tudo, antes que possamos efetivamente compreender a mente vazia, e a ordem do universo, que é nesse caso a ordem da mente. Estamos pedindo muito. Estamos dispostos a ir tão longe?

DB: Bem, você sabe que a não-liberdade tem seus atrativos.

K: Naturalmente, mas não estou interessado nesses atrativos.

DB: Mas você perguntou se estamos dispostos a ir tão longe. Portanto, isso parece sugerir que pode haver algo atraente nessa limitação.

K: Sim. Encontrei a segurança, a tranquilidade e o prazer na não-liberdade. Percebo que no prazer ou na dor não há liberdade. A mente afirma, não como uma reação, que devemos ficar livres disso tudo. Chegar a esse ponto e largar tudo sem conflito, requer sua própria disciplina, seu próprio insight. É por isso que perguntei àqueles que realizaram alguma investigação sobre tudo isso: Podemos ir tão longe assim? Ou as reações do corpo — as responsabilidades com relação à vida diária, com relação à esposa, aos filhos, e tudo o mais — impedem essa sensação de completa liberdade? Os monges, os santos, e os sannyasis disseram: "Tendes de abandonar o mundo".

DB: Já discutimos isso. Eles ficaram com o mundo de qualquer maneira.

K: Sim. Essa é outra forma de tolice, embora lamente colocá-la assim. Já eliminamos tudo isso, de modo que me recuso a discuti-lo novamente. Pergunto então: o universo e a mente que se esvaziou disso tudo são uma coisa só?

DB: São uma coisa só?

K: Não são separados, são um só.

DB: Está dizendo, então, que o universo material é como se fosse o corpo da mente absoluta.

K: Sim, isso mesmo.

DB: Talvez isso seja uma maneira pitoresca de colocar as coisas!

K: Temos de ser muito cuidadosos para não cair na armadilha de pensar que a mente universal está sempre presente.

DB: O que você diria então?

K: O homem disse que Deus está sempre presente; Brahma, ou o princípio mais elevado está sempre presente, e tudo que temos de fazer para alcançá-lo é nos purificarmos. Essa também é uma declaração muito perigosa, porque poderíamos dizer, então, que existe o eterno em mim.

DB: Mas acho que isso é projeção.

K: Naturalmente!

DB: Há uma dificuldade lógica em dizermos que ele está sempre presente, porque "sempre" implica tempo, e estamos tentando discutir uma coisa que não tem nada a ver com o tempo. Desse modo, não podemos considerar que ela está aqui, ali, agora ou novamente!

K: Chegamos ao ponto onde há essa mente universal, e a mente humana pode ser parte dela quando houver liberdade.

15

Os Problemas Humanos Podem ser Resolvidos?

27 de Setembro de 1980,
Brockwood Park, Hampshire

KRISHNAMURTI: Cultivamos uma mente que pode resolver quase todo problema tecnológico. Mas aparentemente, os problemas humanos nunca foram solucionados. Os seres humanos estão dominados pelos seus problemas: os problemas da comunicação, do conhecimento, dos relacionamentos, os problemas do céu e do inferno; toda a existência humana transformou-se num vasto e complexo problema. E aparentemente tem sido assim, através da história. Apesar do seu conhecimento, apesar dos seus séculos de evolução, o homem nunca esteve livre de problemas.

DAVID BOHM: Sim, eu gostaria de acrescentar, de problemas insolúveis.

K: Eu questiono se os problemas humanos são insolúveis.

DB: Quero dizer, da maneira como são colocados agora.

K: Do modo como se apresentam agora, naturalmente, esses problemas se tornaram incrivelmente complexos e insolúveis. Nenhum político, cientista ou filósofo vai resolvê-los, nem mesmo através de guerras e assim por diante! Então por que a mente dos seres humanos em todo o mundo não foi capaz de resolver os problemas diários da vida? Quais são as coisas que impedem a solução completa desses problemas? Será por que nunca voltamos nossas mentes para isso? Será por que passamos todos os nossos dias, e provavelmente metade da noite, pensando a respeito de problemas tecnológicos, de modo que não temos tempo para o outro tipo?

DB: Em parte é isso. Muitas pessoas acham que o outro daria conta dele mesmo.

K: Mas por quê? Estou perguntando neste diálogo se será possível não termos absolutamente problemas humanos — apenas problemas tecnológicos, que podem ser solucionados. Mas os problemas humanos parecem insolúveis. Será por causa da nossa educação, das nossas tradições profundamente enraizadas, que aceitamos as coisas como elas são?

DB: Bem, certamente isso é parte da coisa. Esses problemas se acumulam à medida que a civilização envelhece, e as pessoas continuam a aceitar coisas que criam problemas. Por exemplo, há hoje muito mais nações no mundo do que antigamente, e cada uma cria novos problemas.

K: Naturalmente.

DB: Se voltarmos no tempo...

K: ...uma tribo se torna uma nação...

DB: E então o grupo deve lutar com seu vizinho.

K: Os homens usam essa maravilhosa tecnologia para se matarem uns aos outros. Mas estamos falando a respeito de problemas de relacionamento, problemas de falta de liberdade, dessa constante sensação de incerteza e medo, do esforço de trabalhar para sua subsistência, pelo resto da vida. A coisa toda parece tão extraordinariamente errada.

DB: Penso que as pessoas perderam isso de vista. Falando de um modo geral, elas aceitam a situação na qual se encontram, procuram tirar o melhor partido dela, tentando solucionar alguns pequenos problemas para aliviar as circunstâncias. Elas nem mesmo encarariam seriamente toda essa situação.

K: E as pessoas religiosas criaram um tremendo problema para o homem.

DB: Sim. Elas também estão tentando resolver problemas. Quero dizer que todo mundo está preso dentro de seu pequeno fragmento, solucionando o que acham que podem resolver, mas tudo isso termina no caos.

K: No caos e nas guerras! É isso que estamos dizendo. Vivemos no caos. Mas quero descobrir se posso viver sem um único problema o resto da minha vida. Isso é possível?

DB: Bem, eu me pergunto se deveríamos chamar essas coisas de problemas, entende? Um problema deveria ser algo que é racionalmente solucionável. Se colocarmos o problema de como alcançar um determinado resultado, isso pressupõe que podemos racionalmente descobrir uma maneira de fazê-lo tecnologicamente. Mas, psicologicamente, o problema não pode ser encarado desse modo; ou seja, propor um resultado que devemos alcançar, e então descobrir uma maneira de fazê-lo.

K: Qual é a raiz disso tudo? Qual é a causa de todo esse caos humano? Estou tentando chegar a isso de um ângulo diferente, descobrir se há um fim para os problemas. Veja, pessoalmente, eu me recuso a ter problemas.

DB: Alguém poderá argumentar com você a esse respeito e dizer que talvez você não esteja sendo desafiado por nada.

K: Fui desafiado outro dia a respeito de algo muito, muito sério. Isso não é um problema.

DB: Então é uma questão de esclarecimento. Parte da dificuldade é esclarecimento da linguagem.

K: Esclarecimento, não apenas da linguagem, mas do relacionamento e da ação. Surgiu um problema outro dia que envolveu muitas pessoas, e certa ação teve de ser tomada. Porém, para mim, pessoalmente, isso não foi um problema.

DB: Temos de tornar claro o que está querendo dizer, porque sem um exemplo, não consigo entender.

K: Com um problema quero me referir a algo que tem de ser resolvido, alguma coisa com que nos preocupamos; algo que estamos questionando, e com que estamos incessantemente preocupados. Refiro-me também a dúvidas e incertezas, e a ter que tomar algum tipo de atitude da qual nos arrependeremos mais tarde.

DB: Vamos começar com o problema técnico onde a ideia surgiu primeiro. Temos um desafio, algo que precisa ser feito, e dizemos que isso é um problema.

K: Sim, isso é geralmente chamado de problema.

DB: Ora, a palavra problema baseia-se na ideia de apresentarmos uma coisa — uma possível solução — e depois tentarmos alcançá-la.

K: Ou, termos um problema, mas não sabermos como lidar com ele.

DB: Se tivermos um problema e não tivermos a menor ideia de como lidar com ele...

K: ...sairemos pedindo conselho às outras pessoas, e ficaremos cada vez mais confusos.

DB: Isso já seria uma mudança com relação à simples ideia de um problema técnico, onde normalmente temos alguma noção do que fazer.

K: Certamente os problemas técnicos são relativamente simples.

DB: Eles trazem com frequência desafios que exigem uma análise profunda e uma mudança de ideias. Geralmente sabemos o que fazer para resolver um problema técnico. Por exemplo, se há falta de comida, o que temos de fazer é descobrir meios e modos de produzir mais alimentos. Contudo, podemos fazer a mesma coisa com um problema psicológico?

K: Essa é a questão. Como podemos lidar com isso?

DB: Bem, que tipo de problema vamos discutir?

K: Qualquer problema que surja nos relacionamentos humanos.

DB: Digamos que as pessoas não conseguem chegar a um acordo; elas estão constantemente em atrito umas com as outras.

K: Sim, vamos tomar isso como uma coisa simples. Parece ser quase impossível que um grupo de pessoas consiga pensar juntas, ter o mesmo ponto de vista e a mesma atitude. Não estou me referindo a elas copiarem umas às outras, naturalmente. Mas cada pessoa emite sua opinião e é contestada por outra - e isso continua o tempo todo, em todos os lugares.

DB: Está bem. Podemos dizer então que o nosso problema é trabalharmos juntos, pensarmos juntos?

K: Trabalharmos juntos, pensarmos juntos, cooperarmos uns com os outros sem a participação de assuntos monetários.

DB: Essa é outra questão, as pessoas trabalharão juntas se forem muito bem pagas.

K: Logo, como resolvemos esse problema? Num grupo, todos apresentamos opiniões diferentes, e não concordamos de forma alguma. E parece quase impossível abandonarmos nossas opiniões.

DB: Sim, essa é uma das dificuldades, mas não estou certo de que possamos encarar isso como um problema, e perguntar: o que faremos para abandonar as opiniões?

K: Não, naturalmente. Mas isso é um fato. Mesmo observando isso, e percebendo a necessidade de todos nos reunirmos, as pessoas, ainda assim, não conseguirão abandonar suas opiniões, suas ideias, suas próprias experiências e conclusões.

DB: Frequentemente isso poderá não parecer a elas como opiniões, e sim como verdade.

K: Sim, elas poderiam dizer que isso é um fato. Mas o que um homem pode fazer a respeito dessas divisões? Percebemos a necessidade de trabalharmos juntos — não por algum ideal, crença, princípio ou deus. Em diversos países do mundo, e até nas Nações Unidas, eles não estão trabalhando juntos.

DB: Algumas pessoas poderão dizer que não temos apenas opiniões, mas também interesses próprios. Se duas pessoas tiverem interesses próprios conflitantes, não há maneira alguma, enquanto elas estiverem apegadas a eles, de trabalharem juntas. Como podemos romper isso?

K: Se você me apontar que devemos trabalhar juntos, e mostrar a importância disso, também perceberei que é importante. Mas não posso fazê-lo!

DB: Esse é o ponto. Não é suficiente nem mesmo perceber que a cooperação é importante, e ter a intenção de alcançá-la. Com essa incapacidade surge um novo fator. Por que é que não conseguimos levar a cabo nossas intenções?

K: Podemos apresentar muitos motivos para isso, mas essas causas, motivos e explicações não resolvem o problema. Voltamos à mesma coisa — o que fará com que a mente humana mude? Vemos que essa mudança é necessária, e contudo, somos incapazes ou não estamos dispostos a mudar. Que fator — que novo fator — é necessário para que isso ocorra?

DB: Bem, sinto que é a capacidade de observar profundamente o que é que está retendo a pessoa e impedindo-a de mudar.

K: A atenção, então, é o novo fator?

DB: Sim, é isso que quis dizer. Mas temos também de considerar que tipo de atenção.

K: Vamos discutir em primeiro lugar o que é atenção.

DB: Ela poderá ter significados diversos para pessoas diferentes.

K: Naturalmente, como de costume, existem muitas opiniões! Onde há atenção, não há problema. Onde há a falta de atenção, surgem todos os tipos de dificuldades. Portanto, sem transformar a própria atenção num problema, o que queremos dizer quando nos referimos a ela? Podemos entendê-la, não verbalmente, não de forma intelectual, mas profundamente, no nosso sangue? Obviamente, a atenção não é concentração. Não significa um esforço, uma

experiência, uma luta para ficar atento. Você terá de me mostrar a natureza da atenção, o que significa que quando há atenção, não há nenhum centro a partir de onde "eu" presto atenção.

DB: Sim, mas é isso que é difícil.

K: Não transforme isso num problema.

DB: O que quero dizer é que eu venho tentando isso por um longo tempo. Penso que há, em primeiro lugar, alguma dificuldade na compreensão do significado de atenção, devido ao conteúdo do próprio pensamento. Quando uma pessoa está olhando, poderá pensar que está prestando atenção.

K: Não, nesse estado de atenção não há pensamento.

DB: Mas então como paramos o pensamento? Veja, enquanto o pensamento está ocorrendo, há uma impressão de atenção — que não é atenção. Mas as pessoas pensam, supõem que estão prestando atenção.

K: Quando supomos que estamos prestando atenção, na verdade não é isso que está ocorrendo.

DB: Como podemos então transmitir o verdadeiro significado de atenção?

K: Ou será que para descobrirmos o que é atenção, devemos examinar o que é desatenção?

DB: Sim.

K: E através da negação chegarmos ao positivo. Quando estou desatento, o que acontece? Na minha desatenção sinto-me solitário, deprimido, ansioso, e assim por diante.

DB: A mente começa a se dispersar e a ficar confusa.

K: Ocorre a fragmentação. Ou na minha falta de atenção, identifico-me com muitas outras coisas.

DB: Sim, e isso pode ser agradável — mas também pode ser doloroso.

K: Descubro, mais tarde, que o que era agradável transforma-se em dor. Tudo isso então é um movimento no qual não há atenção. Correto? Estamos chegando em algum lugar?

DB: Não sei.

K: Sinto que a atenção é a verdadeira solução para tudo isso - uma mente que é realmente atenta, que compreende a natureza da desatenção e se afasta dela!

DB: Mas em primeiro lugar, qual é a natureza da desatenção?

K: A indolência, a negligência, o egoísmo, a autocontradição — tudo isso é a natureza da desatenção.

DB: Sim. Veja bem: uma pessoa egoísta poderá achar que está prestando atenção, mas está simplesmente preocupada consigo mesma.

K: Sim. Se houver autocontradição em mim, e eu prestar atenção nisso para não ser autocontraditório, isso não é atenção.

DB: Mas podemos tornar isso claro, porque ordinariamente alguém poderá pensar que isto é atenção.

K: Não, não é. É simplesmente um processo de pensamento, que diz: "Eu sou isso, devo ser aquilo".

DB: Então você está dizendo que essa tentativa de tornar-se não é atenção.

K: Sim, exatamente. Porque a transformação psicológica engendra a desatenção.

DB: Sim.

K: Não é muito difícil, senhor, livrarmo-nos do tornar-se? Essa é a raiz da coisa. Acabar com o tornar-se.

DB: Sim. Não há atenção, e é por isso que esses problemas existem.

K: Sim, e quando assinalamos isso, o prestar atenção também se transforma num problema.

DB: A dificuldade está no fato de que a mente prega peças, e, ao tentar lidar com isso, faz a mesma coisa novamente.

K: É claro. A mente, que é tão cheia de conhecimento, de presunção, de autocontradição, e de tudo mais, pode chegar a um ponto onde se encontra psicologicamente incapaz de se mover.

DB: Não há nenhum lugar para onde ela possa se mover.

K: O que eu diria a uma pessoa que chegou a esse ponto? Eu me aproximo de você; estou cheio de confusão, ansiedade, e de uma sensação de desespero, não apenas com relação a mim mesmo, mas também ao mundo. Chego nesse ponto e quero ultrapassá-lo. E isso, portanto, se torna um problema para mim.

DB: Então estamos de volta; mais uma vez há uma tentativa de tornar-se, entende?

K: Sim. É aí que quero chegar. É essa então a raiz de tudo isso? O desejo de tornar-se?

DB: Bem, deve estar próximo a ela.

K: Como posso encarar então, sem o movimento de tornar-se, toda essa coisa complexa que sou eu?

DB: Parece que não vimos o todo. Não olhamos para o todo da transformação quando dissemos: "Como posso prestar atenção?" Parte disso parece ter escapulido, e se tornado o observador. Certo?

K: Psicologicamente o tornar-se tem sido a maldição de tudo isso. Um homem pobre quer ser rico, e um homem rico quer ser mais rico; o tempo todo ocorre esse movimento de transformação, tanto externa como internamente. E embora isso acarrete muita dor e algumas vezes o prazer, essa sensação de transformação, de obtenção, de conseguir psicologicamente, fez com que minha vida se tornasse tudo que ela é. Agora percebo isso, mas não posso interrompê-lo.

DB: Por que não podemos interrompê-lo?

K: Vamos analisar isso. Em parte estou preocupado em me transformar porque há uma recompensa no final; além disso, estou evitando a dor ou a punição. E sou capturado nesse ciclo. Essa é provavelmente uma das razões por que a mente continua tentando se tornar alguma coisa. E a outra talvez seja uma ansiedade ou um medo profundamente enraizado de que se não me transformar em alguma coisa, estarei perdido. Sinto-me incerto e inseguro, de forma que a mente aceitou essas ilusões e disse: não posso acabar com esse processo de transformação.

DB: Mas por que a mente não acaba com ele? Também temos de discutir a questão de sermos capturados por essas ilusões.

K: Como você vai me convencer de que estou preso numa ilusão? Você não vai conseguir, a não ser que eu mesmo perceba isso, e não posso percebê-lo porque minha ilusão é extremamente forte. Essa ilusão foi alimentada, cultivada pela religião, pela família, e assim por diante. Ela está tão profundamente enraizada que me recuso a abandoná-la. É isso que está acontecendo com um grande número de pessoas. Elas dizem: "Quero fazer isso, mas não posso". Considerando essa situação, o que devem fazer? As explicações, a lógica e todas as diversas contradições, as teorias, poderão ajudá-las? É evidente que não.

DB: Porque tudo é absorvido pela estrutura.

K: O que vem a seguir?

DB: Veja, se elas dizem: "Quero mudar", também há o desejo de não mudar.

K: Naturalmente. O homem que diz: "Quero mudar", também pensa lá no fundo: "Na verdade, por que eu deveria mudar?" Os dois caminham juntos.

DB: Temos então uma contradição.

K: Tenho vivido nessa contradição, eu a aceitei.

DB: Por que deveríamos aceitá-la?

K: Porque é um hábito.

DB: Mas quando a mente está saudável, não aceitará uma contradição.

K: Mas nossa mente não está saudável. A mente está tão enferma, tão corrupta, tão confusa que mesmo que apontemos todos os perigos, se recusará a vê-los. Como então podemos ajudar um homem que esteja preso nisso a perceber claramente o perigo da transformação psicológica? Vamos colocar as coisas da seguinte maneira: a transformação psicológica implica a identificação com uma nação, com um grupo, e todo esse negócio.

DB: Sim, a manutenção das opiniões.

K: Opiniões e crenças; tive uma experiência, ela me dá satisfação, vou me fixar nela. Como você pode me ajudar a me libertar disso? Ouço suas palavras — parecem bastante corretas, mas não consigo me afastar de tudo isso.

Eu me pergunto se há outro fator, outro modo de comunicação, que não se baseie em palavras, conhecimento, explicações, recompensa e punição. Há outra forma de comunicação? Veja bem, há um perigo nisso também. No entanto, estou certo de que há um caminho que não é verbal, analítico ou lógico, que não representa uma falta de sanidade mental.

DB: Talvez haja.

K: Minha mente sempre se comunicou com outra através de palavras, explicações e lógica, ou por meio da sugestão. Deve haver outro elemento que transponha tudo isso.

DB: Ele passará através da incapacidade de escutar.

K: Sim, da incapacidade de escutar, da incapacidade de observar, de ouvir, e assim por diante. Deve haver um método diferente. Encontrei diversos homens que estiveram com um determinado santo, e dizem que na sua companhia todos os problemas são resolvidos. Mas quando voltam às suas vidas diárias, voltam ao antigo jogo.

DB: Não houve inteligência nisso, entende?

K: Aí está o perigo. Eles se sentem quietos e não-verbais na presença desse santo, e acham que os seus problemas estão resolvidos.

DB: Mas isso ainda vem do exterior.

K: Naturalmente. É como quando vamos à igreja. Numa igreja antiga, ou numa catedral, nós nos sentimos extraordinariamente quietos. É a atmosfera, a estrutura; a própria atmosfera faz com que nos sintamos tranquilos.

DB: Sim, ela transmite não verbalmente o significado de quietude.

K: Isso não é nada. É como incenso!

DB: É superficial.

K: Totalmente superficial; evapora como incenso! Empurramos tudo isso para o lado, e então, o que nos resta? Não uma influência externa, um deus, ou algum salvador. O que me resta? O que há que pode ser transmitido, que atravessará a parede que os seres humanos construíram para si próprios?

Será o amor? Essa palavra tornou-se corrompida, carregada, suja. Mas se limparmos essa palavra, será o amor o fator que transporá essa engenhosa abordagem analítica? Será o amor o elemento que está faltando?

DB: Bem, temos de discutir isso; talvez algumas pessoas estejam um pouco cautelosas com relação a essa palavra.

K: Estou indescritivelmente cauteloso!

DB: E, consequentemente, da mesma maneira que as pessoas resistem a escutar, também resistirão ao amor.

K: E por isso que eu disse que ela é uma palavra arriscada.

DB: Dissemos outro dia que o amor contém inteligência.

K: Naturalmente.

DB: Que também é desvelo; com amor queremos nos referir àquela energia que também contém inteligência e desvelo; tudo isso...

K: Espere um minuto: você possui aquela qualidade e eu estou preso na minha miséria, ansiedade, etc., e você está tentando penetrar com aquela inteligência nessa massa de escuridão. Como pretende fazê-lo? Isso surtirá efeito? Se não, nós, os seres humanos, estaremos perdidos. Entende, senhor? Consequentemente, inventamos Jesus, Buda, Krishna — imagens que se tornaram sem sentido, superficiais e absurdas.

O que faremos então? Penso que esse é o outro fator. Atenção, percepção, inteligência e amor — você traz tudo isso para mim, e eu sou incapaz de recebê-lo. Digo: "soa agradável; posso senti-lo, mas não posso retê-lo". Não posso retê-lo porque no momento em que eu sair desta sala, estarei perdido!

DB: Realmente esse é o problema.

K: Sim, esse é o verdadeiro problema. Seria o amor algo externo, como um salvador, como o céu – tudo isso é externo. Seria o amor algo de fora que você me traz, que você desperta em mim, que me dá como um presente — ou será que há essa qualidade na minha escuridão, na minha ilusão e no meu sofrimento? É evidente que não, não pode haver.

DB: Então onde ele está?

K: Esse é o ponto. O amor não é seu ou meu; ele não é pessoal, nem uma coisa que pertença a alguém; o amor não é isso.

DB: Esse é um ponto importante. De modo análogo, você disse que o isolamento não pertence a uma pessoa, embora tenhamos a tendência de pensar no isolamento como um problema pessoal.

K: Naturalmente. É um terreno comum a todos nós. A inteligência também não é pessoal.

DB: Mais uma vez, isso contraria toda a nossa maneira de pensar, entende?

K: Eu sei.

DB: Todo mundo diz que esta pessoa é inteligente, e que aquela não é. Essa então pode ser uma das barreiras a tudo isso, o fato de que por trás do pensamento comum de todo o dia há o pensamento mais profundo da humanidade; mas geralmente nos sentimos divididos, e dizemos que essas diversas qualidades ou pertencem a nós ou não pertencem a nós.

K: Concordo. É a mente fragmentária que inventa tudo isso.

DB. Isso foi inventado, mas nós o assimilamos verbalmente e não verbalmente, através da inferência, desde a infância. Consequentemente isso é penetrante, é a base dos nossos pensamentos, de todas as nossas percepções; devemos, pois, questioná-lo.

K: Já o fizemos — já dissemos que a mágoa não é minha mágoa, que a mágoa é humana, e assim por diante.

DB: Mas como as pessoas irão ver isso, uma vez que uma pessoa que esteja vivenciando a mágoa sente que ela é sua mágoa pessoal?

K: Penso que isso ocorre em parte devido à nossa educação, e em parte devido à nossa sociedade e às nossas tradições.

DB: Mas está implícito em toda a nossa maneira de pensar. Temos então de saltar para fora disso, percebe?

K: Sim. Mas saltar para fora disso se torna um problema, e o que devo fazer então?

DB: Talvez possamos perceber que o amor não é pessoal.

K: A terra não é terra inglesa, ou terra francesa; terra é terra!

DB: Estava pensando num exemplo da física: se o cientista ou o químico estiver estudando um elemento como o sódio, ele não diz que é o seu sódio, ou que outra pessoa está analisando o sódio dela. E, naturalmente, eles comparam os seus apontamentos, etc.

K: Exatamente, sódio é sódio.

DB: Sódio é sódio, universalmente. Temos de dizer então que o amor é amor, universalmente.

K: Sim. Mas veja, minha mente se recusa a perceber isso, porque sou terrivelmente pessoal, estou terrivelmente preocupado "comigo e com meus problemas". Eu me recuso a abandonar isso. Quando você diz que sódio é sódio, é muito simples; posso ver isso. Mas quando diz que a mágoa é comum a todos nós... o sódio é mágoa! (Risos)

DB: Isso não pode ser feito com o tempo, mas demorou muito para que a humanidade percebesse que sódio é sódio, entende?

K: O amor é uma coisa que é comum a todos nós?

DB: Bem, na medida em que existe, ele tem que ser comum.

K: Naturalmente.

DB: Talvez ele não exista, mas se existir, tem que ser comum.

K: Não tenho certeza de que ele não existe. A compaixão não é "eu sou compassivo". A compaixão está ali, é algo que não é o "eu compassivo".

DB: Se nós dissermos que a compaixão é a mesma coisa que o sódio, ela é universal. Nesse caso, a compaixão de todas as pessoas é a mesma.

K: Compaixão, amor e inteligência. Não podemos ter compaixão sem inteligência.

DB: Diremos então que a inteligência também é universal!

K: Evidentemente.

DB: Mas temos métodos para testar a inteligência individualmente nas pessoas, entende?

K: Oh, não.

DB: Mas será que isso é parte da coisa que está atrapalhando?

K: Parte desse divisivo, fragmentário modo de pensar.

DB: Bem, pode haver o pensamento holístico, embora não estejamos nisso ainda.

K: O pensamento holístico então não é pensamento; é algum outro fator.

DB: Algum outro fator que ainda não abordamos.

K: Se o amor é comum a todos nós, por que sou cego com relação a ele?

DB: Acho que é em parte porque a mente se assusta; ela simplesmente se recusa a levar em conta uma mudança de conceito tão fantástica com relação ao modo de encarar as coisas.

K: Mas você acabou de dizer agora mesmo que sódio é sódio.

DB: Veja bem, temos bastante evidência disso em todos os tipos de experimentos, elaborados através de muito trabalho e experiência. Contudo, não podemos fazer isso com o amor. Não podemos entrar num laboratório e demonstrar que amor é amor.

K: Oh, não. O amor não é conhecimento. Por que a nossa mente se recusa a aceitar um fator tão evidente? Será por causa do medo de se abandonar os antigos valores, padrões e opiniões?

DB: Penso que é por causa de algo mais profundo. É difícil de detectar, e não é uma coisa simples, embora o que você propôs seja uma explicação parcial.

K: Essa é uma explicação superficial, eu sei. A causa será a ansiedade profundamente enraizada, o desejo de ser totalmente seguro?

DB: Mas isso, mais uma vez, está baseado na fragmentação.

K: Naturalmente.

DB: Se aceitarmos que estamos fragmentados, inevitavelmente desejaremos ficar completamente seguros, porque quando estamos fragmentados estamos sempre em perigo.

K: Será essa a raiz de tudo? Esse impulso, essa exigência, esse anseio por estarmos totalmente seguros em nosso relacionamento com todas as coisas? Para ter a certeza?

Na verdade, só há completa segurança no nada!

DB: Não é a necessidade de segurança que está errada, e sim as fragmentações. O fragmento não pode certamente ter segurança.

K: Isso está correto. Assim como cada país que tenta estar seguro, não está seguro.

DB: Mas a segurança completa poderia ser alcançada se todos os países se unissem. A maneira como colocou a coisa soa como se devêssemos viver eternamente na insegurança, percebe?

K: Não esclarecemos bem isso.

DB: Faz sentido desejarmos a segurança, mas estamos examinando isso da maneira errada.

K: Sim, está certo. Então como podemos transmitir que o amor é universal, que ele não é pessoal, a um homem que tem vivido completamente na rotina limitada da realização pessoal?

DB: Parece-me que o primeiro ponto é: ele questionará sua personalidade estreita, sua personalidade "única"?

K: Algumas pessoas a questionam; elas percebem a lógica do que estamos discutindo e, contudo, curiosamente, pessoas que levam esse assunto bastante a sério, tentaram encontrar a totalidade da vida através do jejum, da tortura - em resumo, de todas as maneiras. Não podemos, porém, apreender, perceber, ou ser o todo por meio da tortura. O que faremos então? Digamos que eu tenha um irmão que se recusa a ver tudo isso, e como tenho grande afeição por ele, quero afastá-lo da fragmentação. Tentei comunicar-me com ele verbalmente, e algumas vezes não verbalmente, por meio de um gesto ou de um olhar; mas tudo isso ainda vem do exterior. E talvez seja essa a razão pela qual ele resiste. Posso mostrar ao meu irmão que essa chama pode ser despertada nele mesmo? Isso significa que ele tem de me escutar, mas meu irmão se recusa a escutar.

DB: Parece que há algumas ações que não são possíveis. Se uma pessoa está presa num determinado pensamento como a fragmentação, então ela não o consegue mudar, porque há inúmeros outros pensamentos por trás dele. Portanto temos que encontrar um lugar onde ela está livre para agir, para movimentar, que não seja controlado pelo condicionamento.

K: Naturalmente.

DB: Pensamentos que ela não conhece. Ela não está na verdade livre para executar sua ação, devido a toda estrutura de pensamento que a está impedindo.

K: Como posso ajudar, então — uso essa palavra com muito cuidado — o meu irmão? Qual é a raiz de tudo isso? Falamos a respeito de nos tornarmos conscientes — mas tudo isso é verbal; pode ser explicado de dez diferentes maneiras — a causa, o efeito, e todo o resto. Depois que explico tudo isso, ele diz: "Você me deixou onde eu estou". E minha inteligência, minha afeição, diz: "Não posso abandoná-lo". Eu não posso falar: "Bem, vai para o inferno" e seguir adiante. Isso significa que o estou pressionando?

Não estou usando qualquer tipo de pressão, ou de recompensa; minha responsabilidade é que não posso abandonar um outro ser humano. Não é a responsabilidade do dever e de toda essa coisa desagradável; é a responsabilidade da inteligência dizer tudo isso a ele. Há uma tradição na Índia que conta que uma pessoa que se chama Maitreya Buda fez um juramento de que não se tornaria o Buda supremo até que tivesse libertado outros seres humanos também.

DB: Totalmente?

K: Sim. Veja, a tradição não mudou nada. Como pode uma pessoa que tenha essa inteligência, essa compaixão, esse amor, que não é por um país, por uma pessoa, por um ideal ou por um salvador, transmitir essa pureza a outra? Morando com ela e conversando com ela? Você percebe que a coisa toda pode se tornar mecânica.

DB: Diria que essa questão nunca foi realmente solucionada?

K: Penso que sim, mas não foi. Mas temos de solucioná-la, entende? Ela não foi resolvida, mas a nossa inteligência nos diz que devemos solucioná-la. Não, não penso que a inteligência diga isso; a inteligência diz que esses são os fatos, e talvez algumas pessoas consigam captar a coisa.

DB: Bem, parece-me que há na verdade dois fatores: um é a preparação por parte da razão para mostrar que isso tudo faz sentido; e a partir daí possivelmente algumas pessoas irão captar a coisa.

K: Já fizemos isso, senhor. O mapa já foi exposto, e ele o viu bem claramente; os conflitos, a miséria, a confusão, a insegurança e a transformação. Tudo isso está extremamente claro; mas quando chega ao fim do capítulo, ele volta ao começo. Ou talvez ele tenha um lampejo da coisa, e o seu anseio de captar esse lampejo e de manter-se nele transforma-se numa memória. Entende? E começa todo o pesadelo!

Quando mostrarmos a ele bem claramente o mapa, poderemos também apresentar-lhe algo muito mais profundo do que isso, que é o amor. Ele está procurando tudo isso, mas o peso do corpo, do cérebro, da tradição - tudo isso o puxa para trás. Portanto, ele se encontra numa batalha permanente — e penso que a coisa toda está completamente errada.

DB: O que está errado?

K: A maneira como estamos vivendo.

DB: Muitas pessoas já devem estar vendo isso agora.

K: Indagamos se o homem deu um passo na direção errada, e penetrou num vale de onde não é possível escapar. Não é possível que seja assim; isso é por demais deprimente e aterrador.

DB: Penso que algumas pessoas refutariam isso. O próprio fato disso ser tido como aterrador não o torna falso. Penso que você teria de fornecer um motivo mais forte para afirmar que a coisa não é verdadeira.

K: Oh, sim.

DB: Consegue perceber na natureza humana alguma possibilidade de uma verdadeira mudança?

K: É claro, senhor. Caso contrário...

DB: Isso não teria sentido.

K: Nós seríamos macacos, máquinas. Veja, a faculdade da mudança radical é atribuída a alguma influência externa, e consequentemente olhamos para isso, e nos perdemos nisso. Se não olharmos para ninguém, e estivermos completamente livres da dependência, a solidão será comum a todos nós. Isso não é isolamento. É um fato evidente que quando percebemos tudo isso — a estupidez e a irrealidade da fragmentação e da separação — estamos naturalmente sozinhos. Esse senso de solidão é comum.

DB: Sim, mas o senso ordinário de que a pessoa está sozinha é pessoal no sentido de que cada indivíduo o sente como sendo seu.

K: A sensação de estar sozinho não é solidão.

DB: Penso que todas as coisas fundamentais são universais, e portanto você está dizendo que quando a mente se aprofunda, ela se associa a uma coisa universal.

K: Exatamente.

DB: Que pode ou não chamar de absoluto.

K: O problema é fazer com que a mente mergulhe muito, muito profundamente dentro de si mesma.

DB: Sim. Ocorreu-me uma coisa agora. Quando começamos com um problema particular, nossa mente é muito superficial, e depois nós nos dirigimos a algo mais geral. A palavra "geral" tem a mesma raiz de "gerar"; o gênero é a próxima geração...

K: Gerar, naturalmente.

DB: Quando nos dirigimos a uma coisa mais geral, uma profundidade é gerada. Mas se prosseguirmos mais ainda, o geral ainda será limitado porque é pensamento.

K: Isso está bastante correto. Mas para nos aprofundarmos, precisamos não apenas de uma tremenda coragem como também do senso de seguir permanentemente o mesmo fluxo.

DB: Bem, podemos chamar isso de "persistência"; mas também é limitado, certo?

K: Sim, a persistência também é limitada. Caminha ao lado de uma mente religiosa no sentido de que ela é persistente em sua ação, seus pensamentos, e assim por diante; mas ainda é limitada. Se a mente puder ir do particular para o geral, e do geral...

DB: ...para o absoluto, para o universal. Muitas pessoas, porém, diriam que isso é muito abstrato, e que não possui qualquer ligação com a vida diária.

K: Eu sei. Contudo, ela é uma coisa essencialmente prática, e não uma abstração.

DB: Na verdade, é o particular que é a abstração.

K: Exatamente. O particular é o mais perigoso.

DB: E também é o mais abstrato, porque só temos o particular abstraindo do todo.

K: Claro, claro.

DB: Penso que isso talvez seja parte do problema. As pessoas sentem que desejam uma coisa que realmente as afete na vida diária; não querem simplesmente se perder em conversas e, portanto, dizem: "Todas essas generalidades insípidas não nos interessam, estamos com os fatos concretos e sólidos da vida real". E se é verdade que o que estamos discutindo deve funcionar na vida diária, mas a vida diária não contém a solução para os seus problemas.

K: Não. A vida diária é o geral e o particular.

DB: Os problemas humanos que surgem na vida diária não podem ser resolvidos ali.

K: É necessário irmos do particular para o geral; depois devemos nos aprofundar ainda mais partindo do geral, e aí talvez se encontre a pureza do que chamamos de compaixão, amor e inteligência. Isso porém significa entregar nossa mente, nosso coração e todo nosso ser a essa investigação.

Já falamos agora por bastante tempo; penso que chegamos a algum lugar.

DB: Possivelmente, sim.

K: Eu penso que sim.

APÊNDICE

O Futuro da Humanidade

Introdução por David Bohm

Estes dois diálogos ocorreram três anos após uma série de diálogos similares entre Krishnamurti e eu, que apareceram no livro The Ending of Time (Harper e Row, 1985). Portanto, eles inevitavelmente foram afetados profundamente pelo que foi tratado nestes diálogos anteriores. Num certo sentido, portanto, as duas séries de diálogos lidam com questões intimamente relacionadas. É claro que o The Ending of Time pode, por sua extensão bem maior, entrar nestas questões de uma forma mais completa e extensa. De qualquer forma, estes dois diálogos sustentam-se por si próprios; eles abordam os problemas da vida humana à sua própria maneira e fornecem insights adicionais importantes a estes problemas. Além disso, sinto que eles são mais fáceis de acompanhar e podem, portanto, servir proveitosamente como introdução ao The Ending of Time.

O ponto de partida para as nossas discussões foi a questão: "Qual é o futuro da humanidade?" Esta questão nos dias de hoje é de vital importância para todos, porque a ciência moderna e a tecnologia estão claramente vistas como tendo aberto possibilidades imensas de destruição. Logo ficou claro, ao conversarmos juntos, que a origem fundamental desta situação está na mentalidade geralmente confusa da humanidade, que a este respeito não mudou basicamente ao longo de toda a história registrada e provavelmente por um tempo muito maior que este. Evidentemente, foi essencial investigar profundamente a raiz desta dificuldade e se há alguma possibilidade da humanidade desviar-se de seu curso atual muito perigoso.

Estes diálogos constituem uma investigação séria deste problema e, ao prosseguirem, muitos dos pontos básicos dos ensinamentos de Krishnamurti emergiram. Assim, a questão do futuro da humanidade parece, à primeira vista, implicar que uma solução

deveria envolver o tempo em um modo fundamental. Ainda assim, como Krishnamurti sinaliza, o tempo psicológico, ou o "vir-a-ser", é a própria fonte da corrente destrutiva que está colocando em risco o futuro da humanidade. Questionar o tempo desta maneira, porém, é questionar a adequação do conhecimento e do pensamento como um meio de tratar com este problema. Mas se o conhecimento e o pensamento não são adequados, o que será que é realmente requerido? Isto conduz, por sua vez, à questão sobre se a mente é limitada pelo cérebro da humanidade, com todo o conhecimento que ele acumulou ao longo dos tempos. Este conhecimento, que agora nos condiciona profundamente, produziu o que é, de fato, um programa irracional e autodestrutivo, no qual o cérebro parece estar inevitavelmente preso.

Se a mente é limitada por este estado do cérebro, então o futuro da humanidade deve ser muito cinza certamente. Krishnamurti, entretanto, não enxerga estas limitações como inevitáveis. Ao invés disso, ele enfatiza que esta mente está essencialmente livre do viés distorcido que é inerente ao condicionamento do cérebro, e que, através do insight surgindo na atenção não direcionada apropriada, sem um centro, ele pode mudar as células do cérebro e remover o condicionamento destrutivo. Se isto é assim, então é crucialmente importante que houvesse este tipo de atenção e que nós déssemos a esta questão a mesma intensidade de energia que geralmente damos a outras atividades da vida que são realmente de interesse vital para nós.

A esta altura, vale a pena assinalar que a pesquisa moderna sobreo cérebro e o sistema nervoso realmente dá apoio considerável à afirmação de Krishnamurti de que o insight pode mudar as células cerebrais. Assim, por exemplo, agora é bem conhecido que existem substâncias importantes no corpo, os hormônios e os neurotransmissores, que afetam fundamentalmente o funcionamento inteiro do cérebro e do sistema nervoso. Estas substâncias respondem, de momento a momento, ao que a pessoa sabe , ao que ela pensa, e ao que tudo isto significa para ela. Hoje em dia está bem estabelecido que, deste jeito, as células cerebrais e seu funcionamento são profundamente afetados pelo conhecimento e pelo pensamento, especialmente quando estes fazem surgir sentimentos e paixões fortes. É assim bem plausível que o insight, que deve surgir em um estado de grande energia mental e paixão, poderia mudar as células cerebrais de uma forma ainda mais profunda.

O que foi dito aqui necessariamente dá apenas um breve

esboço do que está nos diálogos e não pode mostrar todo o alcance e profundidade da investigação que aconteceu neles a respeito da natureza da consciência humana e dos problemas que surgiram nesta consciência. Na verdade, eu diria que eles são tanto concisos quanto facilmente legíveis, contendo o espírito essencial do todo dos ensinamentos de Krishnamurti e jogam uma luz adicional sobre eles.

- David Bohm, 1986

Primeira Conversa

Existe uma Ação Não Tocada Pelo Pensamento?

11 de Junho de 1983,
Brockwood Park, Hampshire.

JIDDU KRISHNAMURTI: Pensei que falaríamos sobre o futuro do homem, sobre a humanidade.

DAVID BOHM: A totalidade da humanidade.

K: Não apenas o inglês ou o francês ou os russos ou os americanos, mas seres humanos como um todo.

DB: O futuro está todo interligado agora de qualquer jeito.

K: Como as coisas são, do que se pode observar, o mundo se tornou tremendamente perigoso.

DB: Sim.

K: Terroristas, guerras e as divisões nacionais e raciais, alguns ditadores que querem destruir o mundo e assim por diante.

DB: Sim, e existe a crise econômica e a crise ecológica...

K: Sim, problemas ecológicos e econômicos – os problemas parecem se multiplicar mais e mais. Assim, qual é o futuro da humanidade? Qual é o futuro não só da presente geração, mas das gerações que virão?

DB: Sim, bem, o futuro parece muito terrível.

K: Muito terrível. Se você fosse bem jovem e eu fosse bem jovem, o que faríamos, sabendo disto tudo? Qual seria nossa reação, qual seria nossa vida, nosso meio de ganhar a vida?

DB: Sim, eu muitas vezes pensei nisso. Por exemplo, eu me perguntei se entraria na ciência novamente. E não tenho, realmente, certeza agora, pois a ciência não parece relevante nesta crise.

K: Não, ao contrário, os cientistas estão ajudando.

DB: Isso faz as coisas piores. Eles podiam ajudar de modo correto, mas de fato...

K: Então o que você faria? Eu penso que manteria o que estou fazendo.

DB: Bem, isso seria fácil para você.

K: Para mim, seria fácil.

DB: Há vários problemas que podemos discutir. Um deles é, quando uma pessoa está começando, ela tem que arranjar um meio de sustento. Existem muito poucas oportunidades atualmente, e a maioria delas estão em empregos que são extremamente limitados.

K: E há desemprego em todo o mundo. Eu me pergunto o que ela faria, sabendo que o futuro é sombrio, muito deprimente, perigoso e tão incerto. Por onde você começaria?

DB: Bem, eu acho que deveríamos nos afastar de todos os problemas particulares, derivados de nossas próprias necessidades e das necessidades das pessoas em torno de nós.

K: Você está dizendo que deveríamos realmente deixar de pensar em nossos próprios interesses neste momento?

DB: Sim.

K: Mesmo se eu esquecer de mim, quando olhar para este mundo em que vou viver, onde deverei ter algum tipo de carreira ou profissão, o que eu faria? Este é um problema que eu acho que a maioria dos jovens estão enfrentando.

DB: Sim. Claro. Bem, você tem alguma sugestão?

K: Veja, eu não penso em termos de evolução.

DB: Eu entendo isso. Esse é um ponto que poderíamos discutir.

K: Eu não acho que há evolução psicológica.

DB: Nós discutimos isso muitas vezes, por isso acho que entendo, de certa forma, o que você quer dizer. Mas eu acho que as pessoas que não estão familiarizadas com essa ideia, terão dificuldades em entender.

K: Sim, se você quiser, discutiremos toda essa questão. Por que estamos preocupados com o futuro? Certamente todo o futuro é agora.

DB: Em um sentido todo o futuro é agora, mas temos de deixar isso claro. Isso vai muito contra toda a forma tradicional de pensar da humanidade...

K: Eu sei. A humanidade pensa em termos de evolução, de continuidade, e assim por diante.

DB: Talvez possamos abordá-la de outra forma? Ou seja, a evolução parece ser, atualmente, a maneira mais natural de se pensar. Então, eu gostaria de lhe perguntar que objeções você tem ao pensar em termos de evolução. Eu poderia esclarecer um ponto? A palavra evolução tem muitos significados.

K: Claro. Estamos falando psicologicamente.

DB: Vamos então, em primeiro lugar, eliminar dessa objeção o sentido físico.

K: Uma bolota irá crescer e será um carvalho.

DB: Também as espécies evoluíram: por exemplo, das plantas aos animais e ao homem.

K: Sim, levamos um milhão de anos para ser o que somos.

DB: Você não tem nenhuma dúvida de que isso que aconteceu?

K: Não, isso aconteceu.

DB: E pode continuar acontecendo.

K: Isso é evolução.

DB: É um processo válido.

K: Claro.

DB: Ocorre no tempo. E, portanto, nessa esfera, o passado, o presente e o futuro são importantes.

K: Sim, evidentemente. Eu não sei uma determinada língua, preciso de tempo para aprendê-la.

DB: Também é preciso tempo para aperfeiçoar o cérebro. Veja, se o cérebro começou pequeno, e depois foi crescendo, se tornando maior, isso levou um milhão de anos.

K: E tornou-se muito mais complexo, e assim por diante. Tudo isso precisa de tempo. Tudo isso é movimento no espaço e no tempo.

DB: Sim. Então você admitirá o tempo físico e o tempo neurofisiológico.

K: O tempo neurofisiológico, certamente. É claro. Qualquer homem sensato admitiria.

DB: Agora a maioria das pessoas também admite o tempo psicológico, que eles chamam de tempo mental.

K: Sim, é sobre isso que estamos falando. Se há uma coisa como o amanhã psicológico, a evolução psicológica.

DB: Ou ontem. Agora, à primeira vista, temo que isso soe estranho. Parece que eu me lembro de ontem. E há o amanhã, posso antecipar. E isso tem acontecido muitas vezes, você sabe que os dias se sucedem. Então eu tenho a experiência do tempo, de ontem para hoje e para amanhã.

K: Claro. Isso é bastante simples.

DB: Agora, o que é que você está negando?

K: Eu nego que eu serei alguma coisa, que me tornarei melhor.

DB: Eu posso mudar... contudo existem duas maneiras de se olhar para isso. Uma abordagem é, eu intencionalmente serei melhor, porque estou tentando? Ou é a evolução de um processo natural e inevitável, no qual estamos sendo arrastados como numa correnteza, e talvez vamos nos tornado melhor, ou pior, ou achando que algo está acontecendo conosco.

K: Psicologicamente.

DB: Psicologicamente, o que leva tempo, e que talvez não seja o resultado de minhas tentativas no sentido de me tornar melhor. Pode ou não ser isso. Algumas pessoas pensam de uma maneira, outras de outro. Mas você também nega que há uma espécie de evolução psicológica natural, como houve uma evolução biológica natural?

K: Eu estou negando isso, sim.

DB: Agora, porque você nega?

K: Porque, em primeiro lugar, o que é a psique, o eu, o ego, e assim por diante? O que é isso?

DB: A palavra "psique" tem muitos significados. Pode significar a mente, por exemplo. Você quer dizer que o ego é a mesma coisa?

K: O ego. Estou falando do ego, do eu.

DB: Sim. Agora, algumas pessoas pensam que haverá uma evolução em que o eu é transcendido, que irá subir para um nível superior.

K: Sim, e a transição necessitará do tempo?

DB: Uma transcendência, uma transição.

K: Sim. Essa é a minha pergunta.

DB: Portanto, há duas questões: uma é, o eu algum dia vai evoluir? E a outra é, mesmo supondo-se que queremos ir além do eu, isso pode ser feito no tempo?

K: Isso não pode ser feito no tempo.

DB: Agora temos que deixar claro porque não.

K: Sim. Eu explico. Vejamos. O que é o 'eu'? Se a psique tem significados tão diferentes, o eu, é todo o movimento causado pelo pensamento.

DB: Por que você diz isso?

K: O eu é a consciência, minha consciência: o eu é o meu nome, a minha forma e todas as experiências, lembranças que eu tive, e assim por diante. Toda a estrutura do eu é criada pelo pensamento.

DB: Novamente isso seria algo que algumas pessoas achariam difícil de aceitar.

K: Claro. Estamos discutindo isso.

DB: Agora, a primeira experiência, o primeiro sentimento que tenho sobre o eu, é que ele existe de forma independente e que é ele quem está pensando.

K: É o eu independente do meu pensamento?

DB: Bem, a minha primeira sensação é de que o eu é independente do meu pensamento. E de que é o eu que está pensando.

K: Sim.

DB: Assim como eu estou aqui, e eu poderia me mover, eu poderia mover meu braço, eu poderia pensar, ou eu poderia mover a minha cabeça. Agora, isso é uma ilusão?

K: Não.

DB: Por quê?

K: Porque quando eu movo o meu braço, há a intenção de segurar algo, pegar alguma coisa, que é primeiro um movimento do pensamento. Isso faz com que o braço se mova, e assim por diante. Meu argumento é que - e estou disposto a aceitá-lo como falso ou verdadeiro - de que o pensamento é a base de tudo isso.

DB: Sim. Seu argumento é que toda a sensação do eu e do que ele está fazendo, se origina do pensamento. Agora, você não considera o pensamento como uma coisa meramente intelectual?

K: Não, claro que não. O pensamento é o movimento da experiência, do conhecimento e da memória. É todo esse movimento.

DB: Parece-me que você está se referindo à consciência como um todo.

K: Como um todo, isso mesmo.

DB: E você está dizendo que esse movimento é o eu?

K: Todo o conteúdo da consciência é o eu. Esse eu não é diferente da minha consciência.

DB: Sim. Acho que se poderia dizer que eu sou a minha consciência, pois se eu não estou consciente, eu não estou aqui.

K: Claro.

DB: Agora, é a consciência nada além do que você acabou de descrever, que inclui pensamento, sentimento, intenção?...

K: ...intenção, aspirações...

DB: ...memórias...

K: ...memórias, crenças, dogmas, os rituais que são realizados. A coisa toda, como um computador que foi programado.

DB: Sim. Agora, isso certamente está na consciência. Todos concordam, mas muitas pessoas sentem que há mais do que isso, que a consciência pode ir além disso.

K: Vamos examinar isso. O conteúdo da nossa consciência torna-se a consciência.

DB: Sim, acho que isso requer alguma compreensão. O uso comum da palavra conteúdo é bem diferente. Se você diz que o conteúdo de um copo é água, o vidro é uma coisa e a água é outra.

K: A consciência é constituída por tudo aquilo que ela se lembra: crenças, dogmas, rituais, medos, alegrias, tristezas.

DB: Sim. Agora, se tudo isso estiver ausente, não haveria consciência?

K: Não como nós a conhecemos.

DB: Mas ainda haveria uma espécie de consciência?

K: Um tipo totalmente diferente. Mas a consciência, como a conhecemos, é tudo isso.

DB: Como nós geralmente a conhecemos.

K: Sim. E isso é o resultado das múltiplas atividades do pensamento. O pensamento reuniu tudo isso junto, que é a minha consciência - as reações, as respostas, as memórias - um extraordinário complexo intrincado e sutil. Tudo isso compõe a consciência.

DB: Como nós conhecemos.

K: Mas será que a consciência tem futuro?

DB: Sim. Será que ela tem um passado?

K: Claro. A lembrança.

DB: Memória, sim. Por que você então diz que ela não tem futuro?

K: Se ela tem um futuro, será exatamente o mesmo tipo de coisa, movendo-se. As mesmas atividades, os mesmos pensamentos, modificados, mas o padrão será repetido muitas e muitas vezes.

DB: Você está dizendo que o pensamento só pode repetir?

K: Sim.

DB: Mas há um sentimento, por exemplo, de que o pensamento pode desenvolver novas idéias.

K: Mas o pensamento é limitado porque o conhecimento é limitado.

DB: Bem, sim, isso pode exigir alguma discussão.

K: Sim, temos de discutir.

DB: Por que você diz que o conhecimento é sempre limitado?

K: Porque você, como cientista, está experimentando, acrescentando, procurando. E depois de você, outra pessoa irá adicionar mais. Assim, o conhecimento, que nasce da experiência, é limitado.

DB: Mas algumas pessoas disseram que não é. Eles esperam obter o perfeito, o absoluto, o conhecimento das leis da natureza.

K: As leis da natureza não são as leis dos seres humanos.

DB: Bem, você quer restringir o debate acerca do conhecimento sobre o ser humano?

K: Claro, isso é tudo o que podemos falar.

DB: Até lá, é uma questão para se descobrir se o conhecimento da natureza também é possível.

K: Sim. Nós estamos falando sobre o futuro da humanidade.

DB: Então, estamos dizendo que o homem não pode obter um conhecimento ilimitado da psique?

K: Isso mesmo.

DB: Há sempre mais que é desconhecido.

K: Sim. Há sempre mais e mais desconhecido. Assim, uma vez que admitimos que o conhecimento é limitado, então o pensamento também é limitado.

DB: Sim, o pensamento depende do conhecimento, e o conhecimento não cobre tudo. Por conseguinte, o pensamento não será capaz de lidar com tudo o que acontece.

K: Isso mesmo. Mas é isso que os políticos e todas as outras pessoas estão fazendo. Eles acham que o pensamento pode resolver todos os problemas.

DB: Sim. Você pode ver no caso dos políticos que o conhecimento é muito limitado, na verdade, é quase inexistente! E, portanto, quando você não tem o conhecimento adequado do que você está fazendo, você cria confusão.

K: Sim. Portanto, assim como o pensamento é limitado, a nossa consciência, que foi criada pelo pensamento, é limitada.

DB: Agora, você pode deixar isso claro? Isso significa que só podemos permanecer no mesmo círculo.

K: No mesmo círculo.

DB: Veja, uma das idéias poderia ser, se você comparar com a ciência, que as pessoas podem pensar, que embora o seu conhecimento seja limitado, elas estão constantemente descobrindo.

K: O que você descobre é adicionado ao que havia antes, mas ainda é limitado.

DB: É ainda limitado. Esse é o ponto. E continuando; eu acho que uma das idéias por trás da abordagem científica é que, embora o conhecimento seja limitado, eu posso descobrir e manter o contato com a realidade.

K: Mas isso também é limitado.

DB: As minhas descobertas são limitadas. E há sempre o desconhecido que eu não descobri.

K: Isso é o que estou dizendo. O desconhecido, o ilimitado, não pode ser captado pelo pensamento.

DB: Sim.

K: Porque o pensamento, em si mesmo, é limitado. Você e eu concordamos com isso, não só concordamos, como isso é um fato.

DB: Talvez pudéssemos deixar isso mais evidente. Isto é, o pensamento é limitado, embora intelectualmente possamos considerar que o pensamento não é limitado. Há uma predisposição, uma tendência muito forte para se ter essa sensação - de que o pensamento pode fazer qualquer coisa.

K: Qualquer coisa. ele não pode. Veja o que ele tem feito no mundo.

DB: Bem, eu concordo que ele tem feito coisas terríveis, mas isso não prova que ele está sempre errado. Veja, talvez então você culparia as pessoas que o usaram indevidamente.

K: Eu sei, essa é uma velha desculpa! Mas o pensamento em si é limitado, portanto, tudo o que ele faz é limitado.

DB: Sim, e você está dizendo que ele é limitado de uma maneira muito séria.

K: Isso mesmo. Evidentemente, de uma forma muito, muito grave.

DB: Será que podemos esclarecer mais isso?

K: É o que está acontecendo no mundo.

DB: Tudo bem, falemos disso.

K: Os ideais totalitários são uma invenção do pensamento.

DB: A própria palavra totalitário significa que as pessoas queriam abranger a totalidade, mas não conseguiram.

K: Não puderam.

DB: A coisa desmoronou.

K: Ela está entrando em colapso.

DB: Contudo, há aqueles que dizem que não são totalitários.

K: Mas os democratas, os republicanos, os idealistas, e assim por diante, todo o seu pensamento é limitado.

DB: Sim, e é limitado de uma maneira bem...

K: ...muito destrutiva.

DB: Agora, podemos deixar isso mais claro? Veja que eu poderia dizer: "Tudo bem, meu pensamento é limitado, mas pode não ser assim tão grave." Por que isso é tão importante?

K: Isso é bastante simples: porque qualquer ação que nasce do pensamento limitado, inevitavelmente gera conflito.

DB: Sim.

K: Como dividir a humanidade religiosamente, ou em nacionalidades, e assim por diante, criou o caos no mundo.

DB: Sim, agora vamos relacionar isso com a limitação do pensamento. Meu conhecimento é limitado: como é que isso me leva a dividir o mundo em...

K: Não estamos em busca de segurança?

DB: Sim.

K: E nós pensamos que existe segurança na família, na tribo, no nacionalismo. Então, nós pensamos que havia segurança na divisão.

DB: Sim. E ela surgiu. Pegue uma tribo, por exemplo: a pessoa pode se sentir insegura, e depois diz "com a tribo estou seguro". Isso é uma conclusão. E eu acho que sei o suficiente para ter certeza que é assim - mas eu não sei. Outras coisas acontecem que eu não sei, que tornam isso muito inseguro. Surgem outras tribos.

K: Não, não! As várias divisões criam a insegurança.

DB: Sim, elas ajudam a criá-la, mas eu estou tentando dizer que eu não sei o suficiente para saber isso. Eu não vejo isso.

K: Mas não vemos isso porque não pensamos a respeito de nada, não olhamos para o mundo como um todo.

DB: Bem, o pensamento que visa a segurança, procura conhecer tudo o que é importante. Assim que ele conhece tudo que é importante, ele diz: "Isso trará segurança". Mas há um monte de coisas que ele ainda não sabe, e uma delas é que esse mesmo pensamento é divisionista.

K: Sim. Em si mesmo, ele é limitado. Tudo o que é limitado, inevitavelmente cria conflitos. Se eu disser que sou um indivíduo, isso é limitado.

DB: Sim.

K: Estou preocupado comigo mesmo, isso é muito limitado.

DB: Nós temos que deixar isso claro. Se eu disser que esta é uma mesa que é limitada, isso não cria nenhum conflito.

K: Não, não há nenhum conflito aí.

DB: Mas quando digo, este sou "eu", isso cria o conflito.

K: O "eu" é uma entidade divisionista.

DB: Vejamos mais claramente o porquê disso.

K: Porque ele é separativo, ele está preocupado com ele mesmo. O "eu" que se identifica com a grande nação é ainda divisionista.

DB: Eu me defino no interesse da segurança, de modo que eu sei o que eu sou enquanto oposto ao que você é, e eu me protejo. Agora, isso cria uma divisão entre eu e você.

K: Nós e eles, e assim por diante.

DB: Agora, isso vem do meu pensamento limitado, porque eu não entendo que realmente estamos intimamente ligados e conectados.

K: Nós somos seres humanos, e todos os seres humanos têm mais ou menos os mesmos problemas.

DB: Não, eu não entendi isso. Meu conhecimento é limitado, eu acho que nós podemos fazer uma distinção e nos proteger, proteger a mim, e não aos outros.

K: Sim, isso mesmo.

DB: Mas ao agir dessa maneira eu crio a instabilidade.

K: Certo, a insegurança. Portanto, se reconhecemos, não verbalmente ou intelectualmente, mas de fato, que somos o resto da humanidade, então a responsabilidade torna-se imensa.

DB: Bem, e o que você pode fazer a respeito dessa responsabilidade?

K: Então, ou eu contribuo com toda essa confusão, ou me mantenho fora dela. Isso significa estar em paz, ter ordem em si próprio – eu vou chegar nisto; estou indo muito rápido.

DB: Eu acho que tocamos em um ponto importante. Dissemos que o todo da humanidade, da raça humana, é uno, portanto, criar a divisão é...

K: ...perigoso.

DB: Sim. Ao passo que, criar divisão entre mim e a mesa não é perigoso, porque em certo sentido, nós não somos um.

K: Claro.

DB: Isto é, apenas em certo sentido muito geral, somos uma coisa só. Agora, a humanidade não percebe isso.

K: Por quê?

DB: Vamos investigar isso. Esta é uma questão crucial. Há tantas divisões, não só entre as nações e religiões, mas entre uma pessoa e outra.

K: Por que existe esta divisão?

DB: O sentimento é, pelo menos na era moderna, de que cada ser humano é um indivíduo. Isso pode não ter sido tão forte no passado.

K: É isso o que eu questiono. Eu duvido se somos realmente indivíduos.

DB: Essa é uma grande questão...

K: Naturalmente. Dissemos há pouco que a consciência que sou eu, é semelhante ao resto da humanidade. Todos sofrem, todos têm medo, são inseguros, têm os seus próprios deuses particulares e seus rituais, tudo isso produzido pelo pensamento.

DB: Eu acho que existem duas questões aqui. Uma delas é, nem todo mundo sente que é semelhante aos outros. A maioria das pessoas sentem que têm alguma diferença única.

K: O que você quer dizer com "diferença única"? Diferença em fazer alguma coisa?

DB: Podem ser muitas coisas. Por exemplo, uma nação pode sentir que é capaz de fazer certas coisas melhor do que outra, uma pessoa tem algumas coisas especiais que ela faz, ou uma qualidade especial.

K: Claro. Alguém é melhor nisto ou naquilo.

DB: Ela pode orgulhar-se de suas próprias habilidades especiais, ou sua superioridade.

K: Mas quando você coloca isso de lado, basicamente, somos os mesmos.

DB: Você está dizendo que essas coisas que você acabou de descrever são...

K: ...superficiais.

DB: Sim. Agora, quais são as coisas que são básicas?

K: Medo, tristeza, dor, angústia, solidão e toda a luta humana.

DB: Mas muitas pessoas podem achar que as coisas básicas são as grandes conquistas do homem. Por outro lado, as pessoas podem sentir-se orgulhosas da realização do homem nas áreas científica, artística, cultural e tecnológica.

K: Nós temos avançado em todas as direções, com certeza. Na tecnologia, comunicação, viagens, medicina, cirurgia, temos avançado muito.

DB: Sim, é realmente notável em muitos aspectos.

K: Não há nenhuma dúvida sobre isso. Mas psicologicamente, o que realizamos?

DB: Nada disso nos afetou psicologicamente.

K: Sim, exato.

DB: E a questão psicológica é mais importante do que todas as outras, porque se não for resolvida, tudo o mais é perigoso.

K: Sim. Se somos psicologicamente limitados, então o que fazemos deve ser limitado, e a tecnologia será usada por nossa limitada...

DB: Sim, o que prevalece é a psique limitada, e não a estrutura racional da tecnologia. E, de fato, a tecnologia torna-se um instrumento perigoso. Então esse é o ponto, que a psique está no centro de tudo isso, e se a psique não está em ordem, todo o resto é inútil. Então, apesar de estarmos dizendo que há uma desordem básica na psique, comum a todos nós, podemos ter um potencial para algo mais. O próximo ponto é: somos, realmente, a mesma coisa? Mesmo que sejamos semelhantes, isso não significa que somos todos iguais, que somos a mesma coisa.

K: Nós dissemos, que em nossa consciência, basicamente, todos pisamos no mesmo chão.

DB: Sim, a partir do fato de que o corpo humano é semelhante, mas isso não prova que eles sejam todos iguais.

K: Claro que não. Seu corpo é diferente do meu.

DB: Sim, estamos em lugares diferentes, somos entidades diferentes, e assim por diante. Mas eu acho que você está dizendo que a consciência não é uma entidade individual.

K: Isso mesmo.

DB: O corpo é uma entidade que tem uma certa individualidade.

K: Isso tudo parece tão claro. Seu corpo é diferente do meu. Meu nome é diferente do seu.

DB: Sim, somos diferentes. Embora feitos do mesmo material, somos diferentes. Não podemos intercambiar-nos porque as proteínas em um corpo podem não combinar com as do outro. Agora, muitas pessoas se sentem dessa forma a respeito da mente, dizendo que há uma química entre as pessoas que pode combinar ou não.

K: Sim, mas na verdade, se aprofundarmos a questão, a consciência é compartilhada por todos os seres humanos.

DB: Contudo, o sentimento é de que a consciência é individual e que é comunicada.

K: Eu acho que é uma ilusão, pois estamos nos prendendo a algo que não é verdade.

DB: Você quer dizer que há uma consciência da humanidade?

K: Ela é única.

DB: Isso é importante, porque saber se ela é muitas ou uma só é uma questão crucial.

K: Sim.

DB: Poderiam ser muitas, que estão se comunicando e construindo uma unidade maior. Ou você está dizendo que desde o início ela é uma única consciência?

K: Desde o início ela é única.

DB: E o sentimento de separação é uma ilusão?

K: Isso é o que estou dizendo, repetidas vezes. Isso parece tão lógico, sensato. Qualquer outra coisa é insensatez.

DB: Sim, mas as pessoas não sentem isso, pelo menos não imediatamente, que a noção de existência separada é uma insanidade, porque isso extrapola do corpo para a mente. As pessoas dizem que é muito sensato afirmar que o meu corpo é separado do seu, e dentro do meu corpo está a minha mente. Você está dizendo que a mente não está dentro do corpo?

K: Isso é uma questão bem diferente. Vamos primeiro concluir a outra. Cada um de nós pensa que somos, psiquicamente, indivíduos separados.... O que temos feito no mundo é uma bagunça colossal.

DB: Bem, se nós pensamos que somos separados quando na verdade não somos, então é óbvio que será uma bagunça colossal.

K: Isso é o que está acontecendo. Cada um acha que precisa fazer o que ele quer fazer, realizar-se a si mesmo. Então, ele está lutando em seu isolamento para alcançar a paz, para alcançar a segurança, e essa segurança e essa paz são totalmente negadas.

DB: A razão pela qual lhes são negadas é porque não há separação. Veja, se realmente houvesse separação, isso seria a coisa racional a se fazer. Mas se estamos tentando separar o que é inseparável, o resultado será o caos.

K: Isso mesmo.

DB: Agora isso está claro, mas acho que não vai ficar evidente para as pessoas imediatamente, que a consciência da humanidade é um todo inseparável.

K: Sim, um todo indissociável.

DB: Muitas questões vão surgir, se considerarmos essa noção, mas eu não sei se examinamos isso o suficiente. Uma pergunta é: por que achamos que estamos separados?

K: Por que eu acho que eu estou separado? Esse é o meu condicionamento.

DB: Sim, mas como nós invariavelmente adotamos tal condicionamento estúpido?

K: Desde a infância, ele é meu, o meu brinquedo, não o seu.

DB: Mas o primeiro sentimento que eu tenho do "isso é meu" é porque eu sinto que eu estou separado. Não está claro como a mente, que é uma só, chega a essa ilusão de que está dividida em vários pedaços.

K: Eu acho que é outra vez a atividade do pensamento. O pensamento, por sua própria natureza, é divisionista, fragmentário, e, portanto, eu sou um fragmento.

DB: O pensamento irá criar uma sensação de fragmentos. Você pode ver, por exemplo, quando decidimos criar uma nação, pensaremos que estamos separados de outras nações, e a série de consequências que daí resultam, parecem tornar essa independência real, teremos uma língua própria, uma bandeira e estabeleceremos uma fronteira. E depois de um tempo, vemos tantas evidências de separação, que nos esquecemos de como tudo começou, e diremos que ela sempre esteve lá, e que estamos apenas dando sequencia àquilo que sempre existiu.

K: Claro. É por isso que eu sinto que, uma vez que compreendamos a natureza e a estrutura do pensamento, como o pensamento funciona, qual é a fonte do pensamento - e, portanto, que ele é sempre limitado - se realmente compreendermos isso, então...

DB: E qual é a origem do pensamento? É a memória?

K: A memória. A lembrança das coisas passadas, que é o conhecimento, e o conhecimento é o resultado da experiência, e a experiência é sempre limitada.

DB: O pensamento inclui também, evidentemente, o esforço no sentido de avançar, usar a lógica, a ter em conta as descobertas e a percepção direta da realidade.

K: Como dizíamos há pouco, o pensamento é tempo.

DB: Certo. O pensamento é tempo. Isso exige uma discussão mais ampla, porque a primeira reação é dizer que o tempo se encontra lá primeiro, e que o pensamento ocorre no tempo.

K: Ah, não.

DB: Por exemplo, se o movimento está ocorrendo, se o corpo está em movimento, isso requer tempo.

K: Para ir daqui até ali, o tempo é necessário. Para aprender uma língua necessita-se de tempo.

DB: Sim. Para as plantas crescerem, precisam de tempo.

K: Para pintar um quadro leva tempo.

DB: Dizemos também que pensar leva tempo.

K: Então, nós pensamos em termos de tempo.

DB: Sim, a primeira questão que estaríamos propensos a examinar é a de que tudo ocorre no tempo, leva tempo para pensar? Você está dizendo outra coisa, que é que o pensamento é o tempo?

K: O pensamento é tempo.

DB: Isso é, psicologicamente falando.

K: Psicologicamente, é claro.

DB: Agora como é que vamos entender isso?

K: Como podemos entender o que?

DB: Que o pensamento é tempo. Veja, isso não é óbvio.

K: Ah sim. Você diria que o pensamento é movimento, e que o tempo é movimento?

DB: Ele é movimento. Veja, o tempo é uma coisa misteriosa: as pessoas têm discutido sobre ele. Poderíamos dizer que o tempo exige movimento. Entendo que não podemos ter tempo sem movimento.

K: O tempo é movimento. O tempo não é separado do movimento.

DB: Eu não digo que ele esteja separado do movimento. Veja, se dissermos que o tempo e o movimento são um...

K: Sim, estamos dizendo isso.

DB: Eles não podem ser separados?

K: Não.

DB: Isso parece bastante claro. Agora, há o movimento físico, que significa um tempo físico. Há o batimento cardíaco e assim por diante.

K: O tempo físico, quente e frio, e também a escuridão e a luz...

DB: ...as estações do ano...

K: ...o por do sol e o nascer do sol. Tudo isso.

DB: Sim. Então agora temos o movimento do pensamento. Isso traz a questão da natureza do pensamento. O pensamento nada mais é que um movimento no sistema nervoso, no cérebro? Você diria isso?

K: Sim.

DB: Algumas pessoas disseram que ele inclui o movimento do sistema nervoso, mas que poderia haver algo mais.

K: O que é o tempo, realmente? O tempo é esperança.

DB: psicologicamente.

K: Psicologicamente. Por ora estou falando no sentido exclusivamente psicológico. Esperança é tempo. Transformação é tempo. Realização é tempo. Considere agora a questão do vir a ser: quero ser alguma coisa, psicologicamente. Eu quero me tornar não-violento. Pegue isso, por exemplo. Isso não passa de uma falácia.

DB: Sabemos que é uma falácia, mas a razão pela qual é uma falácia é que não há nenhum tempo deste tipo, é isso?

K: Não. Os seres humanos são violentos.

DB: Sim.

K: E eles têm falado muito - Tolstoi, e na Índia - da não-violência. O fato é que somos violentos. E a não-violência não é real. Mas nós queremos nos tornar não-violentos.

DB: Mas isso é mais uma vez uma extensão do tipo de pensamento que temos em relação às coisas materiais. Se você vê um deserto, o deserto é real e você diz que o jardim não é real, mas em sua mente está o jardim que surgirá quando você colocar a água lá. Assim, dizemos que podemos fazer planos para o futuro, quando o deserto se tornará fértil. Agora, temos de ser cuidadosos, dizemos que somos violentos, mas que não podemos, através de um planejamento similar, nos tornarmos não-violentos.

K: Não.

DB: Por que isso?

K: Por quê? Porque o estado não-violento não pode existir enquanto houver violência. Isso é apenas um ideal.

DB: É preciso tornar isto mais claro, no mesmo sentido, o estado fértil e o deserto também não existem juntos. Acho que você está dizendo que, no caso da mente, quando você é violento, a não-violência não tem sentido.

K: A violência é o único estado.

DB: É só o que existe.

K: Sim, e não o outro.

DB: O movimento em direção ao outro estado é ilusório.

K: Então, psicologicamente, todos os ideais são ilusórios. O ideal de construir uma ponte maravilhosa não é ilusório. Você pode planejar isso, mas ter ideais psicológicos...

DB: Sim, se você é violento e continua sendo violento enquanto tenta ser não-violento, não tem nenhum sentido.

K: Nenhum sentido, no entanto isso se tornou uma coisa tão importante. O vir a ser, que é tanto o tornar-se "o que é", como o tornar-se algo diferente de "o que é".

DB: Sim. "O que deveria ser". Se você diz que não pode haver sentido em se tornar algo melhor, no caminho do auto-aperfeiçoamento, que é...

K: Oh, o auto- aperfeiçoamento é algo tão feio. Estamos dizendo que a origem de tudo isso é um movimento do pensamento como tempo. Assim que criamos o tempo, psicologicamente, todos os outros ideais, a não-violência, a conquista de algum estado supremo e assim por diante, tornam-se completamente ilusórios.

DB: Sim. Quando você fala do movimento do pensamento como tempo, parece-me que este tempo que vem do movimento do pensamento é uma ilusão.

K: Sim.

DB: Sentimos isso como tempo, mas não é um tipo real de tempo.

K: É por isso que perguntamos, o que é o tempo?

DB: Sim.

K: Eu preciso de tempo para ir daqui até ali. Eu preciso de tempo, se eu quiser aprender engenharia. Preciso estudar, isso leva tempo. Esse mesmo movimento é transportado para a psique. Dizemos, eu preciso de tempo para ser bom. Preciso de tempo para alcançar a iluminação.

DB: Sim, isso sempre vai gerar um conflito. Uma parte de você contra a outra. Assim, esse movimento no qual você diz: eu preciso de tempo, também cria uma divisão na psique. Entre o observador e o observado.

K: Sim, estamos dizendo que o observador é o observado.

DB: E, portanto, não existe o tempo, psicologicamente.

K: Isso mesmo. O experimentador, o pensador, é o pensamento. Não há pensador separado do pensamento.

DB: Tudo o que você está dizendo parece muito razoável, mas acho que isso se opõe de tal modo à nossa tradição a qual estamos habituados, que será extremamente difícil para as pessoas em geral, realmente compreender.

K: A maioria das pessoas quer apenas uma maneira confortável de viver: "Vou continuar como estou, pelo amor de Deus, me deixe em paz"!

DB: Penso que isso é o resultado de muitos conflitos, e as pessoas querem apenas evitá-los.

K: Mas o conflito existe, quer queiramos ou não. Portanto, a questão é a seguinte: é possível viver uma vida sem conflitos?

DB: Sim, isso está implícito em tudo o que dissemos. A origem do conflito é o pensamento, o conhecimento, o passado.

K: A questão então é: é possível transcender o pensamento?

DB: Sim.

K: Ou é possível acabar com o conhecimento? Estou falando no sentido psicológico.

DB: Sim. Dissemos que o conhecimento dos objetos materiais e coisas assim, o conhecimento da ciência, irão continuar.

K: Certamente. Isso deve continuar.

DB: Mas o que você chama de auto-conhecimento é o que você está dizendo que deve acabar, não é?

K: Sim.

DB: Por outro lado as pessoas têm dito - mesmo você tem dito - que o auto-conhecimento é muito importante.

K: O auto-conhecimento é importante, mas se eu levar algum tempo para me entender, eu vou me entender, eventualmente, através de exame, análise, observando toda a minha relação com os outros e assim por diante - tudo isso envolve tempo.

E eu digo que há outra maneira de olhar a coisa toda, sem o tempo. Ou seja, quando o observador é o observado.

DB: Sim.

K: Nessa observação não existe o tempo.

DB: Podemos examinar isso um pouco mais? Quero dizer, por exemplo, se você diz que não há tempo, mas ainda assim você sente que pode se lembrar de que uma hora atrás estava em outro lugar. Agora, em que sentido podemos dizer que não há tempo?

K: O tempo é divisão. Assim como o pensamento é divisão. É por isso que o pensamento é tempo.

DB: O tempo é uma série de divisões de passado, presente e futuro.

K: O pensamento é divisão. Assim o tempo é o pensamento. Ou o pensamento é tempo.

DB: Não se pode deduzir rigorosamente isso do que você disse...

K: Vejamos.

DB: Sim. Veja, à primeira vista, poderíamos pensar que o pensamento cria divisões de todos os tipos, como a régua e as outras coisas, e também separa os intervalos de tempo: passado, presente e futuro. Contudo, isso não basta para se concluir que o pensamento é tempo.

K: Olhe, nós dissemos que tempo é movimento.

DB: Sim.

K: O pensamento é também uma série de movimentos. Assim, ambos são movimentos.

DB: O pensamento é um movimento, supomos, do sistema nervoso e...

K: Veja, é um movimento de vir a ser. Estou falando psicologicamente.

DB: Psicologicamente. Mas, sempre que você pensar, algo também se moverá no sangue, nos nervos, e assim por diante. Agora, quando você fala de um movimento psicológico, quer dizer apenas uma mudança de conteúdo?

K: Mudança de conteúdo?

DB: Bem, o que é o movimento? O que está se movendo?

K: Veja, eu sou isso, e eu estou tentando ser outra coisa psicologicamente.

DB: Portanto esse movimento está no conteúdo do seu pensamento?

K: Sim.

DB: Se você disser "eu sou isso e estou tentando me tornar aquilo", então eu estou em movimento. Pelo menos, sinto que eu estou em movimento.

K: Digamos, por exemplo, que eu seja ganancioso. A ganância é um movimento.

DB: Que tipo de movimento é esse?

K: Para conseguir o que quero, para conseguir mais. Isso é um movimento.

DB: Certo.

K: E eu sinto que esse movimento é doloroso. Então eu tento não ser ganancioso.

DB: Sim.

K: A tentativa de não ser ganancioso é um movimento do tempo, é o vir a ser.

DB: Sim, mas mesmo a ganância é um vir a ser.

K: Claro. Portanto, a verdadeira questão seria: é possível, psicologicamente, não se transformar?

DB: Isso parece exigir que você não seja nada psicologicamente. Assim que você se define de alguma forma, então...

K: Não, vamos defini-lo em um ou dois minutos.

DB: Eu quis dizer que, se eu me defino como ganancioso, digo que sou ganancioso, ou eu sou isso, ou eu sou aquilo, então eu vou querer ser outra coisa ou permanecer no que sou.

K: Eu posso permanecer sendo o que sou? Posso ficar não com a não-ganância, mas com a ganância? A ganância não é diferente de mim, a ganância sou eu.

DB: A maneira comum de pensar é que eu estou aqui, e eu posso ser ganancioso ou não.

K: Claro.

DB: Como se esses fossem atributos que eu possa ter ou não.

K: Mas eu sou os atributos.

DB: Entretanto, uma vez mais, isso se opõe, e muito, à nossa linguagem e experiência comuns.

K: Eu sou todas as qualidades, os atributos, as virtudes, os juízos, as conclusões e as opiniões.

DB: Parece-me que isso teria de ser percebido imediatamente....

K: Essa é a questão. Perceber a totalidade de todo esse movimento, instantaneamente. Então chegamos a esse ponto - que soa um pouco estranho, e talvez um pouco maluco, mas não é - é possível perceber sem todo o movimento da memória? Perceber algo diretamente, sem a palavra, sem a reação, sem que as lembranças se infiltrem na percepção.

DB: Essa é uma questão muito importante, porque a memória penetra constantemente na percepção. Eu levantaria a questão: o que impedirá a memória de se introduzir na percepção?

K: Nada pode impedi-la. Mas se vemos a razão, a racionalidade da atividade da memória, que é limitada - na própria percepção de que ela é limitada, penetramos em outra dimensão.

DB: Parece-me que você tem que perceber a limitação da memória em sua totalidade.

K: Sim, e não uma parte.

DB: Podemos ver, de uma maneira geral, que a memória é limitada, mas há muitos aspectos em que isto não é óbvio. Por exemplo, muitas de nossas reações que não são óbvias podem se originar da memória, mas não as experimentamos como memória. Suponha

que eu esteja me transformando: eu sinto ganância e desejo me tornar menos ganancioso. Posso me lembrar que sou ganancioso, mas acho que esse "eu" é aquele que se lembra, e não o contrário, não que é a memória que cria o "eu" - certo?

K: Tudo isso se resume no seguinte: a humanidade pode viver sem conflito? Basicamente, se trata disso. Podemos ter paz na terra? As atividades do pensamento nunca resultarão na paz.

DB: Parece claro, do que tem sido dito, que a atividade do pensamento não pode trazer a paz: gerar conflito é algo que lhe é inerente.

K: Sim, e uma vez que se veja realmente isso, a nossa atividade, como um todo, seria totalmente diferente.

DB: Mas você está dizendo então que há uma atividade que não é o pensamento? Que está além do pensamento?

K: Sim.

DB: E que não só está além do pensamento, mas que não exige a cooperação do pensamento? Que é possível que essa atividade continue quando o pensamento está ausente?

K: Esse é o ponto fundamental. Discutimos isso muitas vezes, se há algo além do pensamento. Não algo santo, sagrado - não estamos falando disso. Nós estamos perguntando, existe alguma atividade que não seja tocada pelo pensamento? Estamos dizendo que existe, e que essa atividade é a mais elevada forma de inteligência.

DB: Sim, introduzimos agora a inteligência.

K: Eu sei, eu a introduzi propositadamente! A inteligência não é a atividade do pensamento astuto. Existe a inteligência para se construir uma mesa.

DB: Bem, a inteligência pode usar o pensamento, como você já disse muitas vezes. Ou seja, o pensamento pode ser a ação de inteligência - você poderia colocar dessa forma?

K: Sim.

DB: Ou pode ser a ação da memória?

K: Ai é que está. Ambas são ações que nascem da memória e a memória é limitada, pois o pensamento é limitado, e tem a sua própria atividade, a qual produz então o conflito.

DB: Eu acho que isso se relaciona com o que as pessoas estão dizendo sobre computadores. Cada computador, em última instância, é dependente de algum tipo de memória, que é introduzida, e ele é programado. E isso deve, obrigatoriamente, ser limitado.

K: Claro.

DB: Portanto, quando operamos a partir da memória, não somos muito diferentes de um computador, ao contrário, talvez o computador não seja muito diferente de nós.

K: Eu diria que um hindu foi programado pelos últimos cinco mil anos para ser um hindu, ou, neste país, você tenha sido programado como britânico, ou como um católico ou protestante. Então, todos nós, até certo ponto, somos programados.

DB: Sim, mas você está introduzindo a noção de uma inteligência que está livre do programa, que é criativa, talvez.

K: Sim. Essa inteligência não tem nada a ver com a memória, com o conhecimento.

DB: Pode atuar na memória e no conhecimento, mas não tem nada a ver com isso.

K: Isso mesmo. Eu quero dizer, como é que você descobre se isso tem alguma realidade e não é apenas a imaginação ou uma tolice romântica? Para se chegar a isso, temos que olhar para toda a questão do sofrimento, se há um fim para o sofrimento. E enquanto o sofrimento, o medo e a busca do prazer existirem, não pode haver amor.

DB: Existem muitas questões aqui. Sofrimento, prazer, medo, raiva, violência e cobiça - tudo isso são respostas da memória.

K: Sim.

DB: Não tem nada a ver com inteligência.

K: Eles são todos parte do pensamento e da memória.

DB: E enquanto isso continuar acontecendo, parece que a inteligência não pode operar no pensamento, ou através do pensamento.

K: Isso mesmo. Portanto, precisamos nos libertar do sofrimento.

DB: Bem, esse é um ponto chave.

K: Realmente essa é uma questão muito séria e profunda. Se é possível acabar com o sofrimento, que é o fim do "eu".

DB: Sim, isso pode parecer repetitivo, mas a sensação é de que eu estou aqui, e que posso sofrer ou não. Ou eu desfruto das coisas ou sofro. Contudo, acho que você está dizendo que o sofrimento surge do pensamento, é o pensamento.

K: Identificação. Apego.

DB: Então, o que é isso que sofre? A memória pode produzir prazer e, quando isso não funciona, ela produz o oposto do sentimento de prazer - dor e sofrimento.

K: Não é só isso. O sofrimento é muito mais complexo, não é?

DB: Sim.

K: O que é o sofrimento? O significado da palavra é ter dor, aflição, é sentir-se totalmente perdido, solitário.

DB: Parece-me que não é apenas dor, mas uma espécie de dor muito penetrante.

K: Mas o sofrimento é a perda de alguém.

DB: Ou a perda de algo muito importante.

K: Sim, claro. Perda da minha esposa, meu filho, irmão, ou seja o que for, e a desesperadora sensação de solidão.

DB: Ou então, simplesmente o fato de que o mundo todo está caminhando para esse estado.

K: Claro. Todas as guerras.

DB: Isso faz com que todas as coisas percam o sentido.

K: As guerras causaram muito sofrimento. E as guerras existem há milhares de anos. É por isso que eu estou dizendo que nós estamos prosseguindo com o mesmo padrão dos últimos cinco mil anos ou mais.

DB: Pode-se facilmente ver que a violência e o ódio presente nas guerras vão interferir com a inteligência.

K: Isso é óbvio.

DB: Mas algumas pessoas sentem que, ao passar pelo sofrimento tornam-se...

K: ...inteligentes?

DB: ...purificadas, como se tivessem passado por uma prova severa.

K: Eu sei. Que através do sofrimento, você aprende. Que através do sofrimento o ego desaparece, é dissolvido.

DB: Sim, dissolvido, aprimorado.

K: Não é assim. As pessoas têm sofrido imensamente, quantas guerras, quantas lágrimas, e a natureza destrutiva dos governos? E o desemprego, a ignorância...

DB: ...a ignorância da doença, da dor, tudo isso. Mas o que realmente é o sofrimento? Por que ele destrói a inteligência, ou a impede? O que acontece?

K: O sofrimento é um choque, eu sofro, eu tenho dor, é a essência do "eu".

DB: A dificuldade com o sofrimento é que o eu que está ali, que está sofrendo.

K: Sim.

DB: E esse eu está realmente triste por si mesmo, de alguma forma.

K: O meu sofrimento é diferente do seu sofrimento.

DB: Sim, ele se isola. Ele cria um tipo de ilusão.

K: Nós não vemos que o sofrimento é compartilhado por toda a humanidade.

DB: Sim, mas suponha que nós pudéssemos enxergar que ele é compartilhado por toda a humanidade?

K: Então eu começo a questionar o que é sofrimento. Ele não é o meu sofrimento.

DB: Isso é importante. A fim de compreender a natureza do sofrimento, eu tenho que abandonar essa idéia de que é o meu sofrimento, porque, enquanto eu acreditar que ele é o meu sofrimento, eu tenho uma noção ilusória do problema como um todo.

K: E nunca poderei acabar com ele.

DB: Se você está lidando com uma ilusão, você não pode fazer nada a respeito dela. Veja por que - temos de voltar um pouco. Porque o sofrimento é o sofrimento de muitos? A princípio, parece que eu sinto dor no dente, ou então tenho uma perda, ou algo que aconteceu comigo, e a outra pessoa parece perfeitamente feliz.

K: Feliz, sim. Mas ela também está sofrendo a seu próprio modo.

DB: Sim. No momento, ela não vê isso, mas ela tem seus problemas também.

K: O sofrimento é comum a toda a humanidade.

DB: Mas o fato de ser comum, não é suficiente para torná-lo o mesmo para todos.

K: Ele é real.

DB: Você está dizendo que o sofrimento da humanidade é único, inseparável?

K: Sim, é isso que eu tenho dito.

DB: Assim como a consciência do homem?

K: Sim, isso mesmo.

DB: E quando alguém sofre, toda a humanidade está sofrendo?

K: A questão é a seguinte, temos sofrido desde o início dos tempos, e nós nunca encontramos uma solução para isso. Nós não acabamos com o sofrimento.

DB: Mas eu acho que o senhor disse que a razão pela qual não o resolvemos, é porque o consideramos como pessoal, ou pertencente a um pequeno grupo... e isso é uma ilusão.

K: Sim.

DB: Portanto, qualquer tentativa de lidar com uma ilusão não pode resolver coisa alguma.

K: O pensamento não pode resolver nada psicologicamente.

DB: Porque você pode dizer que o pensamento divide. O pensamento é limitado e é incapaz de ver que esse sofrimento é um só. E dessa maneira ele divide em meu e seu.

K: Isso mesmo.

DB: E isso cria a ilusão, que só pode multiplicar o sofrimento. Parece-me que a afirmação de que o sofrimento da humanidade é único, é inseparável da afirmação de que a consciência da humanidade é uma só.

K: O sofrimento faz parte da nossa consciência.

DB: Mas veja, não se tem a sensação imediata que este sofrimento pertence a toda humanidade.

K: O mundo sou eu: eu sou o mundo. Mas nós o temos dividido em terra inglesa, francesa, e todo o resto disso!

DB: O que você quer dizer com mundo, o mundo físico, ou o mundo da sociedade?

K: O mundo da sociedade, principalmente o mundo psicológico.

DB: Então dizemos que o mundo da sociedade, dos seres humanos, é um só, e quando digo que sou desse mundo, o que significa isso?

K: O mundo não é diferente de mim.

DB: O mundo e eu somos um. Somos inseparáveis.

K: Sim. E essa é a verdadeira meditação, você deve sentir isso, não apenas como uma declaração verbal: trata-se de uma realidade. Eu sou o guarda do meu irmão.

DB: Muitas religiões têm dito isso.

K: Isso é apenas uma declaração verbal e elas não a assumem, não a praticam em seus corações.

DB: Talvez algumas pessoas façam isso, mas em geral, não está sendo feito?

K: Eu não sei se alguém faz isso. Nós, seres humanos, não temos feito isso. Nossas religiões têm realmente impedido isso.

DB: Por causa da divisão? Cada religião tem suas próprias crenças e sua própria organização.

K: Claro. Seus próprios deuses e os seus próprios salvadores.

DB: Sim.

K: Assim sendo, essa inteligência é real? Você entende a minha pergunta? Ou é algum tipo de projeção fantasiosa, na esperança de que ela irá resolver os nossos problemas? Eu não penso assim. Ela é uma realidade. Porque o fim do sofrimento significa amor.

DB: Antes de prosseguirmos, vamos deixar claro a questão do "eu". Veja, você disse: eu não penso assim. Em certo sentido, parece que você ainda está definindo um indivíduo. É isso mesmo?

K: Sim. Eu estou usando a palavra "eu" como um meio de comunicação.

DB: Mas o que isso significa? De alguma forma, vamos dizer que podem haver duas pessoas, digamos "A", que pensa como você, e "B" que não pensa como você?

K: Sim.

DB: Então "A" diz que não é assim - o que parece criar uma divisão entre "A" e "B".

K: Isso mesmo. Mas "B" criou a divisão.

DB: Por quê?

K: Qual é a relação entre os dois?

DB: "B" cria a divisão, dizendo: "eu sou uma pessoa separada", mas "B" pode se confundir ainda mais quando "A" diz "não penso assim" - certo?

K: Esse é todo o problema do relacionamento, não é? Você sente que não está separado, e que você realmente tem essa sensação de amor e compaixão, e eu não tenho isso. Eu nem sequer percebi ou me preocupei com essa questão. Qual é a sua relação comigo? Você tem um relacionamento comigo, mas eu não tenho qualquer relacionamento com você.

DB: Bem, eu acho que poderíamos dizer que a pessoa que não enxerga isso está vivendo em um mundo de sonhos, psicologicamente, e portanto, o mundo dos sonhos não está relacionado com o mundo de quem está desperto.

K: Isso mesmo.

DB: Mas o homem que está acordado pode, pelo menos, talvez, despertar o outro.

K: Você está acordado, eu não estou. Então o seu relacionamento comigo é muito claro. Mas eu não tenho nenhuma relação com você, não posso ter. Eu insisto na divisão, e você não.

DB: Sim, dissemos que de alguma forma a consciência da humanidade se dividiu, ela é única, mas dividiu-se pelo pensamento. E é por isso que estamos nessa situação.

K: É por isso. Todos os problemas que a humanidade enfrenta agora, psicologicamente, assim como de outras formas, são o resultado do pensamento. E estamos perseguindo o mesmo padrão de pensamento, e ele nunca resolverá nenhum desses problemas. Portanto, há um outro tipo de instrumento, que é a inteligência.

DB: Bem, isso nos leva a um assunto completamente diferente. E você mencionou o amor também. E a compaixão.

K: Sem o amor e a compaixão, não há inteligência. E você não pode ser compassivo, se você está preso a alguma religião, se você está amarrado a um poste como um animal....

DB: Sim, logo que o eu é ameaçado, então ele não pode....

K: Veja, o eu se esconde atrás de...

DB: ...outras coisas. Quero dizer, dos mais nobres ideais.

K: Sim, ele tem uma enorme capacidade de se esconder. Então, qual é o futuro da humanidade? Pelo que se observa, ela está a caminho da destruição.

DB: Sim, esse parece ser o caminho que estamos percorrendo.

K: Muito assustador, sombrio e perigoso. Se alguém tem filhos, qual será o futuro deles? Adaptar-se a tudo isso? E passar por toda essa miséria. Portanto, a educação torna-se extremamente importante. Mas, no presente, a educação é meramente um acúmulo de conhecimentos.

DB: Todos os instrumentos que o homem tem inventado, descoberto ou desenvolvido tem sido voltados para a destruição.

K: Absolutamente. Eles estão destruindo a natureza, há muitos poucos tigres agora.

DB: Eles estão destruindo as florestas e os solos agrícolas.

K: Ninguém parece se importar.

DB: Bem, a maioria das pessoas estão apenas imersas em seus planos para salvar a si próprias, mas outros têm planos para salvar a humanidade. Acho que também há uma tendência para o desespero, implícita no que está acontecendo agora, no fato de as pessoas não acreditarem que alguma coisa pode ser feita.

K: Sim. E se elas acreditam que algo pode ser feito, formam pequenos grupos com suas pequenas teorias.

DB: E há aqueles que estão muito confiantes no que eles estão fazendo.

K: A maioria dos primeiros-ministros estão muito confiantes. Eles não sabem o que estão fazendo realmente!

DB: Sim, mas a maioria das pessoas não têm muita confiança no que elas mesmas estão fazendo.

K: Eu sei. E se alguém tem uma enorme confiança, eu acredito nessa confiança e o sigo. Qual é o futuro do ser humano, o futuro da humanidade? Gostaria de saber se alguém está preocupado com isso? Ou se cada pessoa, cada grupo, se preocupa apenas com sua própria sobrevivência?

DB: Eu acho que a primeira preocupação tem sido quase sempre com a sobrevivência de um indivíduo ou grupo. Essa tem sido a história da humanidade.

K: E essa é a razão das guerras perpétuas e a constante insegurança.

DB: Sim, mas isso, como você disse, é o resultado do pensamento, que comete um erro básico, pois sendo incompleto, ele identifica o eu com o grupo, e assim por diante.

K: Acontece que você ouve tudo isso. Você concorda com tudo isso, você vê a verdade de tudo isso. Mas aqueles que estão no poder não vão sequer ouvi-lo.

DB: Não.

K: Eles estão criando mais e mais miséria, o mundo está se tornando cada vez mais perigoso. Qual é a utilidade de demonstrarmos que alguma coisa é verdadeira, e que efeito tem isto?

DB: Parece-me que, se pensarmos em termos de efeitos, estaremos atraindo a mesma coisa que está por trás do problema - o tempo! Então a resposta seria interferir rapidamente e fazer algo para mudar o curso dos acontecimentos.

K: E, portanto, formar uma sociedade, uma fundação, uma organização, e tudo o mais.

DB: Mas veja, o nosso erro é achar que temos de pensar em alguma coisa, ainda que esse pensamento seja incompleto. Nós não sabemos realmente o que está acontecendo, e as pessoas criaram teorias a respeito disso, mas elas não sabem.

K: Se essa é a pergunta errada, então enquanto um ser humano, que é a humanidade, qual é a minha responsabilidade, independente do efeito e tudo o mais?

DB: Sim, nós não podemos considerar os efeitos. Mas é o mesmo que ocorre com "A" e "B", "A" vê, e "B" não.

K: Sim.

DB: Agora, suponha que "A" vê alguma coisa, mas o resto da humanidade não. Então, ao que parece, pode-se dizer a humanidade está, em certo sentido, sonhando, dormindo.

K: Ela está presa em uma ilusão.

DB: Ilusão. A questão é essa, se alguém vê alguma coisa, sua responsabilidade é ajudar os outros a despertarem, livrá-los da ilusão.

K: Exatamente. Esse tem sido o problema. É por isso que os budistas projetaram a idéia do Bodhisattva, que é a essência de toda a compaixão, e esperam salvar a humanidade. Isso soa bem. É uma felicidade saber que existe alguém fazendo isso. Mas na realidade nós não faremos nada que não seja confortável, satisfatório, seguro, tanto física quanto psicologicamente.

DB: Essa é, basicamente, a origem da ilusão.

K: Como fazer com que os outros vejam tudo isso? Eles não têm tempo, eles não têm a energia, eles não têm sequer a disposição. Eles querem se divertir. Como fazer com que "X" veja essa coisa toda tão claramente que ele diga, "Tudo bem, eu entendi, eu vou trabalhar. E vejo que sou responsável", e tudo o mais. Eu acho que essa é a tragédia dos que veem e dos que não veem.

Segunda Conversa

Existe Evolução da Consciência?

20 de Junho de 1983,
Brockwood Park, Hampshire

JIDDU KRISHNAMURTI: Estão todos os psicólogos, na medida em que nós podemos compreender, realmente preocupados com o futuro da humanidade? Ou eles estão preocupados com a adaptação do ser humano na sociedade atual? Ou estão indo mais além?

DAVID BOHM: Eu acho que a maioria dos psicólogos evidentemente, querem adaptar o ser humano a essa sociedade, mas acho que alguns estão pensando em ir para além disso, pensando em transformar a consciência da humanidade.

K: A consciência da humanidade pode ser mudada através do tempo? Essa é uma das questões que devemos discutir.

DB: Sim. Já havíamos discutido isso anteriormente, e eu acho que o que consideramos foi que, com relação à consciência, o tempo não é relevante, que é uma espécie de ilusão. Discutimos a ilusão do vir a ser.

K: Sim, nós estamos dizendo, não nós, que a evolução da consciência é uma falácia.

DB: Através do tempo, sim. Embora a evolução física não o seja.

K: Nós podemos colocar isso de uma forma mais simples? Não há evolução psicológica, ou a evolução da psique?

DB: Sim. E, já que o futuro da humanidade depende da psique, parece então que o futuro da humanidade não vai ser determinada através de ações no tempo. E então fica a pergunta: o que faremos?

K: Agora vamos prosseguir a partir daí. Não deveríamos primeiro fazer uma distinção entre o cérebro e a mente?

DB: Bem, esta distinção foi feita, e não é clara. Agora, é claro que existem várias interpretações. Uma delas é que a mente é apenas uma função do cérebro - que é a opinião dos materialistas. Há um outro ponto de vista que diz que mente e cérebro são duas coisas diferentes.

K: Sim, acho que são duas coisas diferentes.

DB: Mas deve haver...

K: ... um contato entre os dois.

DB: Sim.

K: Uma relação entre os dois.

DB: Nós não sugerimos necessariamente a separação dos dois.

K: Não. Primeiro vamos ver o cérebro. Eu realmente não sou um perito sobre a estrutura do cérebro e todo esse tipo de coisa. Mas nós podemos olhar para nosso interior, e observar da própria atividade do cérebro, que é realmente como um computador que foi programado e tem memória.

DB: Certamente uma grande parte da atividade é dessa maneira, mas não se tem certeza de que tudo é assim.

K: Não. E ele é condicionado.

DB: Sim.

K: Condicionado pelas gerações passadas, pela sociedade, pelos jornais, pelas revistas, por todas as atividades e pressões do exterior. Ele é condicionado.

DB: Agora, o que você quer dizer com esse condicionamento?

K: O cérebro é programado, ele é feito para obedecer a um determinado padrão, ele vive inteiramente no passado, modificando-se com o presente e assim prosseguindo.

DB: Nós concordamos que alguns destes condicionamentos são úteis e necessários.

K: Claro.

DB: Mas o condicionamento que determina o eu, você sabe, que determina a...

K: ... a psique. Vamos por enquanto utilizar esse termo, a psique. O eu.

DB: O eu, a psique, é desse condicionamento que você está falando. Isso pode não só ser desnecessário, mas prejudicial.

K: Sim. A ênfase na psique, o dar importância ao eu, está criando grandes estragos em todo o mundo, porque se trata de uma separação e, portanto, está constantemente em conflito, não apenas dentro de si, mas com a sociedade, com a família, e assim por diante.

DB: Sim. E está também em conflito com a natureza.

K: Com a natureza, com todo o universo.

DB: Nós dissemos que o conflito surgiu por que...

K: ... da divisão ....

DB: A divisão aconteceu porque o pensamento é limitado. Sendo baseado neste condicionamento, no conhecimento e na memória, ele é limitado.

K: Sim. E a experiência é limitada, pois o conhecimento é limitado, bem como a memória e o pensamento. E a própria estrutura e natureza da psique é o movimento do pensamento.

DB: Sim.

K: No tempo.

DB: Sim. Agora eu gostaria de fazer uma pergunta. Você falou do movimento do pensamento, mas não parece claro para mim o que está se movendo. Veja, se eu falar sobre o movimento da minha mão, que é um movimento real. Está claro o que isso significa. Mas agora, quando falamos sobre o movimento do pensamento, parece-me que estamos discutindo sobre algo que é uma espécie de ilusão, porque você disse que o vir a ser é um movimento do pensamento.

K: Isso é o que eu quero dizer, o movimento é o vir a ser.

DB: Mas você está dizendo que o movimento é de alguma forma ilusório, não é?

K: Sim, claro.

DB: Ele é muito parecido com o movimento na tela que se projeta da câmera. Nós dizemos que não há objetos em movimento na tela, mas o único movimento real é o giro do projetor. Agora, podemos dizer que há um movimento real no cérebro, que está projetando tudo isto, que é o condicionamento?

K: É isso que queremos descobrir. Vamos discutir isso um pouco. Nós dois concordamos, ou vemos, que o cérebro é condicionado.

DB: Queremos dizer que realmente ele foi impresso física e quimicamente.

K: E geneticamente, assim como psicologicamente.

DB: Qual é a diferença entre física e psicologicamente?

K: Psicologicamente o cérebro é centrado no eu - certo?

DB: Sim.

K: E a afirmação constante do eu é o movimento, o condicionamento, uma ilusão.

DB: Mas existe algum movimento real acontecendo lá dentro. O cérebro, por exemplo, está fazendo alguma coisa. Ele tem sido condicionado física e quimicamente. E algo está acontecendo fisicamente e quimicamente quando estamos pensando no eu.

K: Você está perguntando se o cérebro e o eu são duas coisas diferentes?

DB: Não, eu estou dizendo que o eu é o resultado do condicionamento do cérebro.

K: Sim. O eu é o condicionamento do cérebro.

DB: Mas será que o eu existe?

K: Não.

DB: Mas o condicionamento do cérebro, a meu ver, é o envolvimento com uma ilusão que chamamos de eu.

K: Isso mesmo. Esse condicionamento pode ser dissipado? Essa é toda a questão.

DB: Ele realmente tem que ser dissipado no sentido físico, químico e neurofisiológico.

K: Sim.

DB: Agora, a primeira reação de qualquer pessoa com alguma formação científica, seria a de que parece improvável que possamos dissipá-lo do modo como estamos fazendo. Veja, alguns cientistas podem acreditar que talvez serão descobertas novas drogas ou novas alterações genéticas, ou obterão um conhecimento profundo da estrutura do cérebro. Desta forma talvez pudéssemos ajudar a fazer alguma coisa. Eu acho que essa idéia é compartilhada por algumas pessoas.

K: Isso modificará o comportamento humano?

DB: Por que não? Acho que algumas pessoas acreditam que isso é possível.

K: Espere um minuto. Essa é toda a questão. Pode, o que significa no futuro.

DB: Sim, levaria tempo para descobrir tudo isso.

K: Nesse meio tempo o homem destruirá a si mesmo.

DB: As pessoas poderiam ter a esperança de que isso possa ser descoberto a tempo. Elas também poderiam criticar o que estamos fazendo, dizendo, de que adianta isso? Veja, isso parece não afetar ninguém, e certamente não a tempo de fazer uma grande diferença.

K: Para nós dois isso está bastante claro. De que forma isso afeta a humanidade?

DB: Será que vai realmente afetar a humanidade a tempo de salvar...

K: Claro que não.

DB: Então por que deveríamos estar fazendo isso?

K: Porque esta é a coisa certa a fazer. Independentemente. Não tem nada a ver com recompensa ou punição,

DB: Tampouco com objetivos. Nós fazemos a coisa certa mesmo que não sabendo qual será o resultado?

K: Isso mesmo.

DB: Você está dizendo que não há outra maneira?

K: Nós estamos dizendo que não há outro caminho, isso mesmo.

DB: Bem, nós devemos deixar isso bem claro. Por exemplo, alguns psicólogos poderiam achar que, ao indagar sobre esse tipo de coisa, nós poderíamos trazer uma transformação evolutiva da consciência.

K: Voltamos ao ponto de que, com o tempo, esperamos mudar a consciência. Nós já falamos sobre isso.

DB: Nós temos questionado isso, e dissemos que através do tempo, inevitavelmente, todos nós somos apanhados na ilusão do vir a ser, e nós não sabemos o que estamos fazendo.

K: Isso mesmo.

DB: Agora podemos dizer que a mesma coisa se aplica, mesmo para os cientistas que estão tentando fazer isso física e quimicamente, ou estruturalmente, pois eles mesmos ainda estão presos nisso, e através do tempo são capturados na tentativa de tornarem-se melhor?

K: Sim. Os experimentalistas e os psicólogos e nós mesmos estamos todos tentando nos tornar algo.

DB: Sim, embora possa não parecer óbvio à primeira vista. Pode parecer que os cientistas são realmente desinteressados, observadores imparciais, trabalhando no problema. Mas, debaixo disso, percebe-se que há o desejo de tornar-se melhor por parte da pessoa que está pesquisando dessa forma.

K: Para se tornar. É claro.

DB: Ele não está livre disso.

K: É isso mesmo.

DB: E esse desejo vai dar origem ao autoengano e a ilusão, e assim por diante.

K: Então, onde estamos agora? Qualquer forma de vir a ser é uma ilusão, e o vir a ser implica o tempo, tempo para a psique mudar. Mas estamos dizendo que o tempo não é necessário.

DB: Pois bem, essa questão está relacionada com a questão da mente e do cérebro. O cérebro é uma atividade no tempo, enquanto processo físico e químico complexo.

K: Eu acho que a mente é separada do cérebro.

DB: O que significa separado? Eles estão em contato?

K: Separados no sentido de que o cérebro é condicionado e a mente não é.

DB: Vamos dizer que a mente tem uma certa independência do cérebro. Mesmo que o cérebro seja condicionado...

K: ...a mente não é.

DB: Não precisa ser...

K: ...condicionada.

DB: Em que base você diz isso?

K: Não vamos começar com que base eu digo isso.

DB: Bem, o que o faz dizer isso?

K: Enquanto o cérebro for condicionado, ele não é livre.

DB: Sim.

K: E a mente é livre.

DB: Sim, é isso que você está dizendo. Mas veja, se o cérebro não é livre, significa que ele também não é livre para investigar de forma imparcial.

K: Eu chegarei lá. Vamos perguntar o que é liberdade? Liberdade para perguntar, liberdade para investigar. É só na liberdade que há uma percepção profunda.

DB: Sim, é claro, porque se você não é livre para perguntar, ou se você está tendencioso, então você está limitado, de forma arbitrária.

K: Então, enquanto o cérebro estiver condicionado, a sua relação com a mente é limitada.

DB: Nós temos a relação do cérebro com a mente, e também o inverso.

K: Sim. Mas a mente por ser livrem tem uma relação com o cérebro.

DB: Sim. Pois bem, digamos que a mente está livre, em algum sentido, não sujeita ao condicionamento do cérebro.

K: Sim.

DB: Qual é a natureza da mente? Está a mente localizada dentro do corpo, ou está no cérebro?

K: Não, não tem nada a ver com o corpo ou o cérebro.

DB: Tem a ver com o espaço ou com o tempo?

K: Espaço - Agora, espere um minuto! Tem a ver com o espaço e silêncio. Estes são os dois fatores da...

DB: Mas não com o tempo?

K: Não com o tempo. O tempo pertence ao cérebro.

DB: Você diz espaço e silêncio, agora, que tipo de espaço? Não é o espaço em que vemos a vida em movimento.

K: Espaço. Vamos abordar isso de outra maneira. O pensamento pode inventar espaço.

DB: Além disso, temos o espaço que nós vemos. Mas o pensamento pode inventar todos os tipos de espaço.

K: E o espaço daqui para lá.

DB: Sim, o espaço através do qual nós nos movemos é assim.

K: O espaço também entre dois barulhos, dois sons.

DB: Chama-se de intervalo, o intervalo entre dois sons.

K: Sim, o intervalo entre dois sons. Dois pensamentos. Duas notas.

DB: Sim.

K: O espaço entre duas pessoas.

DB: Espaço entre as paredes.

K: E assim por diante. Mas esse tipo de espaço não é o espaço da mente.

DB: Você diz que ela não é limitada?

K: Isso mesmo. Mas eu não queria usar a palavra "limitada".

DB: Mas isso está implícito. Esse tipo de espaço não tem a característica do que está delimitado por algo.

K: Não, não é delimitado pela psique.

DB: Mas é delimitada por alguma coisa?

K: Não. Então pode o cérebro, com todas as suas células condicionadas, essas células podem mudar radicalmente?

DB: Nós temos discutido isso muitas vezes. Não se tem certeza de que todas as células são condicionadas. Por exemplo, algumas pessoas pensam que apenas algumas, ou uma pequena parte das células estão sendo usadas, e que as outras estão apenas inativas, adormecidas.

K: Dificilmente usadas em sua totalidade, ou apenas tocadas ocasionalmente.

DB: Apenas tocadas ocasionalmente. Mas as células que estão condicionadas, sejam elas quais forem, evidentemente dominam a consciência agora.

K: Sim. Podem essas células ser mudadas?

DB: Sim.

K: Nós estamos dizendo que elas podem, através de um insight, um insight que esteja fora do tempo, não o resultado de uma recordação, de uma intuição, nem de desejo, nem esperança. Não tem nada a ver com o tempo ou o pensamento.

DB: Sim. Agora, esse insight é da mente? É de natureza mental? Uma atividade da mente?

K: Sim.

DB: Portanto você está dizendo que a mente pode agir na matéria do cérebro.

K: Sim, nós dissemos isso antes.

DB: Mas, veja, este ponto, como a mente é capaz de agir na matéria, é difícil.

K: Ela é capaz de agir sobre o cérebro. Por exemplo, considere qualquer crise ou problema. A raiz do significado de problema é, como o senhor sabe, "algo jogado em você". E nós o enfrentamos com toda a lembrança do passado, com uma predisposição e assim por diante. E, portanto, o problema se multiplica. Você pode resolver um problema, mas na própria solução de um problema particular, outros problemas surgem, como acontece na política, e assim por diante. Agora, para abordar o problema, ou ter a percepção dele sem as lembranças do passado e pensamentos que interfiram ou se projetem...

DB: Isso implica que a percepção também é da mente...

K: Sim, isso é certo.

DB: Você está dizendo que o cérebro é uma espécie de instrumento da mente?

K: Um instrumento da mente quando o cérebro não é auto-centrado.

DB: Todo o condicionamento pode ser imaginado como o cérebro excitando a si mesmo, e mantendo-se em funcionamento apenas a partir do programa. Isto ocupa todas as suas capacidades.

K: Todos os nossos dias, sim.

DB: O cérebro é como um receptor de rádio que pode gerar seus próprios ruídos, mas incapaz de captar um sinal.

K: Não é bem assim. Vamos examinar isso um pouco mais. A experiência é sempre limitada. Posso expandir essa experiência para algo fantástico, e em seguida, criar uma loja para vender a minha experiência, mas essa experiência é limitada. E assim, o conhecimento é sempre limitado. E esse conhecimento está operando no cérebro. Este conhecimento é o cérebro. E o pensamento também é parte do cérebro, e o pensamento é limitado. Assim, o cérebro está funcionando em uma área muito, muito pequena.

DB: Sim. O que o impede de operar em uma área mais ampla? Em um espaço ilimitado?

K: O pensamento.

DB: Mas me parece que o cérebro está funcionando por conta própria, a partir de seu próprio programa.

K: Sim, como um computador.

DB: Essencialmente, o que você está pedindo é que o cérebro realmente deveria responder à mente.

K: Ele só pode responder se ele está livre do limitado - do pensamento, que é limitado.

DB: De modo que a programação não o domine. Veja, ainda assim vamos precisar desse programa.

K: Claro. Precisamos dele para...

DB: ...para muitas coisas. Mas, e quanto à inteligência, ela pertence à mente?

K: Sim, inteligência é a mente.

DB: É a mente.

K: Nós temos que examinar outra coisa. Porque a compaixão é relacionada à inteligência, não há inteligência sem compaixão. E a compaixão só pode existir, quando há amor, que é completamente livre de todas as lembranças, invejas pessoais, e assim por diante.

DB: Essa compaixão, esse amor, também é da mente?

K: Sem dúvida. Você não pode ser compassivo, se você está apegado a alguma experiência particular, ou a qualquer ideal particular.

DB: Sim, isso é novamente o programa que está nos prendendo.

K: Sim. Por exemplo, existem aquelas pessoas vão para aqueles países dominados pela miséria, e trabalham, trabalham, trabalham. E eles chamam isso de compaixão. Mas eles estão apegados, ou atados a uma forma particular de crença religiosa e, portanto, sua ação é apenas piedade ou simpatia. Não é compaixão.

DB: Sim, eu entendo que nós temos aqui duas coisas que podem ser um tanto independentes. Há o cérebro e a mente, embora estejam em contato. Então dissemos que a inteligência e a compaixão vêm de fora do cérebro. Agora eu gostaria de entrar na questão de como eles entram em contato.

K: Ah! O contato entre a mente e o cérebro só pode existir quando o cérebro está tranquilo.

DB: Sim, essa é a exigência para que isso ocorra. O cérebro tem que ficar tranquilo.

K: Não se trata de uma tranquilidade treinada. Não é um desejo autoconsciente, meditativo, de silêncio. É o resultado natural da compreensão acerca do nosso próprio condicionamento.

DB: E pode-se ver que, se o cérebro se encontra quieto poderia ouvir algo mais profundo?

K: Isso mesmo. Então, se ele está tranquilo existe a relação com a mente. Então, a mente pode funcionar através do cérebro.

DB: Eu acho que ajudaria se pudéssemos averiguar, no que diz respeito ao cérebro, se ele tem alguma atividade que esteja além do pensamento. Veja, por exemplo, pode-se perguntar, é a percepção uma função do cérebro?

K: Enquanto é percepção na qual não há nenhuma escolha.

DB: Eu acho que isso pode causar dificuldade. O que há de errado com a escolha?

K: Escolha significa confusão.

DB: Isso não é óbvio.

K: Claro, você tem que escolher entre duas coisas.

DB: Eu poderia escolher se vou comprar uma coisa ou outra.

K: Sim, eu posso escolher entre esta mesa e aquela.

DB: Eu escolho as cores, quando eu vou comprar a mesa. Que não devem ser confundidas. Se eu escolher a cor que eu quero, eu não vejo por que tem de ser confuso.

K: Não há nada de errado. Não há confusão ai.

DB: Parece-me então que a confusão reside na escolha relativa à psique.

K: Isso é tudo, estamos falando da psique, que escolhe.

DB: Que opta por vir a ser.

K: Sim. Opta por se tornar. E escolha existe onde há confusão.

DB: Você está dizendo que devido à confusão, a psique faz uma escolha para se tornar uma coisa ou outra? Estando confusa, ela tenta se tornar algo melhor?

K: E escolha implica uma dualidade.

DB: Mas parece à primeira vista que temos outra dualidade que você introduziu, que é a mente e o cérebro.

K: Não, isso não é uma dualidade.

DB: Qual é a diferença?

K: Vamos dar um exemplo muito simples. Os seres humanos são violentos e a não violência foi projetada pelo pensamento. Essa é a dualidade - o fato, e o não-fato.

DB: Você está dizendo que há uma dualidade entre um fato, e uma mera projeção feita pela mente.

K: O ideal e o fato.

DB: O ideal é irreal, e o fato é real.

K: É isso. O ideal não é real.

DB: Sim. Agora então você diz que a divisão implica uma dualidade. Por que você dá a ela esse nome?

K: Porque eles estão divididos.

DB: Bem, pelo menos, eles parecem estar divididos.

K: Dividido, e nós estamos lutando. Por exemplo, todos os ideais comunistas totalitários, e os ideais democráticos, são o resultado do pensamento que é limitado, e isso está criando o caos no mundo.

DB: Então há uma divisão que foi interposta. Mas eu acho que estávamos discutindo em termos de dividir algo que não pode ser dividido. De tentar dividir a psique.

K: Isso mesmo. A violência não pode ser dividida em não violência.

DB: E a psique não pode ser dividida em violência e não violência. Certo?

K: É o que é.

DB: É o que é, assim, se ela é violenta, não pode ser dividida em uma parte violenta e outra parte não violenta.

K: Então podemos continuar com "o que é", não com "o que deveria ser, "que deve ser", não inventar ideais, e assim por diante?

DB: Sim, mas podemos voltar à questão da mente e do cérebro? Agora nós estamos dizendo que não é uma divisão.

K: Ah não, isso não é uma divisão.

DB: Eles estão em contato, não é mesmo?

K: Nós dissemos, há contato entre a mente e o cérebro quando o cérebro é silencioso e tem espaço.

DB: Então, nós estamos dizendo que apesar de estarem em contato e de não haver de modo algum uma divisão, a mente ainda pode ter certa independência do condicionamento do cérebro.

K: Agora vamos ter cuidado! Suponha que o meu cérebro está condicionado, por exemplo, programado como um hindu, e toda a minha vida e ação são condicionados pela ideia de que eu sou um hindu. A mente, obviamente, não tem nenhuma relação com esse condicionamento.

DB: Você está usando a palavra mente, não "minha mente".

K: Mente. Ela não é "minha".

DB: Ela é universal ou geral.

K: Sim. E também não é "meu" cérebro.

DB: Não, mas há um cérebro particular, este cérebro ou aquele cérebro. O senhor diria que existe uma mente particular?

K: Não.

DB: Essa é uma diferença importante. Você está dizendo que a mente é realmente universal.

K: A mente é universal - se você pode usar essa palavra feia.

DB: Ilimitada e indivisível.

K: Ela é impoluta, não poluída pelo pensamento.

DB: Mas eu acho que a maioria das pessoas terão dificuldades em dizer de que maneira sabemos alguma coisa sobre essa mente. Sabemos apenas que a primeira impressão é da minha mente - certo?

K: Você não pode chamá-la de sua mente. Você só tem o seu cérebro, que é condicionado. Você não pode dizer: "É a minha mente".

DB: Mas o que está acontecendo dentro de mim eu sinto que é meu, e é muito diferente do que está acontecendo dentro de outra pessoa.

K: Não, eu questiono se é diferente.

DB: Pelo menos parece diferente.

K: Sim. Eu questiono se isso é diferente, o que está acontecendo dentro de mim como um ser humano, e a você como outro ser humano. Ambos passamos por todos os tipos de problemas: o sofrimento, o medo, a ansiedade, a solidão, e assim por diante. Todos temos os nossos dogmas, crenças, superstições. E todo mundo tem isso.

DB: Podemos dizer que é tudo muito parecido, mas temos a impressão de que cada um de nós está isolado do outro.

K: Pelo pensamento. Meu pensamento criou a crença de que eu sou diferente de você, porque meu corpo é diferente do seu, o minha face é diferente da sua. Estendemos a mesma coisa para a área psicológica.

DB: Mas agora, se dissermos que talvez essa divisão é uma ilusão?

K: Não, talvez não! Ela é.

DB: É uma ilusão. Tudo bem. Embora não seja óbvio quando uma pessoa olha inicialmente para ela.

K: Claro.

DB: Na realidade, até mesmo o cérebro não está dividido, porque nós estamos dizendo que somos todos, não só basicamente semelhantes, mas realmente conectados. E então dizemos que além de tudo isso está a mente, que não tem absolutamente nenhuma divisão.

K: Ela é incondicionada.

DB: Sim, então pode-se deduzir daí, que na medida em que uma pessoa sente que ela é um ser separado, ela tem muito pouco contato com a mente.

K: Exatamente. Isso é o que nós dissemos.

DB: Ela não é a mente.

K: Isso é porque é muito importante entender, não a mente, mas o nosso condicionamento. E se o nosso condicionamento, o condicionamento humano, jamais puder ser dissolvido. Essa é a verdadeira questão.

DB: Sim. Eu penso que nós ainda temos que compreender o significado do que está sendo dito. Veja, nós temos uma mente que é universal, isto é, que em certo sentido tem um espaço, você diz, ou ela é o seu próprio espaço?

K: Ela não está em mim ou no meu cérebro.

DB: Mas ela tem um espaço.

K: Ela é, ela vive no espaço e no silêncio.

DB: Ela vive num espaço e no silêncio, mas é o espaço da mente. Não se trata de um espaço como este espaço?

K: Não. É por isso que dissemos que o espaço não é inventado pelo pensamento.

DB: Sim, agora é possível, então, perceber esse espaço quando a mente está em silêncio, de estar em contato com ela?

K: Perceber não. Vejamos. Você está perguntando se a mente pode ser percebida pelo cérebro.

DB: Ou pelo menos se o cérebro de alguma forma esteja ciente... tenha uma percepção, uma sensação.

K: Nós estamos dizendo, sim, através da meditação. Você pode não gostar de usar essa palavra.

DB: Eu não me importo.

K: Veja, a dificuldade é que quando você usa a palavra "meditação", é geralmente aceito que há sempre um meditador meditando. A meditação real é um processo inconsciente, não é um processo consciente.

DB: Como, então, você é capaz de afirmar que a meditação ocorre se ela é inconsciente?

K: Ele ocorre quando o cérebro está quieto.

DB: Você quer dizer, quando se refere à consciência, todo o movimento do pensamento? O sentimento, o desejo, a vontade, e tudo o que se passa com ele?

K: Sim.

DB: Há um tipo de percepção ainda, não há?

K: Ah sim. Depende do que você chama de percepção. Percepção de quê?

DB: Possivelmente percepção de algo mais profundo, eu não sei.

K: Novamente, quando você usa a palavra "profundo", é uma medida. Eu não usaria isso.

DB: Bem, não vamos usar isso. Mas veja, há uma espécie de inconsciência da qual nós simplesmente não temos nenhuma noção. Uma pessoa pode estar inconsciente de alguns de seus problemas, conflitos.

K: Vamos pesquisar um pouco mais. Se eu fizer alguma coisa, conscientemente, é a atividade do pensamento.

DB: Sim, isso é o pensamento refletindo sobre si mesmo.

K: Certo, é a atividade do pensamento. Agora, se eu meditar conscientemente, praticar, fizer tudo isso, que eu chamo de absurdo, então eu estou fazendo o cérebro se ajustar a uma outra série de padrões.

DB: Sim, é mais transformação.

K: Mais transformação, correto.

DB: Você está tentando se tornar melhor.

K: Não há nenhuma iluminação através do tornar-se melhor. Não se pode ser iluminado, se eu posso usar essa palavra, dizendo-se que é possível tornar-se um guru barato.

DB: Mas parece muito difícil comunicar algo que não é consciente.

K: Exatamente. Essa é a dificuldade.

DB: Não é apenas ser nocauteado. Se uma pessoa está inconsciente, ela é nocauteada, mas não isso que você quer dizer.

K: Claro que não!

DB: Ou anestesiado ou...

K: Não, vamos colocar desta maneira: a meditação consciente, a atividade consciente para controlar o pensamento, para se libertar do condicionamento, não é liberdade.

DB: Sim, penso que está claro, mas o que se torna pouco claro é a forma de comunicar algo mais.

K: Espere um minuto. Você quer discutir o que está além do pensamento.

DB: Ou quando o pensamento está em silêncio.

K: Certo, em silêncio. Que palavras você usaria?

DB: Bem, eu sugiro a palavra percepção. E quanto à palavra atenção?

K: Atenção para mim é melhor. Você diria que na atenção não há o centro como o eu?

DB: Bem, não no tipo de atenção que você está discutindo. Há um tipo habitual, onde nós prestamos atenção por causa de algo que nos interessa.

K: A atenção não é concentração.

DB: Estamos discutindo um tipo de atenção sem esse eu presente, que não é a atividade do condicionamento.

K: Não a atividade do pensamento. Na atenção, o pensamento não tem lugar.

DB: Sim, mas poderíamos dizer mais? O que você quer dizer com atenção? Agora, a origem da palavra seria de alguma utilidade? Significa expandir a mente - isso ajuda?

K: Não. Ajudaria se dissermos que a concentração não é a atenção? Esforço não é atenção. Quando eu faço um esforço para prestar atenção, isso não é atenção. A atenção só pode existir quando o eu não está presente.

DB: Sim, mas isso vai levar-nos a um círculo vicioso, porque normalmente nós iniciamos alguma coisa quando o eu está presente.

K: Não, eu usei a palavra com cuidado. Meditação significa medida.

DB: Sim.

K: Enquanto houver medida, que é o vir a ser, não há meditação. Vamos colocar dessa forma.

DB: Sim. Podemos discutir quando não há meditação.

K: Certo. Através da negação o outro existe.

DB: Porque se seguirmos negando toda a atividade que não é a meditação, a meditação estará lá.

K: Isso mesmo.

DB: O que não é meditação, mas que achamos que é meditação.

K: Sim, isso está muito claro. Enquanto houver medição, que é o vir a ser, que é o processo do pensamento, a meditação ou o silêncio não podem existir.

DB: Essa atenção não dirigida é a mente?

K: A atenção é da mente.

DB: Bem, ela contata o cérebro, não é?

K: Sim. Desde que o cérebro esteja em silêncio, dá-se o contato.

DB: Certo, essa atenção verdadeira faz contato com o cérebro, quando o cérebro está em silêncio.

K: Silencio, e haja espaço.

DB: O que é esse espaço?

K: O cérebro não tem espaço agora, porque ele está preocupado consigo mesmo, ele é programado, ele é auto-centrado e é limitado.

DB: Sim. A mente está em seu espaço, agora, o cérebro também tem o seu espaço? Um espaço limitado?

K: Claro. O pensamento tem um espaço limitado.

DB: Mas quando o pensamento está ausente, o cérebro tem o seu espaço?

K: Sim. O cérebro tem espaço.

DB: Ilimitado?

K: Não. É só a mente que tem espaço ilimitado. Meu cérebro pode ficar quieto diante de um problema que eu tenha tentado resolver, e de repente eu digo: "Bem, eu não vou pensar mais sobre isso", ai surge uma certa quantidade de espaço. Nesse espaço, você resolve o problema.

DB: Agora, se o cérebro está em silêncio, se não estiver pensando em um problema, então ainda o espaço é limitado, mas está aberto para...

K: ...para o outro.

DB: Para a atenção. Você diria que, através de atenção ou na atenção, a mente está em contato com o cérebro?

K: Quando o cérebro não está desatento.

DB: Então o que acontece com o cérebro?

K: O que acontece com o cérebro que está para agir? Vamos deixar isso claro. Dissemos que a inteligência nasce da compaixão e do amor. Que essa inteligência opera quando o cérebro está quieto.

DB: Sim. Ela opera através da atenção?

K: Claro.

DB: Então, a atenção parece ser o contato.

K: Naturalmente. Dissemos também que só pode haver atenção, quando o eu não está.

DB: Agora você diz que o amor e a compaixão são a base da qual se origina essa inteligência, através de atenção.

K: Sim, ela funciona através do cérebro.

DB: Portanto, há duas questões: uma é a natureza dessa inteligência, e a segunda é como ela atua no cérebro?

K: Sim, vejamos. Novamente temos que fazer uma abordagem negativa. O amor não é ciúme, e tudo isso. O amor não é pessoal, mas pode ser pessoal.

DB: Então não é sobre ele que você está falando.

K: O amor não é o meu país, o seu país, ou "Eu amo o meu Deus". Não é isso.

DB: Se ele provém da mente universal...

K: É por isso que eu digo que o amor não tem relação com o pensamento.

DB: E ele não nasce no cérebro particular, não se origina no cérebro particular.

K: Quando existe o amor, por causa dele há compaixão e há inteligência.

DB: É essa inteligência capaz de compreender profundamente?

K: Não, não "compreender".

DB: O que ela faz? Ela percebe?

K: Através da percepção ela atua.

DB: A percepção de que?

K: Agora vamos discutir a percepção. Só pode haver percepção apenas quando ela não é tingida pelo pensamento. Quando não há interferência do movimento do pensamento, existe a percepção, que é a compreensão direta de um problema, ou da complexidade humana.

DB: Agora, essa percepção se origina na mente?

K: A percepção se origina na mente? Sim. Quando o cérebro está quieto.

DB: Mas nós usamos as palavras percepção e inteligência, agora, como elas estão relacionadas, ou qual é a diferença entre elas?

K: A diferença entre a percepção e a inteligência?

DB: Sim.

K: Nenhuma.

DB: Então podemos dizer que a inteligência é a percepção.

K: Sim.

DB: A inteligência é a percepção de "o que é", certo? E através da atenção há contato.

K: Vamos pegar um problema, então é mais fácil de entender. Pegue o problema do sofrimento. Os seres humanos têm sofrido continuamente, por causa de guerras, por causa de doença física, e por causa do mau relacionamento entre si. Agora, isso pode acabar?

DB: Eu diria que a dificuldade de acabar com isto é a programação. Somos condicionados a essa coisa toda. Física e quimicamente.

K: Sim. E vem acontecendo há séculos.

DB: É muito profundo.

K: Muito, muito profundo. Dessa maneira, o sofrimento pode acabar?

DB: Não pode terminar por uma ação do cérebro.

K: Pelo pensamento.

DB: Porque o cérebro está preso no sofrimento, e não pode tomar uma ação para acabar com seu próprio sofrimento.

K: Claro que não pode. É por isso que o pensamento não pode acabar com o sofrimento. O pensamento o criou.

DB: Sim, o pensamento o criou, e mesmo assim ele é incapaz de controlá-lo.

K: O pensamento criou as guerras, a miséria, a confusão. E o pensamento tornou-se proeminente no relacionamento humano.

DB: Sim, mas eu acho que as pessoas podem concordar com isso e ainda assim pensar que, assim como o pensamento pode fazer coisas ruins, ele pode fazer coisas boas.

K: Não, o pensamento não pode fazer bem ou mal. Ele é pensamento, é limitado.

DB: O pensamento não pode deter esse sofrimento. Ou seja, pelo fato de esse sofrimento ser um condicionamento físico ou químico do cérebro, o pensamento sequer é capaz de saber que ele é o sofrimento.

K: Eu quero dizer, eu perdi meu filho e eu estou...

DB: Sim, mas pelo pensamento, eu não saberei o que está acontecendo dentro de mim. Eu não posso mudar o sofrimento interior, pois o pensamento não vai me mostrar o que é esse sofrimento. Agora você está dizendo que a inteligência é a percepção.

K: Mas estamos perguntando, pode o sofrimento acabar? Esse é o problema.

DB: Sim, e está claro que o pensamento não pode acabar com ele.

K: O pensamento não pode fazer isso. Esse é o ponto. Se eu tenho um insight disso...

DB: Agora, esse insight será através da ação da mente, através da inteligência e atenção.

K: Quando há esse insight, a inteligência apaga o sofrimento.

DB: Você está dizendo, portanto, que há um contato da mente com a matéria que remove toda a estrutura física e química que nos mantém presos ao sofrimento.

K: Isso mesmo. Nesse final do sofrimento há uma mutação nas células do cérebro. Nós discutimos isto alguns anos atrás.

DB: Sim, e que essa mutação remove toda a estrutura que faz com que você sofra.

K: Isso mesmo. Por isso, é como se eu estivesse seguindo uma certa tradição, e de repente mudasse essa tradição, então há uma mudança em todo o cérebro, que estava se dirigindo para o norte e agora se dirige para o leste.

DB: É claro que esta é uma noção radical do ponto de vista das idéias tradicionais em ciência, porque, se aceitarmos que a mente é diferente da matéria, então as pessoas acharão difícil dizer que a mente seria realmente...

K: Você diria que a mente é energia pura?

DB: Bem, nós poderíamos colocar dessa maneira, mas a matéria também é energia.

K: Mas a matéria é limitada, o pensamento é limitado.

DB: Mas estamos dizendo que a energia pura da mente é capaz de penetrar a energia limitada da matéria?

K: Sim, isso mesmo. E remover a limitação.

DB: Remover parte da limitação.

K: Quando há uma situação intrincada, um problema, ou um desafio que você está enfrentando.

DB: Poderíamos ainda acrescentar que todos os meios tradicionais de se tentar fazer isso não são eficazes.

K: Eles não têm funcionado.

DB: Bem, isso não é suficiente. Temos de dizer que eles de fato não podem fazê-lo, pois as pessoas ainda poderiam ter a esperança de que isso fosse possível.

K: Eles não podem.

DB: Porque o pensamento não pode atingir a sua própria base física, química nas células, e fazer algo a respeito dessas células.

K: Sim. O pensamento não pode trazer uma mudança em si mesmo.

DB: Apesar disso, praticamente todas as coisas que os homens têm tentado fazer estão baseadas no pensamento. Há uma área limitada, é claro, onde isso é satisfatório, mas não podemos fazer nada sobre o futuro da humanidade a partir dessa abordagem habitual.

K: Quando se ouve os políticos, que são tão ativos no mundo, e que estão criando problema após problema e, para eles, o pensamento, os ideais são as coisas mais importantes.

DB: De um modo geral ninguém sabe de nada.

K: Exatamente. Estamos dizendo que o instrumento antigo, que é o pensamento, está desgastado, exceto em determinadas áreas.

DB: Ele nunca foi adequado, exceto naquelas áreas.

K: Claro.

DB: E, na medida em que a história caminha, o homem tem estado sempre em apuros.

K: O homem tem estado sempre em apuros, em tumulto, com medo. E diante de toda essa confusão do mundo, perguntamos, pode haver uma solução para tudo isso?

DB: Isso nos leva de volta para uma pergunta que eu gostaria de repetir. Parece que há algumas pessoas que estão discutindo sobre isso, e pensam talvez que sabem, ou talvez meditem, e assim por diante. Mas como isso vai afetar essa enorme corrente da humanidade?

K: Provavelmente muito pouco. Mas porque ela afetará? Talvez sim, talvez não. Mas, então, surge aquela questão: de que adianta isso?

DB: Sim, esse é o ponto. Acho que há um sentimento instintivo que nos faz colocar a questão.

K: Mas eu acho que é a pergunta errada.

DB: Veja, o primeiro instinto é dizer: "O que podemos fazer para impedir essa tremenda catástrofe"?

K: Sim. Mas se cada um de nós, ou quem quer que nos ouça, vê a verdade de que o pensamento, em sua atividade externa e interna, criou uma confusão terrível, muito sofrimento, então inevitavelmente perguntaremos, há um fim para tudo isso? Se o pensamento não pode acabar com isso, o que o fará?

DB: Sim.

K: Qual é o novo instrumento que irá colocar um fim a toda esta miséria? Veja, há um novo instrumento que é a mente, que é a inteligência. Mas a dificuldade também é que as pessoas não darão ouvidos a tudo isso. Ambos, os cientistas e os leigos comuns como nós, já têm suas conclusões definitivas, e eles não vão ouvir.

DB: Sim, bem, isso é o que eu tinha em mente quando disse que um pequeno número de pessoas não parece ter muito efeito.

K: Claro. Acho que, afinal, algumas poucas pessoas mudaram o mundo, seja para melhor ou para pior - mas não é esse o caso. Hitler, e também os comunistas mudaram, mas acabaram recaindo no mesmo padrão novamente. A revolução física nunca alterou psicologicamente a condição humana.

DB: Você acha que é possível, um certo número de cérebros entrar em contato com a mente, no sentido de conseguir produzir um efeito sobre a humanidade, que esteja além do efeito imediato e óbvio da sua comunicação?

K: Sim, correto. Mas como você transmitirá – pensei muitas vezes sobre isto - esse problema sutil e muito complexo para uma pessoa que está mergulhada na tradição, que está condicionada, e não vai mesmo ter tempo para ouvir, e considerar?

DB: Bem, essa é a questão. Veja, você poderia dizer que esse condicionamento não é absoluto, não pode ser um bloqueio absoluto, ou então não haveria nenhuma maneira de sair disso tudo. Mas o condicionamento talvez possa ser considerado como tendo algum tipo de permeabilidade.

K: Eu quero dizer, apesar de tudo, o Papa não nos ouvirá, mas o Papa tem uma influência tremenda.

DB: É possível que haja algo que qualquer pessoa estaria disposta a ouvir se isso pudesse ser descoberto?

K: Se ele tiver um pouco de paciência. Quem vai escutar? Os políticos não querem ouvir. Os idealistas não vão escutar. Os totalitários não querem ouvir. As pessoas profundamente mergulhadas na religião não vão escutar. Assim, talvez uma pessoa, digamos, ignorante, não muito educada ou condicionada na sua carreira profissional, ou por dinheiro, o pobre homem que diz: "Eu estou sofrendo, por favor, vamos acabar com isso".

DB: Veja, ele também não vai ouvir. Ele quer conseguir um emprego.

K: Claro. Ele diz, "Alimente-me primeiro". Temos passado por tudo isso nesses últimos sessenta anos. O homem pobre não escutará, o homem rico não vai ouvir, o culto não ouvirá, e os religiosos profundamente dogmáticos não escutam. Então talvez seja como uma onda no mundo, ela pode pegar alguém. Eu acho que é uma pergunta errada para se fazer, isso afeta de algum modo?

DB: Sim, tudo bem. Vamos dizer que isso introduz o tempo, e isso é o vir a ser. Ela traz a psique no processo de transformar-se novamente.

K: Sim. Mas se você diz... deve afetar a humanidade...

DB: Você está sugerindo que isso afeta a humanidade diretamente através da mente, e não através de...

K: Sim. Ela não pode se manifestar imediatamente na ação.

DB: Você disse que a mente é universal, e não está localizada em nosso espaço habitual, e não é separada.

K: Sim, mas há um perigo ao falar isso, que a mente é universal. Isso é o que algumas pessoas dizem da mente, e isso se tornou uma tradição.

DB: É possível transformar isso em uma ideia, é claro.

K: E esse é exatamente o perigo, é o que estou dizendo.

DB: Sim. Mas realmente a questão é, temos de entrar diretamente em contato com isso para torná-lo real, certo?

K: Isso mesmo. Só podemos entrar em contato com isso quando o eu não está. Para colocá-lo muito simplesmente, quando o eu não existe, há a beleza, o silêncio, o espaço, então essa inteligência, que nasceu da compaixão, atua através do cérebro. É muito simples.

DB: Sim. Valeria a pena discutir o eu, uma vez que o eu é muito ativo?

K: Eu sei. Essa é a nossa longa tradição de muitos, muitos séculos.

DB: Existe algum aspecto da meditação, que pode ser útil aqui, quando o eu está agindo? Veja, suponhamos que uma pessoa diga, "tudo bem, estou presa ao eu, mas eu quero sair." Quero saber, porém, o que vou fazer?".

K: Ah, veja, isto é...

DB: Eu não vou usar as palavras "o que devo fazer?" Mas o que você diria?

K: Isso é muito simples. É o observador diferente do observado?

DB: Bem, suponha que nós digamos, "Sim, parece ser diferente, e então?".

K: Isso é uma idéia ou uma realidade?

DB: O que você quer dizer?

K: Realidade é quando não há divisão entre o pensador e o pensamento.

DB: Mas suponha que eu diga, normalmente, sente-se que o observador é diferente do observado. Começamos por ai.

K: Comecemos aqui. Vou te mostrar! Olhe para isso. Você é diferente da sua raiva, de sua inveja, do seu sofrimento? Você não é.

DB: À primeira vista, parece que eu sou, que eu poderia tentar controlá-lo.

K: Você é aquilo.

DB: Sim, mas como vou ver que eu sou aquilo?

K: Você é o seu nome. Você é sua forma, seu corpo. Você é suas reações e ações. Você é a sua crença, o medo, o sofrimento e o prazer. Você é tudo isso.

DB: Mas a primeira experiência é a de que eu estou aqui em primeiro lugar, e que essas são características minhas, elas são minhas qualidades, que eu posso ter ou não. Eu poderia estar com raiva, ou não, eu poderia ter essa ou aquela crença.

K: Contraditório. Você é tudo isso.

DB: Mas veja, isso não é óbvio. Quando você diz que eu sou isso, você quer dizer que eu sou isso, e não posso ser de outro modo?

K: No momento você é isso. Pode ser totalmente de outro modo.

DB: Tudo bem. Então, eu sou tudo isso. Eu costumo dizer que estou olhando para estas qualidades. Sinto que não estou com raiva, mas sou um observador imparcial olhando para a raiva. Você está me dizendo que este observador imparcial é o mesmo que a raiva que ele está olhando?

K: Claro. Assim como quando eu analiso a mim mesmo, e o analisador é o analisado.

DB: Sim. Ele é tendencioso por aquilo que ele analisa.

K: Sim.

DB: Então, se eu observar a raiva por um tempo, posso ver que sou muito influenciado pela raiva, por isso, em algum momento eu digo que eu e a raiva somos um?

K: Não "eu e a raiva somos um", não, eu sou a raiva.

DB: Essa raiva e eu somos a mesma coisa?

K: Sim. O observador é o observado. E quando esse fato acontece você realmente eliminou por completo o conflito. O conflito existe quando estou separado da minha qualidade.

DB: Sim, isso é porque se eu acredito que eu seja separado, então eu posso tentar mudar isso, visto que eu sou isso, é como tentar mudar-se e manter-se ao mesmo tempo.

K: Sim, isso mesmo. Mas quando a qualidade sou eu, a divisão acabou. Certo?

DB: Quando eu vejo que a qualidade sou eu, então não há nenhuma razão em tentar mudar.

K: Não. Quando há divisão e a qualidade não sou eu, nisso há conflito, ou repressão, ou fuga, e assim por diante, que é um desperdício de energia. Quando a qualidade sou eu, toda a energia que foi desperdiçada está presente para olhar, observar.

DB: Mas por que faz tanta diferença considerar essa qualidade como sendo eu?

K: Isto faz a diferença quando não há uma divisão entre a qualidade e eu.

DB: Bem, então não há percepção de uma diferença...

K: Isso mesmo. Tente dizê-lo de forma diferente.

DB: ...a mente não tenta lutar contra si mesmo.

K: Sim, sim. É assim.

DB: Se há a ilusão de uma diferença, a mente será obrigada a lutar contra si mesmo.

K: O cérebro.

DB: O cérebro luta contra si próprio.

K: Isso mesmo.

DB: Por outro lado, quando não há nenhuma ilusão de uma diferença, o cérebro simplesmente pára de lutar.

K: E, portanto, você tem uma tremenda energia.

DB: A energia natural do cérebro é liberada?

K: Sim. E energia significa atenção.

DB: A energia do cérebro permite a atenção...

K: Para aquela coisa se dissolver.

DB: Sim, mas espere um minuto. Dissemos antes que a atenção era o contato entre a mente e o cérebro.

K: Sim.

DB: O cérebro deve estar em um estado de alta energia para permitir esse contato.

K: Isso mesmo.

DB: Eu quero dizer que um cérebro que têm pouca energia não pode permitir esse contato.

K: Claro que não. Mas a maioria de nós tem pouca energia porque estamos condicionados.

DB: Bem, essencialmente, você está dizendo que este é o caminho para começar.

K: Sim, simplesmente, começar. Comece com "o que é", e "o que eu sou". Autoconhecimento é muito importante. Não é um processo de acúmulo de conhecimento, como pode parecer, é um constante aprendizado sobre si mesmo.

DB: Se você chama isso de autoconhecimento, então não é o conhecimento do tipo que falamos antes, que é condicionado.

K: Isso mesmo. O conhecimento condiciona.

DB: Mas você está dizendo que o autoconhecimento deste tipo não é condicionamento. Mas por que chamá-lo de conhecimento? É um tipo diferente de conhecimento?

K: Sim. O conhecimento condiciona.

DB: Sim, mas agora você tem este autoconhecimento.

K: Que é conhecer e compreender a si mesmo. Compreender a si mesmo é um coisa muito sutil e complexa. É viver.

DB: Essencialmente conhecer a si mesmo no exato momento em que as coisas estão acontecendo.

K: Sim, para saber o que está acontecendo.

DB: Ao invés de armazená-lo na memória.

K: Claro. Através das reações, eu começo a descobrir o que eu sou.

Sobre os Autores

Jiddu Krishnamurti (1895-1986), reconhecido pela Sociedade Teosófica como Instrutor do Mundo, com a idade de treze anos, renunciou firmemente a qualquer papel messiânico em 1929. Até sua morte, em 1986, viajou pelo mundo, dando constantemente palestras públicas e entrevistas , negando a noção de autoridade em assuntos religiosos, e convidando seus ouvintes a explorar, por si mesmos, a possibilidade de libertar a consciência humana de limitações autoimpostas.

David Bohm (1917-1992) foi um dos físicos teóricos mais importantes do século XX e membro da Royal Society . Foi o autor de muitos trabalhos científicos, variando desde o fundamental livro-texto Quantum Theory to Causation and Chance in Modern Physics , The Special Theory of Relativity até o inovador A Totalidade e a Ordem Implicada. Como muitos físicos de vanguarda, ficou intrigado com o papel do observador no universo, e após a leitura de A Primeira e a Última Liberdade de Krishnamurti em 1961, decidiu entrar em contato com seu autor. Isto iniciou uma série de discussões e uma amizade que durou pelas próximas duas décadas. Enquanto continuava com pesquisas inovadoras em física, seu interesse nos insights de Krishnamurti nunca perdeu o entusiasmo; foi característico da mente intensamente investigadora de Bohm que no dia antes de sua morte, ele tenha comentado com sua esposa, Saral, depois de ver um vídeo de si mesmo em diálogo com Krishnamurti, "Deveríamos ter ido mais longe".

David Skitt

K: Uma noite em Rishi Valley, na Índia, eu acordei. Uma série de incidentes tinha acontecido, por alguns dias havia ocorrido a meditação. Era meia-noite e quinze, olhei para o relógio. E - hesito em dizer isto, porque soa exagerado ou um tanto infantil – a fonte de toda energia tinha sido alcançada. E isso tinha um efeito extraordinário sobre o cérebro, e também fisicamente. Sinto muito falar sobre mim, mas você entende literalmente um senso de... não sei como colocá-lo... nenhum senso do mundo e eu e aquilo – você acompanha? – não havia nenhuma divisão realmente. Apenas este sentido de uma tremenda fonte de energia.

DB: Então, o cérebro estava em contato com esta fonte de energia?

K: Sim. Agora, descendo à Terra, e como eu venho falando por sessenta anos, eu gostaria que outra pessoa alcançasse isto – não, não alcançasse. Você entende o que estou dizendo? Porque todos os nossos problemas políticos, religiosos, tudo está resolvido. Porque é energia pura desde o início dos tempos. Agora, como eu - por favor, não "eu", entende – como a pessoa não vai ensinar, não vai ajudar, ou motivar - mas como ela vai dizer: "Este caminho conduz a um senso completo de paz, de amor"? Sinto muito ter que usar todas estas palavras. Mas suponha que você tenha chegado àquele ponto e o seu próprio cérebro esteja palpitando com isto – como você ajudaria outra pessoa? Entende? Ajuda – não palavras. Como você ajudaria outra pessoa a chegar a isso? Entende o que estou tentando dizer?

Pág. 25/26

J. KRISHNAMURTI

O FINDAR DO TEMPO